Vida

Charles R. Swindoll

COMO VIVER ACIMA DA MEDIOCRIDADE

Levando a sério o seu compromisso com a excelência



COMO VIVER ACIMA DA MEDIOCRIDADE

COMO VIVER ACIMA DA MEDIOCRIDADE não é apenas mais um livro sobre motivação, aparentemente bom no papel, mas que acaba fulminado nas trincheiras da vida diária. É um livro confiável e realista, cujos princípios derivam do maior "best-seller" de todos os tempos, a Bíblia. Mas não aguarde expressões açucaradas ou banais. O que Swindoll oferece são doses maciças de estímulo, as quais desmoronam as fortalezas da mediocridade.

COMO VIVER ACIMA DA MEDIOCRIDADE, com o seu forte vigor, tem o propósito de levar-nos a rejeitar as tendências tradicionais para aceitar menos da vida do que merecemos. Este livro reexamina os nossos compromissos com os valores mais importantes da vida, e ensina-nos a galgar as alturas, como a águia.

ISBN 85-7367-331-1

Charles R. Swindoll

COMO VIVER ACIMA DA MEDIOCRIDADE

Traduzido por
Oswaldo Ramos

EDITORA Vida

ISBN 85-7367-331-1

Categoria: Vida Cristã/Inspirativo

Este livro foi publicado em inglês com o título
Living Above The Level of Mediocrity

© 1987 por Charles R. Swindoll
© 1991 por Editora Vida

1ª impressão, 1992
2ª impressão, 1992
3ª impressão, 1994
4ª impressão, 1996
5ª impressão, 1996
6ª impressão, 1999
7ª impressão, 2000

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, rua Júlio de Castilho, 280
03059-000 São Paulo, SP — Telefax: (11) 6096-6833

As citações bíblicas foram extraídas da Edição Contemporânea da Tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Editora Vida, salvo onde outra fonte for indicada.

Filiado a:
abec SÓCIO

Impresso no Brasil, na Editora Betânia

Índice

Mazinho Rodrigues!

Introdução: Quem é Que Lhe Dá Ordens? 5

Parte 1 Para Confrontar a Mediocridade é Necessário Pensar Claramente 9

1. Tudo Começa em Sua Mente 11
2. Inclui Outro Reino 25
3. Custa o Seu Compromisso 43
4. Exige Amor Incomensurável, Extravagante 55

Parte 2 Vencer a Mediocridade Significa Viver de Modo Diferente 71

5. Visão: Como Enxergar Além da Maioria 73
6. Determinação: A Decisão de Jamais Desanimar 89
7. Prioridades: Determinação do Que Vem em Primeiro Lugar 105
8. Prestação de Contas: Como Responder às Perguntas Difíceis 117

Parte 3 O Combate à Mediocridade Exige um Feroz Espírito de Luta 141

9. Como Ganhar a Batalha Contra a Cobiça 143
10. Como Matar o Dragão do Tradicionalismo 155
11. Como Remover a Monotonia de Sua Vida 175
12. Como Tornar-se Modelo de Generosidade Jubilosa 187

Parte 4 Resistir à Mediocridade Inclui a Resistência Corajosa 209

13. Firme Quando em Inferioridade Numérica 211
14. Firme Quando Sob Prova 223
15. Firme Quando Desanimado 237

16. Firme Quando Sob Tentação 255
Conclusão: Quem Está Avaliando a
Excelência Que Há em Você? 275
Notas 281

Introdução

Quem é Que Lhe Dá Ordens?

. . . é gosto pervertido satisfazer-se com a mediocridade quando o ótimo está ao nosso alcance.

— Isaac D'Israeli, 1834

Voar em alturas sublimes. É disso que trata este livro. Nada de escavar à procura de vermes, nem de esgaravatar em busca de insetos, como galinhas num galinheiro, mas voar bem alto como uma águia poderosa. . . vivendo acima da mediocridade, recusando-se a permitir que a maioria estabeleça seus padrões. Ser diferente de propósito. Mirar alto. Voar em alturas sublimes não é coisa que advém naturalmente — você o sabe — tampouco é fácil. Contudo, pode acontecer, creia-me.

Há trinta e cinco anos eu era um recruta canhestro do exército. Decidi aplicar-me ao máximo. Que decisão! Ainda estou um tanto perplexo por ter sobrevivido, a fim de contar a história.

O estranho mundo no qual penetrei era cheio de atividades espantosas, chocantes e imprevisíveis. O esquema era apertado e exigente, projetado com o objetivo de transformar jovens civis indisciplinados em soldados lutadores, bem determinados (objetivo que me foi repetido numerosas vezes durante aquelas semanas de treinamento básico). Vezes sem conta — especialmente quando nosso entusiasmo começava a murchar — éramos relembrados de que as dificuldades do treinamento eram *exigências imperativas*. Gostássemos da idéia ou não,

éramos molengas. Para que pudéssemos vencer os obstáculos que com toda certeza iríamos enfrentar em batalha, deveríamos estar preparados. Os rigores das ações bélicas nos arrebentariam, a menos que nossa mente e corpo estivessem enrijecidos o bastante para suportar as exigências que nos aguardavam.

Olhando para trás, percebo que uma das razões (sem dúvida a maior delas) por que meus companheiros e eu sobrevivemos foi a seguinte: Aprendemos a respeitar nossa "voz de autoridade máxima" — a saber, o sargento instrutor. Acho que você me entende quando digo que durante aquelas semanas no exército... ele foi um "deus". Não há dúvida de que fazíamos exatamente o que ele nos ordenava. Íamos, sem hesitar, exatamente aonde ele nos indicasse. Pulávamos segundo suas ordens. Marchávamos enquanto ele marcava a cadência... sem fazer perguntas.

Não foi à toa que aprendemos a distinguir a voz dele das muitas outras no campo de treinamento. Embora possa ser bem difícil para você acreditar, conseguíamos obedecer às suas instruções sem dificuldade, num campo em que havia uma dúzia ou mais de sargentos instrutores, todos berrando ordens ao mesmo tempo. Levou algum tempo, mas dentro de umas poucas semanas cada jovem fuzileiro conhecia a voz de seu instrutor. Quando outro berrava ordens, deliberadamente desprezávamos suas instruções. Mas, quando nosso sargento é quem dava instruções, nós obedecíamos de imediato. Esse tipo de disciplina exigiu várias semanas mas, no fim, após horas intermináveis de ordem unida repetida, constante, a obediência automatizou-se.

Três décadas se passaram, a partir daqueles dias inesquecíveis no campo militar de treinamento. Entretanto, ainda retenho algumas das lições aprendidas — como atender à voz correta, desprezar os movimentos da maioria e de estar tão bem disciplinado a ponto de saber filtrar o essencial e deixar o incidental. As ramificações deste tipo de disciplina têm sido capazes de mudar minha vida. Esses desdobramentos incluem, por exemplo, a capacidade de comprometer-me com o ótimo, enquanto muitos estão satisfeitos com o medíocre, e a capacidade de mirar alto enquanto a maioria parece preferir a sensaboria de mirar baixo.

Já faz muito tempo que a mediocridade tenta fazer-nos obedecê-la! Já faz muito tempo que damos atenção aos que nos perguntam: "Por que ser diferente?" ou que racionalizam: "Vamos fazer apenas o mínimo exigido." Já faz muito tempo que concordamos em dar menos do que o melhor de nós, e ficamos convencidos de que a qualidade, a integridade e a autenticidade são virtudes negociáveis. Você pode chamar-me de sonhador, se quiser, mas estou convencido de que a realização de nosso potencial integral ainda é um objetivo que vale a pena perseguir — que vale a pena exigir o ótimo, ainda que a maioria boceje e alguns escarneçam de nós. Afirmo tudo isto, ainda que, de vez em quando, eu não alcance meus objetivos. Lembre-se de que o erro não está no insucesso.

De certo modo, penso que não estou a sós. Embora possa não existir milhões de pessoas que pensem assim, é certo que existem algumas. É provável que você esteja entre estas, porque de outra forma você não teria apanhado este livro — em primeiro lugar. Se estou falando a sua linguagem, continue comigo. Tenho ainda muita coisa a dizer-lhe!

Assim, cara águia companheira, levantemos vôo! Quando houvermos terminado este vôo, teremos firmado um compromisso inédito com uma vida de excelência em tudo. Estaremos tão encorajados que eu duvido que possamos sentir-nos satisfeitos em viver nas adjacências da mediocridade outra vez. E por que deveríamos satisfazer-nos lá em baixo? É lá que a vida fica insossa, maçante, previsível e cansativa. Talvez a palavra que a descreva melhor seja *entediante*, o resultado direto da mira baixa. Ergamos nossos olhos e miremos tão alto que possamos começar a fazer aquilo para que Deus nos criou: um vôo sublime.

Chuck Swindoll
Fullerton, Califórnia

As montanhas são fontes
de homens,
tanto quanto de rios, de
geleiras, de solo fértil. Os
grandes poetas,
filósofos, profetas, homens
capazes
cujo pensamento e obra
moveram o mundo,
vieram das montanhas —
eram habitantes
das montanhas, e nelas
cresceram fortes como
as árvores, as florestas
— nas oficinas da
natureza.

John Muir - 1938



Parte 1

Para Confrontar a Mediocridade é Necessário Pensar Claramente



1

Tudo Começa em Sua Mente

O vôo sublime, elevado, não acontece por acaso. É o resultado de um esforço mental árduo — é preciso que a pessoa pense com clareza, com coragem e muita confiança. Jamais alguém deslizou para fora da mediocridade à maneira de uma lesma preguiçosa. Todos quantos eu conheço, modelos de alto nível de excelência, ganharam a batalha da mente e mantêm cativos seus pensamentos corretos. Entretanto, há riscos; estes indivíduos escolheram cumprir o papel de uma pena ativa da qual flui a tinta, em vez de um passivo mata-borrão onde se assenta e absorve o que outros realizaram; decidiram intrometer-se pessoalmente com a vida, em vez de acomodar-se, franzir as sobrancelhas e ficar observando a vida ir minguando, tornar-se um regato e, finalmente, estagnar-se.

O mundo está cheio de pessoas que desistem facilmente. Ficam sentadas de braços cruzados, carrancudas, de olhar cético. Têm determinação efêmera. Suas palavras favoritas são:

— Pra que tentar?. . . vamos desistir. . . não podemos fazer isso. . . ninguém consegue realizar coisas assim. . .

Elas perdem a maior parte da ação, para não mencionar o divertimento! Decoraram as regras, mas suas mentes estão fechadas para as possibilidades novas, criativas. À semelhança de ratos de esgoto, o mundo delas limita-se a um diâmetro apertado, feito de "não vou fazer, não vou conseguir, não posso, desisto."

Contudo, de vez em quando tropeçamos em algumas pessoas de espírito cheio de vitalidade, que decidiram não viver nos pântanos do "statu quo", pessoas que não fugirão do medo de

ser diferentes, embora os outros sempre venham a dizer: "Isso não pode ser feito." Os que miram alto são águias de vontade forte que se recusam a ser perturbadas pelo negativismo e ceticismo da maioria. Jamais usam as palavras: "É melhor a gente desistir!" São exatamente as mesmas pessoas que crêem que a mediocridade deve ser enfrentada. Essa confrontação inicia-se na *mente* — o canteiro germinal de possibilidades ilimitadas, infinitas.

TORNAMO-NOS AQUILO EM QUE PENSAMOS

Muitos constatam isto e não se surpreendem: as ações que vão saindo de dentro de nós são exatamente nossos pensamentos que foram entrando. Em outras palavras, nós nos tornamos aquilo em que pensamos. Muito tempo antes desse conceito popular adentrar a psicologia, a Bíblia já o incluía num de seus antigos rolos; ela o declarava de maneira ligeiramente diferente: "Pois como imaginou em sua alma, assim é" (Provérbios 23:7).

O segredo de viver-se uma vida envolvida em excelência é apenas uma questão de abrigar pensamentos envolvidos em excelência. Na verdade, é uma questão de programar nossa mente com o tipo de informações que nos libertarão. Estaremos livres para ser tudo quanto Deus quer que sejamos. Livres para voar ao infinito! Vai levar algum tempo, e o processo poderá ser doloroso — mas, que metamorfose!

> Sid era uma lagarta horrorosa, de olhos cor de laranja. Passou a vida arrastando-se e serpenteando na imundícia, na terra de Deus. Um dia, Sid teve uma idéia fantástica. Rastejou até um arbusto, subiu nele, dirigiu-se a um ramo e segregou um líquido translúcido nesse galho. Ele como que transformou essa gosma numa espécie de botão; virou-se e colou a parte posterior de seu corpo nesse botão. Em seguida, assumiu a forma de um "J", enroscou-se, e passou a construir uma casa ao seu redor. Durante algum tempo a atividade foi febril, mas logo Sid estava completamente recoberto, e você já não podia vê-lo mais.
>
> Tudo ficou em silêncio, muito silêncio. Você poderia

chegar à conclusão de que nada acontecia. Contudo, muita coisa estava acontecendo, na verdade. Estava ocorrendo uma metamorfose.

Um dia Sid começou a levantar as persianas de sua casa. Ele permitiu que você observasse grande variedade de cores. Noutro dia, ocorreu uma erupção. A casa de Sid foi violentamente sacudida. O pequeno casulo moveu-se e sacudiu-se até que uma asa enorme, linda, projetou-se de uma das janelas. Sid a estendeu, exibindo toda sua glória. Ele prosseguiu seu trabalho até que outra asa emergiu de outra janela, no lado oposto da casa.

Neste estágio da vida de Sid, talvez você desejasse ajudá-lo. Entretanto, você não teria ajudado, porque se houvesse tentado puxar o resto da casa de Sid, e libertá-lo, você teria aleijado a criatura pelo resto da vida. E assim, você deixou Sid convulsionar-se e retorcer-se, até obter a liberdade, sem qualquer intervenção externa.

Finalmente, Sid livrou-se de sua casa, deslisou pelo galho, esticou-se, e abriu suas lindas asas. Em nada se parecia com o antigo verme de antes. Você sabe? Sid não rastejou de volta, descendo do galho, arrastando-se e serpenteando na direção da sujeira, outra vez. Não! ele partiu movido por uma força nova — o poder do vôo. Agora, em vez de engolir pó, Sid revoa de flor em flor, deliciando-se com o doce néctar da maravilhosa criação de Deus.

Talvez você tenha lido estas palavras com um suspiro: "Muito bem, pode ser este o caminho para uma lagarta chamada Sid, contudo, esse caso não se aplica a mim; o poder de vôo *parece* estimulante, mas eu fui feito para a mediocridade, para engolir pó e não para cheirar flores."

Assumindo essa atitude, você só consegue *afastar-se* das coisas com que poderia deliciar-se. Você se terá tornado tranqüilo enquanto esteve pensando. Não é de admirar que sua metamorfose estacou!

A MENTE: ALVO DO INIMIGO

Permita-me ir direto ao cerne da questão. Visto que a mente contém os segredos do vôo elevado, o inimigo de nossas almas transformou a mente humana no ponto central de seu ataque. As ações mais insidiosas, estratégicas, dirigem-se à mente. Ao atingir nosso modo de pensar, ele é capaz de manter nossa vida em nível medíocre.

Há algumas passagens extremamente significativas do Novo Testamento que revelam a natureza enganadora de Satanás. Primeiramente vamos ler Efésios 6:10-11:

> "No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti--vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo."

Observe estas três últimas palavras: "ciladas do diabo." O termo grego traduzido por "ciladas" é METHODIA, do qual obtivemos nossa palavra portuguesa *método*. A Bíblia Amplificada capta a idéia certa, ao traduzi-la assim: "estratégias do diabo." Ele é dono de uma estratégia total bem ordenada, eficaz, comprovada ao longo do tempo — um plano que funciona como que por encanto. Para compreendê-lo, precisamos lembrar-nos de que a batalha não se trava no reino visível. "Pois não temos de lutar contra a carne e o sangue, e, sim, contra os principados, contra as potestades. . . contra as forças espirituais da maldade nas regiões celestes" (Efésios 6:12). A luta (eis uma palavra bem adequada, não?) está longe de ser uma luta de carne-e-sangue. Não é tangível; é mental — não fica no reino daquilo que podemos ver, tocar ou ouvir.

Lembre-se disso enquanto estivermos examinando outra declaração semelhante, noutra parte do Novo Testamento:

> "E a quem perdoardes alguma coisa também eu. E o que eu perdoei, se é que tenho perdoado, por amor de vós o fiz na presença de Cristo, para que não sejamos vencidos por Satanás. Pois não ignoramos os seus ardis." (2 Coríntios 2:10-11).

É óbvio que o assunto principal aqui é o perdão. Estas pes-

soas da antiga Corinto estavam sendo admoestadas porque haviam perdoado uma pessoa da igreja pela metade, apenas. Deixando de perdoar integralmente, deram uma "vantagem" a Satanás, uma oportunidade para ele infiltrar-se e desmoralizá-las. Observe que o autor, Paulo, acrescenta um comentário de enorme importância: ". . . não ignoramos os seus ardis." Antes, a palavra grega traduzida por "ciladas" era a raiz verbal de "método". Aqui, todavia, o termo grego deriva de uma raiz verbal que significa "mente". Posso sugerir uma paráfrase livre? "Nosso desejo é que o inimigo não nos agarre, mediante a confusão de nossos pensamentos, porque estamos bem conscientes de sua estratégia dirigida à mente." Satanás executa jogos mentais contra nós e, se não estivermos alertas, ele ganha! Talvez Paulo não ignorasse a estratégia do diabo, orientada na direção da mente, mas a maioria das pessoas que encontro a ignoram de todo. Falando francamente, eu mesmo a ignorei durante anos. Enquanto não me conscientizei das coisas que em seguida vou partilhar com você neste capítulo, nem sequer percebia o que significa alçar vôo elevado, sublime.

Acompanhe-me um pouco mais neste passeio pela carta aos Coríntios, que estamos lendo:

> "mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus" (2 Coríntios 4:3-4).

Mais uma vez encontramos o inimigo (aqui denominado "o deus deste século") operando em seu território predileto: nossa mente. Os que vivem na incredulidade, assim vivem porque ele "cegou os entendimentos dos incrédulos". Muitos — de fato, a maioria das pessoas — vão vivendo em cegueira espiritual. É como se um véu escuro, pesado, lhes bloqueasse o pensamento, impedindo-os de ver a luz. Só o poder de Cristo pode penetrar esse véu, e trazer luz, esperança e felicidade. Paulo descreve esse fato vividamente alguns versículos adiante:

> "Pois Deus, que disse: Das trevas resplandecerá luz,

> é quem brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Coríntios 4:6).

Graças a Deus, há pessoas que saem das trevas e vão para a luz. Entretanto, não pense por um instante sequer que o inimigo desiste sem luta do território que ocupou durante tanto tempo, uma luta que se prolonga por toda a vida! Antes de você duvidar desta afirmação, considere as seguintes palavras:

> "Pois embora andando na carne, não militamos segundo a carne. As armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas. Derrubamos raciocínios e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Coríntios 10:3-5).

Que linguagem descritiva! As cenas da batalha estão gravadas com clareza nestas linhas. Você quase pode sentir o cheiro de fumaça, e ouvir os relatos sobre armas pesadas, não fosse um problema — não se trata de uma guerra "segundo a carne". Como já vimos anteriormente, trata-se de um combate que se trava na mente, porque "as armas da nossa milícia não são carnais". A guerra se desenrola nas esferas invisíveis, intangíveis, da mente.

A BATALHA: UMA ESTRATÉGIA INSIDIOSA

Embora Paulo utilize palavras e idéias militares que sugerem um combate físico, é imperativo que mantenhamos a perspectiva correta. Tudo que está descrito em 2 Coríntios 10:3-5 acontece na mente. O que encontramos aqui é uma estratégia usada contra nós para manter-nos ineficientes e derrotados — numa palavra: *medíocres*.

Antigamente, as cidades eram edificadas dentro de muralhas grossas, maciças. Tais muralhas constituíam barreira formidável que protegia a cidade, mantendo o inimigo longe. Antes de alguma força inimiga esperar conquistar uma cidade, precisava primeiramente derrubar aquela armadura protetora. Construíam-se até mesmo torres, em lugares estratégicos den-

tro das muralhas. Nas épocas de guerra, homens maduros muito bem treinados na batalha, assumiam posição nesses postos que se elevavam acima das muralhas circundantes. Do alto destes pontos elevados, tais soldados aproveitavam-se da vantagem de ser capazes de ver as posições das tropas que avançavam, e podiam gritar suas ordens, na esperança de contra-atacar eficientemente as investidas inimigas.

Se o inimigo quisesse tomar a cidade, três objetivos precisavam ser atingidos. Primeiro, o inimigo necessitava escalar as muralhas, ou penetrá-las. Em segundo lugar, as torres tinham de ser invadidas. Terceiro, os soldados incumbidos da estratégia militar tinham de ser capturados. (Após a captura — ou morte — dos líderes militares, a conquista da população não era tarefa difícil.) Esta era a estratégia das batalhas do primeiro século. Em 2 Coríntios 10, este princípio é bem ilustrado — não se tratando de uma cidade, mas da mente.

Não se esqueça do que descobrimos há pouco. Nossa mente foi, antes, território ocupado pelo inimigo. Ela era a "base de operações" até que a luz a iluminou. Nessa ocasião, levantou-se o véu, e já não éramos cegos. Foi um evento sobrenatural, mediante o qual recebemos nossa vida, sendo o inimigo afastado do comando de nossa mente.

Entretanto, estou cada vez mais convicto de que Satanás não deseja desistir de seu território. Ele é um inimigo derrotado que conhece seu futuro. Todavia, persevera na luta até o fim para reconquistar a posse que exercia sobre nós. O "domínio" que ele exerce sobre nós se revela em nossa natureza horizontal, humanística — nos hábitos que naqueles tempos antigos nós mesmos estabelecemos, e no estilo de vida que mantínhamos quando sob o império do inimigo. Esta é uma das razões porque os que se tornam cristãos em idade madura travam tremendas batalhas no campo da mente. Dificilmente se poderia exagerar a intensidade dessa guerra!

Os versículos que consideramos até aqui descrevem essa batalha com minúcias. Lembra-se da referência a "destruir fortalezas" e "anulando sofismas"? Que tais expressões representem a muralha ao redor da mente. É possível que os sofismas representem as racionalizações, os padroēs de pensamentos, os hábitos tradicionais de pensar introduzidos

pelo inimigo ao longo de muitos, muitos anos. Para que a verdade de Deus possa vencer, tais sofismas que envolvem nossa mente precisam sofrer penetração. Como é que se faz isso? O Senhor traz uma arma divina, poderosa, o Espírito Santo, com sua armadura magnificente de verdades escriturísticas, o enchimento portentoso, o fortalecimento dinâmico. Logo que o Senhor invade a fortaleza semelhante a muralhas de sofismas, encontra a "altivez". Lembra-se do versículo: "Derrubamos raciocínios e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus. . ."?

Que essa "altivez" represente os bloqueios mentais que erigimos contra os pontos de vista espirituais. Você e eu somos tentados a regredir aos hábitos carnais quando sob pressão, quando sob ataque, quando passando por um teste, quando despojados de algo, quando perseguidos, caluniados, criticados ou prejudicados. Nossa tendência é confiar naquele recurso tradicional — na "altivez" — naqueles pensamentos enraizados que nos foram transmitidos por nossos pais, amigos ou colegas. Tais bloqueios mentais são naturais e humanísticos, em sua essência.

Roger von Oech relaciona não menos de dez enunciados que costumam reter-nos e manter-nos incapacitados de alçar vôo às alturas, impedindo-nos de penetrar em esferas novas, renovadoras. Se você se assemelha a mim, você rirá ao chegar ao fim da lista; nós estamos ouvindo e repetindo tais enunciados tantas vezes, que já se solidificaram como algo concreto!

1. "A Resposta Certa."
2. "Isso Não Tem Lógica."
3. "Siga as Regras."
4. "Seja Prático."
5. "Evite a Ambigüidade."
6. "É Errado Errar."
7. "A Brincadeira é Frivolidade."
8. "Essa Não é Minha Área."
9. "Não Seja Tolo."
10. "Não Sou Criativo."

Deus está interessado em que arrebentemos tais cadeias e

delas nos livremos. Ele sabe que nossa "altivez" cavou uma trincheira e dela precisa ser desalojada. É como dizemos com freqüência: "É difícil quebrar velhos hábitos." Durante muitos e muitos anos vimos convencendo-nos de que "não temos isto" ou "não podemos fazer aquilo... não deveríamos arriscar-nos... é certo que fracassaremos... devemos aceitar o *statu quo* como sendo nosso padrão." Todavia, esta "altivez" *precisa* ser vencida! De vez em quando precisamos de "um sopapo na cabeça"!

E qual é o objetivo último de Deus? É o que lemos em 2 Coríntios 10:5 — levar "cativo todo pensamento." Quando Deus invade nossas áreas altivas, seu plano é transformar nossos velhos pensamentos que nos derrotam em novos pensamentos que nos encorajam. Ele deve dar novo padrão ao nosso processo integral de pensar. E está engajado em realizar essa obra continuamente, porque os velhos hábitos são duros de quebrar. Você é capaz de entender, agora, por que aquelas reações que você alimentou durante anos ainda constituem áreas problemáticas? Finalmente, você consegue ter uma visão de sua batalha contra a luxúria, a inveja, o orgulho, o ciúme, o perfeccionismo extremado, ou espírito negativo e crítico. Mais importante do que tudo, você agora percebe que há esperança além dos estados mentais medíocres. A oferta de Deus é nada menos do que fenomenal! Lembra-se? É levar "cativo todo pensamento à obediência de Cristo."

VENCENDO A MEDIOCRIDADE: A METAMORFOSE MENTAL

Não é difícil enunciar a pergunta essencial: *Como?* Como posso eu, pessoa que absorveu tantos anos de pensamento medíocre, mudar? Como posso eu, à semelhança de Sid, a lagarta, sair do rastejamento na sujeira e passar para o gozo do néctar doce da criação de Deus? Como no caso de Sid, é preciso que ocorra uma metamorfose radical. Trata-se de processo difícil, exigente e longo — mas — ah! como são doces os resultados! Se você estiver realmente empenhado em derrotar a mediocridade (que começa, lembre-se, na mente), eu tenho, então, três palavras para oferecer-lhe — memorizar, personalizar e analisar.

Memorizar. Para que os antigos pensamentos derrotistas sejam invadidos, derrotados e substituídos por pensamentos novos, vitoriosos, é preciso que transpire um processo de reconstrução. A melhor forma que eu conheço para começar este processo de higienização mental é a disciplina tremendamente importante de memorizar as Escrituras. Sei que não parece muito sofisticado, nem intelectual, porém, o livro de Deus está repleto de munição poderosa! O deslocamento de pensamentos negativos, desmoralizadores, exige ação agressiva. Às vezes, refiro-me a esse processo como assalto mental.

Por onde vamos iniciar? Que tal estabelecer uma estratégia forte de assalto, baseada em várias promessas de vitória? Por exemplo:

> "Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1 Coríntios 15:57-58).
>
> "O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas a vitória vem do Senhor" (Provérbios 21:31).
>
> "Mas graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo, e por meio de nós manifesta em todo lugar o cheiro do seu conhecimento" (2 Coríntios 2:14).
>
> "Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (Filipenses 4:13).
>
> ". . .pois todo o que é nascido de Deus vence o mundo. Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1 João 5:4).
>
> ". . .mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças. Subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão, caminharão e não se fatigarão" (Isaías 40:31).
>
> "Como purificará o jovem o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra. De todo o meu coração te busco; não me deixes desviar dos teus mandamentos. Escondi a tua palavra no meu coração,

para eu não pecar contra ti." (Salmo 119:9-11).

Lembro-me, também, de algumas passagens escriturísticas que costumo repetir para mim mesmo, quando me sinto enfraquecido na batalha diária:

> "Moisés, porém, disse ao povo: Não temais. Estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará. Aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais vereis para sempre. O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis" (Êxodo 14:13-14).
>
> "Vigiai; estais firmes na fé; portai-vos varonilmente; fortalecei-vos" (1 Coríntios 16:13).
>
> "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois aquele que pede, recebe; o que busca, encontra; e ao que bate, se abre." (Mateus 7:7-8).
>
> "Achadas as tuas palavras, logo as comi; elas me foram gozo e alegria ao coração" (Jeremias 15:16).
>
> "Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça" (Efésios 6:13-14).
>
> "Antes, ele nos dá uma graça maior; Portanto, diz a Escritura: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (Tiago 4:6-7).
>
> "Não temas, pois eu sou contigo; não te assombres, pois eu sou teu Deus. Eu te fortalecerei, e te ajudarei; eu te sustentarei com a destra da minha justiça" (Isaías 41:10).
>
> "Disse-vos estas coisas para que em mim tenhais paz. No mundo tereis aflições. Mas tende bom ânimo! Eu venci o mundo" (João 16:33).

Não há necessidade de que eu aumente a lista. As possibilidades são virtualmente infindáveis. Tudo que você tem de

fazer é pegar uma Bíblia, lê-la com muita atenção e, quando você encontrar um enunciado que se relaciona com algum problema que o aflige, ou com alguma necessidade de sua vida, escreva-o num papel e gaste uma parte de seu dia aninhando-o nos refolhos de sua mente. Você se espantará diante da força que isso lhe dará.

Personalizar. É aqui que a excitação cresce. Quando você estiver começando o processo de substituir pensamentos velhos, negativos, por pensamentos novos, animadores, coloque-se dentro das páginas da Bíblia. Use os pronomes *eu, me, meu, para mim,* sempre que você deparar com declarações significativas. Para mostrar-lhe o que é que eu tenho em mente, voltemos para 2 Coríntios 10:3-5:

> "Pois embora andando na carne, não militamos segundo a carne. As armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas. Derrubamos raciocínios e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento à obediência de Cristo."

Você apanhou a idéia? Isso se chama personalizar as Escrituras. Eis outro exemplo. Primeiramente, vamos ver como aparecem na Edição Contemporânea, de Almeida:

> "Não andeis ansiosos por coisa alguma; mas em tudo, pela oração e pela súplica, com ações de graças, sejam as vossas petições conhecidas diante de Deus. E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus. Quanto ao mais irmãos, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisto pensai" (Filipenses 4:6-8).

Sugiro que você personalize esse texto assim:

> "Não devo andar ansioso por coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as minhas petições, pela oração e pela súplica, com ações de

graças. E a paz de Deus que excede todo o entendimento, guardará o meu coração e a minha mente em Cristo Jesus. Finalmente, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o meu pensamento."

Você entendeu? Acredite-me: se você apegar-se a este processo, não demorará muito para que a velha "fortaleza" seja escalada, e as coisas "altivas" invadidas; e seus pensamentos começarão a transformar-se.

Analisar. Em vez de continuar a dizer a si mesmo que você é pouco mais do que uma vítima indefesa, assuma a responsabilidade! Logo que você vir-se reagindo negativa ou defensivamente, pense — analise a situação. Se você é estudante, faça uma pequena análise de sua situação na escola. Se opera um empreendimento, trabalha num escritório em que os perus superam numericamente as águias (o que usualmente é verdade), analise as circunstâncias entendendo que você e os perus jamais marcharão no mesmo ritmo, na mesma cadência. Em seguida, faça a si mesmo as seguintes perguntas duras: "Por que estou com tanta raiva, e preocupado com isto?" Ou "Existe alguma coisa de que eu tenho medo?" Ou, talvez: "Estou reagindo negativamente porque tenho minhas razões, ou trata-se apenas dos maus hábitos que eu formei?" Sim, estas são perguntas a respeito do pensamento, porém, sem que procedamos a esta análise, tenderemos a nos tornar como as pessoas que nos rodeiam, ou piores. Quebrar hábitos mentais de longa duração não é fácil nem rápido, mas as pessoas que não o fazem podem evoluir e tornar-se indivíduos excêntricos, cheios de esquisitices, que acabam sozinhas, num estado lastimável.

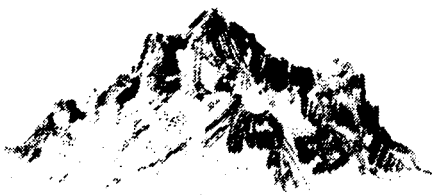
Talvez o desafio de memorizar, personalizar e analisar lhe pareça demasiado simplista. Talvez você

esteja aguardando algo diferente. Você, na verdade, esperava um "segredo" de alta potência para o sucesso.

Não, não tenho nenhum segredo rápido e fácil, nenhuma pílula de sucesso da noite para o dia, que você pudesse tomar. Talvez o melhor quadro formado por uma única palavra seja: *visualizar*. Os que atravessam a "barreira da mediocridade" arrebentando-a, mentalmente, visualizam estar num plano mais elevado. Em seguida, desde que o tenham "visto", começam a acreditar nele, e a agir de acordo! As pessoas que alçam vôo sublime são as que se recusam a deitar-se, a suspirar e desejar que as coisas mudem! Tais pessoas não reclamam de sua sorte e tampouco sonham, passivamente, com algum navio longínquo que vai chegando. Em vez disso, visualizam em suas mentes que não são desistentes; não permitirão que as circunstâncias da vida as empurrem lá para baixo, e as mantenham subjugadas.



2



Inclui Outro Reino

A nossa geração é a dos "yuppies." Sim, "yuppie" — jovens profissionais citadinos.

Que diferença entre os "hippies" dos anos sessenta e os "yuppies" dos anos noventa! Estes não apenas são diferentes, mas fazem perguntas diferentes. O jovem adulto que escala o sucesso não queima o aviso de convocação para o serviço militar, nem questiona o sistema. Em vez disso, ele está perguntando: "Que há nisso que me interessa? Quanto vou ganhar? Quais são os benefícios comuns, e os especiais, que você me promete? Com que rapidez serei promovido?" As implicações nessas perguntas são audaciosas, duras: "Que há de errado com a cobiça?" E "Por que não procurar ser o número um?" Usam ternos impecavelmente bem passados, e a intensidade profissional reflete uma forte determinação. Não só parecem elegantes, bem vestidos, mas até cheiram bem.

Como são diferentes dos "hippies"! Na época, os que se davam ao trabalho de freqüentar as aulas iam mal vestidos, ou, muitas vezes, sem camisa, ou sem sapatos. A última coisa com que se preocupavam era com a aparência. O que menos lhes importava era a prosperidade, o sucesso. Como os tempos mudam!

No início dos anos oitenta, a revista Fortune publicou um artigo que não deixou dúvidas em ninguém quanto ao jovem empresário de hoje. O artigo revelou alguns achados de pesquisas a respeito das atitudes e dos valores dos jovens na faixa dos 25, que assumem seus papéis no mundo empresarial de hoje. O propósito da pesquisa era fornecer aos leitores uma

idéia do que é que se poderia esperar dos jovens adultos, durante a próxima década. É conversa a respeito de uma bola de cristal infalível!

Um pensador astuto analisou os resultados dessa pesquisa e resumiu-os em seis observações:

1. Estes jovens acreditam que uma vida bem sucedida significa independência financeira, e que o melhor meio de obter independência é chegar ao topo de uma grande empresa.
2. Eles acreditam em si mesmos. Acreditam que têm o dom e a capacidade para ser os melhores. Entre eles não existe a "conversa humilde."
3. Eles acreditam no mundo empresarial. Estão certos de que as empresas que vão gerir são as instituições mais dignas do mundo inteiro.
4. Vêem qualquer relacionamento que retarde sua ascensão pela escada da vitória como "prejuízo ao sucesso." O casamento é uma opção aceitável, desde que não interfira com suas aspirações de sucesso. Para a maioria deles, ter filhos é algo que exige muita reflexão.
5. Lealdade não é fator de grande estima em sua lista de valores. Esta nova raça está sempre com seu "curriculum vitae" à mão. Esses jovens estão sempre dispostos a mudar de uma empresa para outra, e crêem que a lealdade a uma companhia poderia induzi-los a permanecer num sistema que os impediria de escalar o topo.
6. Estão convencidos de que são mais criativos e imaginativos do que os executivos que agora ocupam posições-chaves nas empresas, e crêem que não há muito que possam aprender desses camaradas mais velhos, antes de tomar-lhes os lugares.

Que é que tudo isto tem que ver com a vida acima da mediocridade? Todas as coisas, tudo, na verdade! Viver naquele nível superior exige pensamento claro, reflexão que vá além do hoje. Falando francamente, exige que eliminemos o egoísmo, e coloquemos o machado nas raízes da cobiça. Se

esperamos demonstrar o nível de excelência de que Jesus Cristo nos deu exemplo, devemos decidir a que reino vamos servir: o reino eterno que o Senhor representou, e nos ordenou que procurássemos (Mateus 6:33), ou o reino temporal de hoje.

Num mundo como o nosso, é terrivelmente difícil pensar e decidir com propriedade através desse labirinto, especialmente depois que certo número de grupos religiosos aderiu com toda confiança às idéias dos "yuppies". Dizem-nos o seguinte: "Se você deseja alguma coisa, ainda que má, basta pedi-la a Deus, e ele lha dará. Ele é um Deus bondoso e, com toda certeza, um Deus próspero. Ele é dono de todo o gado, em todas as colinas. Ele venderá alguns bois de modo que será possível você desfrutar seja o que for que quiser desta vida." Esta idéia nos parece tão atraente, tão certa! Entretanto, quando a examinamos de perto, descobrimos que está longe, a anos luz de distância de tudo quanto Jesus nos ensinou e exemplificou. O reino que ele representou e exortou seus seguidores a buscar é um reino inteiramente diferente do mundo egoísta de hoje.

VAMOS ENTENDER O QUE SIGNIFICA "REINO"

Antes de prosseguir em nosso empenho em vencer a mediocridade, façamos uma pausa suficiente para compreendermos o que estou dizendo quando menciono o *reino*. É um desses termos que gostamos de usar, mas raramente definimos. Parte de nosso problema é que se trata de uma questão difícil de analisar.

Por exemplo, embora o reino seja cheio de justiça, paz e alegria, não é algo físico, tangível. Não se trata de coisa que possamos tocar, ou ver. "Pois o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14:17).

Além disso, o reino não é verbal, algo que possamos ouvir com nossos ouvidos, ainda que seja poderoso. "Pois o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder" (1 Coríntios 4:20).

Se tudo isso ainda não é suficientemente misterioso, acrescentarei que o reino é inamovível, e além disso, invisível!

"Pelo que, tendo recebido um reino que não pode ser aba-

lado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e santo temor" (Hebreus 12:28).

Que tal? Devemos procurar algo que não podemos ver, sentir e ouvir. Devemos abraçar uma coisa intangível, inaudível e invisível.

Chega de paradoxos. Falando em termos gerais, *reino de Deus é sinônimo de governo de Deus*. Todos quantos decidem viver no reino de Deus (embora continuem a viver no planeta terra), decidem viver sob a autoridade de Deus.

Talvez um esboço super-simplificado da Bíblia nos ajudará a entender a definição do reino de Deus de modo ainda melhor. Contudo, deixe-me, primeiro, adverti-lo: é uma coisa tão simples que você provavelmente vai rir!

I. Deus criou os céus e a terra, e todas as coisas que neles há, inclusive a humanidade. Gênesis 1 e 2.
II. Só a humanidade se rebela contra a autoridade de Deus. O caso nos é narrado em Gênesis 3.
III. Deus movimenta-se pela história, a fim de manter sua autoridade sobre toda a criação. Esta verdade está na Bíblia de Gênesis 4 até Apocalipse 22.

Que tal esse rápido resumo? Se você estiver imaginando onde é que eu e você ficamos nesse esboço muitíssimo simplificado, dê uma olhada no item 3. Durante séculos Deus tem estado ocupado com o restabelecimento de seu governo. As palavras de Jesus em Mateus 6 descrevem o problema:

> "Ninguém pode servir a dois senhores. Ou há de odiar a um e amar o outro, ou se devotará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. . ."
> "Pois os gentios procuram todas estas coisas. De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas elas. Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mateus 6:24,32-33).

Tudo isso me leva a algumas notícias de grande utilidade; a algumas que são más, e a outras que são boas! O reino é a esfera invisível onde Deus reina com autoridade suprema. Es-

tas são as *notícias de grande utilidade*. As *más notícias* são que nós, por natureza, não queremos que Deus nos governe; preferimos, em vez disso, agradar-nos a nós mesmos. Preferimos, antes, servir às riquezas (no original grego, *mammon* quer dizer "dinheiro") do que ao Senhor. Ilustração: o modo de viver do "yuppie", o materialismo. Outras notícias más são: A maioria das pessoas serve às riquezas. Basta você dar uma olhada ao seu redor. Quem comanda: Deus ou as riquezas? Que está acontecendo? A maioria medíocre aderiu ao modo de vida de "mammon".

Comentemos, agora, as *boas notícias*. Não precisamos viver daquele jeito. Deus nos propiciou um meio de fuga. Chama-se "nascer do alto". Jesus falou disso ao encontrar-se com um líder judeu à noite, bem tarde.

> "Havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. Este foi ter de noite com Jesus, e disse: Rabi, sabemos que és Mestre, vindo de Deus. Pois ninguém pode fazer estes sinais miraculosos que tu fazes, se Deus não fosse com ele. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que quem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Poderá voltar ao ventre da sua mãe e nascer? Jesus respondeu: Em verdade, em verdade, te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne, mas o que é nascido do Espírito, é espírito" (João 3:1-6).

Nicodemos resistiu, na época, tanto quanto nós resistimos hoje. Dizendo a mesma coisa com maior rudeza, não queremos que ninguém, salvo nós mesmos, dirija a nossa vida! É bem parecido com a história contada por Jesus, das pessoas que disseram: "Não queremos que este reine sobre nós!" (Lucas 19:14). Antes de experimentarmos o novo nascimento espiritual, de maneira alguma nos submeteremos ao governo de Deus.

Portanto, quando escrevo a respeito do reino de Deus, estou referindo-me à autoridade que de direito ele exerce sobre nossa

vida. Só assim é que podemos experimentar a verdadeira excelência de vida.

NOSSA MAIOR LUTA CONTRA O REINO DE DEUS

A autoridade do reino de Deus não é aceita facilmente em nossa geração. Temos um orgulho grande demais para que possamos nos submeter sem luta. Como mencionei no início deste capítulo, gostamos de chefiar. Queremos que nossa vontade prevaleça. Fazemos força para alcançar o topo — o lugar de glória. Ao fazê-lo, optamos por um modo de viver que não deixa lugar para a submissão. Isto não é novidade.

Houve, antigamente, um rei cujo nome adicional poderia ter sido Orgulho. Ele se pavoneava por toda a Babilônia. As coisas que o rodeavam eram impressionantes, e seu modo de viver opulento. Entretanto, o rei Nabucodonosor teve um sonho que o perturbou. Para piorar as coisas, o rei não encontrava em seu vasto reino quem pudesse interpretar-lhe o sonho. Ninguém — isto é — até ele ouvir falar de um profeta judeu chamado Daniel. A partir do momento em que os dois homens viram-se face a face, as coisas começaram a acontecer depressa. Daniel não apenas lhe afiançou a realidade do sonho, como também arrasou o monarca com uma profecia a respeito de seu futuro:

> ". . .és tu, ó rei, que cresceste, e te fizeste forte. A tua grandeza cresceu e chegou ao céu, e o teu domínio até a extremidade da terra. Quanto ao que viu o rei, um vigia, um santo, que descia do céu, e que dizia: Cortai a árvore, e destruí-a, mas o tronco com as suas raízes deixai na terra, atado com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo; seja molhado do orvalho do céu, e a sua porção seja com os animais do campo, até que passem sobre ele sete tempos, esta é a interpretação, ó rei, e este é o decreto do Altíssimo, que virá sobre o rei, meu senhor: Serás tirado de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo, e te farão comer ervas como os bois, e serás molhado do orvalho do céu; passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que conheças que o Altíssimo tem

> domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer. . . Portanto, ó rei, aceita o meu conselho, e desfaze os teus pecados pela justiça, e as tuas iniqüidades usando de misericórdia para com os pobres, e talvez se prolongue a tua tranqüilidade" (Daniel 4:22-25, 27).

O aconselhamento do profeta era duro, mas verdadeiro. De fato, Daniel disse a Nabucodonosor que se desapegasse das riquezas, que se esvaziasse de toda vontade própria, teimosa — que em essência reconhecesse a autoridade que de direito Deus exercia sobre sua vida. Você acha que aquele rei orgulhoso faria tal coisa? Muito bem: no fim ele concordou, fez o que Daniel lhe mandou, não antes, porém, de ficar louco. Leia com muita atenção o próximo episódio desta história verdadeira:

> "Todas estas coisas sobrevieram ao rei Nabucodonosor. Ao cabo de doze meses, passeando o rei sobre o palácio real de Babilônia, disse: Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória da minha majestade? Ainda estava a palavra na boca do rei, quando desceu uma voz do céu: A ti se diz, ó Rei Nabucodonosor: Já passou de ti o reino. Serás tirado dentre os homens, e a tua morada será com os animais do campo; far-te-ão comer erva como os bois, e passar-se-ão sete tempos sobre ti, até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer. Na mesma hora se cumpriu a palavra sobre Nabucodonosor, e foi tirado dentre os homens, e comia erva como os bois, e o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, até que lhe cresceu o cabelo como as penas a águia, e as suas unhas como as das aves" (Daniel 4:28-33).

Nabucodonosor permaneceu naquelas condições trágicas durante um período indeterminado de tempo. Quando ele, finalmente, viu a luz, cessou a luta. O rei que antes era tão orgulhoso, deu uma volta de 180 graus.

> "Mas ao fim daqueles dias eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornou-me a vir o meu entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é um domínio sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da terra são reputados em nada; segundo a sua vontade ele opera no exército do céu e nos moradores da terra. Não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes? No mesmo tempo me tornou a vir o meu entendimento, e para a dignidade do meu reino tornou-me a vir a minha majestade e o meu resplendor; buscaram-me os meus conselheiros e os meus grandes, e fui restabelecido no meu reino, e a minha glória foi aumentada. Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu, porque todas as suas obras são verdade, e os seus caminhos justos, e pode humilhar aos que andam na soberba" (Daniel 4:34-37).

Dê outra olhada nessas palavras finais do testemunho de Nabucodonosor. Preste muita atenção a seus comentários a respeito do domínio de Deus, reino de Deus, autoridade de Deus, obras de Deus, caminhos de Deus. Que mudança! Aqui está um homem quebrantado que finalmente se entregou. Só agora poderia cumprir o papel que Deus lhe determinou, e atingir seu potencial total na terra.

Tudo isso ainda é verdade hoje. As pessoas que vivem no orgulho, sem qualquer quebrantamento, podem tornar-se grandes, ganhar popularidade e realizar feitos incríveis; todavia, todo esse poder e orgulho erguem-se contra as qualidades que Deus considera grandes.

É extremamente difícil fazer que as pessoas abracem estes ideais, em nosso mundo hiperegoísta. Este é o tempo que as pessoas consideram a maior emoção da vida: ter a própria foto numa revista, ou aparecer em filmes, ou na televisão.

Que força sagaz e motivadora é a Ambição, irmã gêmea do Orgulho! As pessoas que buscam a verdadeira excelência, as que voam alto, são pessoas que se livraram do orgulho.

OBSERVAÇÕES E APLICAÇÕES

Está bem, está bem, estou ouvindo seus pensamentos! Você está tentando imaginar o que é que este negócio de reino tem a ver com a vida acima da mediocridade. Você está pensando que perdeu algumas páginas nessa transição, não é mesmo? Muito bem, você não perdeu. O que venho tentando comunicar neste capítulo é que uma vida que se eleva sublimemente é vida que jamais se deixa apanhar pela armadilha do temporal. As pessoas que aderiram à excelência no viver são as que conseguem enxergar além da ambição escravizadora de nossos tempos — pessoas que declararam sua lealdade não-dividida à mensagem de Cristo, mensagem que (semelhantemente à do rei restaurado, de Babilônia) louva, exalta e honra o Rei do céu, sabendo que ele é capaz de humilhar aqueles que andam em orgulho. Um compromisso de lealdade assim representa a autêntica excelência de vida, não deixando lugar para a mediocridade. As pessoas que alçam vôo sublime, a saber, que vivem da maneira que Deus lhes determinou, são pessoas que se humilharam a si mesmas, aceitando a autoridade soberana de Cristo. São cidadãos do reino invisível de Cristo.

Jesus falou com freqüência a respeito do reino de Deus às pessoas que desejavam segui-lo. De fato, até o fim de seu ministério aqui na terra, Cristo teve o reino e a sua autoridade em mente. Antes de ascender para o Pai, Cristo encontrou-se com os seus. Qual foi o tema da conversa? O reino.

> "Ao quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias, e falando do que respeita ao reino de Deus" (Atos 1:3).

Que revelação! Você havia percebido que foi disso que Cristo falou, entre sua ressurreição e sua ascensão? Não se tratou de uma aula comprida sobre alguma profecia teórica; nada disso. Foi ensino prático, relevante, sobre como viver sob a autoridade de Cristo, e para sua glória — como viver uma vida acima da mediocridade (que é o nível de vida em que você empurra e atropela, a fim de fazer as coisas a seu modo). Não há dúvida de que Cristo também nos passou algumas técnicas de grande clareza e alcance, algumas verdades que seus seguidores po-

dem aplicar, quando tentados a viver segundo a maioria.

Será que aqueles primitivos discípulos aprenderam bem a lição? Vamos descobri-lo, seguindo nosso caminho através do resto do livro de Atos, o qual traça a história desses primeiros seguidores de Jesus desde sua ascensão até a primeira metade do primeiro século. Sob cada uma das vinhetas que se seguem, você encontrará algo extremamente significativo sobre a vida que se de forma superior, acima da mediocridade, a "vida no reino" em ação.

Primeira Parada: Atos 8:12-13

> "Mas, como crescem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, batizavam-se tanto homens como mulheres. Creu até o próprio Simão, e, sendo batizado, ficou de contínuo com Filipe. E, vendo os sinais e as grandes maravilhas que se faziam, estava atônito" (Atos 8:12-13).

Interessante. "Creu até o próprio Simão. . ." Quem é Simão? Os três versículos anteriores nos dizem:

> "Estava ali certo homem chamado Simão, que anteriormente exercera naquela cidade arte mágica, e tinha iludido a gente de Samaria. Dizia ser um grande homem, e todos o atendiam, desde o menor até o maior, dizendo: Este é o grande poder de Deus. Eles o atendiam porque já desde muito tempo os havia iludido com artes mágicas" (vv. 9-11)

Simão era um mágico cuja reputação lhe havia ganho o título de "Grande Poder de Deus." Falemos a respeito de um homem que as pessoas hoje se voltariam para ver. . . todas as redes de televisão estariam atrás desse indivíduo! Entretanto, ao ouvir a mensagem de Filipe, as boas novas "a respeito do reino de Deus", Simão a aceitou, sem fazer perguntas. Crer nas boas novas é, ao mesmo tempo, simples e rápido. Crer apenas segundo a carne é outra coisa, completamente diferente. Simão logo o descobriria.

> "Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Es-

> pírito Santo. Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo" (vv. 17-19).

Sim, senhor! É claro que esta é a maneira pela qual os "yuppies" reagiriam. "Este tipo de poder vale quanto custa... Quero comprar cinqüenta ações!" E assim foi que Simão ofereceu dinheiro aos apóstolos. "Eu gostaria de participar desse espetáculo. Vou comercializá-lo. Dêem-me um pouco desse poder do Espírito Santo!"

Dê uma olhada em Pedro. Há ocasiões em que ele realmente se distingue, e este é um dos seus momentos maravilhosos:

> "... O teu dinheiro seja contigo para perdição, porque pensaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te desta tua iniqüidade e ora a Deus. Talvez que te seja perdoado o pensamento do teu coração. Pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniqüidade" (Atos 8:20-23).

Vejam: é o que eu chamaria de admoestação! Não há dúvida de que Pedro chamou a atenção desse camarada. Aqui está Simão dizendo: "Está bem, está bem." Mas, não era um "está bem" mal-humorado. Veja a resposta dele:

> "Respondeu, porém, Simão: Orai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes me aconteça" (v. 24).

Houve alguém suficientemente honesto para dizer-lhe: "Simão, você está por fora. Isso nada tem que ver com o reino de Deus." Quando Simão percebeu sua falta, reconheceu-a.

Sobre este incidente, a observação que temos de guardar na memória é que *a autoridade do reino diminui o significado de todos os outros poderes.* A aplicação que o acompanha é igualmente importante:

AO ENFRENTAR A TENTAÇÃO DE CRIAR UM NOME PARA SI MESMO, INVOQUE O PODER DO REINO DE DEUS.

Se você possui grandes dons, poderá realizar coisas maravilhosas que farão com que o público fique extasiado diante de sua capacidade, e de suas habilidades. No processo de crescimento, você se deparará com uma grande tentação: a de criar um nome para você mesmo, causar grande sensação, ganhar atenção, obter glória, pavonear-se por aí, aumentar seus ganhos, exigir seus direitos e esperar tratamento classe A, cinco estrelas. Você tem autoridade, agora! As pessoas só falam de você! Em vez disso, lembre-se de Simão. Perceba, também, a existência do ministério das coisas mínimas.

Ainda apaixonado pelas luzes, Simão prosseguia à procura de meios de auto-promover-se, até vir a saber da autoridade do reino. Assim, sempre que sentir a tentação de reivindicar glória para você mesmo, invoque o poder do reino de Deus.

Segunda parada: Atos 14:21-22

Pulemos para a frente, mudando de Samaria para a pequenina cidade de Listra. Listra nada significa para a maioria das pessoas na rua, mas para os estudantes da Bíblia significa o lugar onde Paulo foi vítima de apedrejamento. Ele foi literalmente tido como morto. Entretanto, emergiu de sob aquelas pedras mais determinado do que nunca. Levou algum tempo, mas o apóstolo voltou a si, espanou-se e avançou, a fim de apresentar o evangelho àquela área do mundo para a qual Deus o chamara. Veja o que aconteceu:

> "Tendo anunciado o evangelho naquela cidade, e feito muitos discípulos, voltaram para Listra. . ." (Atos 14:21).

Você acredita? A mesma cidade onde fora apedrejado. É como voltar para o emprego do qual você foi despedido. É como voltar a uma amizade na qual a pessoa foi humilhada e expulsa. Mas, eles voltaram para Listra, a qualquer custo.

> ". . .confirmando os ânimos dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé, dizendo que por

> muitas tribulações nos é necessário entrar no reino de Deus" (At 14:22).

Permita-me, mais uma vez, apresentar-lhe nosso ponto de vista "yuppie". Em primeiro lugar, os "yuppies" odeiam a idéia do sofrimento. "Não quero sofrer, porque desejo gratificação. Não quero simplesmente a gratificação, quero gratificação *imediata*. Não quero esperar, se posso obtê-la agora. E se posso obtê-la agora, quero mais, e não menos." Entretanto, diz Paulo que é através de muitas tribulações que devemos entrar no reino de Deus. Eis uma declaração severa e, sem sombra de dúvida, muito impopular.

Então, a observação é clara: *a vida no reino envolve muitas tribulações*. Estou pensando numa verdade relacionada a isto, que se encontra em 2 Timóteo 3:12: "E na verdade todos os que desejam viver piamente em Cristo Jesus padecerão perseguições." Todavia, a aplicação acompanhante revela-se fonte de força:

QUANDO VOCÊ ESTIVER PASSANDO POR ÉPOCAS DE PROVAÇÃO, CONTE COM A PACIÊNCIA DO REINO

Agora, se você estiver na vida apenas por si próprio, você não tem paciência. Naquele precário topo de escada, você sempre terá de manter o equilíbrio mediante manobras, manipulações, mentiras, enganos e fraudes. Entretanto, se estiver comprometido com a excelência da vida no reino, quando estiver passando por épocas de provações, você poderá contar com a paciência do reino, que o acompanhará sempre.

Terceira parada: Atos 19:8

> "Paulo entrou na sinagoga, e falou ousadamente por três meses, dissertando e persuadindo, com respeito ao reino de Deus" (Atos 19:8).

O cenário muda de Listra para Corinto. Paulo, desde que conseguiu ser ouvido na sinagoga, falou abertamente durante três meses, "persuadindo" seus freqüentadores. Persuadindo sobre o que? "O reino de Deus". Tenho certeza de que ele começou com o básico, dizendo: "Vocês não vão encontrar-se

mais ricos só porque crêem, isto é, mais prósperos, mais populares, mais bem-sucedidos, ou mais amados. Vocês descobrirão que parte desta mensagem produzirá corte profundo em suas vidas."

Sei que deve ter sido duro para os coríntios ouvirem isto, porque Lucas usa as expressões *falou ousadamente, dissertando e persuadindo.* As palavras *falar ousadamente* significam: "declarar, como quando se faz uma proclamação." Você pode ter toda certeza de que isso lhes chamou a atenção. A palavra seguinte (*dissertando*) carrega em si a idéia de "diálogo." De fato, foi do termo grego *dialegomai* que obtivemos a palavra *diálogo.* Ela inclui a idéia de "ponderação" e "discussão." Um erudito assim a traduz: "debatendo."

É assim, pois, que Paulo lhes atira pensamentos sobre o reino e, em seguida, coordena as discussões deles. É possível que esse mesmo diálogo prosseguisse por três meses, enquanto Paulo tentava *persuadi-los.* A palavra *persuadir* significa "prevalecer de modo que haja uma mudança." Hoje nós diríamos "vender-lhes a idéia." Qual foi o resultado? ". . .como alguns deles se *endurecessem. . .*" Você considerou essa palavra *endurecer-se?* É interessante. Significa "secar", no original. E transmite a idéia de a pessoa tornar-se austera, dura, até mesmo severa. A idéia é que "eles se secaram". Alguns deles estavam secando-se, por causa da mensagem.

Estavam endurecidos e desobedientes. Você se lembra daquelas palavras da história de Jesus: "Não queremos que este reine sobre nós?" É isso mesmo que aquelas pessoas pensavam em seus corações.

> "Mas, como alguns deles se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho perante a multidão, retirou-se deles. Levou consigo os discípulos, e discutia todos os dias na escola de Tirano" (Atos 19:9).

A observação é clara: a ênfase sobre *o reino reduz as fileiras.*

QUANDO VOCÊ FICAR IMAGINANDO POR QUE A MAIORIA DAS PESSOAS PREFERE A MEDIOCRIDADE, ENTENDA QUE O REINO FAZ SEPARAÇÃO

Penso que quando o reino avança, querendo penetrar numa vida, a pessoa o abraça integralmente, ou não pode tolerá-lo.

Por isso, em vez de enfrentá-lo e liberar o orgulho, muitos — talvez a maioria das pessoas — fogem. Não deveríamos ficar surpresos por verificar que a maioria opta por uma vida medíocre, até mesmo as pessoas que chegaram a desempenhar papéis importantes, como líderes religiosos. A verdade do reino produz uma poda própria. É como Jesus mesmo nos ensinou: *não podemos* servir a dois senhores ao mesmo tempo.

Quarta parada: Atos 20

Aqui, encontramos Paulo na cidadezinha litorânea de Mileto. Chama os anciãos da igreja de Éfeso e lhes entrega o canto do cisne. Nos versículos 18-35, ele derrama sua alma perante seus amigos de Éfeso, não sabendo o que o aguardava em Jerusalém. Observe o que Paulo lhes diz nos versículos 20 e 27:

> "Sabeis que nada, que útil seja, deixei de vos anunciar, e ensinar publicamente e nas casas... Pois nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus."

A observação é óbvia: *a verdade do reino é o ponto central do propósito integral de Deus.* Observe, nos versículos citados, que é fácil fugir da mensagem. É fácil para mim deixar de pregá-la. Quando tentados a proceder assim, precisamos lembrar-nos de 2 Timóteo 4:2:

> "... prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo, admoesta, repreende, exorta, com toda a longanimidade e ensino."

Por quê? A passagem continua, dizendo:

> "Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo coceira nos ouvidos, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando às fábulas" (vv. 3 e 4).

Pergunto-lhe: é isto relevante para os nossos dias? É evidente que sim. Quem não gosta de ouvir algo que acaricie o seu ego? Na verdade, você não precisará procurar muito longe, nem durante muito tempo para encontrar alguém que lhe diga

como você é grande, como as coisas são maravilhosas e como poderá prosperar ainda mais.

Diante disto, a aplicação acompanhante torna-se óbvia:

QUANDO VOCÊ ESTIVER ENTRANDO EM ACORDO COM O PROPÓSITO INTEGRAL DE DEUS, LEMBRE-SE DO COMPROMISSO DO REINO.

Se você diz que é o tipo de cristão que deseja abraçar a excelência de vida, um crente que almeja de verdade todo o propósito integral de Deus, é certo que você não ousará desprezar o *compromisso com o reino*. Isto significa que seus propósitos precisam ser investigados. Por exemplo, cada vez que você traça planos para adquirir uma propriedade considerável — um carro, um barco caro, uma casa, ou outro item semelhante — você precisa discutir antes esse assunto com Deus, e perguntar a si mesmo: É da vontade de Deus? Vai honrá-lo? Vai glorificá-lo?

Antes de apegar-se a algo durante um tempo muito longo, você precisa perguntar a si mesmo: vale a pena eu apegar-me? Talvez valha a pena, mas a pergunta precisa ser feita. Este tipo de coisa honra o reino de Deus?... Ajuda-me a buscar sua justiça? Este tipo de auto-exame é resultado de "todo o desígnio de Deus?"

Estou eu, porventura, sugerindo que você faça voto de pobreza? Não. Isso não. Minha mensagem não é que você deve andar faminto por aí, e abandonar todas as coisas bonitas. Apenas lhe digo que você deve desistir de controlá-las. Não estou dizendo que só porque você agora é crente, todos os dias de sua vida precisam ser feios, que você precisa andar por aí como um profeta da condenação, vestido de preto, com ar sombrio. Estou simplesmente dizendo que as pessoas que vivem — isto é, que alçaram vôo sublime — acima da mediocridade mísera e avarenta, aprenderam a viver tendo uma perspectiva do outro reino. Aprenderam a entregar tudo quanto têm ao Senhor Deus, e confiar que ele lhes dará tudo de que necessitam.

Contam que certo homem estava perdido no deserto, prestes a morrer de sede. Foi quando ele chegou a uma casucha velha — uma cabana desmoronando, sem janelas, sem teto, batida

do tempo. O homem perambulou por ali e encontrou uma pequena sombra onde se acomodou, fugindo do calor do sol desértico. Olhando ao redor, viu uma bomba a cinco metros de distância — uma velha bomba de água, bem enferrujada. Ele se arrastou até ali, agarrou a manivela, e começou a bombear, a bombear, a bombear sem parar. Nada aconteceu.

Desapontado, caiu prostrado, para trás. E notou que ao seu lado havia uma velha garrafa. Olhou-a, limpou-a, removendo a sujeira e o pó, e leu um recado que dizia: "Você precisa primeiro preparar a bomba com toda a água desta garrafa, meu amigo. P.S.: Faça o favor de encher a garrafa outra vez antes de partir."

O homem arrancou a rolha da garrafa e, de fato, lá estava a água. A garrafa estava quase cheia de água! De repente, ele se viu em um dilema. Se bebesse aquela água, poderia sobreviver. Mas se despejasse toda aquela água na velha bomba enferrujada, talvez obtivesse água fresca, bem fria, lá do fundo do poço, toda a água que quisesse. Ou talvez não.

Que deveria fazer? Despejar a água na velha bomba e esperar vir a ter água fresca, fria, ou beber a água da velha garrafa e desprezar a mensagem? Deveria perder toda aquela água, na esperança daquelas instruções pouco confiáveis, escritas não se sabia quando?

Com relutância, o homem despejou toda a água na bomba. Em seguida, agarrou a manivela e começou a bombear. . . e a bomba pôs-se a ranger e chiar sem fim. E nada aconteceu! E a bomba foi rangendo e chiando. Então, surgiu um fiozinho de água; depois, um pequeno fluxo e, finalmente, a água jorrou com abundância! Para grande alívio do homem, a bomba velha fez jorrar água fresca, cristalina. Ele encheu a garrafa e bebeu dela, ansiosamente. Encheu-a outra vez e tornou a beber seu conteúdo refrescante.

Em seguida, voltou a encher a garrafa para o próximo viajante. Encheu-a até o gargalo, arrolhou-a e acrescentou uma pequena nota: "Creia-me, funciona. Você precisa dar *toda* a água antes de poder obtê-la *de volta*."

As pessoas que se arriscam a viver assim, verdadeiramente alçam vôo elevado, sublime.



3



Custa o Seu Compromisso

Embora ainda não estejamos muito longe na leitura deste livro, você já deve ter notado várias referências que fiz ao vôo altaneiro, sublime. Obviamente, minha analogia predileta para ilustrar essa expressão é a águia.

Há milênios a águia tem sido respeitada pela sua grandeza. Existe algo inspirador na graça impressionante de seu vôo, em sua magnífica envergadura, em suas garras poderosas. Ela plaina sem qualquer esforço em altitudes respeitáveis, aparentemente insensível aos ventos turbulentos que sopram como chicotadas por entre as fendas das montanhas. As águias não voam em bandos e tampouco se conduzem irresponsavelmente. Por serem fortes de coração e solitárias, representam qualidades que admiramos.

As águias se acasalam em pares que duram a vida toda, e regressam todos os anos para o mesmo ninho, fazendo os necessários reparos e adições. Elas assumem um papel ativo no cuidado da família, protegendo-a dos perigos que se aproximam, e ensinando os filhotinhos a voar. Parece que a águia é feita de um misto de responsabilidade, liberdade, estabilidade, beleza e uma dúzia de outros traços admiráveis, qualidades que me levam a concordar com Salomão em que "o caminho da águia no céu" é nada menos do que maravilhoso (Provérbios 30:18-19).

Talvez pelo fato de vermos as águias tão raramente, não nos esquecemos com facilidade das ocasiões em que as vimos voando altaneiras, nas maiores alturas. Gosto demais de estar ao ar-livre e, ao longo dos anos, tenho investido tempo na pesca

e na caça. Durante minhas saídas, tanto tenho usufruído muitas das indescritíveis belezas da natureza, quanto tenho sofrido suas duras realidades. Entretanto, a despeito das numerosas ocasiões em que tenho estado em correntes de água, em lagos e no deserto, foi lá no alto, no topo das montanhas que só duas vezes vi uma águia calva em pleno vôo — uma vez quando eu e meus filhos estávamos pescando salmões e caçando caribus no Alasca, e outra vez quando pescávamos no centro do Canadá. Consigo lembrar-me de ambos os momentos até o dia de hoje. A sós, o majestoso pássaro parecia boiar nas fortes correntes de vento, apoiado em asas enormes, revoando altaneiro para seu destino, aparentemente sem a mínima preocupação conosco, lá embaixo. Tomado de êxtase pelo que vi nessas duas ocasiões, prometi a mim mesmo que um dia eu haveria de escrever um livro no qual usaria a águia como ilustração de como viver acima da mediocridade — uma ilustração da importância de estar tão compromissado a um padrão de excelência de vida que nada poderia impedir-nos em nosso plano de vôo.

Podemos não ter ido muito longe ainda no estudo da excelência de vida, mas não há dúvida de que você já está bem ciente do fato de o estilo de vida semelhante ao da águia não ser barato. Custa caro ser diferente, especialmente quando a maioria está satisfeita em misturar-se e permanecer como a maioria. Não há ímãs, na terra, mais poderosos do que a pressão exercida pelos companheiros. Embora todos nós tenhamos apenas uns poucos anos para viver neste pequeno planeta, são raras as pessoas que tomam a decisão de desprezar a "média" e lutar contra a atração forte dos ímãs medíocres. Enfrente o fato — a tarefa é dura! É como diz o velho provérbio: "É duro alçar vôo altaneiro, sublime, quando estamos rodeados de tantos perus!"

UM SALMO QUE NOS LIBERTA

Bem escondido nos refolhos do coração do antigo hinário hebraico existe uma oração simples, que com freqüência repito para mim mesmo. Ela sempre aparece ao lado de várias referências à brevidade da vida. Estou falando do salmo 90:

- Nossos anos são "como o dia de ontem" (v.4)
- A vida é "como a vigília da noite" (v.4)
- Olhando para trás, para nossas vidas, o tempo parece quase "como a erva," que floresce de manhã e à tarde "corta-se e seca" (vv. 5-6)
- Encerramos nossa jornada "como um conto ligeiro" (v. 9)

Ninguém conseguiu fazer uma obra melhor, ao parafrasear as primeiras linhas deste grande hino, do que Ken Taylor. Leia as palavras dele devagar, e com bastante meditação:

> "Senhor, ao longo de todas as gerações tu tens sido nosso lar! Antes de as montanhas terem sido criadas, antes de a terra ser formada, tu és Deus, sem princípio e sem fim.
> Tu falas, e o homem volta ao pó. Mil anos são como o dia de ontem para ti! São como uma única hora! Nós deslizamos ao longo das ondas do tempo tão rapidamente quanto uma torrente fluvial, e desvanecemos tão depressa quanto um sonho. Somos como a relva, que, verde pela manhã, é ceifada e murcha antes do crepúsculo. Morremos diante da tua ira; somos engolfados pelo teu furor. Espalhas nossos pecados diante de ti — nossos pecados secretos — e tu os vês, a todos. Não é de admirar que os anos sejam tão longos e pesados, aqui, sob tua ira. Todos os nossos dias estão cheios de suspiros.
> Recebemos setenta anos! Alguns podem chegar até aos oitenta. Entretanto, o melhor desses anos com freqüência é o vazio e a dor; logo eles desaparecem, e partimos (Salmo 90:1-10).

Sim, "nós deslizamos ao longo das ondas do tempo tão rapidamente quanto uma torrente fluvial" durante setenta, talvez oitenta anos; em seguida, caem as cortinas! De que é que precisamos tão desesperadamente a fim de viver de modo diferente? O salmista no-lo diz na oração simples que se segue àqueles vívidos versículos:

> "Ensina-nos a contar os nossos dias de tal maneira que alcancemos coração sábio" (v. 12).

Aí está! Acorrentado pela realidade inescapável da brevidade da vida, e da inevitabilidade da morte, o salmista ora por todos nós ("ensina-nos") e pede sabedoria para o resto de nossos dias na terra ("para que alcancemos coração sábio").

Permita-me enfatizar um ponto. O salmista não pede assim: "ajuda-nos a viver os nossos dias como a maioria" mas "ensina-nos como devemos vivê-los" — de modo único, integral e triunfalmente. Não como um bando de perus preocupados apenas com as exigências medíocres da vida, mas como uma águia de pensamento independente, resoluta, determinada, que vive lá em cima, voando altaneira, em alturas sublimes, livremente, por caminhos incríveis que não se podem reproduzir. Se esta é a sua oração, esteja pronto para pagar o preço. A decisão de ser livre, de pensar e viver de modo independente, de voar em alturas sublimes, acima das massas, é sempre uma decisão de alto custo.

Como verificamos no capítulo anterior, as pessoas que se consagraram a tal modo de viver, precisam, na verdade, pensar em termos do outro reino. E vimos que esse tipo de pensamento literalmente derruba as pessoas, afinando as fileiras!

UMA MENSAGEM QUE AFINA AS FILEIRAS

Algumas pessoas adotam a idéia errônea de que Jesus deliberadamente tentou atrair grandes multidões. É verdade que com freqüência grandes multidões o seguiam, durante os quase três anos de seu ministério terreno, porém, jamais ele tentou criar um grande auditório. Ao contrário, mais de uma vez ele deliberadamente discutiu certas questões que, com rapidez, faziam diminuir o número de ouvintes. Numa ocasião, por exemplo, ele enfatizou certos pontos tão fortemente que muitas pessoas foram embora:

> "Muitos de seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso, quem o pode ouvir? A partir de então, muitos dos discípulos voltaram atrás e já não andavam com ele" (João 6:60,66).

Em outra ocasião, Jesus fez algo semelhante. Em ambas as vezes, foi o *compromisso* de lealdade que afinou as fileiras. Vamos dar uma olhada mais cuidadosa ao que aconteceu na-

quele segundo encontro de Jesus com as multidões crescentes. O Dr. Lucas nos descortina o palco: "Certa vez ia com ele grande multidão. Voltando-se disse. . ." (Lucas 14:25).

Um acesso de curiosidade mórbida criara um interesse incomum no público a respeito de Jesus. Sua popularidade havia atraído pessoas de todas as cidades circunvizinhas. Muitos vieram apenas para matar o tempo, apreciar alguns milagres, e nada mais. Percebendo que qualquer coisa de natureza sensacional poderia facilmente aumentar o frenesi da multidão — coisa que detestava — Jesus não foi capaz de tolerar essa situação nem um minuto mais:

> "Certa vez ia com ele grande multidão. Voltando-se, disse-lhes: Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e até mesmo a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. Qualquer que não tomar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo. Se algum de vós está querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? Doutra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores, e pede condições de paz. Da mesma forma, qualquer de vós que não renuncia a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo" (Lucas 14:25-33).

Ali estava uma grande multidão de espectadores, e nada mais. Era uma situação que motivou Jesus a olhar o povo direto nos olhos, e confrontar as pessoas pela sua falta de compromisso. Quem não ficaria estarrecido pela repetição tripla: "não pode ser meu discípulo"? Estamos falando aqui com máxima franqueza! Ao falar do custo do discipulado, Jesus toca em três pontos nevrálgicos — *Relacionamentos, objetivos e desejos, e possessões pessoais.*

Relacionamentos pessoais

"Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e até mesmo a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (v. 26).

Quando Jesus menciona que temos de "aborrecer" pai e mãe, esposa, filhos, e irmãos, ele não está dizendo que devemos tratá-los malevolamente, e ser-lhes odiáveis. O que ele quer é enfatizar a possibilidade muito real de estabelecermos *competição entre nossa lealdade* para com ele e a que dedicamos aos que amamos muito. Vôo altaneiro, entrega incondicional a Cristo, bem com uma vida superior em qualidade que ele espera de seus seguidores, não deixam lugar para qualquer concorrência. As pessoas do lado de fora que não compreendem o compromisso do cristão de colocar Cristo em primeiríssimo lugar, poderiam observar essa devoção ao Senhor e interpretá-la como sendo ódio aos demais relacionamentos. Não se trata de ódio, mas, antes, de uma questão de prioridades — decisão sobre quem ou o que vem em primeiro lugar. Discutirei as prioridades com mais minúcias no capítulo 7.

Objetivos e desejos pessoais

> "Qualquer que não tomar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo" (v. 27).

Aqui, a penetração das palavras de Jesus chega a um nível mais profundo, pois ele se refere à entrega de nossos objetivos e desejos pessoais à sua autoridade. Falando de maneira negativa, significa dizer um *não* firme àquilo que você e eu queremos, e um *sim* àquilo que Deus quer. Já podemos compreender porque muitas pessoas decidiram dar o fora depressa.

No primeiro século, se alguém fosse visto "carregando sua própria cruz" deixava bem claro a todos que estava a caminho da morte.

Jesus utiliza esse quadro verbal a fim de descrever o que é morrer para nossas próprias buscas pessoais e segui-lo integralmente. Esta autonegação é rara em nossos dias, tão rara como uma águia que voa no infinito.

A autonegação não deve ser equiparada à perda da singularidade da pessoa, ou esta torna-se desvalorizada. Tem havido grandes personagens em cada geração que serviram de modelo de auto-negação, ao fazer contribuições significativas à humanidade.

Possessões pessoais

> "Da mesma forma, qualquer de vós que não renuncia a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo" (v. 33).

Vemos aqui, outra vez, a linguagem acomodatícia usada com tanta freqüência pelo Senhor. Ele emprega termos dramáticos para comunicar a intensidade do ponto que quer frisar. As pessoas podem possuir coisas, mas nada pode possuí-las. Fizeram um acordo restritivo com mercadorias que têm uma etiqueta de preço e optaram pelo compromisso de lealdade com valores que não têm preço.

Agora, dê uma olhada em alguns textos escriturísticos relacionados. Cada um deles é tão importante, tão auto-explicativo, que qualquer comentário adicional que eu faça será supérfluo. Simplesmente leia e pense nas maneiras por que se aplicam a você.

> "Então lhes disse: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lucas 12:15).

> "Vendei o que tendes, e dai esmolas. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam, tesouro no céu que nunca se acabe, onde o ladrão não chega e a traça não consome. Pois onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (Lucas 12:33-34).

> "É necessário que ele cresça e que eu diminua" (João 3:30).

> "De fato, é grande fonte de lucro a piedade com o contentamento. . . Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundante-

> mente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; que façam o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir, que acumulem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna" (1 Timóteo 6:6,17-19).

As águias que voam altaneiras, lá onde o ar é puro e rarefeito, não têm seu vôo prejudicado por excesso de bagagem. Para elas, o materialismo é ameaça, uma doença terminal. Se quisermos voar em altitudes sublimes, devemos libertar-nos das cadeias do materialismo.

UMA EXPLICAÇÃO QUE FAZ SENTIDO

Espremida no meio daqueles dois pontos enfatizados por Jesus, há mais algumas informações úteis. Leia cuidadosamente o que ele diz, e veja se você não concorda:

> "Se algum de vós está querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? Doutra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores, e pede condições de paz" (Lucas 14:28-32).

Estas duas histórias explicam porque Cristo falou em termos tão severos à multidão. A primeira relaciona-se com *construção e a segunda, com batalha.* Em ambos os casos, Jesus enfatizou a importância da qualidade. Ao edificar uma torre que vai durar bastante, é essencial que haja construtores de qualidade. E eles custam caro. Ao travar uma batalha, o importante são soldados de qualidade (não a quantidade deles — observe isso, por favor). Tais soldados também custam caro.

Durante muitos anos eu pensei que *nós* precisamos "calcular

o custo." Parecia-me tão plausível! Mas, de súbito, um dia ocorreu-me a idéia de que Jesus nunca instruiu seus seguidores a calcular o custo. Não! *Ele* já fez isso! Ele é o "rei" (v. 31) que já determinou o que é necessário para confrontar os inimigos da vida e sobre eles triunfar. E o que é necessário? Alguns campeões fortes, preocupados com qualidade, cujo compromisso é sólido como a rocha. O custo será grande.

PERGUNTAS DIFÍCEIS QUE SÓ VOCÊ PODE RESPONDER

Não usei de propósito palavras suaves neste capítulo. No entanto, você prosseguiu na leitura, ainda está comigo, pelo que eu o elogio. Estas não foram páginas fáceis de escrever, porém, constituem expressões que julguei necessário expor. Em vez de verbalizar esses pensamentos da forma tradicional, penso que o benefício seria maior se eu formulasse algumas perguntas bem específicas. Por isso, aqui estão elas. Não se apresse ao lê-las. Mastigue cada uma delas, ponderando sua resposta antes de partir para outra pergunta. Desde que o confronto da mediocridade exige pensamento claro, seja honesto para consigo mesmo, ainda que doa. Não há melhor época do que agora para você se decidir quanto a estas questões.

- Visto que a vida é tão breve, quais são as coisas de que você precisa tratar, de modo que consiga alçar vôo elevado, durante os anos que lhe restam? Seja específico.
- A pressão dos colegas tem-no paralisado? É essa a razão por que você não fez sua "declaração de independência?" Como é que você pode vencer essa paralisia?
- De acordo com o relato de Lucas 14, onde é que você se encontra? Entre os poucos seguidores íntimos, ou entre os muitos espectadores? Por quê?
- Você mantém algum relacionamento pessoal que prejudica seu compromisso de honrar a Cristo com uma vida de excelência?
- Que é que você diz de seus objetivos e desejos próprios? É a autonegação seu ponto forte. . . ou o motivo de sua queda? Está você disposto a entregar-se a Cristo?
- Você prendeu o seu materialismo em suas tenazes?

- Não é tempo agora de você arrolar-se como seguidor de Cristo, com compromisso e lealdade totais? Que é que o retém?
- Se nosso país fosse dominado por uma força inimiga que nos negasse o privilégio de viver abertamente para Cristo, como é que você reagiria? Seu compromisso seria suficientemente firme para honrá-lo?

As histórias a respeito da igreja subterrânea, na Rússia, jamais deixam de alertar-nos, de sacudir-nos. Eu soube de mais uma, na semana passada. Uma igreja que funcionava num lar, numa cidade da União Soviética, recebeu uma cópia do evangelho de Lucas, a única porção das Escrituras que a maioria daqueles cristãos conhece. Os crentes rasgaram o livreto em pequenas seções, as quais foram distribuídas entre eles. O plano deles era memorizar a porção recebida, de modo que no próximo dia do Senhor eles se encontrariam e redistribuiriam as seções escriturísticas.

No domingo, esses crentes foram chegando sem serem notados, em pequenos grupos, durante o dia todo, de modo que não levantassem suspeitas entre os informantes da KGB. Ao cair da tarde estavam todos dentro de casa, a salvo, de janelas e portas trancadas. Iniciaram o culto cantando um hino em voz baixa, mas com profunda emoção. De repente, a porta foi arrombada e dois soldados invadiram a sala, portando armas automáticas que apontavam às pessoas. Um deles gritou:

— Muito bem — todos de pé encostados na parede. Se alguém deseja renunciar a Jesus Cristo, pode sair agora!

Dois ou três saíram depressa, depois mais um. Após mais alguns segundos, mais dois.

— Esta é sua última oportunidade. Renuncie sua fé em Cristo — ordenou o soldado — ou permaneça e sofra as conseqüências.

Saiu outro. Finalmente, mais dois, em silêncio embaraçador e de rosto coberto, escapuliram para a escuridão da noite. Ninguém mais se moveu. Pais, cujos filhos pequenos tremiam ao seu lado, olhavam as crianças para confortá-las. Esperavam ser metralhados ou, na melhor das hipóteses, presos.

Após alguns momentos de silêncio completo, o outro sol-

dado fechou a porta, olhou para os que estavam à parede, e disse:

— Mantenham as mãos para cima — mas, agora, em louvor ao Nosso Senhor Jesus Cristo, irmãos e irmãs! Nós também somos crentes. Fomos enviados a outra igreja doméstica há algumas semanas, a fim de prender um grupo de crentes. . .

O outro soldado o interrompeu:

— . . .mas, em vez disso, *nós nos convertemos!* Aprendemos por experiência, entretanto, que se as pessoas não estão dispostas a morrer por sua fé, não merecem nossa confiança.

Em algumas partes do mundo onde há abundância de Bíblias e as igrejas são protegidas, a fé pode ser vergonhosamente superficial. O compromisso com Cristo pode permanecer morno. As águias podem aprender a voar perigosamente baixo demais. "O que nos custa pouco, pouco estimamos."



4

Exige Amor Incomensurável, Extravagante

Favor não tocar. Esta breve ordem raramente é vista rabiscada sem capricho; em vez disso, em geral aparece impressa com graça, em lugares elegantes, declarando o óbvio. Visto que sempre há alguns tolos ansiosos para invadir lugares que até os anjos respeitam e não ousam entrar, estas três palavras surgem como advertência às pessoas, de modo que não peguem objetos inestimáveis de modo descuidado. O intocável poderá ser algo tão pequeno como uma delicada xícara de porcelana finíssima, ou tão grande como um carro clássico, de produção exclusiva. Em vez de pegar esses objetos, a recomendação que recebemos é que meramente os apreciemos à distância. Olhe, mas mantenha as mãos longe.

Há muitos anos um grupo de turistas visitou a casa onde o grande compositor alemão Ludwig van Beethoven viveu seus últimos anos. Quando eles chegaram àquele conservatório especial onde o gênio havia despendido tantas horas ao piano, o guia fez uma pausa e falou reverentemente:

— E aqui está o instrumento do mestre.

Uma mulher bem intencionada, mas frívola, surgiu lá de trás do grupo, abriu caminho até a frente, sentou-se no banquinho e imediatamente começou a tocar uma das grandes sonatas de Beethoven, dizendo:

— Acho que muita gente gosta de tocar neste piano.

O guia colocou a mão na mão da mulher, a fim de pará-la, enquanto respondia:

— Bem, Ignace Paderewski esteve aqui no verão passado. Várias pessoas do grupo queriam que ele tocasse. Mas ele respondeu: "Ah, não. . . Não sou digno de tocar nas mesmas teclas que o grande Beethoven tocou."

Há certas cenas das Escrituras que nos parecem sagradas demais, inestimáveis demais, para serem tocadas. Há majestosos salmos de louvor; há orações íntimas, e cenas de tristeza trágica. Sinto reverência especial quando leio passagens que registram a última semana da vida de Jesus. Até parece que há um pequeno cartaz, diante de todos quantos adentram esta seção: "Favor não tocar." Existe algo de sagrado acerca do lugar onde alguém morreu, alguém tão precioso e importante como Jesus. Jamais chego ao registro de suas horas finais sem um elevado sentimento de respeito. Em vez de atirar-me, sem qualquer consideração pela dignidade do ambiente, à semelhança da turista diante do piano de Beethoven, sinto-me hesitante.

É quase como se o Espírito Santo nos houvesse guiado até ali e depois pusesse a mão sobre a nossa, dizendo:

— Foi aqui que ele viveu seus dias finais. Eis o que ele fez. Eis como foi que ele morreu. Fique em silêncio e experimente a sensação. Disponha de tempo para sentir as emoções, para apanhar o significado dessas palavras.

Nos três primeiros capítulos deste livro, caminhamos um tanto rapidamente de um cenário para outro. Descobrimos que a mente tem importância máxima, por ser um verdadeiro campo de batalha de ações bélicas mentais. Fomos um pouco além e vimos que existe uma escolha de reinos, que somos forçados a pular de cima do muro, se quisermos enfrentar e vencer a mediocridade. No capítulo seguinte, descobrimos que tal decisão custa caro. É essencial o compromisso leal, se esperamos poder voar altaneiramente, como águia, independente, capaz de pensar com acuidade.

Agora chegou a hora de mudar o ritmo. Vamos desacelerar um pouco e caminhar mansamente ao longo do cenário que nos acrescentará a perspectiva de que necessitamos. Antes de ficar tão intensamente independentes, e começar a agir como se o viver em excelência queira dizer isolamento, vamos demorar-nos num lugar em que o amor é tão incomensurável e extravagante que chega a surpreender.

COMPONDO O CENÁRIO

Vamos ver se consigo compor o cenário de tal maneira que você possa apreciá-lo da mesma maneira por que foi criado. Tentarei manipular as palavras com grande cuidado.

> "Dali a dois dias era a páscoa e a festa dos pães asmos, e os principais sacerdotes e os escribas procuravam como o prenderiam, à traição, e o matariam. Mas diziam: Não durante a festa, para que o povo não se amotine" (Marcos 14:1-2).

Se houvesse calendários pendurados nas cozinhas judias, no primeiro século, é certo que a páscoa seria marcada por um círculo vermelho. Era época de celebrações cordiais, em que se cantavam hinos judaicos grandiosos, e encenação de um drama cheio de emoções. Era época em que se acendiam fogueiras espetaculares ao redor da cidade de Jerusalém. Ressoavam trombetas e agitavam-se bandeirolas enquanto as festividades prosseguiam. O espírito festivo era contagiante. Surgiam pessoas da Galiléia, da Peréia e das regiões adjacentes, inundando Jerusalém. À semelhança de uma imensa reunião familiar, milhares e milhares de pessoas enchiam as ruas, durante muitos dias, enquanto reviviam o livramento histórico da escravidão no Egito. Cessavam as atividades comerciais comuns quando todas as pessoas em Jerusalém observavam o dia santo.

Contudo, embora estivesse no ar um espírito festivo, neste ano nem todos agitavam bandeirolas e entoavam hinos. Alguns oficiais religiosos em escalões de autoridade planejavam uma execução. Tais homens davam os últimos retoques num esquema que culminaria na morte de Jesus. São identificados como . . ."principais sacerdotes e . . . escribas (que) procuravam como o prenderiam, à traição". A palavra *traição* significa aqui "estratagema, uma tática de surpresa". (Quem esperaria que fosse um beijo de um dos discípulos? "Perfeito — esse plano é perfeito." Hoje, diríamos: Tratavam das últimas minúcias da conspiração.)

Enquanto a cidade estava ocupada celebrando, cantando, rindo, aqueles sacerdotes e escribas, a sós e quietos, franziam

a carranca. Dentro de algumas horas Jesus estaria pregado numa cruz. Por que haveriam de querer matá-lo? Que é que levou esses homens a tais extremos de ódio?

Você não consegue entreouvir suas murmurações? "Ora, a *audácia* de dizer-nos que somos um fracasso!"

O problema era, naturalmente, que mais e mais pessoas criam em Jesus. De acordo com um comentário registrado em João 12, "muitos dos judeus. . . criam nele" (v. 11). E assim, os principais sacerdotes e escribas tinham um problema. Quase chego a ouvi-los conspirando. "Queremos matá-lo, mas não durante os festejos, para que não haja um tumulto. Ele tem muitos seguidores. As pessoas estão acreditando nesse louco, mentiroso e malfeitor." É provável que esmurrassem mesas e coçassem as próprias barbas, enquanto aguardavam o momento certo para atacar.

Subitamente, somos erguidos desse cenário em Jerusalém e transportados para um lar humilde em Betânia, a alguns quilômetros de distância. Ali, mais de uma dúzia de pessoas reclinavam-se à mesa, descansando e divertindo-se.

> "Estando ele em Betânia, reclinado à mesa, em casa de Simão, o leproso. . ." (Marcos 14:3).

A residência é identificada como sendo o lar de Simão, o leproso. É óbvio que ninguém poderia tomar uma refeição na presença de um leproso, a menos que este houvesse sido curado (ou, para usarmos a palavra bíblica, "limpo"), e foi isso mesmo que acontecera a Simão. Que ironia! Simão devia a vida àquele que o havia purificado da lepra — esse mesmo que outros planejavam matar. Outro hóspede também devia sua vida a Jesus. Esse hóspede era Lázaro — um homem a quem Jesus há pouco ressuscitara dentre os mortos.

Que histórias Simão e Lázaro podiam contar! Você não gostaria de ter sido convidado para aquele jantar com Lázaro? Você poderia ouvi-lo contar como estivera além da morte, durante três ou quatro dias. Pense nisso! Você poderia até perguntar a Simão: "Como eram as coisas quando você era leproso? Como são agora?" Além desses dois, Jesus também estaria ali. E ao lado de Jesus, a maioria dos doze apóstolos. Havendo um grupo tão grande, alguém precisaria estar ser-

vindo. Você sabe quem servia? Certo — era Marta. Lá estava ela servindo. Marta sempre servia!

O jantar teria sido ótimo, e ótima a conversa. Talvez houvesse risadas, talvez não. Fosse como fosse, aquele momento teria sido memorável. Você não gosta de momentos assim? Todos tranqüilos! Todos se conheciam mutuamente — todos à vontade.

Entretanto, alguém se notabilizou pela ausência. Ela aparece apenas duas vezes nas Escrituras, de modo significativo. Uma vez (Lucas 10) ela estava sentada aos pés de Jesus, ouvindo-o enquanto sua irmã Marta servia. A outra vez, ela cai de rosto em terra, aos pés do Senhor (João 11), após a morte de seu irmão. Maria não era personagem dos mais preeminentes, não, até esta cena comovente, quase sagrada, que estamos prestes a presenciar. Aqui, ela se distingue como a mulher que não teve medo da opinião alheia, mas fez um compromisso com a excelência.

DEVOÇÃO INCOMENSURÁVEL — REAÇÃO EXTREMADA

É preciso que você compreenda que as coisas são completamente diferentes hoje, de como eram naqueles dias, em Jerusalém. Naqueles tempos jamais uma mulher judia reclinava-se à mesa cheia de homens. E também jamais soltaria os cabelos em público. Ela preparava a refeição e a servia aos homens, mas, em seguida, refugiava-se no interior de outro cômodo, como a cozinha, por exemplo, bem à maneira do costume árabe em nossos dias. Menciono isto a fim de que você esteja preparado para o choque de algo que ocorreu. Espere um pouco!

> "Estando ele em Betânia, reclinado à mesa, em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher trazendo um vaso de alabastro com perfume de nardo puro, de muito preço. Quebrou o vaso, e derramou o bálsamo sobre a cabeça de Jesus" (Marcos 14:3).

O nardo genuíno era feito das folhas secas de uma planta rara do Himalaia. E o vaso específico usado por Maria, se fosse igual aos outros usados naqueles dias para conter substâncias caras, era em si mesmo uma coisa linda. Em geral, vasos como aquele podiam conter não menos do que uma libra romana,

cerca de 350 gramas, de perfume caríssimo.

O vaso de Maria provavelmente continha essa quantidade. Aquela mulher possuía um perfume tão caro que se você quisesse calcular-lhe o valor em dólares, saiba que se poderia alimentar centenas de famílias com uma refeição completa. Aquele vaso continha mais do que um ano inteiro de salários de um trabalhador. Estamos falando de uma coisa de primeiríssima qualidade, algo de valor absolutamente inestimável.

Entretanto, sem hesitação, Maria quebrou o vaso e derramou seu conteúdo — todo o conteúdo — na cabeça de Jesus. Na descrição paralela de João, vemos que ela em seguida enxugou os pés de Jesus, os quais também ungira com perfume:

> "Então Maria tomou uma libra de um nardo puro, um perfume muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos. E toda a casa se encheu com a fragância do perfume" (João 12:3).

A fragância deliciosa escorreu pelo seu cabelo brilhante, e pela barba densa. Envolveu seu corpo com um aroma deleitável. Até sua túnica e suas vestes esvoaçantes ficaram impregnadas do cheiro duradouro e penetrante. Por onde quer que ele andasse, nas próximas quarenta e oito honras, o perfume o acompanharia: na páscoa, no jardim do Getsêmani, na casa do Sumo Sacerdote, no pátio de Herodes, no pretório de Pilatos, nas mãos rudes daqueles que lançaram sortes sobre suas roupas, ao pé da cruz.

O rito especial de ungir com perfume a cabeça e o corpo era ritual raro, reservado à realeza. Era a mais nobre honraria que poderia ser conferida a uma pessoa comum. Jesus reconheceu isto, e os que o rodeavam também. Foi um momento significativo, de muitíssima importância.

Esta perspectiva interessante nos lembra que a devoção de Maria permaneceu; não foi coisa daquele momento, rapidamente esquecida depois. Visto que as vestes de Cristo não foram trocadas, o aroma foi com ele por toda a parte onde ele esteve, até um pouco antes de sua morte. Até mesmo aqueles que sortearam seu vestuário devem ter apreciado a fragrância duradoura. Não se esqueça de que Maria havia derramado tudo nele. Falamos de excelência. . . falamos de amor incomensurável. . . *gosto muito disso!*

Contudo, nem todos gostaram do acontecimento. A magnificência do momento foi maculada pela murmuração de homens de coração mesquinho. Tais homens eram os que faziam suas camas sob as estrelas, comiam figos apanhados das figueiras, e peixes que subtraíam ao mar. Em outras palavras, estes homens calculavam a vida aos pedaços, às migalhas. Suas mentes lógicas, pelo modo de calcular as coisas em duas dimensões, simplesmente não conseguiam entender este fato. Não podiam, absolutamente, acreditar que Maria havia quebrado aquele vaso! Ela não mergulhou o dedo, simplesmente, no ungüento do vaso, e o esfregou aqui e ali: ela quebrou-o e derramou todo o perfume, de uma só vez. Ficaram indignados. Como pôde aquela mulher fazer isso? Estavam chocados. Você acha que eu estou apenas imaginando coisas? Leia-o por si mesmo.

> "Alguns dos presentes se indignaram, e diziam uns aos outros: Para que se fez este desperdício de bálsamo?" (Marcos 14:4).

Agora, espere um instante. Antes de tornarmo-nos sofisticados demais a respeito de tudo isto, lembre-se de que estamos observando uma cena ocorrida no primeiro século. Pessoas como nós temos tido dezenove séculos para pensar nesse fato. Ações extravagantes como esta ainda seriam consideradas oportunas, e até mesmo heróicas, centenas de anos mais tarde. Imagine quantas catedrais foram edificadas contra o desejo do público, quantas finíssimas peças de arte foram criadas a despeito da multidão escarnecedora, que calculava as coisas segundo pesos e medidas estritos. Este tipo de despesa nunca faz sentido no momento, especialmente para as pessoas dotadas de mente prática. Se você calcular tudo na base do que é meramente essencial, qualquer expressão artística é considerada extravagante!

Foi assim que aqueles homens gritaram que o perfume havia sido desperdiçado. "Como é que ela fez isso? Você calculou o que se poderia ter feito com esse dinheiro?" Eles já haviam calculado.

> "Este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários, e ser dado aos pobres. E murmuravam contra ela" (Marcos 14:5). Estavam injuriando-a.

Sempre haverá colapso na lógica da devoção extrema, se a base de comparação for o pobre. Mais ainda, jamais haverá compreensão da parte das pessoas que se confinam a operar nesse raio apertado e rígido. Se você perder este fato, perde tudo. Até hoje as pessoas funcionam com esta mentalidade. A função ainda obtém mais votos do que a devoção. O prático sempre vencerá o bonito. "Diminua o volume da música de modo que possamos servir mais comida. . . não há necessidade de esculturas, nem de quadros finos ou estruturas lindas, enquanto os pobres estiverem presentes. Se preto e branco é mais barato, usar cores é desperdício. . . se um pequeno órgão elétrico serve, um órgão de tubos é coisa extravagante!" E a argumentação prossegue sem parar.

Não deveríamos surpreender-nos pelo fato de aqueles homens terem "injuriado" Maria. Não sabemos o que foi que disseram, mas você pode imaginar — especialmente se você é uma águia que já alçou vôo sublime, em alturas incomensuráveis.

JUSTIFICAÇÃO E DEFESA

Jesus não apenas defende a ação de Maria, mas justifica essa mulher na base da pureza de motivos, e urgência da hora. Não perca esse ponto. Disse Jesus: "Deixai-a." (Em termos de hoje: "Calem-se, homens. Fiquem quietos.")

> "Jesus, porém, disse: Deixai-a, por que a aborreceis? Ela praticou boa obra para comigo. Sempre tendes os pobres convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes bem, mas a mim nem sempre me tendes. Ela fez o que pôde. Antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura" (Marcos 14:6-8).

As duas últimas coisas em que os discípulos de Cristo desejavam pensar nesse dia era na morte e no sepultamento dele. Posso entreouvi-los dizendo: "Esta refeição à noite é uma ocasião deliciosa para celebrarmos juntos; não vamos falar de morte, falemos de vida."

Contudo, o foco de Maria estava certo. Ela não estava apaixonada pela celebração do evento temporal; ela não se esquecera que os dias de seu Senhor estavam contados. "Vocês não

sabem quando vai acontecer, homens... Ela está apenas dando-me tudo que tem. Ela quebrou o vaso em honra à minha morte." Tratava-se de um "embalsamamento precoce." Como isto mudava a perspectiva!

Espero que você não tenha perdido o comentário de Jesus: "Sempre tendes os pobres convosco." Deve haver alguma implicação nessa declaração. Você e eu sabemos, certamente, de que não se trata, em nenhum sentido da expressão, de desprezo aos pobres. Conhecemos Jesus suficientemente bem para descartar esta implicação. Ninguém tem sido instrumento mais significativo para ajudar os pobres do que Jesus de Nazaré. Ninguém jamais demonstrou um coração maior, mais cheio de compaixão. Então, o que é que ele quis dizer com esse comentário? Ele está avaliando o ato de Maria em sua perspectiva global. Ele vê sua morte iminente. Vê sua devoção como sendo adequadamente extravagante e incomensurável. E por isso, diz ele, com efeito: "Está certo. Não a critiquem, nem a interrompam. Durante um momento (permitam-me) *esqueçam* os pobres! A extravagância dela, neste caso, é absolutamente apropriada. Na verdade, é até louvável!"

Jesus aceita o ato de Maria — ato de louvor — que ela apresentou por motivos certos. O compromisso dela, cheio de devoção sincera, pode parecer-nos reação exagerada; mas Cristo não o considerou assim. De modo nenhum.

> "Em verdade vos digo que em todo o mundo onde este evangelho for pregado, o que ela fez será contado para sua memória" (Marcos 14:9).

Esta declaração adicional de Jesus constitui uma daquelas linhas que com freqüência esquecemos. Ele nos diz que seu plano era que esse incidente tivesse influência perpétua. Infelizmente, este ato devocional de Maria nem sempre tem recebido a proeminência que merece. A verdade é que raramente o nome de Maria é lembrado, se é que é lembrado às vezes. E quando mencionado, é quase com um gesto depreciativo: "é apenas um ímpeto de fanatismo, uma extravagância irresponsável, que mais?" Entretanto, Jesus considerou a ação dela digna de ser mencionada enquanto existir o tempo, por todo o mundo. Como necessitamos da memória de Maria! no en-

tanto, como ouvimos dela tão raramente! Ela é uma dessas pessoas mal-compreendidas que decidiram viver acima da mediocridade — alguém que verdadeiramente alçou vôo como águia, um modelo de excelência no viver.

MEMORIAL DURADOURO — LIÇÕES PERMANENTES

Como dissemos no início deste capítulo, este episódio na casa de Simão é um desses relatos que precisam ser considerados com cuidado. De certo modo, trata-se de evento tão sagrado que hesito em tocá-lo. Contudo, visto que contém lições importantes para todos quantos desejam alçar vôo altaneiro na vida, acima da mediocridade, arrisco-me a voltar ao acontecimento e refletir sobre ele, do ponto de vista da excelência no modo de viver.

Dizendo tudo em poucas palavras: creio que este evento foi preservado para ensinar-nos uma lição importantíssima: *há certas ocasiões em que a extravagância é apropriada.* Direi mais. Em nossos dias de ênfase em cálculos de alta tecnologia e orçamentos superafinados, com lembretes persistentes sobre custos, restrições e adequações (a saber, não se deve nunca ser "culpado" de qualquer coisa que saia dos limites do comum), *qualquer coisa* além do básico pode ser entendida como desperdício excessivo. Se você adotar essa filosofia espartana sempre presente, tudo quanto você fizer será funcional, comum e básico. Tudo quanto você comprar será ao custo mínimo. Tudo que você fizer ficará na média.

Costumávamos rir do comentário feito por um dos astronautas americanos, há alguns anos, mas a risada desapareceu desde a tragédia da *Challenger*. Segundo a história que se repetia, alguém enfiou a cabeça no interior da cápsula, antes da partida do time de astronautas, e perguntou-lhes: "Então, como é que vocês se sentem?" Sorrindo, um deles respondeu: "A gente precisa pensar duas vezes, antes de entrar aqui, quando a gente se lembra de que tudo foi construído de acordo com a oferta mais barata!" Muitas pessoas — ouso dizer, a maioria, — conduzem suas vidas inteiras "de acordo com a oferta mais barata". Em nenhum outro lugar isto é tão óbvio, hoje, como na comunidade evangélica. Permita que qualquer coisa seja um pouquinho mais cara, e você pode esperar uma reação crítica.

Não se suspeita, apenas, de que a abundância seja uma extravagância inapropriada: ela é criticada abertamente. A maioria nunca a entenderá. A maioria tomará o comum para transformá-lo em padrão. Eu desafio este método! Baseado nesta história magnífica, acho que há ocasiões quando as dádivas "extravagantes" não só são apropriadas, mas essenciais! São, pois, essenciais algumas compras "extravagantes" e algumas "extravagantes" expressões de amor, especialmente se estamos determinados a viver acima da mediocridade. É preciso erigir memoriais "extravagantes". É preciso apreciar a arte "extravagante." Sim, até mesmo demonstrações "extravagantes" de nossa devoção ao Senhor vivo. Creio mesmo que há ocasiões em que o próprio Deus como que bradaria, com um sorriso: "quebre o vaso!"

Voltemos atrás. Você sabe o que foi que Deus fez ao construir aquele magnífico tabernáculo no deserto? Ele quebrou um vaso. Dentre todas as coisas, ele instruiu aqueles andarilhos no deserto a construírem um lugar de culto fabuloso, embora temporário — um tabernáculo. E eles obedeceram, seguindo o projeto divino em todas as minúcias. Muito ouro. Tapeçaria linda. Maravilhoso artesanato de madeira. Criatividade impressionante. E ao longo de todos aqueles anos no deserto, a glória de Deus residiu naquele centro de adoração que chamaríamos de "extravagante".

Passam-se os anos. O povo de Deus estabeleceu-se num lugar que poderiam chamar de sua terra. Mais tarde, seu rei, Salomão — um homem de paz — ouviria a voz de Deus outra vez: "Quebre o vaso, Salomão!" Qual foi o resultado? Um templo incrível que se tornou uma das "maravilhas do mundo" de todas as épocas. Examine as minúcias você mesmo. Você nem vai acreditar em tanta beleza. Você fala de extravagância! Estamos falando de qualidade e de artesanato criativo! As pedras que originariam as paredes daquele edifício espantoso eram cortadas de modo tão perfeito e tão polidas, que nenhum ruído se ouvia enquanto cada uma delas era colocada em seu lugar pelos pedreiros. E que se dirá dos véus, das cortinas coloridas, das janelas ornamentais, das passarelas elegantes, do trono de misericórdia! Ouro — sólido, em alguns casos, batido, na maior parte, folheado em algumas peças — o ouro estava em toda a

parte! Deus quebrou um vaso. Sim, é certo que se tratava de um caso excepcional, mas foi também uma chamada à excelência — uma chamada para vivermos acima da mediocridade. De modo semelhante, há ocasiões em nossos dias em que a extravagância é apropriada, especialmente se queremos alçar vôo altaneiro, como a águia.

O apóstolo Paulo mesmo é quem nos diz: "Tanto sei estar humilhado, como também ser honrado... tenho experiência... de abundância, como de escassez." Percebemos, assim, que ocasionalmente Deus quebrava um vaso nas viagens de Paulo, também. Houve ocasiões em que Ele permitiu que Paulo ficasse num apartamento de cobertura. Alguns de nós teríamos grande dificuldade em morar num apartamento de cobertura. Nosso raciocínio decorreria mais ou menos assim: "Não é justo. É extravagante demais. Mas, eu gostaria, é claro, de experimentar uma vez ou outra." (Agora mesmo eu posso imaginar uma esposa dizendo a seu marido: "Querido, ouça uma coisa que o Swindoll escreveu... mas ouça com atenção.")

Você alguma vez prestou atenção à "nova Jerusalém" descrita no Apocalipse? Você já fez um estudo inteligente da cidade celestial que Deus projetou para seu povo, para que nela passe a eternidade? Estamos falando de *vasos quebrados, só vasos quebrados!* Se este pensamento deixa você nervoso, você vai ficar nervoso por toda a eternidade!

Disseram-me que Harry Ironside, o grande pastor e conferencista de anos passados, certa ocasião chegou a um hotel onde determinada igreja fizera reservas para ele. Sem uma única palavra, um dos atendentes da portaria conduziu o pastor às acomodações que lhe haviam sido reservadas, e destrancou a porta. Bastou uma olhadela para que Ironside percebesse que estava num apartamento presidencial. Era uma coisa que ele jamais vira. De início ele permaneceu à porta de entrada, incrédulo, olhando os revestimentos e peças suntuosos — dentre os quais um aparelho de prata sobre uma mesa entalhada, e inúmeras peças de bronze polido, brilhante. Investigando um pouco mais, ele descobriu vários quartos, inclusive vários banheiros com toalhas felpudas, aveludadas, luxuosas, e também acabamentos de mármore. Imediatamente o pastor Ironside dirigiu-se ao telefone e chamou o porteiro, lá em baixo:

— Creio que houve um engano — disse ele.

— O Senhor é Harry A. Ironside? — perguntou o recepcionista.

— Sim.

— O senhor vai pregar em tal igreja, amanhã?

— Sim.

— Bem, eu tenho uma nota aqui que não entendo bem, mas diz o seguinte: "Se o Dr. Ironside chamá-lo e expressar alguma preocupação, diga-lhe apenas o seguinte: 'Queremos que o senhor desfrute o máximo conforto, Dr. Ironside! Filipenses 4:12.'"

Antes que você coloque suas esperanças alto demais, lembre-se de que não é isto que podemos esperar. . . nem devemos. À semelhança do relato da unção de Cristo por Maria, estes momentos raros precisam ser tratados com muito cuidado, sem ostentação. Os vasos não eram quebrados sobre o Salvador todos os dias. Ele não rescendia a perfume exuberante todos os dias de sua vida. Mas como essa unção foi perfeitamente adequada nesse momento!

Agora, prestemos atenção a algumas perguntas aguçadas:

- Devem todos os lugares em que o nome de Deus é invocado parecer medíocres?
- Devem todos os acessórios ser da mais baixa qualidade, ou de qualidade intermediária?
- Tudo aquilo que se parece com obra de arte deve ser evitado?
- Devemos viver nossa vida sob constante restrição e culpa auto-imposta, pelo medo de nos ser dito que estamos esquecendo-nos dos pobres?
- Devem *todas as coisas* ser apenas "adequadas?" Por que não podemos, ocasionalmente, usar algo da melhor qualidade?

Permita-me dar-lhe um novo pensamento: *Se você puder explicar uma extravagância, poderá não ser extravagância de todo!* Você percebeu que Maria não pronunciou uma palavra sequer, nem aqui nem em qualquer outra passagem escriturística, a fim de explicar seu gesto? Não mencionou uma palavra, nem mesmo quando admoestada pelos homens. De que ma-

neira poderia ela começar a explicar sua extravagância? Uma pergunta ainda melhor seria: Por que deveria ela explicar-se? Ainda que o tentasse, aqueles homens eram do tipo que não entenderiam. Assim, Maria fez o que o coração lhe disse que fizesse — sem maiores explicações.

Para ter-se tanta segurança é necessário que haja pureza de intenções e forte confiança interior. Um amor assim, tão extravagante, não pode ser explicado, nem mesmo justificado, perante espíritos calculistas, rígidos, estreitos. E visto que a grande maioria sempre será atraída pelo que é prático, essa maioria nunca entenderá.

Quando foi a última vez em que você quebrou um vaso? Quando foi a última vez em que o quebrou e sentiu-se tão seguro que não viu a mínima necessidade de explicá-lo, embora você houvesse sido questionado e criticado? Creia-me: os que alçam vôo sublime, altaneiro, entenderão.

Você às vezes age sob o impulso de abandonar as restrições? Você tem coragem de arriscar uma expressão extravagante de amor? Nesse caso, está a caminho de viver acima da mediocridade. A extravagância é uma exceção — permita-me lembrar-lhe — mas, há ocasiões em que ela é apropriada.

Falamos de coisas lindas demais para serem verbalizadas, algo tão valioso que nem tem preço. Vaso vivo, quebrado diante das pessoas. Não se preocupe: o cartaz "favor não tocar" já não se aplica mais. Quando o vaso se quebra, seu conteúdo inunda o aposento. É interessante que ele diz a todos: "é favor *tocar-me*."

Para alguns de vocês, o vaso quebrado é dívida vencida há muito. Estou-me referindo a uma dádiva extravagante para a obra de Cristo, dádiva semelhante à de Maria. Que dádiva foi essa? Ela mesma, em pessoa. Para alguns de vocês, seria a primeira vez na vida que estariam dando-se a alguém. Cristo o convida a dar-se a si mesmo a ele, completamente, extravagante — um vaso vivo, quebrado diante das pessoas. Faça-o agora mesmo e descubra o que significa voar em altitudes sublimes — tornar-se cristão.

A morte e a tristeza são nossas companheiras de jornada; a tribulação, nosso traje; a constância e o valor nossa única couraça. Devemos ser unidos, devemos ser impávidos, devemos ser inflexíveis.

Sir Winston Churchill - 1940





Parte 2

Vencer a Mediocridade Significa Viver de Modo Diferente



5

Visão: Como Enxergar Além da Maioria

Nestes primeiros quatro capítulos, temos enfatizado o fato de a confrontação da mediocridade exigir pensamento claro. Tudo de que tratamos na vida começa na mente; por isso, nós também começamos ali. Descobrimos a intensidade da batalha que se trava em nossa mente. Aprendemos, também, que as pessoas que enfrentam a mediocridade devem fazê-lo mediante a perspectiva de outro reino, não governado por nós, mas pelo próprio Senhor — numa entrega que nos custa caríssimo. Custa nosso compromisso. E quando esse compromisso é expressado (como no caso de Maria, nos dias de Jesus), revela-se periodicamente em expressões de amor extravagante.

Tendo entrado em acordo quanto à importância de pensar com clareza, estamos prontos para atacar o segundo desafio: *viver* de modo diferente. Quando alguém consegue dissipar o nevoeiro mental, não mais consegue satisfazer-se com ficar boiando ao lado das massas. A *visão* substitui a resistência da mente. Entra em cena a *determinação*, ultrapassando a preguiça e a indiferença. É quando começamos a aprender o valor das *prioridades*, um passo que dita a necessidade de haver *prestação de contas* pessoais. Definirei cada um destes termos mais tarde. Por ora, considere-os como pedrinhas de dominó caindo umas sobre as outras. Cada um destes estágios precede o posterior, formando uma unidade que representa os elementos básicos do viver diferente — com excelência — num mundo de mesmice, tédio e futilidade.

Por todo este livro continuo a referir-me ao nosso "mundo". Ao mencionar "mundo" refiro-me ao sistema de pensamento que inclui a inteligência humana, simpatia persuasiva, lógica inteligente e atraente, competição, criatividade e riqueza de recursos, mas tem falta dos ingredientes essenciais que capacitam a pessoa a alçar vôo sublime, como o da águia. A parte mais traiçoeira de todas é a maneira como nosso cérebro passa por lavagem pelo sistema, ficando, assim, bloqueado, impedido de atingir seu potencial total. O resultado final é previsível: ansiedade interna e mediocridade externa.

TRÊS FATOS INDISPUTÁVEIS A RESPEITO DO SISTEMA MUNDANO

Penetremos mais profundamente na compreensão do sistema mundano. A fim de dar-nos a nós mesmos um ponto de referência, vamos ler outra vez as palavras de Jesus. Preste a máxima atenção às suas observações reiteradas a respeito de ficar ansioso:

> "Ninguém pode servir a dois senhores. Ou há de odiar a um e amar o outro, ou se devotará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. Por isso vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário? Olhai para as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros, e contudo, o vosso Pai celeste as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? Qual de vós poderá, com as suas preocupações, acrescentar uma única hora ao curso da sua vida? Quanto ao vestuário, por que andais ansiosos? Observai como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem fiam. Eu, porém, vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? Portanto, não andeis

> ansiosos, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? ou: Com que nos vestiremos? pois os gentios procuram todas estas coisas. De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas elas. Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não andeis ansiosos pelo dia de amanhã, pois o amanhã se preocupará consigo mesmo. Basta a cada dia o seu próprio mal" (Mateus 6:24-34).

Nunca li estas palavras familiares sem ficar consciente da diferença existente entre a maneira como as pessoas vivem *naturalmente* (cheias de preocupação e ansiedade), e a maneira como o Senhor planejou que vivêssemos (livres de todo aquele excesso de bagagem). Por que então optamos por um modo de vida que é a própria antítese daquilo que Ele planejou para nós? Porque o "sistema" nos suga! Decaímos para um modo de vida inferior porque "os gentios é que procuram todas estas coisas" (v. 32), coisas que ocupam nossa atenção e por fim dominam nossa vida. Da maneira como eu vejo as coisas, três fatores estão inter-relacionados:

1. *Vivemos num mundo hostil, negativo.* Enfrente esse fato, meu amigo, o sistema que nos rodeia focaliza-se nos pontos negativos: no que está errado, não no que está certo; no que está faltando, não que está presente; no feio, não no bonito; no que é destrutivo, não no que é construtivo; no que não pode ser feito, não no que pode ser feito; no que fere, não no que ajuda; no que nos falta, não no que temos. Você questiona isto? Pegue um jornal e leia-o da primeira à última página. Veja se a maioria das notícias não se relaciona (incluindo o leitor) com fatos negativos. É contagioso!

Esta atitude mental negativa conduz a sentimentos incríveis de ansiedade. Rodeie-se a maior parte das pessoas de fatos negativos e podemos garantir o resultado: medo, ressentimento e ódio. Informações negativas mais pensamento hostil resultam na ansiedade. Entretanto, Jesus advertiu muitas vezes: "Não andeis ansiosos." O sistema mundano, repito, opera de modo direto contra a vida que Deus planejou para o seu povo.

2. *Estamos engolfados pela mediocridade e cinismo* (resultado direto de vivermos num mundo negativo). Sem a moti-

vação do entusiasmo e da visão cheia do poder divino, as pessoas tendem para a "média", fazendo apenas o suficiente para serem aprovadas. Dessa forma, o produto final do sistema é a mediocridade. A maioria dita as regras, e a excitação é substituída por um dar de ombros. Nesse arrastar de pés não apenas se perde a excelência de vida, mas sempre que ela levanta a cabeça, é considerada uma ameaça.

3. *A maioria escolhe não viver de modo diferente.* Os que recebem orientação do sistema estabelecido agem monotonamente, de acordo com a maioria. Expressões como "vá na onda" e "não faça ondas" e "Quem se importa?" começam a firmar-se.

Pare para pensar. Num mundo em que todo esse cinismo está presente, que é que está ausente? A coragem! Esse músculo forte do caráter, que dá a uma nação seu orgulho, a um lar seu propósito e a uma pessoa a vontade de produzir o melhor possível, desapareceu. Certamente, não sou o primeiro a apontar o perigo da falta de coragem. Os discursos de Alexandre Soljenitsin incluíam com freqüência esta advertência:

> "É preciso que alguém saliente que desde os tempos antigos o declínio da coragem tem sido considerado o começo do fim?"

Então, que é necessário para viver-se de modo diferente? Nos capítulos 5-8 eu me concentrarei em quatro pontos específicos: visão, determinação, prioridades e prestação de contas. Quando penso em *visão,* tenho em mente a capacidade de ver acima e além da maioria. Mais uma vez eu me lembro da águia, que possui oito vezes mais células visuais por centímetro cúbico do que o ser humano. Tal fato se traduz por habilidades espantosas. Por exemplo, voando à altura de 200 metros a águia consegue detectar um objeto do tamanho de uma moedinha, movendo-se na grama de 15 cm de altura. A águia pode enxergar um peixe de oito centímetros saltando num lago a oito quilômetros de distância. As pessoas que têm a visão de uma águia conseguem enxergar o que a maioria não vê.

Chamo de *determinação* essa fortaleza interna, essa força de caráter, a capacidade de a pessoa manter-se disciplinada, coe-

rente, forte e diligente a despeito das circunstâncias ou das exigências. Mais uma vez a águia representa esse traço de personalidade. As águias são férreas na defesa de seu território e de seus filhotes. A força das garras aquilinas é coisa fenomenal — elas podem agarrar e quebrar os ossos fortes do braço humano. As pessoas semelhantes à águia possuem tenacidade.

As outras duas são virtualmente auto-explicativas. *Prioridade* é palavra que se relaciona com a escolha das primeiras coisas em primeiro lugar — fazer o essencial na ordem de sua importância, deixando de lado o incidental. A *prestação de contas* relaciona-se com dar respostas às perguntas difíceis, estando em íntimo contato com algumas pessoas, em vez de viver em isolamento, como o lobo solitário. Pessoas semelhantes à águia podem ser raras, mas elas possuem uma lealdade incrível quando aderem a uma causa.

No restante deste capítulo, nós nos concentraremos no valor da visão.

DOIS HOMENS CORAJOSOS QUE DISCORDARAM DA MAIORIA

O melhor método que eu conheço para estimular você na direção de um compromisso renovado com a excelência no viver, é voltar às Escrituras em busca de um relato inspirativo. A passagem que tenho em mente está escondida no quarto livro do Antigo Testamento, o livro de Números, capítulo 13.

Um pouco de história

Deveremos lembrar-nos de cinco coisas, a fim de podermos acelerar e entrar em Números 13.

Primeiramente, houve um êxodo. Os israelitas libertaram-se da escravidão egípcia. Faraó permitiu que o povo partisse. O povo saiu do Egito com seus pertences e todos os membros de suas famílias.

Em segundo lugar, sob a liderança de Moisés, o povo escolhido de Deus chegou às fronteiras da Terra Prometida. De acordo com o último versículo do capítulo 12, "o povo partiu de. . . e acamparam-se no deserto de Parã," bem na fronteira de Canaã (a Terra Prometida). No êxodo Deus mostrou-se forte. Demonstrou seu poder miraculoso quando os israelitas atra-

vessaram o mar Vermelho, e quando ele os dirigiu com segurança através do deserto, até a terra de Canaã. Ao chegarem à fronteira, os israelitas podiam ver fumaça subindo das cidades à distância longínqua. É possível até que daquele ponto favorável pudessem ver algumas das muralhas que rodeavam as cidades maiores. Tenho certeza de que seus corações batiam mais depressa, quando expressavam alívio e excitação: "Finalmente. . . conseguimos!"

Em terceiro lugar, o novo território lhes pertencia — podiam reivindicá-lo. Deus lhos tinha prometido.

> "Envia homens que espiem a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel. De cada tribo de seus pais envia um homem que seja um de seus príncipes" (Números 13:2).

Deus prometera claramente a terra a seu povo. "Vocês terão de invadi-la e lutar, mas prometo que a vitória está *garantida.*" Jamais nesta terra alguém celebrou uma transação bélica mais vantajosa do que este povo!

Os israelitas tinham a promessa firme de Deus. "Vocês terão a terra." Outras tropas jamais tiveram maiores razões para lutar com certeza de vitória.

Em quarto lugar, Deus ordenou a Moisés que espiasse a terra. A fim de planejar uma estratégia bélica inteligente, Moisés deveria enviar alguns homens selecionados para espiar a terra. E assim, Moisés cooperou. Lembre-se disto: Nem uma só vez os espias foram consultados e encorajados a dar sua opinião quanto a se poderiam conquistar Canaã. Não havia a mínima necessidade disto, porque o Senhor já havia prometido a vitória. Em vez disso, foi-lhes dito com precisão o que deveriam fazer.

> "Enviou-os Moisés do deserto de Parã, segundo o mandado do Senhor. Todos aqueles homens eram príncipes dos filhos de Israel. São estes os seus nomes: da tribo de Rúben, Samua, filho de Zacur; da tribo de Simeão, Safate, filho de Hori; da tribo de Judá, Calebe, filho de Jefoné; da tribo de Issacar, Jigeal, filho de José; da tribo de Efraim, Oséias, filho de Num; da tribo de Benjamim, Palti, filho de Rafu;

> da tribo de Zebulom, Gadiel, filho de Sodi; da tribo de José, pela tribo de Manassés, Gadi, filho de Susi; da tribo da Dã, Amiel, filho de Gemali; da tribo de Aser, Setur, filho de Micael; da tribo de Naftali, Nabi, filho de Vofsi; da tribo de Gade, Güel, filho de Maqui. São estes os nomes dos homens que Moisés enviou para espiar a terra. Moisés deu a Oséias, filho de Num, o nome de Josué" (Números 13:3-16).

Naqueles tempos antigos todos esses nomes eram familiares. Eram homens famosos entre os israelitas. Enfatizo este ponto porque não quero que você pense nem por um momento que alguns deles eram uns tipos inconfiáveis, destituídos de bom senso. Todos os doze eram líderes, mas apenas dois deles alçaram vôo altaneiro, acima da mentalidade restritiva, comuníssima no sistema.

Em quinto lugar, a missão deles era bem clara. Dolorosa e explicitamente clara.

> "Quando Moisés os enviou para explorar a terra de Canaã, disse-lhes: Subi ao Neguebe, e escalai as montanhas. Vede como é a terra, e o povo que nela habita, se é forte ou fraco, se poucos ou muitos. Como é a terra em que habita? É boa ou má? Como são as cidades em que vivem? São abertas ou fortificadas? Como e o solo? É fértil ou estéril? Tem matas ou não? Esforçai-vos, e trazei do produto da terra. Era o tempo das primícias das uvas" (vv. 17:20).

Missão designada. Desde que descobrissem estas coisas, missão cumprida! Nem uma só vez Moisés lhes disse: "E quando regressarem, dêem-nos conselho sobre se devemos ou não invadir a terra." Não, essa não foi a missão deles. Foi-lhes dito que percorressem a terra e fizessem um reconhecimento rápido, secreto, e voltassem com um relatório daquilo que houvessem observado.

Os espias partiram e demoraram-se quarenta dias.

> "Assim subiram, e espiaram a terra desde o deserto de Zim até Reobe, à entrada de Hamate. Subiram através do Neguebe, e vieram até Hebrom, onde vi-

> viam Aimã, Sesai e Talmai, filhos de Enaque (Hebrom tinha sido fundada sete anos antes de Zoã no Egito). Depois vieram até ao vale de Escol, e dali cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas, o qual dois homens trouxeram numa vara, bem como romãs e figos. Chamou-se aquele lugar o vale de Escol, por causa do cacho que dali cortaram os filhos de Israel. Ao fim de quarenta dias, voltaram de espiar a terra. Vieram a Moisés, a Arão e a toda a congregação dos filhos de Israel no deserto de Parã, a Cades. Deram-lhes conta a eles, bem como a toda a congregação, e mostraram-lhes o fruto da terra. Relataram a Moisés o seguinte: Fomos à terra a que nos enviaste. Ela verdadeiramente mana leite e mel! Este é o fruto dela" (vv. 21-27).

Enquanto estes doze homens estiveram na terra de Canaã, apanharam amostras dos frutos e as trouxeram consigo. Tendo regressado ao acampamento israelita, exibiram as uvas e demais frutos da terra.

O povo todo reuniu-se e ouviu o relatório dos espias. Tenho certeza de que houve alguns oh! e ah!

Relatório negativo

Enquanto toda a multidão ficava cada vez mais excitada, dez dos espias prosseguiram:

> "Mas o povo que habita nessa terra é poderoso, e as cidades fortificadas e mui grandes. Também vimos ali os filhos de Enaque. Os amalequitas habitam na terra do Neguebe; os heteus, os jebuseus e os amorreus habitam na parte montanhosa; e os cananeus habitam junto ao mar, e ao longo do Jordão. . . Porém os homens que com ele subiram disseram: Não poderemos atacar aquele povo; é mais forte do que nós" (vv. 28-29, 31).

Vejo-me com o desejo de gritar: "Ei, esperem um pouco! Quem lhes perguntou isso? Ninguém quer saber se somos capazes de subir ou não. A missão de vocês não foi essa, senho-

res! Deus já nos prometeu que essa terra é nossa. Só queremos saber como é essa terra."

Observe que esses dez homens extrapolaram os objetivos de sua missão:

> "E diante dos filhos de Israel infamaram a terra que tinham explorado, dizendo: A terra, pelo meio da qual passamos a espiar, é terra que devora os seus moradores. Todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. Também vimos ali gigantes (pois os descendentes de Enaque são de raça gigante), e éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos, e assim também lhes parecíamos" (vv. 32-33).

E então, que tipo de resultado destrutivo esta visão estreita ocasionou no povo? Caso você não tenha muita certeza quanto a se o negativismo e a visão restritiva são contagiosos, prossiga a leitura:

> "Então toda a congregação levantou a voz, e chorou em voz alta aquela noite. Todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e Arão, e toda a congregação lhes disse: Antes tivéssemos morrido na terra do Egito! ou mesmo neste deserto!" (Números 14:1-2).

Talvez você comente: "Como é que eles poderiam dizer coisas assim? Deus *havia prometido* que eles obteriam a terra!" É que o negativismo é infeccioso. E a falta de visão proveniente do sistema mundano engolfa-nos. O raciocínio humano sobrepõe-se à fé! O pensamento natural diz que não se pode vencer gigantes tão grandes. Se você invadir aquela terra, você não conseguirá vencer. O que eu quero dizer é: veja como são numerosos! Conte-os. *Todos* naquela terra estão contra esse bando de hebreus andarilhos! Acrescente a tudo isso os filhos de Enaque, os gigantes! Você não consegue ouvir os gritos dos israelitas: "Vamos ter de enfrentar gigantes!"?

> "E diziam uns aos outros: Levantemos um capitão, e voltemos para o Egito" (v. 4).

Sempre aparece um camarada com idéias criativas, tipo:

"Vamos dar o fora! Vamos voltar. A coisa está preta!" Imagine que golpe contra Moisés e Arão!

> "Então Moisés e Arão caíram sobre os seus rostos perante todo o ajuntamento dos filhos de Israel" (v. 5).

Quando a maioria é deficiente de visão, a miopia espiritual tende a cobrar ônus pesado daqueles que tentam liderar.

Relatório Positivo. . . Visão ilimitada

Ora, as notícias boas são que aqueles dez espias não foram os únicos a prestar relatório. De propósito, deixei fora até agora dois homens corajosos. Um deles chamava-se *Calebe.*

> "Então Calebe fez calar o povo perante Moisés, e disse: Subamos animosamente e possuamo-la em herança, pois certamente prevaleceremos contra ela" (13:30).

O outro chama-se *Josué.*

> "Josué, filho de Num, e Calebe, filho de Jefoné, dos que espiaram a terra, rasgaram as suas vestes" (14:6).

Ambos rasgaram suas vestes quando viram Moisés e Arão de rosto em terra, e disseram: "Esperem um pouco! Há o outro lado de tudo isto. Na verdade, há uma questão em jogo. É tempo de sermos corajosos. Vamos começar a ver este desafio com os olhos da fé!"

> "e disseram a toda a congregação dos filhos de Israel: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra muito boa. Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará. É uma terra que mana leite e mel. Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor, e não temais o povo dessa terra, porque como pão os devoraremos. A proteção deles se foi, mas o Senhor está conosco. Não os temais" (vv. 7-9).

Gosto destas palavras cheias de coragem. Elas sempre me fazem lembrar do salmo 27:

> "O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei? Quando os malvados, meus adversários e meus inimigos, avançam contra mim, para comerem as minhas carnes, tropeçam e caem. Ainda que um exército me cerque, meu coração não temerá; ainda que a guerra se levante contra mim, nele confiarei" (vv. 1-3).

Havendo visão não há lugar para o medo. Não há razão para a intimidação. É tempo de marchar! Vamos ser confiantes e positivos! Depois desse discurso de Calebe/Josué, as pessoas estavam prontas para aplaudir e dizer: "Bom trabalho. Avancemos!" Certo?

Errado. Veja você mesmo: "Mas toda a congregação disse que os apedrejassem" (Números 14:10). Este fato lhe diz o que as pessoas pensam do pensamento positivo. Aqui estão dois homens para quem Deus sorria. Dois homens que você e eu admiramos, homens de rara visão. Mas a maioria disse: "Eles estão errados. Não é possível que possamos resistir lutando contra tais obstáculos." Este tipo de atitude da maioria me faz lembrar de uma citação de Arnold Toynbee, mais ou menos assim: "É duvidoso que a maioria alguma vez tenha razão." Tais palavras sempre me fazem sorrir.

UMA QUALIDADE ESSENCIAL PARA A SINGULARIDADE

Atenção: não estamos estudando história antiga. Estamos meditando sobre o viver de hoje. Não estou interessado em escrever um livro que traça o caminho dos hebreus de Parã até Canaã. Estou muitíssimo mais interessado em ajudar pessoas como nós a enfrentar obstáculos de hoje e conquistá-los. No entanto, são obstáculos terríveis. Se você disser a um grupo de pessoas que há gigantes lutando contra você, sem hesitação a maioria dessas pessoas lhe dirá: "Desista disso, entregue-se, dê o fora." Entra a ansiedade. Sai a paz. Mas, desde quando as pessoas de fé conduzem seu viver na base da vista?

Você notou que algo estava claramente ausente nessa história? A primeira coisa que se perde quando se assimila o sistema é a visão corajosa. Visão — ingrediente essencial para

quem quer ser original, numa época de cópias — visão que se perde, desintegrada pelas circunstâncias. Isso é péssimo! A pessoa passa a focalizar o problema. Começamos numerando as pessoas. Começamos medindo sua altura e pesando-as. Em seguida, avaliamos as probabilidades. O resultado é previsível: Tornamo-nos intimidados e acabamos *derrotados*.

Qual é a sua Canaã? Qual é o seu desafio? Que gigantes fazem-no parecer como um gafanhoto, quando você os enfrenta? Como se lhe parece o futuro, quando você o avalia em relação a fatos e números? Você gostaria de não entregar-se, certo? Você gostaria de ser corajoso, não gostaria? Há um caminho aberto, mas você precisa ter uma qualidade essencial — visão.

Visão é a habilidade de ver a presença de Deus, perceber o poder de Deus, focalizar os planos de Deus, apesar dos obstáculos.

Gosto, às vezes, de soletrar as coisas de acordo com o ABC. Então, vamos encerrar este capítulo com um alfabeto de visão — A-B-C-D-E.

A. *Atitude*. Quando você tem visão, esta interfere com a sua atitude. Sua atitude passa a ser otimista, em vez de pessimista. Sua atitude torna-se positiva, em vez de negativa. Não totalmente positiva, como se fora uma fantasia, porque você conta com a presença de Deus em suas circunstâncias. Assim, quando surge uma situação em que você sente que o tapete foi puxado de sob os seus pés, você não levanta os braços cheio de pânico. Você não desiste. Em vez disso, diz: "Senhor, este é o teu momento. É aqui que tu assumes o controle. Tu estás comigo neste problema." Calebe e Josué voltaram, tendo visto os mesmos obstáculos que os outros dez viram, mas estes dois mantiveram uma atitude diferente. Lembra-se de suas palavras? "Somos capazes de vencer." E você também é, meu amigo.

B. *Base de fé*. Nada é mais importante do que ter uma forte base de fé no poder de Deus; ter confiança nas demais pessoas ao seu redor, engajadas em batalhas semelhantes às suas; e ter confiança, claro, em você mesmo, pela graça de Deus. Recusando-se a cair em tentação, a dar lugar ao cinismo, à dúvida. Não permitindo a você mesmo tornar-se uma pessoa desani-

mada. É terrivelmente importante que a pessoa tenha fé em si mesma.

C. *Capacidade*. Tenho em mente, aqui, a prontidão para o fortalecimento. Quando Deus faz com que você se defronte com sua Canaã, com todos os seus terríveis inimigos, Ele está dizendo, na verdade: "Você precisa estar disposto a ser fortalecido. Você deve permitir que sua capacidade seja invadida pelo meu poder." Não é verdade? As "impossibilidades" alegadas são meras oportunidades para que nossas capacidades sejam fortalecidas.

D. *Determinação*. Vou resguardar a maioria de meus comentários sobre este tópico para meu próximo capítulo. É suficiente que se diga aqui que determinação é você insistir em vez de desistir; as circunstâncias endurecem e você endurece mais duro ainda. Não tenho uma varinha mágica para agitar diante de seu futuro e dizer: "De repente, tudo irá para seus devidos lugares." A visão requer determinação, foco contínuo em Deus, que está observando e sorrindo.

E. *Entusiasmo*. Grande palavra esta: *entusiasmo*. Vem do grego *entheos*, "Deus em". É a capacidade de ver Deus numa dada situação, o que torna o evento excitante. Por falar nisso, você sabia que ele está observando? Você percebe isso? Algo acontece à nossa visão — quase miraculoso — quando nos tornamos convencidos de que Deus, nosso Pai celeste, participa de nossas atividades e as aplaude.

Bob Richards, o campeão olímpico de salto a cavalo, gostava de contar a história de paspalho metido a jogador de futebol. Um pouco ele jogava e um pouco estava "na cerca". Se alguém fazia alguma bobagem, esse alguém era ele. Nada era intencional, nenhuma tolice feita de propósito. Mas ele não dava sua contribuição ao time. Jogava sem dar-se, sem afinco. Vestia o uniforme e aparecia para jogar, mas nunca com entusiasmo.

> "Gostava de ouvir a torcida, não de enfrentar o adversário. Gostava de usar o uniforme, não de empenhar-se. Não gostava de expor-se. Um dia, os jogadores estavam exercitando-se, e este exibicionista 'descansava' entre eles. O treinador aproximou-se e disse-lhe:
>
> — Ei, moço, aqui está um telegrama para você.

O rapaz respondeu:

— Leia-o para mim, treinador. — Era tão preguiçoso que nem mesmo gostava de ler. O treinador abriu-o e leu: "Querido filho, seu pai morreu. Venha imediatamente para casa." O treinador engoliu em seco. E disse:

— Tire o resto da semana de folga.

Na verdade, ele pouco se incomodaria se o moço ficasse de folga o resto do ano.

Bem, foi engraçado, mas quando chegou o dia do jogo, na sexta-feira, e os times surgiram em campo, lá veio também, por último, o tal paspalhão. Ele se aproximou do treinador e pediu-lhe.

— Treinador, posso jogar? Posso jogar?

O treinador pensou e disse-lhe:

— Menino, você não vai jogar hoje. É decisão de campeonato. É jogo importante. Precisamos dos melhores jogadores em campo; e você não é um deles.

Cada vez que o treinador aparecia, o rapaz lhe rogava:

— Por favor, treinador, deixe-me jogar! Treinador, eu preciso jogar!

O primeiro tempo terminou com o marcador desfavorável ao treinador e ao seu time. Iniciou-se o segundo tempo, e a contagem piorou. O treinador, resmungando, começou a redigir seu pedido de demissão. Foi quando o rapaz aproximou-se dele outra vez:

— Treinador, por favor, deixe-me jogar!

O treinador olhou novamente para o marcador.

— Está bem, menino. Entre em campo. Você não poderá piorar nada, agora.

Tão logo o rapaz entrou em campo, seu time explodiu. Ele corria, driblava e atacava como um leão. O time eletrizou-se. A contagem de gols transformou-se: o jogo empatou. Nos últimos segundos do jogo, o rapaz pegou a bola e disparou correndo, livre, para marcar o gol da vitória! As arquibancadas quase vieram abaixo! O rapaz tornou-se o herói de toda a tor-

cida. Houve um aplauso como nunca se ouviu antes. Aos poucos a manifestação dos torcedores amainou e o treinador dirigiu-se ao jogador:

— Nunca vi coisa igual a essa. Que é que aconteceu?

— Treinador, o senhor sabe que o meu pai morreu na semana passada.

— Sim, respondeu o treinador. — Eu li o telegrama para você.

— Bem, treinador, meu pai era cego. Hoje foi a primeira vez que ele me viu jogar.

Pode ser que hoje seja o primeiro dia em que você perceba que o Pai celeste está observando você na vida. Na verdade, ele nunca está ausente, desinteressado, cego ou morto. Ele está vivo. Está observando. Ele se interessa por você. Esse interesse pode significar toda a diferença no mundo.

Até mesmo num mundo que é negativo e hostil. Até mesmo num mundo em que a maioria diz: "Não podemos fazer isso." Confie em Deus hoje. Com os olhos da fé, volte ao jogo. Jogue com entusiasmo. É hora de alçar vôo altaneiro, sublime. . . Isto é apenas outra maneira de dizer que chegou a hora de começar a viver diferentemente.

A palavra é *visão.*



6

Determinação: A Decisão de Jamais Desanimar

Por causa deste livro em que enfatizo as coisas mais importantes sobre que escrevo, seria fácil para algumas pessoas pensar que eu conheço um segredo mágico, amuleto ou pensamento milagroso capaz de curar tudo, com garantia de resultar em vôo altaneiro. Sinto muito, não tenho tal oferta. O viver acima da mediocridade não vai ocorrer mediante a tomada de uma pílula, ou pela repetição de alguma "abra-cadabra", ou pelo aprendizado e aplicação de alguma fórmula de efeito rápido. A qualidade de vida que eu tenho em mente é definitivamente possível, mas não é definitivamente utópica, à qual se tem acesso com facilidade e suavidade pelos portões do País da Fantasia.

Quando Jesus nos diz que busquemos "primeiro o reino de Deus", a própria palavra *buscar* implica numa perseguição com forte determinação. O texto grego do evangelho de Mateus estabelece uma ordem contínua: "Continuem buscando sem parar. . ." Há uma idéia de determinação, que eu defino como "decisão de não desanimar, a despeito de tudo".

Mas, não me interprete mal. Tenho em mente a determinação de fazer o que é reto. Entendo que alguns tipos criminosos poderiam facilmente assumir este preceito e entregar-se a uma vida de crimes, ou outra forma irresponsável de vida. Porém, quando o objetivo é bom e o motivo puro, nada existe mais valioso para conduzir ao sucesso genuíno do que a persistência

e a determinação. Se alguém quiser tornar realidade seu sonho há de possuir estas disciplinas.

Quase todas as semanas entro em contato com pessoas que se enganaram, pensando que o sucesso depende unicamente de talento, inteligência ou educação. Mas a lista não termina aqui. Para alguns o sucesso depende de novas oportunidades, de puxar os cordões certos, de ter a personalidade certa, de estar no lugar certo na hora certa, conhecer as pessoas certas, ou (sorrio cada vez que ouço isto) esperar que o navio chegue. O conferencista motivacional Charlie "Tremendo" Jones diz bem acertadamente: "Uma porção de pessoas está esperando que seu navio chegue, embora nunca o tenham enviado a lugar algum!"

Não. Nada disso. O fator conducente à grandeza é a determinação, a persistência na direção certa numa longa caminhada, perseguindo o sonho, persistindo no trabalho. Assim como não existe fracasso instantâneo, tampouco existe sucesso automático, ou instantâneo. Entretanto, o sucesso é o resultado direto de um processo longo, árduo e muitas vezes não-apreciado pelos outros. Também inclui a prontidão para o auto-sacrifício. Contudo, vale a pena se você persistir no trabalho. Neste nosso mundo de tudo-instantâneo, estes pensamentos não são populares. É por isso que enfatizei a palavra *buscar* no começo deste capítulo. Se realmente desejamos alçar vôo altaneiro e sublime, como o da águia, devemos persistir continuamente — devemos continuar buscando.

DEFINIÇÃO DOS TERMOS-CHAVES

No capítulo anterior, nossos pensamentos se centralizaram em *visão*. Neste capítulo, a ênfase está na *determinação* e *perseguição do sonho*. Visto que estes três termos são significativos na vida das pessoas que determinaram em seus corações que hão de viver de modo diferente, precisamos definir cada um deles de modo mais específico.

Visão

Visão é a capacidade de ver acima e além da maioria. Visão é percepção — a capacidade de a pessoa perceber a presença e o poder de Deus nas circunstâncias. Às vezes penso em visão

como sendo a capacidade de ver a vida através dos olhos de Deus, ver as situações como Deus as vê. Com demasiada freqüência vemos as coisas não como elas são, mas como nós somos. Pense nisso. Visão é ver a vida por uma perspectiva divina, interpretar o cenário tendo Deus em perfeito foco.

Quem quiser viver de modo diferente do "sistema" deve corrigir sua visão. Acredite, porém: este tipo de correção da visão não advém de modo natural. Como é que consigo dizer tal coisa? Permita-me mostrar-lhe algumas passagens escriturísticas que comprovam o fato de que a visão não constitui uma característica natural.

O primeiro versículo que desejo mencionar é 1 Samuel 16:7. Samuel julga ter encontrado o ungido do Senhor. O rei anterior (Saul) fracassou. Então Deus envia Samuel a fim de encontrar um novo rei. Samuel vai à casa de Jessé, onde o filho mais velho deste, Eliabe, marcha diante do profeta. O velho fica tão impressionado com a estatura e o belo físico de Eliabe, que pensa imediatamente ser esse o homem! Contudo, o Senhor intervém e diz-lhe que Eliabe *não* é o escolhido!

> "Porém o Senhor disse a Samuel: Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, pois o rejeitei. O Senhor não vê como vê o homem. O homem olha para o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração" (v. 7).

Como você mesmo pode perceber, nossa tendência natural é focalizar o externo, deixar-nos impressionar com o que pode ser visto. Não seria maravilhoso desenvolver a capacidade de ver o coração? Não seria ótimo livrarmo-nos das limitações da visão estritamente física, de tal modo que pudéssemos interpretar os traços ocultos do caráter? Francamente, acho que os cegos fisicamente com freqüência conseguem ver mais do que nós que somos dotados de visão. Muitas vezes eles conseguem perceber muito mais coisas do que nós no tom da voz, no ressoar de passos que se aproximam, ou no aperto de mãos. Entretanto, nós, que temos visão física, usualmente perdemos esta percepção de visão interior profunda; ficamos destituídos do tipo de visão que consegue detectar coisas mais profundas, aquilo que não se falou, o caráter, a condição oculta das coisas

não faladas. Embora Deus esteja capacitado a conceder-nos tal visão (e disposto a conceder-nos), ninguém nasce com tal dom.

O segundo trecho escriturístico que desejo considerar é um pensamento semelhante, escrito pelo profeta Isaías.

> "Pois os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos de que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos" (Isaías 55.8-9).

Mais uma vez ficamos conscientes da diferença existente entre a visão natural e a sobrenatural. Quando contemplamos a vida com visão, percebemos eventos e circunstâncias com a mente de Deus. E visto que os pensamentos de Deus são mais altos e mais profundos do que o mero pensamento horizontal, têm um modo de suavizar os golpes da calamidade e de nos conceder esperança em meio à tragédia e perda. Capacitam-nos, também, a controlar as épocas de prosperidade e popularidade com sabedoria.

Logo após o culto na igreja de que sou pastor, encontrei-me com um casal da cidade do México, que havia sofrido as conseqüências daquele horroroso terremoto de 1986. Falavam com calma e até com reverência das coisas que haviam aprendido nessa experiência. Havia algo singular no aperto de mão, no abraço, e uma compaixão graciosa na voz deles. Haviam perdido membros da família. Haviam sido atirados de volta aos elementos básicos que constituem a vida. Haviam visto os caminhos de Deus; experimentaram a presença dele. Naquele tumultuoso acontecimento haviam conseguido resolver o problema das armadilhas que se têm tornado expedientes superficiais para a maioria. Ficou bem claro que muitas coisas tornaram-se diferentes para eles — muito diferentes. Que é que penetrou na vida deles? A visão.

Determinação

Estabelecida a visão, este é o passo mais importante. Requer a aplicação da disciplina, a fim de a pessoa permanecer coe-

rente, a despeito dos obstáculos ou das probabilidades limitadas. Sempre penso que determinação é fé a longo prazo.

Vou ser franco com você. Não conheço uma técnica mais valiosa para conseguir a vida vitoriosa do que a determinação pura e obstinada. Nada funciona melhor no ministério do que a persistência — persistência na piedade, determinação no estudo diligente, persistência no compromisso com as prioridades do ministério, determinação no trabalho com as pessoas. Com freqüência eu me lembro das palavras de 2 Timóteo 4.2: "prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo." É um modo bonito de dizer: "Persista! Não desanime! Faça a obra quando for fácil e quando difícil. Execute-a quando muito animado, execute-a quando pouco animado. Trabalhe quando tiver vontade, trabalhe quando não tiver vontade. Faça-a no verão, faça-a no inverno. Continue a trabalhar. Não desista."

Concretização do sonho

Há outra dimensão na permanência firme, sem esmorecimento, que não ousamos desprezar. É uma coisa que mantém você imbuído da visão, a razão da determinação. Eu a chamo de sonho. Não me refiro àquilo que experimentamos à noite, enquanto dormimos. Quando o profeta Joel escreve a respeito de sonhos e de visões, ele não tem em mente aquelas imagens noturnas provenientes do subconsciente. Não. Quando falo de sonho, refiro-me a uma idéia, plano, agenda, objetivo provenientes de Deus e conducentes a resultados que honram o Senhor. As pessoas que voam como águias, que vivem acima da chatice da mediocridade, são pessoas que têm sonhos. Demonstram energia vinda de Deus porque receberam sonhos vindos de Deus.

A maior parte das pessoas não sonha o suficiente. Se alguém lhe perguntasse:

— Quais são os seus sonhos para este ano? Quais são as suas esperanças, a sua agenda? Você confia em que Deus lhe fará o quê?

Você conseguiria dar-lhe uma resposta específica? Não tenho em mente apenas objetivos ocupacionais, ou objetivos para a sua família, embora não haja nada de errado nessas coisas. Mas, que tal o tipo de sonho que resulta na edificação do

caráter, o que cultiva a justiça e o governo de Deus em sua vida?

Aqui estão mais algumas idéias sobre sonhos. Os sonhos são específicos, não gerais. São pessoais, não públicos. Deus não entrega meus sonhos a outra pessoa, numa tela de computador, de modo que os outros os vejam. Ele mos dá pessoalmente. São idéias e imagens íntimas. Os sonhos podem parecer aos outros facilmente como extremados e ilógicos. Se você partilhar seus sonhos com a multidão, as pessoas provavelmente rirão de você, visto que você não conseguirá dar lógica a seus sonhos. Eles se fazem acompanhar com freqüência de um desejo intenso de concretizá-los. E estão sempre fora do círculo das coisas esperadas. Às vezes são terrivelmente chocantes. Fazem com que as pessoas fiquem de respiração cortada, olhando para você de boca aberta. Uma reação comum, quando você partilha um sonho, é:

— Você está brincando! Fala sério?

Mais um pensamento a respeito de sonhos: É desse estofo que os líderes são feitos. Se você não sonha, sua liderança está seriamente limitada. Tenho um amigo muito chegado que dirige uma organização admirada e apreciada por muita gente. Ele põe à parte um dia, todos os meses, para não fazer coisa alguma senão orar e sonhar. Não me admiro de que sua organização seja considerada líder.

Os sonhos mentais ajudam-nos na determinação de nosso plano de vôo como águias que se elevam nos ares. Acrescenta-se um benefício maravilhoso: "obtemos um sucesso inesperado" de maneira natural, sem manipulações, sem fraudes e conchavos, sem a necessidade de empurrar e promover nossa imagem.

DOIS SONHADORES CHEIOS DE DETERMINAÇÃO

No capítulo anterior, encontramos dois homens de visão: Calebe e Josué. Voltemos à história deles agora e viajemos um pouco mais com eles.

Você se lembra de que Calebe e Josué estavam entre os doze espias que foram à Terra Prometida em missão de reconhecimento. Quarenta dias depois o grupo voltou e suas opiniões estavam divididas. Contrariamente à maioria em pânico, estes

dois trouxeram um bom relatório. Dez diziam:

— Não tem jeito!

Mas, estes dois discordavam.

— Somos capazes. Devemos subir a qualquer custo e tomar posse da terra.

Não se esqueça, todavia, de que Josué e Calebe estavam rodeados pela maioria de companheiros convencidos de que o exército israelita não conseguiria a vitória. Enfrentavam também uma enorme congregação de israelitas que concordavam com os pessimistas, e diziam:

— É impossível. Voltemos para o Egito.

— Entretanto, no meio de todas estas vozes negativas, aqueles dois homens calmamente fincaram pé, dizendo:

— Podemos vencer.

Então, eu lhe pergunto: Como é possível que homens inteligentes vejam o mesmo cenário de modo tão diferente? A resposta não é difícil: dois tinham visão, determinação e sonhos; os outros dez, não. É simples. Essa história é uma ilustração da vida. Gastamos nossos anos enfrentando a mesma dicotomia. Para tornar as coisas mais complicadas ainda, os que não têm visão nem determinação, e se recusam a sonhar com o impossível, *sempre* constituem a maioria. Portanto, sempre ganham na votação. Sempre falarão mais alto, e sempre estarão com a maioria, em relação aos que andam pela fé e não pela vista, que procuram o reino de Deus e sua justiça. Os que procuram viver pela vista sempre são maioria, sempre mais numerosos dos que os que vivem pela fé.

Dez viram o problema; dois, a solução. Dez viram os obstáculos, dois, o caminho. Dez impressionaram-se com o tamanho dos gigantes; dois, com o tamanho de Deus. Dez focalizaram o que não podia ser realizado; dois, o que podia ser facilmente executado pelo poder de Deus. Vamos repetir: a persistência demonstrada por Josué e Calebe é simplesmente marcante. Nenhum dos dois era mais inteligente nem mais talentoso do que os outros dez. Eles apenas possuíam determinação tenaz.

Você se lembra das palavras que saíram do coração de Calebe e Josué?

"Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar

> nessa terra, e no-la dará. É uma terra que mana leite e mel. Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor, e não temais o povo desta terra, porquanto como pão os devoraremos. A proteção deles se foi, mas o Senhor está conosco. Não os temais" (Números 14:8-9).

Estes homens estão lembrando aos hebreus que os egípcios haviam perecido no mar Vermelho, e que os povos que vão enfrentar em Canaã tampouco estão protegidos. A proteção lhes fora removida:

> ". . . como pão os devoraremos. A proteção deles se foi, mas o Senhor está conosco. Não os temais" (v.9).

Estamos falando de coragem! Calebe e Josué tiveram a audácia de ver-se sozinhos desafiando o povo a que confiasse em Deus. E Deus honrou a coragem deles. Eu não o mencionei antes, mas algo espantoso aconteceu antes de a tragédia abater-se:

> "Mas toda a congregação disse que os apedrejassem. Então a glória do Senhor apareceu na tenda da congregação a todos os filhos de Israel" (v.10).

Sim! É hora de calar a boca, de ficar quieto e ouvir. O brilho estonteante da presença de Deus manifestou-se naquele acampamento, e Deus falou audivelmente:

> "Disse o Senhor a Moisés: até quando me provocará este povo, e até quando não crerá em mim, apesar de todos os sinais que fiz no meio deles? Com pestilência o ferirei, e o rejeitarei, mas farei de ti povo maior e mais forte do que este. Respondeu Moisés ao Senhor: Os egípcios ouviram que com a tua força fizeste subir este povo do meio deles, e o contarão aos moradores desta terra. Eles têm ouvido que tu, ó Senhor, estás no meio deste povo, que face a face, ó Senhor, lhes apareces, que a tua nuvem está sobre eles, e que vais adiante deles numa coluna de nuvem de dia, e numa coluna de fogo de noite. Se fazes perecer a este povo como a um só homem, as gentes que ouviram a tua fama, dirão: O Senhor não pôde introduzir este

> povo na terra que lhes tinha jurado; por isso os matou no deserto. Agora, rogo-te que a força do meu Senhor se engrandeça, como disseste: O Senhor é longânimo, e grande em beneficência, que perdoa a iniqüidade e a transgressão, que o culpado não tem por inocente, e visita a iniqüidade dos pais sobre os filhos até à terceira e quarta geração. Perdoa a iniqüidade deste povo, segundo a grandeza da tua benignidade, como também perdoaste a este povo desde a terra do Egito até aqui" (Números 14:11-19).

— Senhor, que diremos aos egípcios? Essa é a razão porque deixaram o povo sair, em primeiro lugar. . . porque tu és seu Deus. Se tu aniquilares a todos, os egípcios rirão por último. Tu serás um escárnio para eles.

Excelente discurso, Moisés! E eficaz! Observe os resultados:

> "Disse o Senhor: Conforme a tua palavra lhe perdoei. Porém, tão certo como eu vivo, e que a glória do Senhor encherá toda a terra, nenhum dos homens que viram a minha glória e os meus sinais que fiz no Egito e no deserto, e me tentaram estas dez vezes e não obedeceram à minha voz, nenhum deles verá a terra que prometi com juramento a seus pais. Nenhum daqueles que me desprezaram a verá. Porém o meu servo Calebe, porque nele houve outro espírito, e perseverou em seguir-me, eu o levarei à terra em que entrou, e a sua semente a possuirá em herança" (Números 14:20-24).

Não deixe de meditar neste fato! Calebe tinha "um espírito diferente." Seria ele um tipo de super-homem? Um gênio? Não, nunca lemos tal coisa, nem aqui nem em parte alguma. Ele era simplesmente um homem de visão, que engendrava sonhos grandiosos, aos quais se apegava. Não é de admirar que Calebe voasse altaneiro como águia!

O resultado foi que Deus protegeu a ele e a Josué, de modo que não morreram no deserto.

> "Não entrareis nesta terra, a respeito da qual eu, levantando a mão, jurei de nela vos fazer habitar, salvo

> Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num. Mas os vossos filhos, dos quais dizeis que seriam levados como presa, eu os introduzirei nela, e eles conhecerão a terra que desprezastes. Quanto a vós, porém, os vossos cadáveres cairão neste deserto. Vossos filhos serão pastores neste deserto durante quarenta anos, sofrendo por causa das vossas infidelidades, até que os vossos cadáveres se consumam no deserto. Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniqüidades quarenta anos, e conhecereis o meu desagrado. Eu, o Senhor, falei, e certamente assim farei a toda esta má congregação, que se levantou contra mim. Neste deserto se consumirão, e morrerão" (Números 14:30-35).

Penso que houve, aqui, um terrível julgamento. Deus apanhou todo o povo que fizera parte do grupo original, que votara a morte por apedrejamento dos líderes, e disse:
— Vocês todos morrerão no deserto. Serão andarilhos durante quarenta anos.

Você consegue imaginar o desapontamento do povo? Estavam bem na fronteira da terra da promessa, mas retiraram-se e caminharam sem destino, virtualmente em círculos, pelos quarenta anos seguintes, enquanto a antiga geração de pensadores negativos morreu. Seus corpos literalmente recobriram o deserto. Cada túmulo era um lembrete de que Deus fala seriamente; ele não brinca, ao falar-nos.

Por que Calebe e Josué não se incluíram entre os condenados à morte? Porque tinham um espírito diferente. Algo naqueles dois homens marcava-os e diferenciava-os.

Será que Calebe acabou bem?

Calebe e Josué começaram bem. Mas, a magna questão é: essas duas águias mantiveram seu vôo altaneiro? Encontramos a resposta no livro de Josué. Veremos se Calebe acabou bem (Josué 14) e depois, veremos brevemente o fim de Josué (Josué 24).

A velha geração já morreu. Os seus descendentes invadiram a terra e lutaram até conseguir a vitória. Exatamente como lhes

havia prometido, Deus lhes deu a terra. Agora, estão prestes a dividi-la entre as tribos da nação. Quando chegou a vez de Calebe, ele se levantou e pronunciou um dos mais belos discursos registrados na Bíblia:

> "Eu tinha quarenta anos, quando Moisés, servo do Senhor, me enviou de Cades-Barnéia para espiar a terra. E eu lhe trouxe resposta como sentia no meu coração. Mas meus irmãos, que subiram comigo, fizeram derreter o coração do povo. Eu, porém, perseverei em seguir ao Senhor meu Deus. Então Moisés naquele dia jurou, dizendo: Certamente a terra que pisou o teu pé será tua, e de teus filhos, em herança perpetuamente, porque perseveraste em seguir ao Senhor meu Deus. Agora, pois, o Senhor me conservou em vida, como falou; quarenta e cinco anos há desde que o Senhor falou esta palavra a Moisés, andando Israel ainda no deserto. E já agora tenho oitenta e cinco anos de idade. Ainda estou tão forte como no dia em que Moisés me enviou; qual era a minha força então, tal é agora, para a guerra, para sair e para entrar. Agora dá-me este monte de que o Senhor falou naquele dia. Naquele dia tu ouviste que os enaquins estavam ali, bem como cidades grandes e fortes. Porventura o Senhor será comigo para os expulsar, como prometeu" (Josué 14:7-12).

Como eu gosto desta passagem! Calebe, embora tivesse oitenta e cinco anos, não disse:

— Dê-me uma cadeira de balanço.

Não! Calebe não diria isso. Disse, porém:

— Dá-me este monte... os enaquins e grandes e fortes cidades!

Continuava não tendo medo de gigantes. A última coisa que vemos em Calebe é sua marcha montanha acima, aos oitenta e cinco anos, arregaçando as mangas a fim de liquidar os gigantes. Você não gosta de pessoas assim — pessoas que vivem acima da mediocridade? A maioria pensa que tais pessoas são meio malucas mas deixemo-las de lado. Desde quando nós nos preocupamos com a opinião da maioria?

Agora entendemos a razão porque Calebe era um vencedor, não entendemos? Ele tinha visão. Determinação. A idade nada tinha que ver com essas qualidades.

Há algum tempo publicou-se um anúncio de página inteira, intitulado: "O que importa é o que você faz, não quando o faz." A mensagem continha uma relação de pessoas semelhantes a águias que alçaram vôo em diferentes idades:

Golda Meir tinha 71 quando se tornou Primeira Ministra de Israel.

William Pitt II tinha 24 quando se tornou Primeiro Ministro da Grã-Bretanha.

George Bernard Shaw tinha 94 quando uma de suas peças foi encenada pela primeira vez perante o público.

Mozart tinha sete quando sua primeira composição foi publicada.

Que tal? Benjamin Franklin era colunista de jornal aos 16 anos e aos 81 ajudou a formular a Constituição dos Estados Unidos.

Você nunca é jovem demais, nem velho demais, se tem talento. Reconheçamos que a idade pouco tem que ver com a capacidade.

Lembre-se disso na próxima vez que se sentir tentado a usar a idade como desculpa. Certo? Diga a você mesmo continuamente que a idade não tem NADA que ver com os sonhos, a determinação, e a visão.

Será que Josué acabou bem?

É suficiente o que dissemos sobre Calebe. Mas, teria Josué acabado tão bem como Calebe? Sua determinação teria permanecido intacta? À semelhança de Calebe, ele também proferiu um lindo discurso. Depois de fazer um resumo da orientação de Deus na vida da nação, Josué a advertiu desta forma:

> "Esforçai-vos muito para guardar e cumprir tudo o que está escrito no livro da lei de Moisés, para que dele não vos aparteis, nem para a direita nem para a esquerda. Não vos mistureis com estas nações que ainda restam no vosso meio; não fareis menção dos nomes de seus deuses, não os invocareis nos vossos juramentos, não os servireis, nem a eles vos incli-

> nareis. Mas ao Senhor vosso Deus vos achegareis, como fizestes até ao dia de hoje. O Senhor expulsou de diante de vós grandes e numerosas nações; quanto a vós outros, ninguém vos tem podido resistir até ao dia de hoje" (Josué 23:6-8).

Qual é o tema de Josué? "Expulsai o inimigo!" Que é que você acha disso? Aqui está um ancião dizendo à geração mais jovem:

— Terminem o serviço. Permaneçam firmes. . . façam a obra!

Finalmente, Josué refere-se a si mesmo e à sua família:

> "Agora temei ao Senhor, e servi-o com sinceridade e com verdade. Deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do Rio e no Egito, e servi ao Senhor. Mas se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais, se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam dalém do Rio, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor" (Josué 24:14-15).

Na verdade, não ficou nenhuma dúvida na mente de ninguém que Josué acabou bem. Tinha convicções tão firmes agora como quando era moço. Ele não é um excêntrico. Visto que não existe maneira de inculcar-se pela força o espírito de justiça em alguém, Josué preferiu servir de modelo de justiça, e comunicá-la. Ele percebeu que a consecução da piedade é coisa que você deve deixar à vontade de cada indivíduo, para que tome sua própria decisão. Muitos de nós temos tentado forçar as pessoas a serem justas!

Lembro-me de quando não estava nem um pouco interessado nas coisas espirituais e minha mãe levava-me a igreja após igreja (pelas mais excelentes razões). Chegando à igreja, eu não via a hora de sentar-me e ferrar no sono. Queria provar que não estava interessado nas coisas que interessavam a ela. Graças a Deus, porém, depois de algum tempo, a maneira de eu ver as coisas eternas começou a mudar. Alterou-se toda a minha perspectiva do Senhor e, depois disso, ninguém conseguia afastar-me das coisas de Deus. Contudo, veja bem: eu não podia ser forçado. Tive de fazer minha própria escolha. Josué declara

esta verdade de modo maravilhoso. Ao fazê-lo, não deixa nem sombra de dúvida sobre qual é a sua posição.

NOTAS DIGNAS DE SEREM LEMBRADAS

Três notas importantes salientam-se ao chegarmos ao final deste relato. *A idade pouco tem que ver com as realizações e nada com a fidelidade.*

Josué e Calebe eram ambos bem jovens quando se levantaram sozinhos, diante de seus companheiros. Entretanto, quando envelheceram continuaram firmes. Ambos persistiram em suas convicções a despeito da passagem dos anos. Permaneceram verdadeiros ao envelhecer. As fileiras humanas estão repletas de pessoas que *começaram* bem. Com determinação e persistência, nós também poderemos acabar bem. Nestes dias, em minha vida, fico procurando pessoas que estão acabando bem. Gosto de encontrar pessoas aos 60, 70 e 80 que ainda têm visão, ainda têm sonhos, ainda se excitam ao prosseguir na luta pela vida, ainda se mostram positivas a respeito do futuro — homens e mulheres úteis em suas esferas de influência.

Esse otimismo nos leva à segunda nota: *Uma vida piedosa é a base da vida positiva.* Josué e Calebe prosseguiram repetindo sempre o pacto integral, firme, que estabeleceram com Deus. Creio que essa é uma das razões mais importantes porque permaneceram pensando positivamente. Sem uma perspectiva apropriada, divina, é fácil a penetração do negativismo e do cinismo. Assim, se você deseja manter uma vida positiva, plena de realizações, deve manter o Senhor no centro de sua motivação.

Agora, vamos ver a terceira nota.

As convicções são uma questão de escolha, não de obrigatoriedade. Os pais de crianças que estão crescendo e aprendendo mantêm este conceito em mente. Lembre-se de que não existe nada semelhante à atração magnética de um exemplo. Você pode gritar e espernear. Pode disciplinar, punir e ameaçar. Porém, esses meninos vão se lembrar do exemplo que você deixar com eles, mais do que de qualquer outra coisa. Seu exemplo ficará cimentado na memória deles. Dê um bom exemplo de vida, continue a viver segundo esse padrão, e persevere. Esse exemplo constituirá um ímã que os atrairá. Desejarão

saber, especialmente ao ficarem mais velhos, como é que você vive. Se não souberem nessa ocasião, terá chegado o momento de dizer-lhes. É a sua vez. Nossos filhos têm o jeito deles de dar-nos um sinal de que estão prontos para aprenderem alguma coisa — até mesmo quando já atingiram a idade adulta.

VALE A PENA DUPLICAR ESTAS APLICAÇÕES

Permita-me sugerir quatro "nuncas." Isto lhe parecerá um tanto estranho, porque minha ênfase tem sido positiva, mas, penso que estes "nuncas" serão mais bem lembrados:

- Nunca use a idade como desculpa.
- Nunca vá buscar indicações na multidão.
- Nunca pense que suas escolhas obrigam outra pessoa. (Se você pensa que sim, tornar-se-á um mártir por vontade própria).
- Nunca vá embora porque alguém discorda de você.

Se você é tão inseguro que precisa que todos concordem com você para poder continuar, saiba que aguarda-o um futuro incerto. Receio que você não vá conseguir exercer liderança. Que o Senhor lhe dê nova coragem para permanecer firme até quando as demais pessoas discordam de você!

Se você decidiu viver de modo diferente, permita que Deus seja seu guia e não desanime — siga seus sonhos com determinação. Subitamente, você estará voando tão alto quanto uma águia.



7

Prioridades: Determinação do Que Vem em Primeiro Lugar

A vida se parece bastante com uma moeda: você pode gastá-la da maneira que quiser, mas só poderá gastá-la uma vez. Escolher uma coisa em detrimento de todas as outras, durante a vida inteira, é coisa difícil de fazer. Tal fato é especialmente verdadeiro quando as escolhas são muitas, e as possibilidades estão bem à mão.

No Natal, um de meus amigos mais chegados me presenteou com um livro: "A Sense of History", (Sentido da História). Conhecendo minha apreciação da história, ele escolheu um desses volumes que você precisa ler com vagar, dispondo de bastante tempo para ir digerindo a leitura. É interessante que as primeiras trinta e sete páginas formam uma seção intitulada "Gostaria de Ter Presenciado". Perguntou-se a numerosos historiadores, eruditos, autores e editores, que incidente da história norte-americana teriam escolhido como o que mais gostariam de ter presenciado. Pediu-se a todos que respondessem à mesma pergunta intrigante:

— Qual é a cena ou incidente da história norte-americana que você mais gostaria de ter presenciado, e por quê?

Vi-me preso àquelas trinta e sete páginas, fascinado pelas respostas. Aqui vão algumas amostras:

- Um historiador declarou que teria gostado de estar entre aquele punhado de marinheiros, naquele momento que antecedeu a aurora, ainda sob a luz da lua, em 12 de outubro de 1492, quando um vigia a bordo do pequeno barco saudou as praias arenosas da ilha que jamais fora vista antes por olhos europeus.
- Outro comentou que gostaria de ter tido uma vida tão longa, que lhe tivesse sido possível sentar-se num cais, entre 1.200 e 1.500 d.C. a fim de ver quem chegou aqui, além de Colombo e Sebastião Cabot.
- Outro afirmou que gostaria de ter estado com Lewis e Clark em novembro de 1805 quando estes homens viram, pela primeira vez, o objeto de seu labor, o Oceano Pacífico. Ele desejava ter podido espiar por sobre os ombros de William Clark quando este rabiscou em seu diário de bordo: "Oceano à vista — oh! que alegria!"
- Uma resposta interessante veio de alguém que desejava ter testemunhado o momento íntimo, nostálgico, em que Abraão Lincoln, o presidente-eleito, despediu-se de seus vizinhos de Springfield.
- Um professor de história de Yale escolheu para sua fantasia a oportunidade de espiar o interior da mente de Robert E. Lee, quando lhe foi oferecido o comando das tropas da União, em 1861.
- Outro adiantou-se na história, chegando à Proclamação da Escravatura. Não escolheu estar ao lado do Presidente Lincoln mas, em vez disso, numa pequena comunidade da Carolina do Sul, onde uma multidão incluindo grande número de escravos ouviu a notícia de que as pessoas pretas agora estavam livres. Desejou ver a bandeira drapejando nos ares, e ouvir o cântico espontâneo dos escravos que naquele momento se libertavam.
- Outro gostaria de estar ao lado de Franklin Delano Rosevelt, em 7 de dezembro de 1941, quando este recebeu a notícia do ataque japonês. Disse que gostaria de ter visto aquele que trouxe a notícia de Pearl Harbor, e descobrir com quem Roosevelt entrou em contato em primeiro lugar. . . e saber quando ele iniciou seu discurso do "Dia da Infâmia".

- Disse um dos entrevistados que houve uma época em que gostaria de ter sido uma mosca colada na parede do abrigo subterrâneo de Hitler e observar os últimos dias e horas do Terceiro Reich. — Agora, não desejo mais. Na última década, entreguei-me inteiramente ao desejo de ter podido estar na Casa Branca, no dia em que Richard Nixon decidiu demitir-se da Presidência, e ajoelhou-se ao lado de seu velho amigo Henry Kissinger para orar.

O que torna interessante a seção de abertura daquele livro de história é que ela se baseia inteiramente em prioridades. Àqueles historiadores eruditos pediu-se que apontassem uma planta naquele vasto campo histórico que cobre centenas de anos; pediu-se que escolhessem uma flor, que gostariam de ver desabrochar — um momento no tempo que gostariam de ter vivido.

NOSSA PRIORIDADE NÚMERO UM

A tarefa solicitada àqueles historiadores é um tanto parecida com a das pessoas que almejam viver acima da mediocridade. Somos obrigados a escolher baseados em que as coisas prioritárias devem vir em primeiro lugar. Jamais alçaremos vôo à semelhança da águia enquanto não estivermos determinados a estabelecer quem e o que vêm em primeiro lugar. A vida coloca diante de nós centenas de possibilidades. Algumas são más. Muitas são boas. Umas poucas são as melhores. Contudo, cada um de nós deve decidir: "Qual é a minha escolha? Qual é a minha razão para viver?" Em outras palavras: "Que prioridade assume o primeiro lugar em minha vida?"

Para expor a verdade completa diante de você, devo dizer-lhe, entretanto, que não dispomos de numerosas possibilidades. Jesus deu-nos a maior das prioridades. Já a vimos várias vezes:

> "Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mateus 6:33).

O que Jesus disse, na verdade, foi o seguinte: "Esta é a sua prioridade, o que vem em primeiro lugar." Ele chegou a usar

as palavras: "Mas buscai *em primeiro lugar*", querendo dizer: acima e antes de qualquer coisa, persiga isto *em primeiro lugar.*

Antes de prosseguir, vamos examinar de perto esta ordem. A palavra grega traduzida por "buscai" significa "procurar, lutar por, desejar ardentemente". A ação é contínua — "continue lutando, prossiga procurando, permaneça desejando." Hoje, diríamos: "coloque todos os seus esforços *primeiramente em. . .*"

Olhe agora mais atentamente e observe dois objetivos: o reino de Deus e a justiça de Deus. Francamente, nem precisamos orar pela nossa prioridade número um. Apenas precisamos identificá-la e, em seguida, executá-la. Se eu devo buscar primeiro, em minha vida, o reino de Deus e a justiça de Deus, tudo quanto eu fizer deverá estar relacionado a estes objetivos: onde trabalho, com quem passo meu tempo, com quem vou casar-me ou a decisão de permanecer solteiro. Todas as decisões que eu tomar deverão ser filtradas por Mateus 6:33: onde vou investir meu dinheiro, onde e como vou despender meu tempo, o que vou comprar, o que vou vender, o que vou dar. Esta prioridade significa que é preciso que se faça uma pergunta dupla, antes de cada decisão: é para o reino de Deus? relaciona-se com a justiça de Deus?

LEMBRETE DE VALORES NÃO VISTOS

Creio que você entende que o reino de Deus e sua justiça não podem ser vistos. Jamais você encontrará o reino de Deus sob forma tangível, nesta terra, em nossa vida. Nunca ouviremos os sons do reino de Deus, nem o veremos reinando, nem ouviremos o som de martelo de juiz, nas mãos do Senhor Jesus, na corte em que ele se assenta como Soberano. Não. Como vimos anteriormente, no presente tempo seu reinado é invisível, inaudível e eterno. Assim, os que dentre nós desejam alçar vôo acima da mediocridade têm um compromisso com o reino de Deus que obriga a fazer escoar a vida toda através do filtro de algo invisível, inaudível e eterno.

Este filtro (Mateus 6:33) me ajuda a conduzir minha vida em termos da prioridade número um. Devo fazer isto? é para o reino de Deus? é para sua justiça? devo reagir desta maneira? minha decisão honrará a justiça de Deus? Creia-me que tudo

isso poderá tornar-se uma exigência dura. É sempre muito difícil estabelecer prioridades. Além disso, há ocasiões em que *pensamos* que atingimos nossos objetivos, mas estamos enganados. Se nosso coração for justo, Deus controlará com graça e firmeza até as coisas que lhe pedirmos.

Ao meditar na ordem de Jesus, noto que ela começa com um contraste: "Buscai, pois. . ." havendo nela uma implicação de que há pessoas que *não* estão buscando. Quem são elas? O versículo anterior no-las identifica. São pessoas chamadas de gentios. De fato, veja o que diz esse versículo:

> "Pois os gentios procuram todas estas coisas. De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas elas" (Mateus 6:32).

A fim de podermos identificar "todas estas coisas," precisamos voltar ao versículo 24:

> "Ninguém pode servir a dois senhores. Ou há de odiar a um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas" (Mateus 6:24).

Este versículo nos ajuda a compreender que os "gentios" são aqueles que estão tentando servir a dois senhores. Contudo, Jesus não transige: "Não podeis servir a Deus e às riquezas."

Tome cuidado, agora! Jesus não está dizendo que é impossível alçar vôo de águia e ao mesmo tempo ganhar dinheiro. A palavra-chave é *servir*. Não podemos servir a ambos. Viver de acordo com o padrão de vida do reino significa que tudo precisa prostrar-se diante do trono, sob a autoridade do Soberano. Tudo se retém, mas com desprendimento.

Quais são as coisas tangíveis a que você se prende? Que é que você está segurando com força? Essas coisas se tornaram sua segurança? Você é escravo de alguma imagem? Está escravizado a algum nome, à altura do qual tenta viver? Um emprego? Posses? Uma pessoa? Um objetivo? (Não há nada errado em a pessoa ter objetivos; errado é o objetivo prender a pessoa com cadeias). Agora, vou dar-lhe uma pista. Se não consegue libertar-se, é que a coisa que o prende constitui prioridade para você. É impossível alguém ser escravo das coisas, ou

pessoas, e ao mesmo tempo ser escravo de Deus.

Agora, antes de permitirmos que esta idéia de libertação pareça rígida demais, vamos dar mais uma olhada na maravilhosa promessa do versículo 33. A segunda metade desse versículo diz: "todas estas coisas vos serão acrescentadas." Que interessante! Você se lembra do versículo 32: "os gentios é que procuram todas estas coisas"? Muito bem, Jesus está dizendo, agora, que "todas estas coisas vos serão acrescentadas." Os que buscam estas coisas estão fora de rota. Mas, os que buscam a Jesus receberão tudo de que necessitam. Depois de você haver ponderado muito bem, verá que tudo depende do que você considera prioridade. Não é um alívio? Desde que tenha entregue tudo ao Senhor, que tudo sabe, ele poderá voltar-se para você e permitir-lhe desfrutar de tudo, com abundância. Ele poderá também, em vez disso, manter essas coisas longe de você, a distância segura, permitindo-lhe desfrutar algumas, de vez em quando. Entretanto, todas essas coisas lhe serão acrescentadas, a partir da mão do Senhor, não da sua. Jamais acontece que Deus fica sem recursos a fim de efetuar esta realidade em sua vida.

QUEM ESTÁ EM PRIMEIRO LUGAR?

Pesquisando os caminhos necessários para chegarmos a viver de maneira diferente em nosso mundo, consideramos a visão, a determinação e, agora, as prioridades. Mas quando tratamos das prioridades, sentimos que o arrocho apertou mais, não é? É o que acontece quando estamos determinados a viver acima da mediocridade. Quebrar o ímã que arrasta as coisas à frente de Deus é um processo longo e, às vezes, doloroso. Há umas palavras no Talmude judeu que diz isso muito bem: "O homem nasce com as mãos fechadas; morre de mãos abertas. Ao entrar na vida, ele deseja agarrar todas as coisas; ao deixar o mundo, tudo quanto possuía foi-se."

Há umas palavras em Colossenses 1 que sempre me encorajam quando as coisas começam a sumir. Visto que a vida é uma moeda que só pode ser gasta uma vez, tais palavras constituem excelente lembrete para nós a respeito de quem é que merece nossos investimentos. Essas palavras se iniciam com uma referência a Deus, o Pai:

> ". . .e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados" (vv. 13-14).

Eis uma declaração maravilhosa da redenção eterna de Deus. Ele nos libertou das trevas para a luz. E transferiu-nos, observe bem, para um novo reino — reino invisível — onde há valores nos quais vale a pena investir, e onde vivemos livres das armadilhas das coisas, das pessoas, dos eventos e das idéias humanas. Chama-se "reino do Filho do seu amor (Jesus Cristo)". Ele nos transferiu para um novo reino, nova esfera de existência onde somos revestidos da perfeita justiça e perdão do Filho.

Que declaração maravilhosa, a que se segue!

> "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação. Pois nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele" (vv. 15-16).

Tudo quanto foi criado, foi por Cristo e seu poder; e mais ainda, foi criado para honra dele. Inclusive as coisas rotineiras de nossos dias. Você tem um bom emprego? Seu emprego deve ser usufruído em Cristo. Você tem um bom salário? Deve ser usufruído e investido em Cristo. Você goza de boa saúde? É para Cristo. Você tem família? Os membros da sua família são de Cristo. Você está planejando uma mudança? Deve ser feita em Cristo. Está pensando numa mudança de carreira? Precisa ser por Cristo. Tudo isso é verdade porque Cristo é o Senhor do reino a que pertencemos. É Senhor nosso. Não se trata apenas do título de um cântico espiritual que os crentes entoam; trata-se de profissão de fé. Ele tem o direito de controlar nossas decisões, de tal maneira que seja honrado por elas. Todos os meus dias eu devo viver assim. Repetimos: é uma questão de prioridades.

> "Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele" (v. 17).

Como é maravilhosa esta passagem das Escrituras! Em todas estas coisas, Cristo está no centro. Ele está nas coisas, age através das coisas, congrega todas as coisas. É como se ele fosse uma cola que mantém todas as coisas juntas. Coloca as estrelas no espaço, e o movimento delas é exatamente o determinado pelo seu cronômetro soberano; segue com exatidão o que ele determinou. Tudo no firmamento se processa exatamente de maneira estipulada pelo Senhor. Entretanto, o problema do Senhor não são os astros no espaço. A luta tremenda do Senhor é com as pessoas na terra, que aqui foram colocadas, e que querem viver à sua própria maneira. Observe o versículo seguinte:

> "E ele é a cabeça do corpo, a igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência" (v.18).

Dedique algum tempo àquelas sete últimas palavras. Leia-as em voz alta. Pense nelas com profundidade. Imaginemos que você seja uma jovem que está namorando um rapaz. Você parece estar gostando desse homem. Cristo tem a *primazia* nesse relacionamento? Ou será que você decidiu que um comprometimento da moral na verdade é coisa melhor? Talvez tenha decidido não manter um padrão estrito de pureza, como anteriormente. Se tomou essa decisão prioritária, enfrente-a, então: Cristo não ocupa, verdadeiramente, o primeiro lugar nesse romance.

Você está travando uma luta tremenda, agora mesmo, sobre uma decisão que requer que faça o que é exatamente certo, e com isso perca a intimidade de uma pessoa, ou que você ceda um pouco e mantenha essa amizade? Você sabe o resto da história. Se Cristo tiver máxima prioridade, as escolhas deverão ser feitas de acordo com o padrão de justiça dele. Tudo quanto fizermos há de ter credibilidade, ou nossas ações não cairão na categoria da busca do reino de Deus e sua justiça. Por que estou pondo tanta ênfase aqui? Porque o Senhor precisa ocupar o *primeiro lugar* em tudo. Todos quantos estão comprometidos com a excelência dão absoluta prioridade a Cristo.

UMA REAÇÃO DE RELEVÂNCIA INCRÍVEL

Em certa ocasião Jesus tomava uma refeição com um grupo de pessoas. Quando alguns convidados começaram a escolher lugares de honra à mesa, Jesus lhes contou uma história a respeito de humildade. E disse ele ao anfitrião:

> ". . . quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos, e serás bem-aventurado. Embora eles não tenham com que te recompensar. . . Ouvindo isto um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado o que comer pão no reino de Deus" (Lucas 14:13,15).

Interessante! Alguém diz tais palavras a Jesus! Finalmente a aurora raiou. Ele absorveu a mensagem! "Senhor, eu ouvi o que tu disseste, e ficou claro para mim que a pessoa que se sente realmente realizada, que está satisfeita, genuinamente alegre, é a que se alimenta do teu pão, come das tuas provisões, e vive sob tua luz, enquanto estiver na terra. Eu creio nisso, Senhor. Conta comigo!" Esta é a idéia geral.

Jesus ouviu a reação desse homem e relatou outro caso, que ilustra tudo quanto venho tentando dizer neste capítulo:

> "Jesus respondeu: Certo homem deu uma grande ceia e convidou a muitos. Na hora da ceia mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, pois tudo já está preparado" (Lucas 14:16-17).

Ressoa a campainha. "A ceia está pronta! Entrem todos, a ceia está sendo servida." Mas, espere um pouco. Cristo não está falando de uma refeição literal. Trata-se de uma parábola, lembra-se? Ele fala de uma refeição espiritual — algo que satisfaz a vida da pessoa no âmbito do reino. Ele está dizendo o seguinte: "Estou servindo uma refeição que te satisfará. Vem comer." Você poderia pensar que todas as pessoas saltariam depressa e se reuniriam para comer. Nada disso.

> "Mas todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Comprei um campo e preciso ir vê-lo. Rogo-te que me dês por escusado" (Lucas 14:18).

Eu diria que a decisão deste homem é espantosamente re-

levante. Trata-se de um cidadão que fez um investimento. À semelhança de muitas pessoas, acabou de adquirir um terreno. Se você um dia comprou um pedaço de terra, sabe que não existe nada tão emocionante como caminhar por cima dele. Parece que a pessoa quer enfiar os pés na terra, andar a passos firmes, riscar o chão — tenha a coragem de dizer — você se sente como Nabucodonosor. "Isto aqui é meu!. . . Minha terra! Minha propriedade! Isto me pertence! Fiz um investimento neste terreno!" Veja você: aquele homem estava preocupado com a compra que fez. Seu primeiro intento era aceitar o convite do Senhor, mas pensou, depois, que chegaria tarde. "Quero examinar meu investimento agora mesmo. Por favor, considere-me dispensado. A compra que fiz vem em primeiro lugar."

Vejamos como foi que outras pessoas reagiram ao convite para a ceia.

> "Outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-las. Rogo-te que me dês por escusado" (Lucas 14:19).

A maioria das pessoas não compra bois, hoje. Tampouco experimentamos juntas de bois. Mas compramos uma porção de outras coisas. Seja lá o que for que comprarmos, gostamos de experimentar. Gostamos de tomar conta do objeto comprado. Gostamos de fazê-lo reluzir. Gostamos de ficar olhando-o. Se fosse possível expor toda a verdade, bem lá no fundo gostaríamos de transformar esse objeto num pequeno santuário, visto que trabalhamos tão duramente para comprá-lo, e ele significa tanto para nós. É o que este convidado está fazendo. Ele está dizendo: "Comprei este objeto. . . e desejo experimentá-lo. Por favor, considere-me escusado."

Fico intrigado de modo especial ante a desculpa apresentada pela terceira pessoa. Veja o que esse indivíduo tem a dizer:

> "Outro disse: Casei-me, e por isso não posso ir" (Lucas 14:20).

Ora, esta é uma desculpa criativa! "Ó Senhor, convenhamos! Dê-me uma folga! Espere pelo menos até depois da lua-de-mel. O Senhor sabe, preciso de algum tempo. Estarei lá mais tarde,

eu prometo. Mas, agora há um relacionamento que me impede de ir ao seu banquete."

Nenhuma destas coisas em si mesma é erro. Nada há de errado na compra de terrenos. Nada de errado com bois. Nada de errado em casamento. Então, onde está o erro? Muito bem, não importando quão boas sejam essas coisas, elas impediram que esses três indivíduos se satisfizessem com a prioridade de comer um manjar da mesa do rei. Aquelas outras coisas ficaram em primeiro lugar, só isso. Mas, isso é TUDO. . . na verdade, isso é TUDO! E aí está a ênfase de Jesus.

E você sabe como se sentiu Jesus?

> "Voltando aquele servo, anunciou estas coisas ao seu Senhor. Então o dono da casa, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e bairros da cidade e traze aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos" (Lucas 14:21).

Se você contemplar este cenário estritamente, com olhos do primeiro século, você verá que Jesus se refere a judeus e a gentios. "Entreguei esta mensagem ao meu próprio povo; meu próprio povo a rejeitou. Vim para o meu próprio povo, e meu próprio povo não me recebeu. Abramos a porta para os gentios. Que entrem os aleijados. Que entrem os coxos. Que levem vantagem as pessoas que o fazem pela graça. O banquete é para todos." Contudo, a aplicação é mais ampla ainda.

Veja: a vida no reino não deve ser usufruída apenas pelos que gozam de boa saúde. Às vezes os aleijados colocam as coisas numa perspectiva mais clara, às vezes os coxos, às vezes os doentes, às vezes os cegos.

> "Disse o servo: Senhor, está feito como mandaste, mas ainda há lugar" (Lucas 14:22).

"Ainda dispomos de muitos lugares vazios aqui, Senhor. Há uma porção de pratos cheios de comida que não será provada, ainda há muitos lugares no reino."

Observe a próxima ordem do Senhor:

> "Então disse o Senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha. Eu vos digo que nenhum daqueles homens

> que foram convidados provará a minha ceia" (Lucas 14:23-24).

Escreve William Barclay:

> "É possível ser seguidor de Jesus sem ser seu discípulo; ser um agregado do exército sem ser um soldado do Rei; pendurar-se numa grande obra, e constituir, assim, mero peso-morto. Certa vez, alguém estava conversando com um famoso erudito a respeito de um jovem. Disse a pessoa: 'Fulano de Tal me disse que era seu aluno.' Retorquiu o mestre, de maneira devastadora: 'ele poderá ter assistido a algumas de minhas aulas, mas não é meu aluno.' Há uma enorme diferença entre assistir aulas e ser aluno. Um dos mais graves problemas é que na igreja há muitos que seguem Jesus de longe, e tão poucos discípulos verdadeiros."

Creio que as fileiras ficaram escassas. Penso que o Senhor assim falou, de propósito: "Não quero uma grande multidão a seguir-me, se isso significar que o que todas essas pessoas querem é apenas encher seus estômagos, ver milagres e ouvir as histórias que eu conto, e reagir passivamente às minhas palavras. Quero aqueles que vão dar-me prioridade máxima."

Se eu fosse resumir numa sentença sucinta o ensino deste capítulo, eu diria o seguinte: Nossa escolha de prioridades determina a altura de nosso vôo. Direi a mesma coisa de forma diferente: Seja o que for que você coloque em primeiro lugar, se não for Cristo, e só Cristo, estará no lugar errado. A vida parece-se bastante com uma moeda; você pode gastá-la da maneira que quiser, mas só pode gastá-la uma única vez. Como é que você a está gastando?

Não é necessário demorar mais. O essencial já foi proposto. Que é que verdadeiramente ocupa o primeiro lugar em sua vida?



8

Prestação de Contas: Como Responder às Perguntas Difíceis

Precisamos de heróis. Quero dizer heróis *genuínos*, homens e mulheres autênticos, admirados por suas realizações, qualidades nobres e coragem. Tais pessoas não têm medo de ser diferentes. Arriscam-se. Ficam um grau acima. Entretanto, são seres humanos reais, com defeitos e falhas, à semelhança de todos nós. Todavia, essas águias de vôo sublime inspiram-nos a dar o melhor de nós mesmos. Sentimo-nos aquecidos internamente, quando pensamos neste tipo raro de ser humano. É o tipo de gente em quem depositamos toda esperança, sem alimentar a mínima suspeita de engano ou hipocrisia. O tipo que persegue a excelência quando ninguém está olhando ou, no que concerne à questão, quando metade do mundo *está* olhando.

Quando Alexandre Soljenitsin ganhou o prêmio Nobel de literatura, encerrou seu discurso com o provérbio russo: "Uma palavra de verdade pesa mais que o mundo inteiro." Mudando apenas duas palavras, penso que esse provérbio declararia o que eu acredito ser a descrição do herói: "Uma pessoa de verdade atinge o mundo inteiro."

Minha preocupação é que parece haver falta de pessoas assim. É certo que há algumas; porém, não tantas, assim me parece, como quando eu era criança. Naquela época — lembro-me distintamente — havia numerosas pessoas confiáveis em

vários segmentos da sociedade: política, esportes, educação, ciência, exército, música, religião, aviação, as quais não só permaneceram firmes no apogeu de suas vidas, mas *terminaram-na* bem. A sociedade lastimou a morte de tais pessoas. Não se trata de fantasia infantil, entenda-me; não eram ídolos de faz-de-conta, dos momentos de folguedo. Ainda posso lembrar-me de como meu pai se impressionava com essas pessoas, tanto como eu — talvez mais ainda. Algumas das nossas conversas entre pai e filho continuam alojadas nos arquivos de minha memória. E porque meu pai se inspirava, eu também ficava inspirado.

Agora, diga-me: quem é que vai passando e o induz a cutucar seu filho, sua filha, ou seu amigo, e murmurar-lhe:

— Olhe, aí está uma pessoa digna de ser seguida. Modele a sua vida segundo o padrão dessa pessoa, e você nunca se arrependerá.

Se você puder lembrar-se de alguns nomes, essas seriam as pessoas a quem chamo de heróis. Não há muitas delas, não é?

É possível que você se surpreenda em saber que há um bom número de pessoas para quem *você* é a pessoa que elas indicam como padrão. Pode ser que aconteça no seu ambiente de trabalho, e ninguém jamais lhe mencionou isso. Pode acontecer em sua vizinhança, e nenhum vizinho foi suficientemente nobre para encorajá-lo, dizendo:

— Você é a pessoa para quem todos olham. Você é singular. Todos nós o respeitamos.

Talvez em sua profissão você seja admirado por colegas e companheiros de trabalho. Se soubesse quantas pessoas aninham tais sentimentos sobre você, estou convencido de que tomaria muito mais cuidado quanto à maneira de praticar sua profissão, ou de gerir seus negócios.

Estou certo de uma coisa — se você é uma dessas pessoas, não é, então, como a maioria. Você está vivendo de maneira diferente, e eu o elogio por isso. Estamos aprendendo neste capítulo que é preciso haver pessoas incomuns a fim de notar-se uma diferença em nosso mundo. Pessoas medíocres não impressionam ninguém, pelo menos não influenciam para o bem. Contudo, uma pessoa de verdade atinge o mundo inteiro.

Nestes últimos capítulos venho falando sobre como ser uma

pessoa influente, inspiradora. Se me pedissem para organizar uma lista das qualidades de tal pessoa, eu incluiria pelo menos quatro.

CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS QUE IMPRESSIONAM

Em primeiro lugar, as pessoas que vivem de modo diferente são pessoas de *visão*. Visão é a habilidade de ver acima e além da maioria, não se prender a estatísticas, não se deixar intimidar pelas circunstâncias adversas, permanecer firmes diante dos obstáculos chamados de impossibilidades, restrições e dificuldades. São pessoas como Frank Loesch: não se retraem ainda que sua vida seja ameaçada, não vivem agitadas e preocupadas sobre se alguém vai quebrar alguns vidros de suas janelas, ou se as crianças poderão sofrer um pouco porque o pai ou a mãe delas é diferente. São pessoas de visão.

Em segundo lugar, as pessoas que impressionam as demais são modelos de *determinação*. A determinação nada mais é do que a decisão de permanecer no posto, ainda que seja duro demais. Determinação é aferrar-se à posição, sem desistir, sem esmorecer nas convicções quando o caminho se torna longo e rude demais. Não consigo imaginar um herói ao qual faltou determinação.

Em terceiro lugar, as pessoas que alçam vôo sublime, altaneiro, acima da mediocridade, são pessoas de *prioridades*. Pensam em termos de quem e do que vêm em primeiro lugar no lar, no trabalho, nas posses e nos seus relacionamentos. As pessoas que têm prioridades, mantêm-nas em perspectiva. Trabalham duramente, mas o trabalho não se lhes torna um deus; trata-se de uma responsabilidade, não de um relicário. É uma forma de ganhar dinheiro. Com esse dinheiro, adquirem posses; mas, repitamo-lo, suas prioridades determinam que posses obterão, e por quê.

Vem em seguida, em quarto lugar, uma característica de quem vive de modo diferente, sobre a qual quero adverti-lo: é a menos popular das quatro. Após visão, determinação e prioridades, devo mencionar também a *prestação de contas*. As pessoas que verdadeiramente causam impressão profunda nas pessoas constituem modelo desta rara qualidade, como também das primeiras três já mencionadas.

Que é que eu quero dizer com prestação de contas? Em termos bem simples, significa responder às perguntas mais difíceis. A prestação de contas inclui a capacidade de o indivíduo abrir sua vida para algumas pessoas cuidadosamente selecionadas, de confiança, leais, que falam a verdade — as quais têm o direito de examinar, questionar, apreciar e aconselhar.

Não se tem escrito nem falado muito a respeito de prestação de contas. Praticamente todas as vezes que falei sobre esse assunto, algumas pessoas me dizem, depois:

— Nunca ouvi alguém tratar desse assunto. Nunca li muito sobre esse tema. Na verdade, raras vezes eu mesmo usei esse termo!

Visto que este conceito não tem sido discutido e dissecado abertamente, e com freqüência, o próprio termo soa de modo estranho. Pode também ser mal empregado, por ser mal entendido com tanta facilidade.

Não tenho em mente um tipo de tribunal legalístico em que as vítimas são esquartejadas sem que haja a mínima consideração pelos seus sentimentos. Este tipo de iniqüidade já se espalhou demais por aí! Tal selvageria não ajuda a ninguém. Não edifica, nem encoraja as pessoas a se tornarem melhores. E porque muitos temem que prestação de contas significa críticas, ressentem-se até da menção da palavra. Eu sei que é possível tosar as asas das pessoas de forma tão iníqua que não poderão jamais alçar vôo. Mas, você pode confiar em mim: tudo isso está muito longe de minha mente quando escrevo a respeito de prestação de contas.

QUATRO QUALIDADES EM PRESTAÇÃO DE CONTAS

As pessoas dispostas a prestar contas em geral apresentam quatro qualidades:

- *Vulnerabilidade* — capacidade de suportar mágoas, disposição para encarar seus próprios erros, admiti-los até mesmo antes de uma confrontação.
- *Vivacidade* — disposição para aprender, rapidez para ouvir, para reagir à reprovação e manter-se aberto ao aconselhamento.

- *Disponibilidade* — é acessível, atende bem às interpelações, não se ressente das interrupções.
- *Honestidade* — é fiel à verdade, não importando quando possa ferir; prontidão para admitir a verdade, não importando quão difícil e humilhante seja tal confronto. Aborrece tudo que é artificial ou falso.

Esta lista é dura! Revendo estas quatro qualidades, convenço-me mais do que nunca das razões por que a prestação de contas sofre resistência da parte da maioria das pessoas. Os que têm um ego frágil não conseguem enfrentá-la. Os indivíduos tipo *prima donna* tampouco a toleram. Alimentam um grande desejo de parecer bons, e causar uma impressão eletrizante, mais do que qualquer outra coisa.

— Quê? Imagine se vou permitir que alguém se intrometa em minha vida!

Repito: não me entenda mal. Não estou afirmando que a prestação de contas concede ao público em geral carta branca para ter acesso a todas e quaisquer áreas da vida particular de alguém. Se você der uma olhada de novo em algumas linhas que ficaram para trás, verificará que eu mencionei "algumas pessoas cuidadosamente selecionadas, de confiança, leais, que falam a verdade". São pessoas que obtiveram o direito de chegar e, no momento apropriado, necessário, formular perguntas difíceis. O propósito desse relacionamento não é obrigar alguém a rastejar, dar ensejo a que haja abuso de autoridade sobre um subalterno, nem desmontar um indivíduo; não, de modo nenhum. O propósito da prestação de contas é potencializar habilidades, resguardar a pessoa de perigos potenciais, identificar a possibilidade de "áreas sem visão", funcionar como comissão de consultoria, trazer nova perspectiva e sabedoria onde tais qualidades possam estar faltando.

Em nossa sociedade, em que a privatividade é a recompensa da promoção, e uma vida de virtual confidencialidade é prerrogativa de maior parte dos líderes, considera-se norma o desprezo à prestação de contas. Isto é verdade, a despeito do fato de a recusa a prestar contas não ser sábia nem bíblica, para não mencionar que é terrivelmente perigosa! Tenho a esperança de despertar uma conscientização mais aguda entre todas as pessoas do tipo aquilino — tornar as *águias* mais cientes

de que independência demais pode ser perigoso para a saúde, e prejudicial à organização ou ao ministério que representamos. Por isso, suplico-lhe que me ouça até o fim, e não me deixe falando sozinho.

UMA ANÁLISE ESCRITURÍSTICA DA PRESTAÇÃO DE CONTAS

Se existe alguma coisa sólida neste conceito de prestação de contas, é certo que deveríamos ser capazes de encontrar apoio doutrinário na Bíblia. Você pode confiar em mim quando digo que há muito apoio bíblico! Vamos discutir algumas passagens.

Princípios Bíblicos

Descobri três grandes princípios que apóiam a prestação de contas.

1. *A prestação de contas a Deus é fato inescapável e inevitável.*

> "O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más. Mas eu vos digo que de toda palavra frívola que os homens proferirem hão de dar conta no dia do juízo" (Mateus 12:35-36).

Ninguém sabe com precisão como será essa prestação de "contas." Muitos têm especulado, alguns têm presumido, mas ninguém sabe os detalhes do processo. Ficamos sabendo, pura e simplesmente, que haverá um dia em que deveremos prestar contas perante Deus. É inescapável e inevitável.

> "Mas tu, por que julgas a teu irmão? Pois havemos de comparecer perante o tribunal de Cristo. Está escrito: Pela minha a vida, diz o Senhor, todo o joelho se dobrará diante de mim, e toda língua confessará a Deus. De modo que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus" (Romanos 14:10-12).

Digo que este texto é direto — vai direto ao alvo. Que mais se poderia dizer? O Livro de Deus nos ensina que a prestação pessoal de contas no futuro, perante Deus, é inescapável e inevitável. Este princípio nos leva a outro.

2. *Deus ordenou que prestemos contas a nossos líderes espirituais e isso é útil para nós.* A maioria das pessoas não discute o fato de termos que prestar contas a Deus. Ele é nosso Pai; ele é perfeito. Tem todo o direito de vasculhar nossa vida. É capaz de julgar-nos sem idéias preconcebidas, sem preconceitos. Contudo, o atrito surge quando pensamos em prestar contas a *alguém* aqui na terra. Este fato torna-se verdade de modo especial entre as pessoas que pensam independentemente, homens e mulheres que se fizeram por seus próprios esforços, e com toda certeza, as pessoas que no passado foram "queimadas" por líderes espirituais.

> "Vigiai; estai firmes na fé; portai-vos varonilmente; fortalecei-vos. Fazei todas as vossas obras com amor. Agora vos rogo, irmãos — sabeis que a família de Estéfanas é as primícias da Acaia, e que se tem dedicado ao ministério dos santos — que também vos sujeiteis a estes, e a todo aquele que auxilia na obra e trabalha" (1 Coríntios 16:13-16).

Que série interessante de pensamentos! Tenho a tentação de demorar-me aqui um pouco mais. Não o farei, todavia. Paulo menciona alguns homens, pelo nome, que foram líderes: Estéfanas, Fortunato e Acaico. Estes três líderes mantiveram contato com Paulo. Trouxeram-lhe um bom relatório de Corinto, a respeito de alguns crentes de lá. Mas também trouxeram notícias não tão boas a respeito de outros assuntos. Diz Paulo, de fato: "Rogo que vocês se submetam a estes líderes espirituais." Por quê? Interessante como esta pergunta é respondida muito bem noutra passagem do Novo Testamento.

> "Obedecei a vossos guias, e submetei-vos a eles. Eles velam por vossas almas, como quem há de prestar contas. Obedecei-lhes para que o façam com alegria e não gemendo, pois isso não vos seria útil" (Hebreus 13:17).

Por que temos que prestar contas? Porque aos líderes espirituais foram entregues algumas responsabilidades, dentre as quais a missão difícil de velar "por vossas almas." E ainda há mais: a Palavra nos diz que o fato de prestarmos contas a eles é proveitoso para nós.

Vou tentar esmiuçar essa questão, de modo que não haja mal-entendidos. Há ocasiões em que o ministro de uma igreja, ou talvez um oficial eleito pela igreja, julga necessário chegar a você e fazer-lhe algumas perguntas concernentes à sua vida. Quando ele age assim, não está apenas bisbilhotando, fazendo uma pesquisa inútil, à toa. E é certo que não nutre o propósito de colher mexericos. Essa pessoa tem no coração o seu bem, porque é responsável por você diante de Deus. Segundo o que lemos em Hebreus 13, você deve responder às perguntas de boa vontade, e acatar os conselhos demonstrando gratidão. É isso que significa com exatidão o ato de prestar contas; é responder perguntas difíceis.

Sou pastor há cerca de vinte e cinco anos e já encontrei a gama completa de reações da parte das pessoas a quem entrevisto, quando tem sido meu dever desempenhar este trabalho tão difícil. Houve ocasiões em que fui obrigado a achegar-me a uma pessoa e fazer-lhe perguntas difíceis, ou a reprovar o indivíduo (sempre em particular, é claro) por causa de algo que estava ferindo o bom testemunho da igreja. Por outro lado, encontrei pessoas que me *agradeceram* pela reprovação, sentindo-se beneficiadas pela repreensão. Elas me contaram mais tarde como a conversa as ajudou. Embora fosse um processo difícil para nós ambos, embora ferisse, a pessoa entendeu que a longo prazo seria uma coisa boa. As pessoas que realmente desejam alçar vôo altaneiro e sublime, acima da mediocridade, gostam de uma admoestação periódica — e até chegam a dizer isso!

Por outro lado (embora eu faça todo esforço no sentido de manejar a situação de forma sensata), tenho encontrado pessoas que se ressentem por causa de minhas observações e ficam tão ofendidas que nem conseguimos terminar a conversa: elas literalmente se levantam e vão embora! Algumas chegam a discutir comigo, coléricas. Outras disseram-me, posteriormente, que eu não tinha nada que ver com a vida delas, aquele assunto não era da minha alçada, que eu era um líder severo demais, tirânico demais, que se eu as conhecesse melhor nem sequer teria mencionado o assunto.

Permita-me mais um comentário. Nenhum de nós é uma ilha. Precisamos uns dos outros. Às vezes precisamos ouvir a re-

preensão de alguém. Creia-me: se você pensa que é difícil *ouvir* uma reprimenda, tente repreender alguém! O líder espiritual tem poucas obrigações mais duras do que essa. Se alguém tem a coragem de chamar você para prestar-lhe contas, e o faz de maneira correta, pelos motivos corretos, seja humilde e aceite esse confronto. Entenda, em primeiro lugar, que foi terrivelmente difícil reunir toda a coragem e dizer-lhe aquelas coisas. E saiba que aquela pessoa tem o bem da igreja em seu coração, não uma vingança pessoal. A longo prazo, seu compromisso de lealdade à excelência se fortalecerá, e você será capaz de alçar vôos mais elevados.

3. *Prestar contas uns aos outros é útil e sadio.* Este processo não se limita a líderes espirituais apenas. Precisamos dele no âmbito pessoal também.

Arranje tempo para digerir estas passagens escriturísticas. Leia cada palavra. Demore o suficiente para absorver toda a verdade. E faça força para não ficar na defensiva.

> "O amor seja não fingido. Aborrecei o mal, e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. Não sejais vagarosos no cuidado, mas sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor. Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração. Partilhai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade. Abençoai aos que vos perseguem; abençoai, e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram. Sede unânimes entre vós. Não ambicioneis as coisas altivas, mas acomodai-vos às humildes. Não sejais sábios em vós mesmos" (Romanos 12:9-16).

Então nós, os que somos fortes, devemos suportar as fraquezas daqueles que não têm tanta força, em vez de só agradar-nos a nós mesmos. Cada um de nós deve agradar a seu vizinho, para o bem dele, para sua edificação . . .

> "Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar-nos a nós mesmos. Portanto, cada um de nós agrade no que é bom para edificação . . . Eu próprio, meus irmãos, certo

> estou, a respeito de vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, cheios de todo o conhecimento, podendo admoestar-vos uns aos outros" (Romanos 15:1-2,14).

Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Não vamos ficar jactanciosos, desafiando-nos mutuamente, invejando-nos mutuamente.

> "Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi o tal com espírito de mansidão. Mas olha por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gálatas 6:1-2).

Até agora tudo tem sido teórico e seguro, porque ainda não me tornei dolorosamente específico. Entretanto, agora vou arriscar-me a ficar *bem* específico. Por favor, saiba que estou escrevendo estas coisas tendo o seu próprio bem em mente. Todos nós atravessamos épocas estressantes. Se não tivermos alguém bem perto, durante um período longo de estresse pesado, há grandes probabilidades de que venhamos a perder a perspectiva. E se o estresse crescer mais ainda, poderemos desmoronar. Qual é a solução? Precisamos estar dispostos a prestar contas!

Agora, caminhemos um pouco mais. Digamos que você é uma pessoa cheia de poderes, investido de muita responsabilidade e autoridade. Entregue a si mesmo, você poderia começar a abusar desses poderes, sem mesmo percebê-lo. Você será um mordomo melhor se houver alguém que o conhece bem e que lhe diga a verdade. Qual é então a solução? Você precisa estar disposto a prestar contas!

Talvez você tenha começado a ganhar muito dinheiro, muito mais do que ganhou em toda a sua vida. Por causa dessa explosão de prosperidade, há minas escondidas sob a superfície, no porto do seu futuro. Se você não tem ninguém para aconselhá-lo quanto ao manuseio de sua vida ou de seu dinheiro, é muito provável que você venha a perder-se, ao tentar conduzir-se sozinho. Qual é a solução? Você precisa estar disposto a prestar contas!

Se você é marido, ou esposa, é preciso levar ao seu casa-

mento a capacidade de prestar contas. Os casamentos bem-sucedidos possuem esta válvula de segurança. Entretanto, se houver uma ruptura no princípio da prestação de contas matrimonial, a destruição desse casamento é apenas uma questão de tempo.

Também deve haver prestação de contas no lar, entre pais e filhos. Se não houver prestação de contas, a comunicação não funciona — instala-se a anarquia, que conduz à delinqüência. Repito, pois: é preciso haver prestação de contas! Passamos pela prestação de contas com nossos professores, na escola, com o banco que detém a hipoteca de nossa casa, com o policial da esquina. É estranho, mas de certo modo achamos que não precisamos cuidar da prestação de contas em nível pessoal. O lar é o lugar ideal para o aprendizado da disposição à prestação de contas.

Tenho uma teoria que talvez possa ajudar a explicar porque existe tão pouca disposição voluntária entre os adultos, no que concerne à prestação de contas. No processo de crescer e deixar o lar paterno, despedimo-nos de uma das situações mais felizes, talvez, que já desfrutamos, especialmente se esse lar era equilibrado e estável. Esse relacionamento sadio que deixamos para trás inclui a prática de prestação de contas, que desenvolvemos com nossos pais.

Os pais não desejam falar muito. Eles vêem as coisas, mas hesitam em comentá-las. Os adultos jovens que vivem a sós não desejam pedir conselhos, para que não pareça que ainda são dependentes. Cria-se, então, um vácuo, um abismo na comunicação. Afinal, um dos benefícios extras de a pessoa estar sozinha é a privatividade, não é? Uma das prerrogativas da liderança é a independência, não é? Mas raramente se faz alguma referência à parte oculta da equação. Privatividade demais produz morbidez. Demasiadas horas de independência conduzem facilmente à queda — ética ou moral, financeira ou espiritual. Pare e pense. As pessoas que você conhece que escorregaram espiritualmente, ou caíram num relacionamento extra-marital, ou foram apanhadas numa fraude financeira, não costumavam prestar contas a alguém de modo regular, não é mesmo? Sem a rede de segurança das auditorias e dos balancetes, a queda não só está perto como é fatal.

Adquiri o hábito de formular perguntas a respeito de prestação de contas, quando chegam ao meu ouvido histórias sobre a apostasia ou queda moral de alguém. Sem falhar, pergunto algo assim:

— Fulano (ou Fulana) costumava encontrar-se com uma, duas ou três pessoas, com regularidade, com o propósito de dar e receber aconselhamento, para orar e planejar?

Sem exceção — *ouça-me bem* — sem uma única exceção, a resposta tem sido sempre a mesma: NÃO! Não existe um lugar seguro num sistema mundano como o nosso, em que a pessoa possa encontrar imunidade contra os perigos da privatividade em demasia.

É coisa boa alçar vôo sublime e altaneiro como águia solitária, acima da mediocridade. Mas é outra coisa inteiramente diferente ficar tão a sós que a pessoa enfrenta ventos que não consegue controlar. Em tais ocasiões, é essencial que se veja com outras *águias* acompanhantes.

EXEMPLOS HISTÓRICOS DOS TEMPOS BÍBLICOS

Não faz muito tempo parti num *safari* rápido, pelas páginas do Antigo e do Novo Testamentos, à procura de exemplos de pessoas determinadas, de espírito forte, semelhantes a águias, que vivessem vidas ativas, responsáveis, tendo, porém, tempo suficiente para cultivar um relacionamento de prestação de contas com pelo menos uma pessoa (com freqüência, mais de uma). Eis o que encontrei:

Ló prestava contas a seu tio Abraão. Ao cessar esse relacionamento, Ló afundou no atoleiro de Sodoma (Gênesis 13:19).

Enquanto estava na casa de Potifar, *José prestava contas a Potifar.* Até mesmo enquanto a mulher de Potifar reiteradamente desferiu ataques de sedução contra José, repelidos resolutamente por este, o moço permaneceu subordinado a Potifar, prestando-lhe contas (Gênesis 39).

Quando Saul tornou-se o primeiro rei de Israel, tomou-se pressa pela chegada de Samuel, para que este oferecesse um sacrifício. Tardando Samuel, Saul encheu-se de ativismo e correu para juntar o material do holocausto, e ofereceu o sacrifício. Ele desobedeceu, porque os reis não tinham nada que ver com as oferendas. Quando, finalmente, Samuel chegou,

creia-me, ele mesmo — um profeta — repreendeu o rei de Israel! E Saul levou um *puxão de orelhas* sem retrucar. Por quê? Porque *Saul, o rei, prestava contas a Samuel, o profeta* (1 Samuel 13).

Quando Davi pecou com Bate-Seba, e a nação toda escandalizou-se com esse adultério, Natã, o profeta, ergueu-se diante do rei da nação e acusou-o: "Tu és o homem." O rei Davi não brigou com ele, nem mandou matá-lo. Em vez disso, confessou: "Pequei contra o Senhor." Por quê? Porque *Davi prestava contas a Natã, o profeta* (2 Samuel 12).

Quando Neemias se convenceu de que deveria ir a Jerusalém e liderar o projeto de construir um muro ao redor da cidade, primeiro precisou obter a aprovação de Artaxerxes. Recusou-se Neemias a partir sem autorização real. Ainda que o próprio Deus houvesse falado a Neemias, e estivesse guiando-o em sua futura missão, *o homem de Deus prestava contas ao rei* para quem trabalhava como copeiro (Neemias 1-2).

Quando Daniel viveu como homem de Deus ao longo de várias gerações de reis, *Daniel prontificou-se a prestar contas a cada rei* — alguns dos quais foram grandes e outros nem tanto. Em certa ocasião, seus colegas chamaram os oficiais da terra e formularam acusações contra Daniel. Munidos de autorização judicial, esses homens agiram pessoalmente e vasculharam a vida do profeta. Não deixaram pedra sobre pedra! Todavia, nem mesmo após uma busca completa esses homens puderam descobrir uma única falta em Daniel! Ele estava limpo! Entretanto, Daniel não brigou com eles. Na verdade, quando mais tarde descobriu essa trama, ficou bem à vontade. Nada tinha para esconder. *Daniel vivia de modo que prestava contas a seus companheiros* (Daniel 1-6). A disposição para prestar contas a outrem faz com que a vida particular da pessoa seja de pureza cristalina.

Vamos agora ao Novo Testamento. Quando Jesus desceu à terra, uma das coisas que marcou sua vida foi a submissão à vontade de Deus. Diz-nos João, mais de uma vez, que Jesus sempre fez aquilo que agradava ao Pai. *O Filho de Deus prestava contas a seu Pai celeste.*

Quando Cristo escolheu doze homens para trabalharem com ele, homens aos quais ele passaria a tocha da obra ministerial,

não ficou dúvida nenhuma de que *os discípulos prestavam contas a Jesus.* Nos últimos tempos, *um prestava contas ao outro.*

Quando João Marcos partiu em viagem com Paulo e Barnabé, *João Marcos deveria prestar contas aos dois homens mais velhos.* Na verdade, esses dois homens mais velhos viajavam juntos pela mesma razão. *Paulo e Barnabé, por sua vez, prestavam contas à igreja de Antioquia,* como Paulo e Silas o fariam mais tarde. *Timóteo prestava contas a Paulo,* seu pai na fé.

Onésimo, o escravo, prestava contas a Filemon. Paulo, escrevendo a Filemon, estava como que a lhe dizer: "Ele está disposto a voltar. Por favor, receba-o de volta. Onésimo deve prestar-lhe contas."

Quando João escreveu a cartinha conhecida como 3 João, mencionou Diotrefes. Assim disse ele: ". . .se eu for, trarei à memória as obras que ele faz . . . Isto significa: "Acertarei contas com ele." Por quê? Porque *Diotrefes prestava contas a João, sendo este presbítero.* O grande problema de João com este homem é que Diotefres não queria prestar contas a ninguém.

Tratei deste assunto com muita rapidez, como gato que corre em chão esbraseado. Mas é suficiente para você ter uma boa idéia. A Bíblia está *cheia* de exemplos de pessoas prestando contas. São muitos os exemplos de pessoas dos tempos bíblicos que se beneficiaram com a presença, os conselhos, as admoestações e o encorajamento de outrem.

Nós também precisamos, hoje, de pessoas que exijam de nós que prestemos contas. Às vezes uma opinião objetiva revela uma faixa fora de visão. Às vezes um conselho direto evita que um amigo sofra uma queda. Noutras ocasiões uma reprimenda severa trará de volta o transviado. Algumas vezes bastará uma palavra de orientação para ajudar-nos a atingir o alvo. Um homem saúda os benefícios da prestação de contas com as seguintes palavras:

> ". . . as ciências comportamentais em anos recentes têm martelado a verdade simples de que 'o comportamento observado é comportamento que muda.' As pessoas que prestam contas de si mesmas, por sua própria iniciativa, a um grupo de amigos, a um grupo

de terapia, a um psiquiatra ou conselheiro pastoral, a um grupo de estudo ou de oração, são pessoas seriamente empenhadas em mudar seu comportamento, e estão descobrindo que tais mudanças são possíveis. Estudos efetuados em fábricas têm provado que tanto a qualidade quanto a quantidade do trabalho aumentam quando os operários sabem que estão sendo observados. Se só Deus sabe o que estou fazendo, e visto que ele não é delator, tenho a tendência de apresentar a mim mesmo todo tipo de desculpa. Porém, se sou obrigado a subordinar-me a alguém, ou a um grupo de pessoas, começo a controlar meu comportamento. Se alguém estiver de olho em mim, meu comportamento melhora."

Um líder que não precisa prestar contas caminha perto demais da beira do precipício. Há evangelistas de rádio e televisão que não prestam contas a ninguém, que exercem autoridade demais, e vivem em privatividade rigorosa demais. Eles precisam das outras pessoas! Um conselheiro que não presta contas a ninguém lida com responsabilidades grandes demais, e precisaria de auto controle excepcionalmente forte a fim de, sozinho, saber como conduzir bem as coisas. Um médico que não precisa dar satisfações a ninguém pode facilmente tropeçar. O banqueiro, o policial e o advogado que não precisam prestar contas também podem cair. Os empresários isentos de prestação de contas são especialmente vulneráveis. Trata-se de riscos grandes demais para você assumir sem ter ao seu lado alguém, ou um pequeno grupo de amigos objetivos, leais, que tenham no coração o que é melhor para você, a saber, pessoas que você mesmo convidou para participar de seu mundo particular.

Às vezes aqueles pontos em que nossa visão é nula geram desastres extraordinários. Jonestown é exemplo clássico de alguém que não dava satisfações de seus atos a ninguém, um líder cuja autoridade lhe subiu à cabeça e fê-lo selvagem. Caminhou depressa demais, foi longe demais — o homem estava isolado demais. Na verdade, ninguém teve permissão para falar honestamente a Jim Jones.

Alguns de vocês, meus leitores, provavelmente estão pen-

sando em mim. Vocês precisam saber que eu estou definitivamente, regularmente e de boa vontade subordinado a um pequeno grupo de homens escolhidos com máximo cuidado. Nem todos fazem parte da igreja a que sirvo. São homens de sabedoria e integridade. Eles me amam tanto que não deixariam de falar-me a verdade. Há bem pouco tempo Cynthia e eu passamos algumas horas com estes homens honestos, de toda confiança, objetivos, durante as quais eles dedilharam algumas teclas particulares de nossas vidas. Às vezes doeu um pouco, mas, ah! quantos benefícios!

Você presta contas a alguém fora de sua família? Alguém que pode formular-lhe perguntas diretas, perguntas duras, e fazer observações honestas? Você gasta algum tempo com regularidade com essa pessoa, esquadrinhando-se mutuamente? Você tem um compromisso de lealdade quanto ao encorajamento mútuo? Vocês pensam juntos? Oram juntos? Brincam juntos? Espero que sim.

VANTAGENS PRÁTICAS DA AVALIAÇÃO PESSOAL

Há grandes probabilidades de que alguém lerá este capítulo e me entenderá mal. Caso minhas palavras lhe tenham deixado uma falsa impressão, permita-me esclarecer a questão. É certo que a prestação de contas pode degenerar numa cena pavorosa e ameaçadora, se tratada de maneira errada, ou por pessoas erradas. (Diga-se de passagem que algumas pessoas gostariam que o mundo inteiro lhes prestasse contas. São pessoas de testa franzida, envoltas num manto de pêlos de camelo, julgando-se "predestinadas por Deus" para serem seu Natã pessoal, para apontar todas as coisas erradas que você cometeu. Possuem o singular dom da "crítica". Sentir-se-ão felizes em poder exercer esse dom em seu benefício — *muitas vezes*! Qual é o meu conselho? Evite esses indivíduos como se fossem uma praga! Mais prejudicam do que ajudam.) Não é isso que tenho em mente.

Estou falando de pessoas que o amam tanto que não permitiriam que você ficasse brincando em rua de tráfego intenso, perigoso. Amam-no tanto que não permitiriam que você começasse a crer em sua própria insensatez. Quando percebem

que a presunção está erguendo a cabecinha, eles o advertem. Contudo, essas pessoas o amam tanto que não permitirão que você aja com excessiva severidade contra você mesmo. À semelhança de Jônatas e Davi, são mensageiros de grande encorajamento. Esse é o lado cheio de luz, e precisa ser enfatizado. As águias que alçam vôo altaneiro precisam de muito vento sob suas asas!

Lembro-me de pelo menos três vantagens práticas da prestação de contas — todas baseadas em declarações que encontramos nos antigos livros de Provérbios e Salmos.

Primeira vantagem: *Quando prestamos contas de forma regular, temos menores probabilidades de cair em armadilhas.* Outros olhos, mais perceptivos e objetivos do que os nossos, podem enxergar armadilhas que talvez não consigamos ver.

> "Da soberba só provém contenda, mas com os que se aconselham se acha a sabedoria. . . O ensino do sábio é fonte de vida para desviar dos laços da morte. . . Pobreza e vergonha virão ao que rejeita a disciplina, mas o que dá ouvidos à repreensão é honrado. . . Anda com os sábios e serás sábio, mas o companheiro dos tolos sofre aflição" (Provérbios 13:10,14,18,20).

O último versículo não foi escrito para adolescentes ginasianos, embora certamente se lhes aplique. Lembro-me com muita nitidez de meus dias de colégio, e você? Muitos de nós andávamos com outros rapazes mais violentos do que nós, o que nos permitia esconder nossos sentimentos de inadequação. Minha mãe sempre me dizia:

— Charles, todas as vezes que você sair com a turma errada, vai fazer coisas erradas. Quando você estiver com a turma certa, fará coisas certas.

Esse era um conselho objetivo e exato que eu não desejava ouvir; contudo, minha mãe o repetiu tantas vezes que essa verdade penetrou em minha mente. Esse conselho dela ainda é verdadeiro. Se eu saísse com pessoas erradas, eu me seria tentado a praticar coisas erradas.

O processo não estaciona ao atingirmos os vinte anos. Prossegue na vida adulta. Se você escolher um bando de colaboradores errados, praticará coisas erradas.

Se você selecionar uma turba de amigos errados, praticará coisas erradas em sua vida social. Ande com os que usam drogas, e você acabará fazendo a mesma coisa.

Mas — considerando agora o outro lado da moeda — os que andam com os sábios muito aprenderão. Você precisa de alguém que lhe diga coisas assim:

— Não tenho muita certeza quanto à conveniência desse negócio. Foi bom você me perguntar. Vamos conversar sobre o caso.

E essa pessoa o ajudará, mostrando-lhe as arapucas em que você poderia cair, se prosseguisse caminhando naquela direção. Vejamos mais algumas declarações concernentes à mesma vantagem:

> "O que dá ouvidos à repreensão da vida, no meio de sábios fará a sua morada. O que rejeita a disciplina menospreza a sua alma, mas o que dá ouvidos à correção adquire entendimento. O temor do Senhor é a instrução da sabedoria, e a humildade precede a honra" (Provérbios 15:31-33).

Gosto da maneira de Salomão chamar este conselho de "repreensão que dá vida." É exatamente assim!

Vejamos agora a segunda vantagem da prestação de contas: *Quando prestamos contas regularmente, temos maiores probabilidades de ver o quadro todo.* Quando dispomos de boa supervisão, de um sócio confiável ou de um grupo de conselheiros apegados à verdade, temos maiores probabilidades de enxergar o quadro todo. Percebo que minha vida tende a estreitar-se cada vez mais se eu reduzo meu mundo à minha própria perspectiva — a um raio restrito e apertado. Contudo, dispondo do conselho de um amigo, meu mundo se expande. Torno-me mais consciente; adquiro profundidade, alargo meus horizontes, descubro panoramas e dimensões que eu perderia se persistisse em ficar a sós com minha mente três por quatro. "Como o ferro com o ferro se afia, assim o homem ao seu amigo" (Provérbios 27:17).

Permita-me expandir um pouco mais esse processo de refinamento. Uma mulher afia outra; uma dona-de-casa afia outra; um dentista afia outro; um advogado afia outro; um médico

afia outro; um negociante afia outro; um vendedor afia outro; um ministro afia outro. Por quê? Porque o mundo em que uma pessoa vive é limitado e restrito demais. Quando nos acotovelamos com outras pessoas, obtemos uma vista panorâmica que nos permite ver o quadro todo. "Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim o coração do homem ao homem" (Provérbios 27:19).

Que linguagem pitoresca! As pessoas mostram um reflexo claro daquilo que lhes vai no coração. O espelho só mostra a pele. O conselho de um amigo reflete o que lhe vai no íntimo.

Platão, em sua *Apologia*, escreveu o seguinte: "Uma vida não examinada não é digna de ser vivida." Se você não estiver ponderando sua vida, tenho más notícias para você: não passará muito tempo e aceitará a mediocridade. Você está fazendo o que fazia no ano passado, e talvez o que fazia no anterior? Se sim, você está se tornando menos eficiente. Precisamos da disciplina do auto-exame, a fim de atingir a excelência.

Eis a terceira vantagem da prestação de contas: *Quando prestamos contas com regularidade não é provável que prossigamos impunes com nossas ações pecaminosas e imprudentes.* "Fiéis são as feridas feitas pelo que ama, mas os beijos de quem odeia são enganosos" (Provérbios 27:6).

Pensei muito no conteúdo desse provérbio. Não apenas porque tenho sido ferido (no bom sentido) por conselheiros que almejavam o meu bem, mas também porque tenho tido curiosidade sobre como é que esse provérbio funciona em minha vida. Analisei o versículo 6 e descobri que o texto original hebraico diz mais ou menos o seguinte:

> "Dignos de confiança são os ferimentos causados por alguém que te ama, porém, os beijos de quem te odeia são enganosos."

Entre outras coisas, isso limita as pessoas que nos ferem àquelas que nos amam. Ensina-nos que nem todas as pessoas têm o direito de imiscuir-se em nossa vida e assaltar-nos com repreensões. Nunca! Esse é um privilégio e responsabilidade de alguém com quem celebramos um relacionamento de amor. Um relacionamento de amor, baseado no tempo gasto juntos, e num profundo conhecimento mútuo, provê o lubrificante de

que as repreensões precisam a fim de tornar-se aceitáveis. Há época em que se faz necessário sermos feridos pela conversa franca de um amigo.

Não consigo lembrar-me de onde foi que li pela primeira vez estas palavras, todavia jamais as esquecerei: "Em não havendo verdade rude, nossa vida afunda-se em meio ao perfume de insinuações e sugestões."

UMA AVALIAÇÃO HONESTA DE NÓS MESMOS

É possível alguém ler um capítulo semelhante a este e não ver-se a si mesmo nele. A pessoa lê e diz: "Tenho que dar um jeito de meu marido ler isto!" Ou, "Que pena que o meu pastor não tenha lido este capítulo. Talvez eu possa emprestar-lhe o livro — depois de eu sublinhar certas passagens do capítulo 8!" Essa idéia é má. Em vez de desejar que outra pessoa esteja lendo este capítulo, façamos de conta que só nós dois existimos. Tenho o privilégio de escrever sobre um assunto que tem um caráter muito pessoal para você — para *sua* vida, *seu* mundo particular. Para tornar o remédio mais saboroso, permita-me formular-lhe algumas perguntas. Gostaria que as respondesse de maneira bem simples: "sim" ou "não". Advirto-o, todavia, que se trata de perguntas sérias. Você poderia ficar embaraçado se alguém visse as suas respostas, talvez, porque você não conseguiria explicá-las de modo completo. Assim, dê sua resposta apenas em pensamento, certo? Mas, vá devagar. Não responda depressa demais.

Pergunta 1. *Você consegue dar o nome de uma ou várias pessoas, fora de sua família, a quem presta contas com regularidade?* Antes de responder, entenda o que tenho em mente. Tais pessoas têm acesso fácil e imediato à sua vida. Elas têm liberdade para perguntar-lhe coisas como: "Que é que está acontecendo aqui? e "Por quê?" Essas pessoas não hesitariam em fazer uma investigação, se se preocupassem com alguma coisa que você estivesse fazendo que lhes parecesse insensato ou danoso. Em geral, estes amigos sabem seu paradeiro e confiam nos seus motivos. Têm o número de seu telefone particular. Não temem interrompê-lo. Existe um laço afetivo bem desenvolvido que une vocês. Você ajudou a cul-

tivar esse laço. Você tem pelo menos um amigo assim, de preferência dois ou três?

Se sua resposta é "não", em vez de parar por aqui com um profundo suspiro, pensando: "não tenho sorte," aceite esse fato como um desafio. Diga a você mesmo: "Preciso encontrar alguém, uma pessoa que, terei certeza, estará investindo seu tempo em mim. Vou convidar tal pessoa para iniciarmos uma amizade. Almoçaremos juntos algumas vezes e nos conheceremos mutuamente. E verei se essa é a pessoa a quem abrirei minha vida." Eu lhe suplico: não adianta adiar.

Pergunta 2. *Você está ciente dos perigos da falta de prestação de contas?* Deixe-me dizer-lhe, mais uma vez, antes de você responder, que estou falando de perigos como faixas sem visão, relacionamentos não sadios, maus hábitos não controlados, motivos inomináveis, coisas que jamais se detectarão sem que haja um amigo desse tipo. Você percebe aonde esses perigos o levarão se não começar a prestar contas a alguém? Agora, seja honesto. Pondere sobre as conseqüências de uma vida que não presta contas a ninguém.

Talvez você tenha que admitir que tem sido orgulhoso demais, que viveu uma vida secreta demais. Quando eu me decidi a baixar a guarda, há alguns anos, escrevi esta oração simples a Deus. Ela me ajudou a quebrar minha resistência contra os conselhos das outras pessoas.

"Senhor, estou disposto
A receber o que tu me deres,
A ficar sem o que retiveres,
A abandonar o que tu me tomares,
A sofrer o que tu me infligires,
A ser o que tu exigires que ou seja;
Senhor, se os outros hão de ser
Teus mensageiros para mim,
Estou disposto a ouvi-los e acatar
O que têm para dizer-me. Amém.

Pergunta 3. *Quando foi a última vez que você prestou contas das "áreas particulares" de sua vida a alguém fora de sua família?* Áreas como suas finanças, suas compras volumosas, seu padrão de contribuições? Alguém sabe quanto é o muito

(ou o pouquinho) de sua contribuição? Alguém lhe dá conselhos sobre o que parece um tanto irresponsável, e sobre o que parece sábio, de sua parte, no uso do seu dinheiro? Alguém já lhe falou a respeito de atos sacrificiais na área das finanças? Ninguém o fará sem que você faça um convite.

Que diremos da sua diligência operacional? Alguém sabe quanto tempo — muito ou pouco — você trabalha de verdade no escritório? Alguém está ciente de suas atitudes lá, de modo que seja capaz de ajudá-lo a enxergar a influência que você exerce na vida dos outros? É possível que alguém tenha que lhe dizer que você está trabalhando *demais*. Será que alguém tem o direito de penetrar nesse seu mundo confidencial?

Que tal estabelecer um esquema de atividades? Alguém teve o privilégio de chegar-se a você recentemente e dizer-lhe:

— Você sabe que tem estado ocupado demais. Tem ficado longe de casa durante muitas horas seguidas. Por que é que você diz "sim" com tanta freqüência?

Talvez você esteja a aproximar-se da exaustão sem perceber.

Que tal tratar de sua luxúria? Alguém sabe de sua tremenda luta contra a pornografia? Alguém sabe o que é que você gosta de examinar nas lojas de "videotapes" ou que revistas você folheia? Que tal aquele tipo de entretenimento ao qual, segundo você pensa, pode dedicar-se sem problemas, porque ninguém sabe disso? Estas não são perguntinhas insignificantes; são bem pesadas.

Eu o adverti de que minha conversa seria franca. Minha preocupação é que você permaneça forte, parecido com uma águia. Meu anseio é que alce vôo altaneiro. Preocupa-me que você tenha começado a afundar, a enterrar-se na mediocridade. Creio que você também está preocupado. Penso que *deseja* influenciar os outros para o bem. Lembra-se de minha paráfrase da declaração de Soljenitsin? "Uma pessoa de verdade influencia o mundo inteiro."

Os heróis que alçam vôo acima da mediocridade possuem visão, aplicam sua determinação e mantêm suas prioridades. Mas de que maneira evitam o perigo e não sofrem uma queda daquelas tremendas alturas? Agora você já sabe o segredo. Prestação de contas. Os heróis não se esquivam das perguntas difíceis.

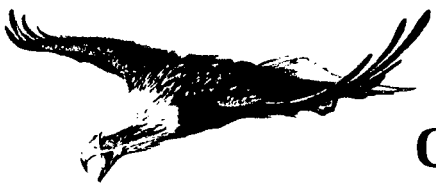
Território ocupado pelo inimigo — eis o que é o mundo. O cristianismo é a história de como o Rei de justiça desembarcou disfarçado, e está chamando-nos para tomar parte numa grande campanha de sabotagem.

C. S. Lewis - 1952



Parte 3

O Combate à Mediocridade Exige um Feroz Espírito de Luta Feroz



9

Como Ganhar a Batalha Contra a Cobiça

Não conheço outra coisa que exija mais tempo, mais trabalho duro, mais esforços do que a tarefa de eliminar os maus hábitos que nos prendem nas tenazes da mediocridade. Nenhuma águia alça vôo altaneiro e sublime de repente, automaticamente!

Esta luta constante para cultivar e manter um caráter nobre explica porque eu penso que esta terceira seção do livro é uma zona de combate — uma série de quatro capítulos que retratam o cenário de uma batalha feroz. Há quatro grandes inimigos que precisam ser identificados, atacados e conquistados se quisermos ter esperança de atingir e manter a excelência: *a cobiça, o tradicionalismo, a indiferença apática e o egoísmo destituído de alegria*. Cuidaremos deles nessa mesma ordem. Mantenha em mente, contudo, que todos estes adversários da excelência têm morte lenta e dolorosa. Haverá um momento em que acharemos que eles estão liquidados; é quando eles se levantam e avançam contra nós por outro ângulo.

UM RAIO-X DA COBIÇA

Vamos dar uma olhada breve mas bem perto na cobiça. Definida de maneira prática, a cobiça é um desejo desordenado; a pessoa quer mais e mais, uma ânsia excessiva e insatisfeita de possuir coisas. À semelhança de uma fera não domesticada, a cobiça prende, enfia as garras, alcança, oprime, imobiliza —

e obstinadamente recusa-se a libertar a presa. A palavra *suficiente* não faz parte do vocabulário desta besta-fera. Embora aparentada à inveja e ao ciúme, a cobiça é diferente. A inveja deseja possuir o que outra pessoa possui. O ciúme deseja possuir o que a pessoa já possui. Mas, a cobiça é diferente. A cobiça está perpetuamente insatisfeita e, portanto, constitui uma fome, uma sede, uma ânsia, um anelo, uma sofreguidão, um desejo de mais, mais e mais.

Talvez não haja coisa mais trágica de ver do que uma pessoa cheia de cobiça — uma pessoa que jamais descansa de vez, sempre perseguindo algo, sempre querendo mais e mais. Tal paixão cria um cativeiro que é verdadeira âncora, enorme e pesadíssima, de modo que nenhum par de asas, independentemente de envergadura, consegue erguer a vítima em vôo altaneiro.

AS QUATRO FACES DA COBIÇA

A primeira e mais comum das faces usadas pela cobiça é: a máscara do dinheiro, dinheiro, dinheiro! *Cobiça é uma motivação excessiva para ganhar mais e mais dinheiro.* Trata-se de uma face que vemos com muita freqüência ao nosso redor. A maior parte das pessoas que eu encontro no mercado de trabalho deseja ganhar mais pelo serviço que executa. Antes de discordar desta afirmação, pare um pouco e dê uma olhada nas pessoas que trabalham ao seu redor. A maioria está descontente com seu salário. A propósito, você não precisa ser rico para ser cobiçoso. Eu conheço muito mais pessoas que não têm dinheiro, mas são mais cobiçosas do que pessoas que admitem ter mais do que precisam. Com muita freqüência a cobiça aparece como um anseio devorador, impiedoso, de obter mais, ganhar mais e amontoar mais.

Em segundo lugar, a cobiça com freqüência usa a face de coisas, de posses materiais. *Cobiça é uma determinação exagerada de possuir mais e mais coisas.* Repito: pense um pouco antes de rejeitar este conceito. Nunca temos mobiliário suficiente. Ou o mobiliário certo. Você já notou isso? Nunca possuímos o tapete certo, nem as cortinas que gostaríamos de possuir. Defrontamo-nos, então, com os móveis com que sempre sonhamos. Ou o carro que sempre quisemos ter. Quer se

trate de bugigangas pequeninas que estamos colecionando, quer de coisas enormes, como uma casa, sempre se trata de objetos. Lá está o desejo ardente, constrangedor, de possuir mais e mais coisas. Para defini-la de modo direto, cobiça é materialismo cru e descontrolado.

Em terceiro lugar, a cobiça pode usar a face da fama. *A cobiça é, também, um desejo excessivo de a pessoa tornar-se mais famosa, de criar um nome para si mesma.* Algumas pessoas ficam tão determinadas a ser estrelas, a estar sob os holofotes do palco, que nada as detém na ânsia de serem mencionadas, ou serem vistas nos círculos de celebridades. Demos graças porque nem todas as pessoas famosas caem nesta categoria de cobiça. É maravilhoso encontrar pessoas que são astros e não o sabem!

Não é fantástico encontrar homens e mulheres famosos que ainda são acessíveis? Ainda são reais, ainda vulneráveis, ainda capazes de passar o braço ao redor de uma criança, ainda capazes de arranjar tempo para a família e para as pessoas. O desejo veemente de fama não precisa sobreviver.

Em quarto lugar, a cobiça pode usar a face do controle. *Cobiça assim é uma necessidade excessiva de obter mais e mais controle* — ter o domínio de alguma coisa ou alguém, estar sempre no poder, ser o mandatário-mor, o chefão supremo, o dono do negócio. O grande objetivo da vida de muita gente é manipular seu caminho para o topo de qualquer escada conducente ao sucesso, de acordo com sua escolha.

Correndo o risco de parecer terrivelmente simplista em minha análise, a cobiça pode ser rastreada nas Escrituras até aquele dia em que nossos primeiros pais, Adão e Eva, pecaram no jardim do Éden. Quando desviaram a atenção do Deus vivo, dirigindo-a a si mesmos, a cobiça penetrou e poluiu a corrente sangüínea humana. Se se quiser controlá-la, é inevitável a luta. A batalha é sua, a batalha é minha — uma guerra sem sangue derramado, mas incessante.

O Senhor Jesus percebeu que as coisas materiais podem exercer tremendo domínio sobre a humanidade. Em nada menos do que dezessete de suas trinta e sete parábolas ele tratou da propriedade, e de nossa responsabilidade em usá-la sabiamente. Uma dessas histórias parece-nos significativa o suficiente para que a examinemos.

EXPOSIÇÃO E DENÚNCIA DA COBIÇA

Encontramos em Lucas 12:13-34 um dos discursos mais claros e diretos concernentes à cobiça que você consegue encontrar em toda a literatura. Não é difícil demais entendê-lo. Contudo, fique sabendo que a obediência deve comandar o resto de nossa vida!

Vamos resumir o relato de Lucas 12 de maneira mais simples. Parece que o texto se divide claramente em quatro partes. Nos versículos 13-14 há um diálogo. No versículo 15, Jesus enuncia um breve princípio. Em seguida, nos versículos 16-21, há uma história que ele nos conta a respeito de um homem avarento que ganhava a vida como fazendeiro bem-sucedido. Finalmente, nos versículos 23-24 encontramos uma série de grandes verdades.

O Diálogo

> "Disse-lhe um homem da multidão: Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança. Mas Jesus lhe disse: Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?" (vv. 13-14).

Da multidão surge um homem que audaciosamente diz a Jesus o que este deve fazer. É interessante que esse homem não formule uma pergunta ou pedido. Ele poderia ter dito, com toda polidez: "por favor". Nem mesmo usa um respeitoso "Senhor." Tem a audácia de dar instruções a Jesus quanto ao que este deve fazer. Percebendo como tais desavenças familiares podem tornar-se complicadas e contraproducentes, Jesus retraiu-se. Ele nunca se imiscuiu em questões que não se relacionassem com o grande propósito de sua missão na terra. Eu sempre admirei muito esse traço de Cristo.

A propósito, há uma grande lição para aprendermos aqui, no que concerne a metermo-nos em negócios alheios. As pessoas que desejam emaranhar-nos nas minúcias insignificantes de suas vidas, atirarão questiúnculas em nossa direção nas quais não temos o direito de intrometer-nos. Quando muito pouco se ganharia na perseguição do rastro do coelho, preci-

samos ter o tirocínio e a disciplina de dizer: "Não estou qualificado para cuidar disso. Não sou a pessoa com quem você deveria tratar desse assunto." É reconfortante lembrarmo-nos de que Jesus não tentou satisfazer *todas* as necessidades das pessoas, nem se intrometeu em *todos* os problemas delas. Ele era seletivo. As necessidades que ele satisfez eram as que estavam diretamente relacionadas com sua missão principal. Não é de admirar que o Senhor, acima de toda e qualquer outra criatura que já viveu neste imenso globo, manteve lealdade elevada à excelência. Ele nunca perdeu de vista suas prioridades.

Contudo, parece que Jesus pressentiu no tom de voz desse homem, ou percebeu na questão que estava sendo levantada (uma herança de família), que aqui estava o lugar perfeito para encaixar uma questão mais importante: a cobiça. Afinal, foi a cobiça que motivou o homem a iniciar o diálogo com Jesus, ao pedir que o Mestre tomasse partido. Em vez disso, Cristo estabeleceu um princípio que todos devemos seguir.

O Princípio

> "Então lhes disse: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lucas 12:15).

Preste bem atenção nos pronomes. No versículo 14, "Jesus *lhe* respondeu." Mas, no versículo 15, "*lhes* disse". Jesus está respondendo ao homem no versículo 14, mas volta-se à multidão, em seguida, e trata de um assunto mais amplo. Ao fazê-lo, emite uma advertência: "Acautelai-vos e guardai-vos"! Guardar-se de que? "Da avareza." A avareza, quer seja dinheiro, quer sejam coisas, fama, poder, sob *toda e qualquer* forma que ela surgir, cuidado!

Os gregos tinham uma palavra interessante que empregavam ao referir-se à *avareza*. A palavra usada no versículo 15 significa "sede insaciável". Para ilustrar, talvez seja fantasioso, porém bastante descritivo, imaginar uma pessoa sedenta bebendo um copo de água *salgada*, que apenas lhe vai aumentar

a sede. A sede dessa pessoa a leva a beber mais ainda, e este processo culminará com a pessoa terrivelmente doente. Se continuar a beber água salgada poderá morrer. Nisso se resume a avareza. Você estará desejando mais e mais uma coisa que na verdade não lhe fará bem. Ao conseguir tais coisas, você passa a sofrer dolorosas conseqüências. Eis a razão porque Jesus adverte: "tende cuidado e guardai-vos. Este mal é como um câncer — um parasita que lhe roubará a vida." O suficiente nunca será suficiente, razão porque o Senhor acrescenta: ". . . porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui." A vida não gira — *não pode* girar — ao redor de bens materiais quando a pessoa deseja alcançar a excelência verdadeira. É preciso ganhar a batalha contra a avareza se quisermos ter esperanças de alçar vôo altaneiro.

Parábola

> "E propôs-lhes esta parábola: O campo de um homem rico produziu com abundância. Então ele arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: Farei isto: Derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos. Descansa, come e bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma. Então o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus" (vv. 16-21).

Antes de pronunciarmos uma condenação total contra este homem, precisamos ter certeza de que entendemos bem que ele não está errado por ser um fazendeiro bem-sucedido, próspero. Não há uma palavra sequer, nem aqui nem em parte alguma das Escrituras contra o sucesso ganho e merecido honestamente, nem contra a prosperidade financeira. Este homem é, sem qualquer dúvida, um sucesso; ele trabalha duramente, longas horas. De modo nenhum seu erro é ser preguiçoso. Tampouco encontramos uma única palavra indi-

cativa de ele ser desonesto. Esse homem não ganhou a vida desonestamente. Ao contrário, parece que tem sido um fazendeiro diligente e meticuloso. Ele plantou e colheu. Em épocas anteriores, preparou o solo e sabiamente fez a rotação das colheitas. Parece que fez tudo direitinho. Por isso, ao espiar através das janelas da casa da fazenda, ele se deparou com uma colheita espetacular. Devia ser um panorama fantástico para os olhos. Nada há de errado numa colheita espetacular — nem com os demais fatores que lhe trouxeram a prosperidade. Então, onde está o erro?

Vejo neste homem três falhas gritantes, trágicas.

Primeira falha: *Ele não conhecia realmente sua própria pessoa*. Nunca penetrou em sua mente a idéia de que poderia não viver muitos anos ainda; fala à própria alma como se ele fosse imortal. Nunca parou, tampouco, para considerar que suas riquezas nunca lhe satisfariam a alma, na profundidade íntima de seu ser. Estava tão preocupado com coisas temporais que não se procurou em dedicar um pouco de tempo às coisas eternas. Este modo horizontal de pensar é resumo de uma vida medíocre.

Você está preparado para uma idéia chocante? Alguns de vocês que lêem estas palavras agora poderão muito bem estar mortos dentro de um ano. Outros não estarão vivos dentro de cinco anos. Acontece simplesmente que não dispomos de muitos anos. E parece que há tantas pessoas morrendo mais jovens nestes dias. Ainda não conseguimos erradicar as moléstias cardíacas, o câncer e o vírus da AIDS.

O fazendeiro da história de Jesus na realidade não entendia a si próprio, porque nunca parou para pensar que suas colheitas abundantes não lhe trariam satisfação final. Você se lembra do que ele disse? "Descansa, come e bebe e folga." Estas palavras indicam uma falsa satisfação. Noutras passagens, as Escrituras chamam isso de presunção. Ele pensa que o ganhar cada vez mais dará um senso de satisfação à sua alma.

Estive conversando com um homem de negócios, enquanto tomávamos o desjejum matinal. Esse homem havia conseguido entrar num acordo com seus negócios. Com uma explosão de emoção, narrou-me o seguinte:

— Chuck, aquele meu negócio era o meu deus! Eu andava

ansioso, preocupado, raramente ficava em casa, e sofria de úlceras. Eu pensava que meu trabalho me traria a satisfação de que necessito. Mas, finalmente vim a enxergar que nada disso acontecia. Agora, estou mudando minha vida toda, tendo em mente uma dimensão eterna. Coloquei o Senhor numa perspectiva onde ele nunca estivera antes, e nunca me senti tão feliz.

O rosto daquele homem era alegria só. Ele havia chegado a conhecer-se a si próprio — realística, espiritual e profundamente. É o que faltou àquele fazendeiro da parábola de Jesus. Ele não percebeu que não conseguiria viver aqui eternamente, e nunca havia parado um instante para pensar nisso.

Segunda falha: *Ele não se interessava pelas outras pessoas.* Suas observações estão completa e desavergonhadamente cheias de si mesmo. Ele está sentado no trono de sua própria vida. Você já passou algum tempo com pessoas desse tipo? Claro que sim. Elas estão sempre ao nosso redor! Como eu já disse anteriormente, o problema está em nossas veias. Desde nossos primeiros anos carregamos as marcas da cobiça.

Até esta data, Cynthia e eu temos três queridos (e muito inteligentes) netos. Como nós os amamos! Estamos esperando mais. Aguardamos *mais* netos. Brinquei com nossos dois filhos casados, um dia.

— Continuem tendo filhos. São ótimos. Tragam os bebês quando estiverem limpos, bonitos e cheirarem gostoso. E levem-nos embora se não estiverem assim. Que coisa maravilhosa! Há, porém, uma coisa engraçada nessas criaturinhas adoráveis. Todas elas já nascem com o problema do avô — *egoísmo*. Já sabem pegar, agarrar as coisas. Elas querem, e pegam e seguram. "É meu! é meu! é meu!" Que engraçado: não foi preciso ensinar-lhes essas palavras. A coisa faz parte da natureza das crianças. O desejo teimoso de mais e mais é semelhante a um músculo forte, que se flexiona dentro de cada bebê. Seus pais (e avós) já estão travando batalha contra a vigorosa cobiça das crianças. Vencer essa batalha contra a cobiça é uma missão que leva a vida toda.

Em terceiro lugar: *Aquele homem não arranjou lugar para Deus.* Ele viveu toda sua vida dentro de um raio apertado — sua própria pessoa — como se Deus não existisse. Imagine o

choque de quando o anjo da morte lhe disse:

— Louco! Hoje à noite as cortinas descerão! Chegou o fim, meu caro, chegou o fim. Para quem é que você vai deixar todas essas coisas? Quem terá direito de receber todas essas coisas que você preparou?

Uma Série de Verdades

Com base nessa história, Jesus apresenta o que nos parece um mini sermão do monte. Em alguns aspectos isto é verdade. Observe o que acontece em seguida: "Disse Jesus a seus discípulos. . ." (Você viu a diferença? No versículo 14 ele se dirigiu ao homem, e no 15, à multidão. Finalmente, está a sós com os doze e fala a seus amigos mais chegados — os discípulos.)

> "Disse Jesus a seus discípulos: Portanto vos digo: Não estejais apreensivos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis. Mais é a vida do que o sustento, e o corpo mais do que as vestes. Considerai os corvos, que não semeiam nem ceifam, não têm despensa nem celeiro; contudo, Deus os alimenta. Quanto mais valeis vós do que as aves! Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? Visto que nada podeis fazer quanto às coisas mínimas, por que estais ansiosos pelas outras? Considerai como crescem os lírios. Não trabalham nem fiam. Contudo, digo-vos que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pequena fé. Não pergunteis que haveis de comer, ou que haveis de beber, e não andeis inquietos. Pois os gentios de todo o mundo buscam todas essas coisas, e vosso Pai sabe que necessitais delas. Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Não temais, ó pequeno rebanho; pois a vosso Pai agradou dar-vos o reino. Vendei o que tendes, e dai esmolas. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam, tesouro nos céus que nunca acabe, onde o ladrão não chega

nem a traça consome. Pois onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (vv. 22-34).

Ao estudar o magnífico discurso de Jesus, quatro grandes verdades surgem. A primeira provém de várias ordens de cunho negativo, como "não andeis ansiosos" e "não procureis o que comer e o que vestir." Ele está dizendo o seguinte: "Não se preocupem. Não permitam que a vida gire ao redor do guarda-roupa ou da penteadeira." Não permitam que a vida gire ao redor de coisas que serão queimadas e desaparecem com o tempo. E ainda: "Não temais."

Eis o que aprendi a partir destas ordens negativas. *As pessoas que perdem a batalha contra a cobiça caracterizam-se pela ansiedade e pela busca das coisas temporais.* Não vou comentar este conceito, mas ele merece um pouco de meditação. Leia-o mais uma vez, até ter certeza de que o gravou na mente.

Observo, também, várias ordens de cunho positivo no sermão de Jesus: "Considerai os corvos" e "Considerai os lírios." E também: "Buscai, antes de tudo, o seu reino." (É claro que você se lembra desta última, que já mencionamos numerosas vezes em capítulos anteriores.) Estes conceitos positivos me conduziram à segunda grande verdade: *Os que vencem a batalha contra a cobiça percebem seu valor aos olhos de Deus e simplesmente confiam nele.*

Ao chegarmos à poderosa conclusão de Jesus (vv. 33-34), surge a terceira verdade: *A vitória contra a cobiça exige ação deliberada e afirmativa.* "Vendei! Dai!" Estes imperativos contêm exigências. Arranje tempo para estudar o que Jesus ensinou a respeito de cada um deles. Não são apenas idéias estimulantes da cabeça de um teólogo de nossos dias. Não se trata tão-somente de um "slogan" originado na sede de alguma denominação. Trata-se de ensino de *Jesus.* O Mestre ensinou a seus primeiros convertidos, seus primitivos discípulos: "Tomem decisões deliberadas e afirmativas, homens, com respeito à cobiça. Não permitam que a cobiça domine suas vidas. Tão logo perceberem que ela está voltando, chutem-na para fora." Essa é a idéia dominante.

Não há nada de errado neste mundo quanto a levarmos vida confortável. Tampouco há qualquer coisa de errado em alguém possuir uma imensa fortuna, se a pessoa a ganhou e a usa

corretamente. Entretanto, é drasticamente errado guardá-la toda para você mesmo! Deus a concedeu a você para que você por sua vez a entregue de volta a ele, para os outros — sim, com *abundância*. A única razão que posso imaginar para Deus conceder a alguém a capacidade de ganhar mais do que necessita é que tal pessoa possa *dar* mais. É certo que não poderemos levar conosco nossas riquezas.

Tenho um amigo muito chegado, meu colega, que viajou pelo país durante uma semana, em reuniões ministeriais. Só houve um problema: a bagagem não o acompanhou. Se bem me lembro, suas malas foram parar em Berlim! Ele precisava de roupas. Assim, dirigiu-se a uma loja de roupas usadas e ficou encantado ao encontrar vários ternos. Quando ele disse ao atendente:

— Gostaria de comprar dois ou três ternos —. O vendedor sorriu e disse-lhe:

— Muito bem, temos uma porção deles. O Senhor precisa saber que eles vieram do necrotério local. Foram todos lavados e passados a ferro, mas foram usados em cadáveres. Não tem nada de errado neles; só que eu não queria que isso preocupasse o Senhor.

Disse o meu amigo:

— Não me preocupo; tudo bem. Ótimo!

Experimentou bem rápido uns ternos e os comprou. Foi uma verdadeira pechincha!

Ao voltar para o quarto, começou a vestir-se para a reunião vespertina. Tendo vestido um terno, surpreendeu-se ao verificar que não tinha bolsos. Pareciam costurados de ambos os lados. Embora surpreendido, pensou consigo mesmo:

— Claro! Os cadáveres não carregam coisas; ninguém leva nada ao morrer!

Os ternos pareciam ter bolsos, mas na verdade só havia as abas nos paletós. Meu amigo me disse mais tarde:

— Passei a semana inteira tentando enfiar as mãos nos bolsos. Acabei tendo de pendurar minhas chaves na cintura!

O ministro lembrou-se durante toda a semana que esta vida é temporal. É bem provável que tenha pregado melhor só por causa desse lembrete!

Finalmente, uma quarta verdade surge das palavras de Jesus:

"...onde está o vosso tesouro aí estará também o vosso coração." *Os valores pessoais — os valores reais — estão selados em nosso coração.*

O combate à mediocridade exige um feroz espírito de luta. Nunca se esqueça disto! A cobiça em nossa vida não será vencida sem luta. A cobiça e o quebrantamento não conseguem coexistir. Quando Jesus, o Senhor nosso, finalmente entregou-se à morte na cruz, totalmente quebrantado diante do Pai, entregou todas as coisas nas mãos de Deus. Assim disse ele: "Se for possível, que tal não aconteça, que o cálice passe de mim — tira-me o cálice; entretanto, seja feita a tua vontade, e não a minha." Esta é a declaração máxima de quebrantamento. Coloque-se no lugar de Cristo. Ouse pronunciar a mesma oração que ele fez. "Se é da tua vontade, Pai, que eu tenha algumas destas coisas, muito bem. Porém, se for da tua vontade que tudo me seja retirado, retira tudo, Senhor — até minha própria vida — porque eu prefiro ir à bancarrota aqui na terra e ser rico nos céus, prefiro não ter minha vontade feita aqui na terra, e ser pobre lá em cima."



10

Como Matar o Dragão do Tradicionalismo

Toda e qualquer pessoa que decidir alçar vôo altaneiro e sublime, nas alturas luzentes e puras, bem acima da mediocridade, primeiramente precisa vencer o nevoeiro cerrado que se estende por todo o pântano da mesmice entediante. Não é incomum as águias terem que lutar pela sobrevivência.

Esta é a razão por que eu afirmei, anteriormente, que considero esta terceira seção como zona de combate onde se trava uma peleja feroz. Visto que eu não tenho tempo para comentar todos os adversários da excelência, sou forçado a limitar-me, nestes quatro capítulos da Parte 3, a quatro dos mais pertinazes inimigos que poderíamos enfrentar.

No capítulo 9 esmiuçamos a *cobiça*. Nem bem iniciamos a discussão e já havíamos percebido que a cobiça asfixiante, escravizante, pode apanhar-nos. Escrevi algumas sugestões sobre como vencer a batalha contra a cobiça na esperança de poder ajudar você a não se conformar com este mundo. Neste capítulo enfrentamos um segundo inimigo, não menos agressivo do que a cobiça, em princípio, porém muito mais sutil na aparência — o *tradicionalismo*.

IDENTIFIQUEMOS ESSE DRAGÃO

Tenhamos muito cuidado ao identificar corretamente nosso adversário. Não é a tradição em si mesma; trata-se do *tradicionalismo*. Não estou tentando ser bitolado e minucioso, mas

apenas exato. O tipo certo de tradições fornece-nos raízes profundas — uma rede sólida de verdades confiáveis numa época em que tudo é descartável. Dentre tais tradições estão aquelas declarações e princípios fortes que nos amarram ao mastro da verdade, quando as tempestades da incerteza erguem ondas de mudança amedrontadoras, sopradas pelos ventos da dúvida. Muitos desses princípios são essenciais: a crença na autoridade das Sagradas Escrituras, o conhecimento de Deus, o amor a Deus. O acatamento do senhorio de Jesus Cristo, nossa dedicação leal ao próximo, e nossa transformação em povo capaz de encorajar genuinamente.

Caso você não tenha percebido, recebemos ordem específica para ater-nos às tradições da fé: ". . .permanecei firmes, e conservai as tradições que vos foram ensinadas" (2 Tessalonicenses 2:15). Ainda que muitos — na verdade, a maioria — prefiram andar em caminhos contrários, "não segundo a tradição" que as Escrituras ensinam claramente, somos instruídos a permanecer firmes na direção do alvo (2 Tessalonicenses 3:6).

Entenda-me, pois: estou referindo-me ao grande objetivo, onde a verdade está em jogo, e não às minúcias insignificantes, de importância menor, em que o mero gosto e costume são uma questão de preferência pessoal. Alguns insistem, por exemplo, em que todos os protestantes devem conduzir-se de acordo com as tradições dos reformadores, "porque os reformadores agiam assim." Embora eu aprecie muito aqueles grandes homens, discordo. João Calvino usava chapéu na igreja. Isso é suficiente para que algumas pessoas digam: "Todos deveriam usar chapéu na igreja." Contudo, antes que todos os homens e mulheres que intencionam ir ao culto no próximo domingo saiam correndo para comprar chapéus, é bom conhecerem a *razão* porque Calvino usava chapéu. Na verdade, havia duas razões: "porque a igreja tinha (a) correntes de ar e (b) pombos."

Há uma grande diferença entre tradição e tradicionalis*mo*. Jaroslav Pelikan põe o dedo no âmago da questão: "Tradição é a fé viva daqueles que já morreram; tradicionalismo é a fé morta daqueles que hoje vivem."

Por tradicionalismo quero chamar de modo especial àquela atitude que resiste à mudança, à adaptação ou alteração. É

manter-se apegado a um costume ou comportamento que se conserva a força, e cegamente. É nutrir suspeitas contra o que é novo, moderno e diferente. É a pessoa encontrar segurança, e até mesmo identidade naquilo que é familiar e, portanto, opor-se a qualquer coisa que a ameace. Se você me permite mais uma definição, é preferir um sistema legalístico em vez da liberdade e renovação do Espírito — é estar mais interessado em guardar regras rígidas, de cunho humano, em vez de permanecer flexível, aberto à criatividade e à inovação.

Agora eu sei que você sabe aonde quero chegar. Digo claramente que minha posição é ao lado da abertura, permitindo que haja lugar para as coisas não experimentadas, imprevisíveis, inesperadas — e durante o tempo todo mantendo-nos fiéis à verdade. Quando se abraça esta filosofia, as águias botam ovos, esses ovos são chocados e abre-se a amplidão para que as águias possam voar. Quando o tradicionalismo governa o espetáculo, nada se pode esperar senão papagaios — criaturas de vôo rastejante que se encarapitam e só se manifestam quando se lhes dá ordem. Acredite-me: há muita gente por aí que acha que sua vocação é dizer aos outros o que devem fazer e dizer. São aparadores de asas que se auto nomearam, que franzem o nariz aos novos métodos e proíbem vôos altos.

Um Novo Ministério

Quando minha esposa e eu decidimos juntar armas e aventurar-nos num programa radiofônico, nossa experiência era zero. Nenhum de nós tinha algum conhecimento de como atingir o público através do rádio e tampouco sabíamos qualquer coisa a respeito das complicações de uma empresa não-lucrativa. Citando um dos nossos advogados, não estávamos começando do zero: começávamos "abaixo de zero"! Felizmente, havia alguns amigos queridos, competentes, que nos ajudaram a deslizar do bote para dentro do oceano sem que nos prejudicássemos, porém, desde essa época aprendemos a nadar através de correntes rápidas, nesta fase especial de nossas vidas. Quais têm sido os resultados? Um ministério radiofônico singular, inovador, único em seu gênero, denominado "Visão que Produz Vida", um programa que não segue o padrão de nenhum outro no ar. Por que imitar? As duplicações são peso

morto. Não estou afirmando que nosso programa é o único ministério radiofônico eficaz. Claro que não! Contudo, é exclusivo e único do começo ao fim.

Os sistemas que usamos, nós os delineamos. As técnicas que empregamos, nós as criamos. Meu estilo é meu mesmo — de maneira alguma tento ser parecido com qualquer outra pessoa ou programa, nem procuro competir com outros. Por que eu faria tal coisa? Eu sou *eu* — sou uma águia. Ser como outra pessoa é tornar-se papagaio. Não, obrigado! As cartas em que pedimos donativos são estritamente minhas — eu escrevo cada palavra delas. A filosofia que as fundamenta é nossa, não de alguma organização profissional que nos forneceria um roteiro para seguirmos. Nossa correspondência é planejada com amor, delineada e executada dentro de nossa própria organização, por pessoas que empregamos — pessoas que possuem perícias e habilidades inovadoras e criativas incríveis. Como as apreciamos e as amamos!

Não somos os maiores (nunca nos preocupamos com tamanho) mas estamos determinados a ser uma organização que representa um padrão. É certo que não somos os mais ricos (nunca nos preocupamos com finanças), mas utilizamos visão abrangente, enquanto vigiamos cuidadosamente nossas despesas, sempre recusando-nos a cortar a qualidade pelo amor à quantidade. Sim, isto fazemos sempre. Nossas práticas e costumes são do mais elevado padrão de integridade — isto, sim, é coisa que nos *preocupa*. Todos os itens que promovemos, produzimos, anunciamos e colocamos à disposição têm um timbre identificador: EXCELÊNCIA. Quer se trate de uma excursão que patrocinamos, quer de uma brochura que criamos, quer seja uma conferência de que participamos, quer um guia para estudos que pomos à disposição de nossos ouvintes, a excelência é nossa marca sempre presente.

E por que não? Representamos o Rei dos reis. Só tenho permissão para dizer isso em termos de hoje: ele é o mandatário número um, o diretor-presidente. Senhor, de fato! Somos os que devem fazer com que o mundo vire a cabeça, não o contrário. As águias não devem ficar ciscando o chão, à semelhança de galinhas num quintal, ou perus num cercado. Vou falar com franqueza: Há muito tempo os evangélicos têm sido os patinhos feios da cristandade!

Somos criticados? É claro que sim! Não podemos, contudo, permitir que as críticas nos perturbem. Sempre haverá os que acham que deveríamos fazer isto, ou não deveríamos fazer aquilo. Visto que sempre nos recusamos a consultar a opinião da torcida, nem quisemos aderir às sugestões dos "peritos", com freqüência ouvimos comentários assim: "Não vai funcionar, vocês vão ver", ou "em vez disso, vocês deviam fazer assim", ou "vocês não vão conseguir. . . vocês não estão sendo realistas." Mas, coisa espantosa! A maior parte (estou resistindo à tentação de dizer *todas*) das coisas que nos disseram ser impossíveis, estão sendo *realizadas* agora. Estamos fazendo-as pela graça de Deus. As águias que, segundo nos disseram, nunca voariam, não apenas voam — mas voam alto!

Cynthia e eu não somos inteligentes nem sábios, do ponto de vista mundano, mas aprendemos depressa e mantemo-nos flexíveis, sempre abertos a idéias inovadoras. Principalmente, há muito da águia em nós ambos, de modo que não ficamos satisfeitos com os procedimentos operacionais padronizados, insípidos, estabelecidos pelo denominador comum mais baixo da opinião humana. Se uma idéia nova, nunca experimentada antes, faz sentido, nós a pomos em prática já! Se não funcionar, ganhamos o aprendizado. Se funciona, nossa satisfação é imensa.

Apresso-me a acrescentar que somos abertamente agradecidos a Deus pela sua fidelidade, graça e perdão a nós dispensadas enquanto fomos crescendo e gemendo juntos — e somos igualmente agradecidos à junta de diretores cuidadosamente selecionados. Eles sabem como dirigir essas duas águias, e como reagir a elas sem podar-lhes as asas. Prestamos-lhes contas; eles não nos intimidam. A propósito, nenhum deles está amarrado pelo tradicionalismo. Não estariam na junta de diretores, de outra forma. Por quê? Porque o tradicionalismo é um dragão pernicioso que deve ser eliminado, se pretendermos entrar no século vinte e um com excelência, entusiasmo, força e relevância. O tradicionalismo gera papagaios; não deve ser tolerado. Se você o combate, parabéns! Não pare. Esse velho dragão é péssimo: faz esvair a vida de suas vítimas. Por isso, nunca cesse de combatê-lo. É uma questão de sobrevivência.

TRADICIONALISMO DO PRIMEIRO SÉCULO

Nos dias de Jesus, o tradicionalismo erguia a cabeça horrenda de maneira diferente da de hoje. No primeiro século, o tradicionalismo era sinônimo de farisaísmo. Os fariseus o abraçaram e o promoveram. Suas vidas eram modelo de tradicionalismo. Onde quer que Cristo se encontrasse com os fariseus, encontrava-se também com o tradicionalismo! Enquanto as pessoas saudavam Jesus, os fariseus lhe franziam a testa. Você gostaria que eu mencionasse um exemplo clássico? Ei-lo: aquela ocasião em que Jesus sofreu um confronto com um grupo "escamoso", no jantar com uma turba de pecadores que enchia a sala. Talvez você não esteja a par das circunstâncias que vou descrever:

Um camarada chamado Mateus (que o Dr. Lucas chamou de Levi) foi convidado para abandonar sua profissão de cobrador de impostos e tornar-se discípulo — um seguidor chegado a Jesus. Foi o que ele fez. Em seguida deu uma festa em casa, em homenagem ao Mestre. Creio que nós poderíamos chamá-la de festa de despedida: Levi estava deixando sua profissão.

É natural que a casa dele deveria estar cheia daqueles companheiros com quem Levi havia andado durante muitos anos — colegas da mesma profissão e outros amigos, nenhum dos quais seria religioso, sendo todos, porém, amigos e companheiros. É assim que o Dr. Lucas descreve a cena:

> "Depois disto, Jesus saiu e viu um cobrador de impostos, chamado Levi, assentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Ele, deixando tudo, levantou-se e o seguiu. Fez-lhe Levi um grande banquete em sua casa, e havia ali uma multidão de cobradores de impostos e outros que estavam com eles à mesa" (Lucas 5:27-29).

Fico rindo ao pensar naqueles camaradas naquele jantar. Você é capaz de imaginá-los? Um sem-fim de tilintar de pratos, de vozerio alto, de ondas periódicas de gargalhadas ruidosas, de gente que se levantava para brindar de copos na mão, um momento de total entretenimento para todos. Ninguém usufruía a ocasião mais do que Jesus! (Que pena que não temos alguns quadros de Jesus à mesa, nesta ocasião). Ali estavam

pessoas *reais*. Não eram espantalhos, bonecos imitativos, palhaços que tentassem impressionar algum figurão importante. Apenas pecadores autênticos, amigos de Levi, que ali tinham vindo para divertir-se um pouco.

Havia bastante comida e vinho. Talvez até mesmo uma "churrasqueira" tipo primeiro-século onde Levi sofria um bocado. Havia muita gente contando histórias, gente ouvindo e gente partilhando casos. Estavam todos divertindo-se a valer, todos muito alegres, juntos — exceto, é claro, os fariseus. Posso imaginá-los de pé lá fora, espiando pelas janelas, encarando as pessoas sem um sorriso sequer. Coletores de impostos e outros amigos, ao lado de Jesus e seus discípulos, reclinavam-se à mesa juntos. Mas, em meio ao ruído festivo, os religiosos "donos da sinagoga" começaram os ataques verbais a Jesus e seus discípulos.

> "Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, dizendo: Por que comeis e bebeis com os cobradores de impostos e pecadores?" (Lucas 5:30).

Você vê? O principal problema era que os discípulos de Jesus se misturaram com aqueles pecadores, e se divertiam. Os fariseus criam (e ensinavam) que deveriam permanecer separados daqueles tipos. Não deviam associar-se com pecadores e, de maneira alguma, *absolutamente*, deveriam divertir-se na companhia daquelas pessoas. Que idéias mais tolas! A propósito, você notou que primeiramente Lucas se refere a "publicanos e outros" (v. 29)? Mas observe a diferença quando ele menciona os fariseus. A frase muda para "cobradores de impostos e *pecadores*" (v. 30).

— Como é que você, Jesus — você, dentre todas as pessoas como é que você pode sentar-se para comer e beber, cheio de alegria, com estes publicanos e pecadores? Arre! Que é que os outros vão dizer? Que testemunho é esse que você dá?

Os discípulos perderam a fala, talvez por sentirem medo. Não sabiam o que dizer. A maior parte dos judeus, naqueles dias, nem conseguia pensar quando os fariseus os confrontavam; mas isso jamais aconteceu a Jesus. Sem o mínimo temor pela presença dos fariseus, Jesus lhes deu uma resposta direta.

É uma coisa a respeito de Jesus de que gosto muito. Ele os encara nos olhos e diz: "Não necessitam de médico os sãos, e, sim os doentes" (v. 31). "Essas pessoas precisam é de cura. Visto que eu sou o Médico, visto que essa é a minha função, não desejo, então, ficar por aí com pessoas que pensam que não precisam de cura. Estas pessoas estão doentes. Não fazem segredo disso; não o escondem. Precisam de ajuda. É por isso que eu estou aqui."

Se isto não for suficiente, prossiga a leitura: "Eu não vim chamar justos, e, sim, os pecadores ao arrependimento" (v. 32). Acho que se eu estivesse à mesa, diria (em aramaico, é claro):

— Muito bem, Jesus, vá em frente!

Provavelmente, eu também teria assoviado e aplaudido! Jesus acertou o alvo em cheio ao responder: "Não vim chamar as pessoas que acham que são justas, mas as que *sabem* que estão doentes. É esse o meu ministério, em palavras francas e simples. Elas precisam de mim, e estão abertas. Não creio que vocês precisam de mim, pelo fato de vocês ficarem fechados!"

Bem, se você acha que os fariseus o deixaram a sós depois disso, você não compreende a natureza do dragão chamado tradicionalismo. Tudo isso para eles queria dizer que a moeda fora atirada, a sorte lançada, e agora era o momento de o jogo iniciar. Instala-se o jogo violento, quando os fariseus replicam a Jesus:

> "Os discípulos de João jejuam com freqüência e oram, como também os dos fariseus, mas os teus comem e bebem" (v. 33).

A suposição é que esta resposta seria uma estocada sarcástica. "Você pode ter tempo para toda essa pândega, nós não! A coisa é séria. Nós jejuamos. Você e seus discípulos estão aí dentro, comendo e bebendo com esses pecadores indecentes, e divertindo-se entre eles. Você não sabe que a vida é séria demais para ser gasta desse jeito?"

Veja a resposta:

> "Podeis fazer jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?" (v. 34).

Que rechaço estupendo! Naquela época, enquanto o noivo estivesse na festa, comia-se e bebia-se e ria-se e divertia-se num regozijo contínuo. Contudo, ao partir o noivo, sobrevinha a tristeza porque todas as pessoas deviam voltar para o trabalho. Em seguida, coisas sérias começaram a acontecer. Jesus, referindo-se a si mesmo, disse: "O noivo está no meio de seus amigos. Não é agora a ocasião de jejuar e parecer sombrio e triste, e agir como se tivéssemos raiva do mundo. Chegará a época apropriada para isso, mais tarde."

> "Dias, virão, porém, em que o noivo lhes será tirado,
> e então, naqueles dias, jejuarão" (v. 35).

"Naqueles dias, quando eu for levado à cruz para morrer, vocês não ouvirão risos. Não ouvirão o tinir de copos. Nessa ocasião não haverá festejos, porque as coisas se terão tornado sérias. Eu terei partido."

Os fariseus ficaram estranhamente silenciosos. Olhavam atentamente, tentando compreender aquelas palavras. Pelo jeito não eram capazes de juntar as peças do quebra-cabeça, pelo que Jesus lhes narra uma história curta. Ainda que eu vivesse 100 anos, jamais cessaria de espantar-me diante do fato de ser Jesus um comunicador maravilhoso. Nunca alguém dormiu enquanto Jesus falava. Seus sermões sempre foram breves e incisivos — uma habilidade bem rara entre os pregadores! Além de tudo, ele mencionava coisas que qualquer pessoa podia entender. Jamais Jesus se interessou em impressionar seu auditório com enunciados profundos, ultra-difíceis, embora ele pudesse deixá-los totalmente assombrados, e fazê-los sair de sua presença, dizendo:

— De que é que ele falou, afinal?

— Não sei, mas é coisa profunda, homem. Ninguém entendeu nada.

Talvez seja esse nosso estilo, porém, não o de Jesus. As palavras dele penetravam com exatidão letal. Ao encerrar seus sermões, os ouvintes arrancavam dardos enormes de seus corpos. Jesus estava sempre mantendo as pessoas acordadas com aguilhoadas da verdade. Observe sua técnica no versículo 36. Ele opera de um modo simples, que desarma as pessoas. Ei-lo em ação, com comentários a respeito de roupas velhas e roupas novas, vinho velho e vinho novo:

> "Disse-lhes esta parábola: Ninguém tira pedaço de uma veste nova e o costura numa veste velha. Se fizer isso, romperá a nova e o remendo não condiz com a velha" (v. 36).

Qualquer pessoa que já teve uma roupa nova encolhida entenderá. Até hoje, se você tomar uma roupa velha que tem um rasgão, e tapá-lo com tecido novo, você sabe que este vai encolher. No fim, pode acontecer que o remendo se desprenda. É isso o que diz o versículo 36. Porém, há mais coisas. Jesus está usando a parábola do remendo tendo em mira algo mais profundo (acredite-me: trata-se do tradicionalismo). Como você sabe, os fariseus demonstravam lealdade e compromisso em relação às coisas antigas. Eram diplomados em história *antiga*, e juravam pela lei. Ficavam duros como concreto nos preceitos e estatutos da lei. Sabiam citar as palavras exatas dos antigos rolos da Tora. Para tornar as coisas piores ainda, adicionaram mais de seiscentos preceitos para que todas as pessoas pudessem entender como é que *eles* interpretavam a maneira como todos deviam viver. E como eram rígidos! Veja: eles eram a "roupa velha". E a questão levantada por Jesus foi: "você não pode misturar coisas novas com coisas velhas. Haverá desagregação."

Ele fixa com força esse conceito falando de vinho:

> "E ninguém põe vinho novo em odres velhos. Se fizer isso, o vinho novo romperá os odres, e entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão" (v. 37).

De fato, quando Mateus narra esta história, acrescenta: ". . . e os odres se estragam. Mas põe-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam." Não sou grande conhecedor de vinho, mas sei que se você coloca vinho novo num recipiente de couro já gasto, quebradiço pelo passar do tempo, um odre que já não é mais flexível, você corre o risco de um vasamento. Não vai demorar muito e a fermentação causará mudança no vinho, que produzirá inchação e esticamento do couro. O odre se romperá.

Assim como Jesus não estava falando, na verdade, a respeito de roupas velhas e remendos novos, tampouco está falando, agora, de odres velhos e vinho novo. Lembre-se de que temos

aqui uma parábola — uma história que utiliza fatos literais, familiares, para ensinar coisas espirituais, desconhecidas. O auditório de Jesus entendeu que estas palavras eram mísseis carregados de explosivos poderosos.

Até hoje usamos, às vezes, palavras que todas as pessoas entenderão, mas que não devem ser tomadas literalmente. Carrego minha família por toda a parte em minha carteira. Se você me pedir, eu lhe mostro minha família.

— Não! — diz você —. Você não está carregando sua família em sua carteira.

Você tem razão; na verdade não a carrego. Carrego uma *fotografia*. Mas eu a mostro dizendo:

— Esta é a minha família.

Ora, minhas palavras não podem ser tomadas literalmente. Você entende que se trata apenas de uma foto de minha família. A história de Jesus é apenas uma foto de algo muito mais importante. Agora ele firma bem seu ensino:

"Mas o vinho novo deve ser colocado em odres novos" (v. 38). Ah! De repente o quadro fica em perfeito foco, o que deixa os fariseus terrivelmente nervosos. Você sabe por quê? Porque Jesus lhes diz, com efeito:

> "E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo, pois diz: O velho é melhor" (v. 39).

O odre velho do tradicionalismo e do judaísmo não podia conter o vinho novo do evangelho revolucionário que Jesus estava oferecendo. O odre rompia-se. Lá estavam os fariseus representando todos aqueles preceitos criados pelo homem, contemplando essa mensagem revolucionária, cheia de riscos, a respeito de liberdade, graça, perdão, libertação da lei, misericórdia e esperança. (Até que ponto você consegue renovar-se?) O odre velho farisaico não podia conter esta mensagem. Aqueles homens estavam tão entrincheirados, tão inflexíveis, que o vinho novo vazou de todo. Os odres velhos se arrebentaram completamente. Os fariseus foram forçados a ver que a tentativa de enfiar Jesus no molde deles fora frustrada — e eles ficaram expostos. O velho simplesmente não conseguia conter o novo.

Ah! como eles amavam suas tradições! Quer você creia, quer

não, esses fariseus amavam mais suas tradições do que a verdade de Deus. O relato de Mateus inclui uma repreensão de Jesus aos fariseus, pelo fato de estes se agarrarem com tanta força às suas tradições que chegavam a resistir à revelação de Deus. Qual foi a repreensão de Jesus? ". . .invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus" (Mateus 15:6). Não é isso uma acusação? Com efeito, Jesus está dizendo: "Vocês se defendem tanto em seu odre tão endurecido, que rejeitam o vinho novo que lhes ofereço." Jamais houve uma águia que voasse tão alto, nem que fosse tão odiada. Encaremos essa realidade — a verdade que liberta pessoas é grave ameaça ao tradicionalismo.

VERDADES DO VINHO NOVO PARA O SÉCULO VINTE E UM

Basta de vinhos e odres do primeiro século. Nosso interesse, como já dissemos anteriormente, não é apenas descobrir e desenvolver algumas verdades dos tempos antigos. Nosso interesse é ver quão importante essas verdades são para *nossa* época.

Parece que algumas coisas importantíssimas saltam para o meu colo, quando fico pensando nessa parábola de Jesus. A primeira dessas coisas é: *Deus é um Deus de renovação e mudanças.* É o vinho novo.

Em janeiro de cada ano novo, Deus faz uma provisão de doze meses de vinho. Doze barris novos são colocados no estoque (cujo conteúdo é desconhecido para nós). Cada barril se esvazia num mês. Esse vinho novo é vital. É vinho novo, brilhante, pronto para encher novos odres. Deus é um Deus de renovação e mudanças. Espere um pouco: antes de eu mudar de assunto, permita-me esclarecer bem um ponto. Nosso Deus nunca muda, nem seu Filho. "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje, e eternamente" (Hebreus 13:8). Não é esse um grande pensamento? Deus não se apresenta diferente neste ano do que era no ano passado, ou há dez anos. Tampouco mudará daqui a cem anos. Contudo, ainda que ele é sempre o mesmo, suas obras são diferentes. A obra de Deus é sempre viçosa. Os métodos e caminhos de Deus são sempre renovados, imprevisivelmente novos.

Verifico que esse conceito permeia as Escrituras do começo ao fim. O Antigo Testamento fala de novo cântico, novo coração, novo espírito, nova aliança e das novas coisas que Deus está fazendo. No Novo Testamento somos chamados de "novas criaturas". Em Cristo "todas as coisas se fizeram novas". Somos afiançados de que recebemos um "novo nascimento". Somos instruídos a viver segundo "um novo mandamento". Somos um povo que tem "um novo espírito," vivendo segundo "o homem novo." Estamos até esperando "novos céus e nova terra". A última referência ao *novo* feita pela Bíblia está bem perto das últimas páginas, em Apocalipse 21:5, onde o Senhor diz que fará "novas todas as coisas".

Preciso adverti-lo, se você gosta que as coisas permaneçam sempre do mesmo jeito, que você vai sentir-se terrivelmente constrangido no céu. Tudo será novo. Deus é Deus de coisas novas, de mudanças. Ele põe flexibilidade em seus métodos. Ele altera seus métodos de tal maneira que a você parecerá que nunca os viu antes. Você nem consegue imaginar como serão as coisas da próxima vez. Como se aplica este princípio, pessoalmente? Minha resposta encontra-se no primeiro versículo do capítulo 5 de Efésios:

> "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados, e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave."

Diz Deus que devemos ser "imitadores" dele, o que na verdade significa que devemos "copiá-lo". Visto que Deus é Deus de renovação e mudança, assim deveríamos ser também. Se queremos obedecer à ordem de "copiar Deus, como seus filhos amados", digo que deveríamos permanecer viçosos — mantendo-nos abertos, inovadores, desejosos de mudanças.

Tenho observado que cada geração tende a tornar-se mais radical e rígida do que a anterior. Tendemos a apegar-nos com mais firmeza ao tradicionalismo. Ainda que nosso Deus de renovação e mudança nos tenha dado, a todos nós, aqueles barris cheios de vinho novo, não vamos usá-lo; descobriremos meios de conservá-lo, protegê-lo, mantê-lo — guardá-lo para um "dia especial."

Você se lembra do maná que Deus mandou a seu povo no deserto, para que ele o comesse? Uma das primeiras coisas que o povo precisava esquecer no que concernia ao maná era "guardá-lo". Porém, muitos queriam amontoar o maná em casa. Por quê? Porque tinham medo de que o maná se acabasse, e ficassem privados de alimento. Tinham medo de que na manhã seguinte não houvesse nova provisão de maná. A única ocasião em que deveriam ter em mente esta preocupação era na sexta-feira, visto que, ao chegar o sábado, Deus não enviaria o maná. Entretanto, Deus cuidou até mesmo disso! Às sextas-feiras, o povo deveria colher uma porção dobrada para dois dias, que permaneceria fresquinha, não se estragaria. Assim, o povo nada tinha com que se preocupar, mas tinha tudo para regozijar-se. Entretanto, permanecia a tendência para acumular o maná.

Você se lembra da serpente de bronze que Moisés ergueu no deserto, quando as pessoas estavam sendo picadas por serpentes e morrendo? Deus providenciou aquela serpente de bronze para que o povo fosse curado. Mas você sabia que o povo arrastou consigo aquela serpente, pelo deserto, e até mesmo em Canaã, durante várias gerações? É possível que você não tenha percebido esse detalhe. Muito bem, aqui está a passagem que conta o caso:

> "Tirou os altos, quebrou as colunas, deitou abaixo os postes-ídolos. Despedaçou a serpente de bronze que Moisés fizera, pois até aquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso, e lhe chamaram Neustã" (2 Reis 18:4).

Lá estavam eles, até agora pendurados àquela velha serpente de bronze que haviam arrastado durante tantos anos. Que era essa serpente agora? Apenas Neustã, que quer dizer "uma peça de bronze". Que é que o povo deveria ter feito? Deveria tê-la jogado fora! Em vez disso, estava *adorando-a*. Se desejamos "copiar" Deus, precisamos permanecer renovados e abertos. Ao lixo todas as Neustãs! De outra forma, não ficaremos flexíveis e criativos. Todos quantos combatem a mediocridade são verdadeiros padrões de inovação.

Agora vamos ao segundo fato importante que percebo em

Lucas capítulo 5: *Os novos odres são essenciais, não opcionais.* Todas as gerações sofrem a tentação de tentar restringir as obras e os métodos de Deus. A maioria das pessoas deste mundo gosta de manter as coisas. Uma vez que as coisas estejam bem estabelecidas, não queremos mudanças!

Permita-me dar-lhe algumas ilustrações. Pouco tempo depois de eu iniciar meu pastorado na Califórnia, examinei com grande cuidado a ordem dos elementos do culto, e decidi que o povo já havia colocado a "doxologia" no começo da liturgia havia tempo demais. Por isso, coloquei-a no *fim* do culto. Algumas pessoas perguntaram:

— Como é que vamos cantar a doxologia no fim? Bem, o que eu quero dizer é que não tenho certeza de que *funcionará* no fim!

Confesso que essa observação me fez rir. A mudança funcionou. Na verdade, só em raras ocasiões nós a cantamos, agora. Quando, porém, a cantamos, tem mais sentido do que nunca!

Mas a mudança que realmente deixou a congregação no ar foi a decorrente de nossa audácia de pôr os anúncios no início do culto. Será que você me acredita se eu disser que tirei os anúncios que eram colocados no meio da liturgia? pois em toda a minha vida jamais vi um anúncio de louvor a Deus! É que os anúncios podem tornar-se uma espécie de vaca sagrada. No entanto, são apenas odres. Nós continuamente contemplamos o culto de adoração e pensamos em termos de odres novos, em que despejaremos vinho novo. Tentamos coisas novas o tempo todo. É maravilhoso! Algumas pessoas ainda ficam nervosas, às vezes. Gosto de ver o nervosismo na face delas. Elas parecem dizer:

— Será que o Chuck sabe disso?

Na verdade, eu estava planejando tudo desde o começo. Em outras palavras — é o odre novo — apenas um saquitel. O que importa é o que está dentro dele. É a inovação que mantém tudo pleno de viço, e vida, de criatividade — coisas novas.

Um de meus professores no seminário contou-nos sobre o dia em que pela primeira vez utilizou-se giz, numa palestra na igreja dele, há muitos anos. Muitos crentes franziram a testa e murmuraram:

"Usam isso no mundo secular, não? Não adotamos giz nas palestras da igreja. Na próxima vez, saiba você, *alguém* vai usar a flanelógrafo."

Até que ponto você é liberal? Ei, essas coisas são todas odres de vinho, e *nada* mais. Hoje, utilizamos filmes, televisão, computadores e coisas-a-serem-descobertas, invenções do futuro. Usamos novos estilos de música. Usamos novos métodos que agridem a mentalidade presa ao velho estilo. Muitas pessoas sentem-se constrangidas porque se sentem ameaçadas. Mas nada disso tem algo que ver com o vinho. Se aquelas coisas têm algo que ver com o vinho, alguma coisa está errada. Essas coisas são apenas um odre, uma vasilha. O vinho permanece bom e sadio porque veio de Deus. E os odres? No que concerne aos odres, precisamos ser flexíveis.

Precisamos resguardar-nos da tentação de envolver o cristianismo de 1980 e de 1990 nas roupagens de 1960! Se não exercermos vigilância, ficaremos tão comprometidos "ao jeito como éramos" que embotaremos o fio cortante das coisas realmente importantes, e deixaremos esta geração no pó. Repito: OS NOVOS ODRES SÃO ESSENCIAIS. As organizações não mudam; as pessoas mudam. As igrejas não são flexíveis; as pessoas são. Não há flexibilidade em paredes e madeiras. Nenhuma flexibilidade nas pedras, nas estruturas. A flexibilidade está em nós. Nós é que somos os odres. Se temos alguma esperança de voar alto na década dos 90's, *precisamos* dar um jeito na rigidez. O dragão do tradicionalismo *precisa* ser morto!

DUAS PERGUNTAS CONTUNDENTES

Aqui está uma dupla de perguntas de grande poder de penetração. Primeira: *O vinho ainda está fresquinho?* Será que você está sobrevivendo com o vinho de ontem? Você está abrindo uma torneira de vinho fresco, borbulhante, cheio de vida, de excitação? Ou será que precisa voltar a 1970 — ou a setembro de 1977?

— Bons tempos aqueles... grande progresso! Como Deus operou grandes coisas!

Certo. E hoje? As pessoas precisam saber como é que Jesus trata das questões de hoje, no mundo de hoje. O povo quer

saber se o vinho continua fresquinho. Talvez você esteja pensando assim:

— Oh! Chuck, você me parece radical demais! Não sei não! Vim com você durante nove capítulos, mas agora meu caro, este capítulo está ficando estranho.

Para você, de modo especial eu trago este lembrete: "As eiras se encherão de trigo, e os lagares transbordarão de vinho e de azeite" (Joel 2:24).

O profeta Joel está contemplando o futuro longínquo. Imagine: Ele põe seus olhos adestrados tão longe quanto as décadas de oitenta e noventa. "Haverá uma superprodução de vinho," diz ele. Mas, isso não é tudo:

> "Restituir-vos-ei os anos consumidos pelo gafanhoto migrador, pelo destruidor e pelo cortador, o meu grande exército que enviei contra vós" (Joel 2:25).

Que nome Deus dá aos gafanhotos? "meu grande exército que enviei contra vós." É como se ele estivesse dizendo, à guisa de aplicação: "Descobrirei aquela mentalidade, aquele tradicionalismo, aquele velho inimigo da renovação, e direi ao gafanhoto: 'Procure-os.' Eles virão e devorarão tudo. Corroerão tudo. Constituem meus exércitos."

Entretanto, você notou a promessa do Senhor? Ele prometeu uma compensação para você, pelos anos que os gafanhotos devoraram, depois que tiverem ido embora.

> "Comereis abundantemente, até ficardes satisfeitos, e louvareis o nome do Senhor vosso Deus, que procedeu para convosco maravilhosamente; o meu povo não será mais envergonhado. Sabereis que eu estou no meio de Israel, e que eu sou o Senhor vosso Deus, e não há outro; o meu povo não será envergonhado para sempre. E depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e os vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões" (Joel 2:26-28).

Que promessa para o futuro — e para *hoje*! Através de binóculos escriturísticos, o profeta está vendo o futuro. De que forma os sonhos estão se realizando? E as visões? Onde estão

as idéias novas, criativas? Precisamos ter novos pensamentos e sonhos para estes novos tempos.

Mas, honestamente, *onde* estão os cristãos? Que águias de vôo elevado deverão fazer toda a diferença durante os próximos cinqüenta anos? Você quer um desafio? Planeje agora sua vida, de modo que faça importante diferença. As águias fazem as coisas acontecerem; são elas, como eu disse num capítulo anterior, que desafiam nosso mundo a "quebrar o vaso de alabastro!" Neste capítulo eu trouxe novo desafio: viva de maneira a fazer uma diferença importante!

Tenho uma segunda pergunta em mente: *O odre ainda é flexível*? Mas que é que estou chamando de flexível? Muito bem, comecemos com a palavra *movível*. Você está pronto para mudar? Eu sei, eu sei: você acabou de acomodar seus cacarecos. Fez há pouco o último pagamento da hipoteca. Agora está instalado de verdade. Porém, não aposte que vai ficar afixado aí. Este ano um montão de gente estará mudando. E você poderá estar entre essas pessoas.

Eis outra palavra: *mudança*. Você está aberto, disposto a mudar sua carreira? Está disposto a arriscar? E é suficientemente flexível para inovar? Está disposto a tolerar a pura e simples possibilidade de fazer uma mudança tremenda na direção de sua vida? As pessoas que representam uma diferença importante são dotadas de odres flexíveis. Podem ser esticados, puxados, empurrados, mas agüentam as mudanças. "Senhor, tu estás me conduzindo a uma nova vida? Estou pronto. Conte comigo!" Esse é o espírito. Pode significar ter de mudar-se para o outro lado da rua. Mudar-se para o outro lado do país. Quem sabe, mudar-se para o outro lado dos oceanos. Até que ponto você é flexível? Talvez não seja necessária nenhuma mudança, apenas a disposição.

Leia estas palavras cuidadosamente. São palavras capazes de matar dragões!

> "... Os seguidores de Cristo, de hoje, precisam aprender o sentido total do padrão do povo de Israel no deserto, que caminhava ou parava quando a nuvem caminhava ou parava. Devem aprender a esperar no Senhor, a serem sensíveis à orientação dele, e

depender cada vez menos em seus próprios braços carnais. . .

De muitas maneiras nós, crentes de hoje, estamos vivendo de novo a era do Novo Testamento. Estes são dias de crescimento rápido nas igrejas, e simultaneamente também são dias de incerteza, apostasia, ameaças de perseguições e, acima de tudo, de expectativa pela segunda vinda de Cristo. Esta era a situação da igreja primitiva. Os crentes da primeira geração achavam que Cristo haveria de voltar. Ele não voltou. . . A igreja parece impotente diante da crise ecológica, por exemplo, ou diante da tecnologia insensível, ou da rede mundial de poder e intriga políticos. Contudo, as armas da guerra que travamos são espirituais, não carnais. Se usar as armas mundanas, a igreja não terá oportunidade. Mas, quando a igreja usa as armas de Deus (Efésios 6:14-17), é o mundo que se enfraquece.

Estes não são dias para a igreja recolher-se dentro de si mesma, enrolar-se num canto e esperar o fim, passivamente. O mundo ainda precisa ver o que o Espírito pode fazer."

Pare de permitir que o mundo ao seu redor o aperte dentro de seus moldes. Fora com o dragão do tradicionalismo! Este é um novo ano, uma nova geração, uma nova era.



11

Como Remover a Monotonia de Sua Vida

A monotonia e a mediocridade se encaixam como os dentes de duas engrenagens. Uma aciona a outra. E nós ficamos à deriva, bocejando, entediados. Falando de monotonia, não tenho em mente falta de atividade, mas principalmente falta de propósito. Podemos estar ocupados e, apesar disso, entediados, trabalhando com indiferença. A vida se torna monotonamente repetitiva, insípida, vulgar e reles.

Quem esperaria que tais coisas constituíssem um inimigo? Parecem coisas suaves demais, passivas demais, não merecedoras de menção sequer. Nada disso! Trata-se de um dos dardos mais mortíferos do arsenal do diabo. Atingido o alvo, o veneno se espalha rapidamente deixando-nos desassossegados, descuidados e desiludidos. Nossa visão fica embaçada e nossos ombros começam a curvar-se. Tornamo-nos massa mole na mão do inimigo. Essa é a razão porque C. S. Lewis escreveu o seguinte:

> A estrada mais segura para o inferno é a que se estende gradualmente — o declive suave, a maciez do solo, a ausência de curvas repentinas, sem placas de quilometragem, nenhuma advertência (The Screwtape Letters, carta 12).
>
> Os longos, tediosos e monótonos anos da prosperidade da meia idade, ou da adversidade da meia idade, são um excelente tempo de guerra (para o

diabo). (The Screwtape Letters, carta 28).

É verdade. Os anos longos, tediosos e monótonos da prosperidade ou da adversidade, característicos da meia idade, são suficientes para abater até a mais forte das águias, que cai com um estrondo.

Esta seção sobre o combate feroz certamente ficaria incompleta se deixássemos de tratar dos golpes desferidos pela monotonia e pela indiferença. É essencial que estejamos engajados numa batalha triunfal contra esses inimigos, se quisermos obter a excelência. São coisas que não podem coexistir. É certo que se este adversário vil da excelência é tão poderoso, é preciso que haja tino, visão e técnicas que nos ajudem a assaltá-lo em suas próprias trincheiras. E na verdade estes recursos existem! Eu mesmo os tenho usado — os mesmos recursos que desejo comentar neste capítulo — e descobri que são eficazes. Acredite se quiser: tais recursos têm sua origem numa oração redigida por Moisés há muitos séculos.

UMA ORAÇÃO DEMOLIDORA

O salmo 90 é o único atribuído especificamente a Moisés. Talvez tenha escrito outros, mas só temos certeza de que este foi escrito por ele. Você se lembra de Moisés? A maioria das pessoas lembra-se dele como um homem de ação, um guia agressivo, líder eficaz no êxodo, ousado doador da lei. Entretanto, é fácil as pessoas esquecerem a rotina monótona e repetitiva que ele teve de suportar. Entre os quarenta e oitenta anos,Moisés cuidou dos rebanhos de seu sogro, no deserto. O mesmo terreno geológico, a mesma paisagem, a mesma rota, as mesmas pessoas de maus bofes, a mesma perspectiva negativa, as mesmas queixas, o mesmo tempo feio, o mesmo *tudo*! A oração que Moisés escreveu poderia ter sido a maneira de ele manter a sanidade mental! Ele se dirige ao Senhor de modo específico (vv. 1, 2, 13, 17) e descreve palavra por palavra seu ministério pessoal no dia-a-dia.

Como Quebrar o Encantamento

Com freqüência nosso problema com o tédio começa quando ficamos presos pelo "feitiço" da monotonia. Nesse estado

quase hipnótico, somos sugados para dentro de uma mentalidade indiferente, tipo "que me importa?" A mediocridade e o cinismo passivo aguardam os que se deixam apanhar nessa armadilha. Que devemos fazer, então? Precisamos dirigir nossa atenção (como fez Moisés) para (a) um objetivo correto e (b) com uma perspectiva correta.

> "Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração. Antes que os montes nascessem, ou que formasses a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus" (Salmo 90:1-2).

Da mesma forma como procedeu este antigo guia e pastor, nós também devemos iniciar clamando ao nosso Deus: "Senhor!" Que alívio poder clamar pelo nome de Deus! Quando assim fazemos, reafirmamos diante dele nosso verdadeiro lugar de residência. Não é aqui, neste desprezível pedaço de terra que chamamos de mundo. Você entendeu? "Senhor — Tu és meu lar. . . minha casa. . . meu refúgio."

Prossegue Moisés na ordem inversa à da criação. Originariamente, Deus fez o mundo, as montanhas, a terra seca e finalmente a humanidade. Moisés inverteu tudo:

Mundo _____Montanhas _____Terra seca _____Homem

Se formos, em espírito, tão longe quanto possível, chegaremos a um ponto que se perde no passado — o infinito. Moisés está dizendo: "Deus, até mesmo no ponto em que nossa visão se desvanece tanto no passado como no futuro — no lugar mais distante que podemos imaginar — tu estás ali!"

Não conseguimos medir essa viagem. Só podemos imaginá-la. Contudo, quando retrocedemos ao ponto mais afastado possível do passado, em espírito (o ponto que tudo se desvanece no passado) e ali desembarcamos, encontramo-nos com Deus. E quando nos projetamos para o futuro, para o ponto em que as coisas se desvanecem, no infinito nebuloso do amanhã, ali também nos encontramos com Deus.

O que Moisés está dizendo é o seguinte: Quando saio do ponto de extinção do ontem e caminho para o ponto de extinção do amanhã, descubro que Deus está presente; a saber, não

existe um único lugar no escopo total de minha existência cotidiana do qual Deus esteja ausente. Tornando esse fato mais pessoal ainda, vejamos o que diz Francis Schaeffer: "Ele está ali, e não está em silêncio." Há um propósito, um significado na presença de Deus. Até mesmo naquelas questiúnculas que consideramos sem importância, insignificantes, triviais.

Acho graça quando leio certos críticos que dizem que Moisés arrastava-se num tipo de teologia ignorante. Digo-o com franqueza: acho que, a partir deste salmo, Moisés possuía uma teologia um tanto sofisticada. O homem que redigiu a história da criação tinha um conhecimento respeitável daquilo sobre que escreveu. Este salmo revela que, para ele, Deus estava em todos os lugares, até mesmo quando conduziu aquela gente confusa pela fímbria do deserto. Digamo-no de forma mais pessoal — até mesmo quando você tomou decisões e assumiu compromissos aparentemente sem sentido, tediosos, Deus esteve ao seu lado! Ele tem cuidado de você! Ele sabe tudo sobre você! Pensamentos deste tipo ajudam-nos a voar alto, não?

Não perca a perspectiva correta: "De eternidade a eternidade tu és *Deus*." Do meu ontem ao meu amanhã — Deus. Desde os pequenos empreendimentos até os grandiosos — Deus. Desde o início da escola até o final — Deus. Desde as pequenas tarefas que jamais ocuparão as manchetes (que me parecem apenas ativismo) passando por todas as etapas até os grandes empreendimentos que recebem atenção internacional — Deus. A partir dos primeiros anos de meus filhos até nosso último ano juntos — Deus! Tu estás ali, Senhor. Tu estás conosco! Sim, até mesmo quando tudo sai errado.

Nesses "maus" dias acariciamos a idéia de que merecemos um tratamento melhor, quase como que se fôssemos os donos de nossa vida. Na verdade, é nas tarefas servis que executamos nesta vida que Deus nos lembra: "Não, eu sou o dono de sua vida. Você é meu. Tenho propósito nessa circunstância que lhe parece tão vazia de sentido." Tente pensar assim. Na próxima vez que você se sentir deprimido, lembre-se: "Desde ontem até amanhã tu, Senhor, estás comigo. Tu tens cuidado de mim!" Esse pensamento o ajudará a alçar vôo elevado com asas de águia. Sei bem disso. Testei-o numerosas vezes em minha vida.

Esquadrinhando a Alma

Basta de falar de anulação de feitiços. Esse assunto se encerra quando se inicia a discussão do esquadrinhamento da alma. Quando esquadrinho minha alma durante as épocas de luta, quase sem exceção encontro três pensamentos que perambulam em minha mente. O primeiro pensamento é: *A vida é tão curta!* Na verdade, não dispomos de muitos anos. E despendê-los em bobagens é grande desperdício.

> "Tu reduzes o homem ao pó, dizendo: Voltai ao pó, ó filhos dos homens. Pois mil anos aos teus olhos são como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite. Tu os arrebatas no sono da morte; são como a erva que cresce de madrugada, de madrugada cresce e floresce, e à tarde corta-se e seca" (Salmo 90:3-6).

Isto é que é um quadro pintado com palavras vívidas! A vida passa tão depressa que é como se houvéssemos sido levados de roldão por um *dilúvio*, isto é, uma *torrente*. Passa rapidamente como uma *vigília* de três horas, como o dia de *ontem!* Em seguida, caímos no sono e morremos.

> ". . . de madrugada cresce e floresce; e à tarde corta-se e seca."

Outro lembrete da brevidade da vida. "De madrugada cresce e floresce; e à tarde corta-se e seca" como a *erva*.

Esses pensamentos têm um jeito de perseguir a pessoa que verdadeiramente deseja que sua vida se resuma em mais do que apenas um minúsculo período impresso nas páginas do tempo. Você concorda comigo? Queremos imprimir pelo menos uma sentença. Porém, o que eu enxergo, o que está saindo destas linhas da oração de Moisés, é que é Deus quem controla nossa vida neste mundo. Ele é quem determina os limites. De fato, é ele quem diz: "Tornai, filhos dos homens." E sem hesitação, eles tornam. Algo que nos parece importantíssimo pode mudar de repente. Quando o Supremo Controlador diz: "Tornai", é espantoso como esse retorno pode acontecer.

Fiquei intrigado, há vários anos, quando li a respeito de algumas cidades fantasmas espalhadas pelas campinas de Nevada. O autor salientou que tudo indicava, entre meados e o

fim do século dezenove, que aquelas cidades floresceriam para sempre. Havia nelas milhares e milhares de pessoas. Havia ouro em abundância. Havia novos edifícios, grandes planos, muita excitação. Havia diversão feroz e desenfreada em cada esquina — casas e hotéis, bordéis e bares, minas e dinheiro. A Corrida ao Ouro parecia que haveria de durar para sempre. Mas, de repente, tudo parou com forte ruído. Quase que da noite para o dia aqueles centros populacionais barulhentos, cheios de vozes, se transformaram em coletores vazios de poeira. Cessou o ruído das caixas registradoras. Hoje, suas lojas e ruas estão vazias, exceto por um punhado de excêntricos que gostam de morar no deserto. Essas cidades batidas do vento estão agora em silêncio, como conchas vazias espalhadas por uma estrada arenosa, há muito esquecida. Afinal, que é que aconteceu às cidades que surgiram e cresceram tão depressa, em Nevada? Permita-me sugerir uma resposta bem simples. O Senhor dissera: "Tornai, ó cidades de Nevada."

A família Kennedy também vem à minha memória, quando penso neste tipo de mudanças dramáticas. Lembro-me vividamente do tremendo impulso para o alto, da tremenda popularidade de todo o clã Kennedy durante duas ou três décadas! E que aconteceu? Num período muito curto de tempo, alguns acontecimentos rápidos como relâmpago mudaram tudo: John foi assassinado; Robert foi assassinado; Ted foi estigmatizado — um escândalo e um casamento fracassado perseguem-no. Que foi que aconteceu, na realidade? Ninguém consegue explicar completamente, mas tudo se passou como se Deus houvesse dito à família, que parecia que iria prosseguir para sempre na liderança: "Tornai, ó família Kennedy." Soberanamente, Deus levanta um e abaixa outro.

Por que estou mencionando estes dois exemplos? Porque ambos descrevem com perfeição o que é a vida. O que parece que veio para ficar e causar uma impressão perpétua, muitas vezes é assustadoramente temporário. Quando Deus diz: "Chega. Desçam as cortinas", é apenas uma questão de tempo. É a perspectiva de tudo isso que nos mantém unidos. Nosso Deus exerce controle completo. Nada escapa de sua mão forte. Ele lança uma pessoa e retém outra. Empurra alguém para a frente e puxa outro para trás.

Leia de novo a oração de Moisés. Ela me traz outro pensamento que me perturba muito: *Meus pecados são óbvios.* Você às vezes se sente perturbado por causa disso, em meio à rotina chamada vida e tempo? Claro que se sente! Moisés também se sentiu assim.

> "Pois somos consumidos pela tua ira, e pelo teu furor somos angustiados. Diante de ti puseste as nossas iniqüidades, e os nossos pecados ocultos à luz do teu rosto. Todos os nossos dias vão passando na tua indignação; acabam-se os nossos anos como um conto ligeiro" (Salmo 90:7-9).

Você se lembra daquele pecado secreto que perseguia Moisés — o assassinato do egípcio? Fico imaginando quantas vezes Moisés espreitou por detrás de rochas, no deserto, só para ouvir o mesmo ruído chocalhante dos ossos de um esqueleto. Não consigo imaginar quantos dias ele terminou com "um suspiro". Não conseguia escondê-lo, não conseguia evitá-lo, não podia negá-lo. Meus pecados são tão óbvios, Senhor. Como é que vou dar um jeito nisso? Estou cansado de sentir o lembrete doloroso da tua ira!" Bem no encalço destes sentimentos, Moisés escreve:

> "A duração da nossa vida é de setenta anos, e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, o melhor deles é canseira e enfado, pois passam rapidamente, e nós voamos" (v. 10).

Poucas pessoas na família de Cristo incomodam-se de tratar desse sentimento onipresente que clama do profundo do ser: "Meus pecados são tão óbvios!" Após uma semana esse pensamento continua alojado em nossa cabeça. No início da semana seguinte enfrentamos a chegada de outros sete dias, só para sermos novamente lembrados de como são óbvios os nossos pecados.

Isso é péssimo, mas Moisés também inclui a ira de Deus. Nosso Deus não é um Deus tirânico. Nunca. Em vez disso, é como se ele nos dissesse: "Você me pertence, e quero que marche no meu compasso. Delineei um plano para que ande comigo, o que resultará numa vida de retidão. Se você tomar

a decisão de *não* andar comigo, determinei algumas conseqüências que advirão, com as quais você deverá conviver."

Sim, a vida é curta. Sim, nossos pecados são óbvios. Ninguém pode negar isso. Se estes pensamentos não são difíceis demais para serem entendidos e acatados, aqui está o terceiro sentimento: *Meus dias são tão vazios!* Ouça o grande desejo de Moisés:

> "Ensina-nos a contar os nossos dias de tal maneira que alcancemos coração sábio" (Salmo 90:12).

Atenção: Moisés não está sugerindo que fiquemos presos a um calendário, é lógico. Tampouco tem em mente que precisamos lembrar-nos de nosso dia de aniversário, ou de quantos anos temos. A coisa é bem mais profunda do que isso.

Dê uma olhada na palavra "ensinar." "Ensina-nos". A palavra significa: "fazer que se saiba". E a palavra "contar" significa "calcular" ou "atribuir" ou "nomear" algo. Um dicionário analítico diz que a frase "para que alcancemos" pode ser traduzida assim: "para que ganhemos". Estas observações me levam a uma paráfrase do versículo doze:

> "Assim, faze que eu saiba atribuir importância aos meus dias, de tal maneira que eu ganhe a capacidade de ver a vida como tu a vês."

Digamo-lo sob a forma de oração: "Senhor, em meio aos compromissos diários, tão monótonos, faze que eu aprenda a ver cada dia como tu o vê."

Pense na pessoa que trabalha com vendas. Ela enfrenta a batalha da concorrência com uma cota mensal. Esse vendedor enfrenta seu compromisso duro (vamos falar de monotonia!) a fim de vestir-se e alimentar a família. Como se lhe aplica o versículo 12? "Senhor, mostra-me, no fragor da batalha para cumprir minha cota, como posso ver as coisas como tu as vês." E que diremos da professora? "Mostra-me, como professora que enfrenta a mesma rotina nas classes, semana após semana, ano após ano, o verdadeiro investimento que estou fazendo nessas vidas." Que diremos dos obreiros que trabalham em ministérios cristãos? "Senhor, faze que eu veja que, ao desempenhar minha vocação ministerial, existam dimensões de sig-

nificado muito além da minha capacidade de entender ou ver." Que diremos da dona-de-casa? "Ajuda-me, Senhor, a ver o valor de meu papel de mãe de três, quatro, cinco crianças." Ou, talvez: "Agora que em nossa casa já não há mais crianças, agora que somos apenas um velho casal que se une de novo — ensina-nos a maneira sábia de viver um dia de cada vez. Faze que aprendamos a tornar estes dias que nos dás, dias muito *importantes*. Ajuda-nos a manter o vôo elevado e sublime!"

Exultemos em Cânticos

Após quebrar o encantamento e esquadrinhar a alma, o salmista nos apresenta um cântico muito especial: "Volta-te para nós, ó Senhor! Até quando? Tem compaixão dos teus servos" (Salmo 90:13). Moisés roga a misericórdia de Deus. Prossegue o cântico: "Sacia-nos de manhã com o teu constante amor, para que nos regozijemos, e nos alegremos todos os nossos dias" (v. 14). A mim me ressoa como se Moisés houvesse conseguido romper a depressão. Não sei como acontece a você, mas a mim sempre acontece pela manhã. A noite anterior pode ter parecido escura e tristonha. Essas horas noturnas com freqüência são o resultado do tédio. Entretanto, de manhã — em geral bem cedo, quando se sente o sopro da brisa fresca, já desaparecido o nevoeiro, e o dia é agradável — ficamos admirados de como Deus consegue criar algo novo, cheio de viço. O salmo 30:5 descreve esta sensação de renovação:

> "Pois a sua ira dura um só momento, mas no seu favor está a vida; o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã."

Você quer um conselho extra, sem ter que pagar mais? (Aprendi esta lição da maneira mais difícil.) Se está enfrentando um compromisso duro e é possível esperar até o surgimento da manhã para cuidar dele, espere. Este conselho tem aplicação especial se a decisão a tomar vai influir na vida de outras pessoas, podendo magoá-las se você não souber conduzir as coisas adequadamente. Não decida, espere; durma em cima do assunto. Se tiver que passar a noite toda desassossegado, virando-se e agitando-se por causa da decisão a ser to-

mada, paciência. A luta poderá durar a noite toda. De alguma maneira, contudo, pensamentos cheios de frescor, e até mesmo de alegria, explodirão em vigorosa florescência pela manhã. Não sei explicar o fenômeno, mas uma nova alegria sobrevém.

Em seguida à satisfação que surge pela manhã, mediante nova alegria, temos a restauração: "Alegra-nos pelos dias que nos afligiste, e pelos anos em que vimos o mal" (Salmo 90:15).

A frase "pelos dias que nos afligiste" me pareceu perturbadora quando a li pela primeira vez. Em seguida, notei uma referência marginal em minha Bíblia, sugerindo outra versão: "Alegra-nos *durante tantos dias* quanto nos tens afligido." Aí sim, pude entender. "Senhor, quando tu trazes satisfação à minha vida, que me parecia monótona, essa satisfação está na mesma proporção dos dias que antes me pareceram destituídos de sentido." Deus tem um jeito de equilibrar o bem e o mal.

Finalmente, depois de tudo isso, surge a motivação:

> "Apareça a tua obra aos teus servos, e a tua glória sobre seus filhos" (v. 16),

e a confirmação:

> "Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus; confirma sobre nós a obra das nossas mãos. Sim, confirma a obra das nossas mãos" (v. 17).

Confirmar quer dizer: "dar significado, tornar permanente." A idéia é a seguinte: "Faze que eu veja minhas obras como sendo cheias de significado. Em vez de pensar que meus dias são tão fúteis como a tarefa de esvaziar cestos de papéis, ajuda-me, Senhor, a ver o significado de meus dias à luz do teu plano." Quando Deus confirma as obras das nossas mãos, ajuda-nos a enxergar o valor da rotina, a importância das coisas que antes considerávamos mundanas, monótonas — sempre a mesma coisa.

Vá em Frente! Vale a Pena!

Depois de almoçar com amigos, anos atrás, surpreendi-me ao ver uma impressão profunda na grama, perto do passeio. Era estranho, porque tinha o formato de um corpo humano. Inclinei-me, de sobrecenho franzido, e estudei a impressão. A grama ainda estava amassada. Pude ver onde a cabeça havia

repousado. Ela se afundara tanto na grama que se podia enxergar a terra. Fiquei estupefato e meu estômago revoltou-se. Meus companheiros permaneceram em silêncio ao meu lado, enquanto eu examinava o chão. Finalmente perguntei:

— Que é isso?

— Você está vendo aquela janela lá em cima, no quinto andar? — um amigo apontou, enquanto o outro falava. — Uma mulher pulou daquela janela hoje pela manhã. Ela caiu bem aqui.

Confesso que imediatamente imaginei uma senhora de idade, que já não conseguia ver o fim do túnel da dor — alguém que provavelmente pensasse assim: "Não adianta mais. . . minha vida se acabou." Olhando de novo para a grama, perguntei:

— Era uma pessoa de idade?

— Oh, não! — respondeu meu amigo. — Na verdade. . . era mãe de cinco crianças. Nos seus trinta e poucos anos. Até que era uma jovem atraente.

— Cinco crianças? Trinta e poucos anos? Que foi que a levou a isso? Como pôde isso acontecer?

Jamais me esquecerei da resposta do meu amigo.

— Os que estavam sempre ao redor dela conheciam-na bem. Ouviram-na dizer em várias ocasiões: "A vida já não tem sentido para mim. Estou vazia. Tudo à minha frente se resume numa existência de mais e mais exigências, tédio sem fim, nenhum alívio!"

De que é que ela precisava? Precisava da confirmação das "obras de suas mãos", como Moisés disse. Precisava de algum sentido de permanência ou significado nos compromissos monótonos desta vida.

É isso mesmo: uma das tarefas mais duras da vida é a pessoa permanecer firme na monotonia do lar, cuidando das obrigações sem fim e sem agradecimentos de cuidar dos filhos — a capacidade de enxergar sentido e propósito naquela chatice toda dia após dia, com todas as suas exigências. É extremamente difícil atender às constantes exigências das crianças e dos adolescentes mas — ah! — essa tarefa é *muito* importante! Se foi isso que lhe coube na vida, vá em frente, águia querida, vale a pena! Aqueles filhotes de águia talvez sejam exigentes demais hoje, mas chegará o dia em que você olhará para trás

e dirá, sorrindo: "É verdade, *valeu* a pena!"

Em meio às tarefas monótonas do viver diário, Deus pode tomar algo que nos parece rotineiro, entediante, e usá-lo como uma plataforma para realizar sua importante obra. Lembre-se disto: os que atingem a excelência são fiéis no cumprimento das obrigações entediantes e enfadonhas da vida. É ali, no meio da mesmice do tédio, que nós nos elevamos acima da mediocridade e alçamos vôo sublime.

Mais uma advertência final, antes de encerrarmos este capítulo. Muito cuidado com aqueles longos e áridos anos da meia idade, tangidos pela prosperidade ou pela adversidade. Essa época mata mais águias do que todos os outros anos somados.



12

Como Tornar-se Modelo de Generosidade Jubilosa

Prometi a mim mesmo, quando iniciei este livro, que não permitiria que ele se transformasse num monstro horroroso e mórbido. É duro manter essa promessa, especialmente numa seção que trata de inimigos como a cobiça, o tradicionalismo e a indiferença. Quem sabe chegou a hora de olhar para cima e esticar os músculos, lembrar-nos de que a luta pode ser uma parte de nossa vida — mas não constitui a vida *inteira*? Certas pessoas não querem que pensemos assim. Uma máscara de dia de desgraça, que parece anunciar: "é melhor você agüentar o tranco" — vai-se tornando rapidamente a marca identificadora do crente. Que pena! Mais ainda: que trágico!

Estou muito preocupado porque a alegria está sendo substituída por outras emoções patéticas, nem uma das quais lhe iguala a importância. Não pense, tampouco, que o mundo deixa passar este fato. Um homem estava de pé, na fila, atrás de uma senhora, na caixa de um supermercado. Ele estava bem vestido; a expressão facial era severa. A mulher olhou para trás algumas vezes, e viu o homem, enquanto ia tirando suas compras do carrinho. Finalmente, incapaz de conter-se ela perguntou ao cavalheiro que lhe parecia tão sério:

— Perdão, mas o senhor por acaso é pastor?

Não, não sou — replicou o homem. — É que eu estive doente algumas semanas!

Parece que em nossos dias há de tudo, menos alegria. Há mais estudo bíblico do que alegria. Há mais oração do que alegria — mais freqüência à igreja, mais evangelização, mais atividades e até mais discernimento do que alegria. E aqueles, dentre nós, que são líderes religiosos: com freqüência nós somos a causa principal.

Alguns crentes parecem ter sido batizados com suco de limão. Há exceções, e é aqui que está o problema. Por que os alegres é que são as exceções?

Se estou interpretando o Livro corretamente, a alegria é a virtude número dois. Se o "fruto do espírito" está relacionado na ordem da importância, o amor ganha o primeiro lugar, e a alegria o segundo, certo? Se Deus nos outorgasse medalhas, como se faz nas olimpíadas, o amor obteria a medalha de ouro, a alegria a de prata, e a paz a de bronze. Acho que esse atleta que ocupa o segundo lugar é muito importante! Onde estão as águias detentoras de medalhas de prata? Precisamos de muitas mais!

Verifique os rostos dos pastores numa reunião ministerial. Acredite-me, eu já fiz isso. Tente ouvir as risadas. Procure os espíritos joviais. Você poderia pensar que donos de funerárias estão reunidos em convenção! É provável que você encontrará bastante amor, muita compaixão, um bocado de pureza, paciência, esperança e benignidade. Tudo isso é maravilhoso. Mas, onde está a alegria? Por que é que relegamos a alegria para o não essencial, para o que é suspeito? Que há de errado num senso de humor bem desenvolvido? Preocupa-me o fato de as congregações raramente usufruírem uma boa gargalhada, aquelas expressões ocasionais deliciosas em que o sistema nervoso recebe uma descarga de água, um banho de alegria. É espantoso que as únicas pessoas, neste planeta, que têm todo o direito a sorrir para o futuro e gozar a vida, raramente o fazem. Pois é, parece que fomos alugados para carregar o peso do mundo às costas!

Eu sei, eu sei — "a vida é coisa séria". Se eu ouvir isso mais uma vez, amordaçarei o palrador. Entendo que humor em demasia pode tornar-se ofensivo. Reconheço que o humor pode ser levado a tal extremo que se torna inapropriado. Mas não lhe parece que há uma longa estrada a ser palmilhada, bem

antes de tornamo-nos culpados *dessa* acusação? É triste o resultado final de uma existência destituída de alegria — uma intensidade emocional tremendamente alta, uma ansiedade próxima da neurose, a falta de relaxamento, e a tendência para levar-nos muito a sério. Precisamos de alívio! Sim, a espiritualidade e a alegria andam juntas.

As Escrituras, como você sabe, tratam desse assunto — especialmente o livro de Provérbios.

> "O coração alegre aformoseia o rosto, mas pela dor do coração o espírito se abate" (Provérbios 15:13).

É impressionante como esse provérbio dirige-se ao cerne do problema. Não estamos falando tanto aqui a respeito do rosto da pessoas, mas de seu coração. A alegria interna revela-se ao público. Não podemos escondê-la. O rosto reage a um sinal interno. "Todos os dias do oprimido são maus, mas o coração alegre tem um banquete contínuo" (v. 15).

Não é um jeito maravilhoso de dizer uma verdade? O coração alegre proporciona ao resto do corpo (e às outras pessoas) "um banquete contínuo." E que banquete suntuoso! Um senso de humor bem desenvolvido revela uma personalidade bem equilibrada. As pessoas mal ajustadas demonstram tendência maior para não entender o humor de uma observação engraçada. Elas tendem a tomar as coisas que deveriam levá-las a rir de forma séria demais. A capacidade de rir das situações cotidianas é válvula de escape. Ela nos livra de tensões e preocupações que, de outra forma, danificariam nossa saúde. Será que você pensa que estou exagerando os benefícios? Talvez você se tenha esquecido de outro provérbio: "O coração alegre é bom remédio, mas o espírito abatido faz secar os ossos" (Provérbios 17:22).

Não é convincente? Veja o provérbio mais de perto. Ele diz, literalmente: "Um coração alegre cura." Que é que traz cura às emoções e cura à alma? Um coração alegre. E quando o coração está certo, o semblante alegre o acompanha.

Mencionei nosso programa radiofônico anteriormente, nesta seção do livro. Quando me decidi a ir para um programa de rádio, preferi especificamente não alterar meu estilo de comunicação. É de minha natureza, e do meu jeito de ser, dar

uma boa gargalhada de vez em quando — contar uma piada — procurar ver um pouco de humor nas coisas, com regularidade. Esse é o meu estilo de viver — pensei — por que não devo continuar assim no meu ensino? Seria falta de autenticidade de minha parte remover de meus textos toda a graça e toda a alegria. E foi assim que decidimos manter o humor em tudo. Não conseguirei dizer-lhe quantas vezes meus ouvintes têm escrito dizendo: "Chuck, não pare de rir! A única pessoa que ouvimos rir no rádio é você." Outros têm confessado: "A única risada que ouvimos aqui em casa é a sua."

Permita-me enfatizar um ponto: As águias que levantam vôo sublime, que vão em busca da excelência, que estão determinadas a viver acima da mediocridade, precisam lembrar-se do valor da alegria. Sim, há ocasiões de grande tristeza e consternação. Entretanto, com a maior candura — não sei como pode alguém justificar um rosto sombrio o tempo todo. É certo que Deus jamais teve tal intenção para nós! Não se trata apenas de uma questão de personalidade. Tampouco de temperamento. Na maior parte das vezes é coisa do coração, uma questão de hábito. Precisamos estar continuamente alertas contra a falta de alegria — situação em que o inimigo penetra e nos rouba uma das possessões mais preciosas da vida.

A falta de alegria torna-se um inimigo especialmente evidente quando surge a questão da contribuição financeira. Todavia, se eu estiver lendo o Livro de Deus de modo correto, entendo que ele não se agrada de quem dá com tristeza, mas ama ao que dá com alegria. Ele fica extasiado quando a hilaridade e a generosidade se encontram diante do gazofilácio! Nutro uma suspeita furtiva de que Deus abre um largo sorriso quando esse encontro acontece. Para surpresa de muitos, a Bíblia freqüentemente associa o coração feliz à mão liberal. Por isso, acho melhor estudar esse assunto — alegria — do ponto de vista da generosidade também. Em primeiro lugar, vamos ver a declaração neo-testamentária que em poucas palavras; nos fornece o princípio norteador; gostaria, em seguida, de observar vários exemplos, ou padrões de generosidade alegre.

VALE A PENA PENSAR NESTA DECLARAÇÃO

Duas das cartas do Novo Testamento foram escritas à igreja de Corinto. Ambas pelo mesmo homem, Paulo, que investiu mais de um ano e meio para estabelecer aquela igreja. A igreja de Corinto possuía tremendo potencial. Contava com numerosos dons espirituais e grandes professores. Tinha dinheiro e influência. Era uma igreja que você e eu gostaríamos de freqüentar se tivéssemos vivido no primeiro século, e em Corinto. A atmosfera reinante era encantadora e excitante. Provavelmente a palavra que melhor a descreve é *contagiante*.

Entretanto, nessa igreja havia também pessoas que haviam revertido à carnalidade. Tais crentes tinham feito grandes promessas a Deus, com respeito aos compromissos que assumiriam, porém, alguns meses depois tornaram-se frias e recuaram. Precisavam ser lembradas das coisas que haviam prometido ao Senhor. Aqui está parte da razão porque Paulo lhes escreveu — na verdade, a principal razão porque lhes enviou a segunda carta.

Veja: a muitos quilômetros longe de Corinto havia outra igreja, muito mais velha, que lutava financeiramente. Refiro-me à igreja-mãe em Jerusalém. Essa igreja, embora mais velha, sofria privações financeiras. Tinha grande necessidade de ajuda.

É por isso que Paulo trabalhava no levantamento de fundos para a igreja de Jerusalém, que ficava muito longe de Corinto.

Ainda que os crentes macedônios estivessem também na área de depressão econômica, Paulo apelou a eles, incitando-os a atender às necessidades de Jerusalém. E eles contribuíram com generosidade — na verdade, deram abundantemente. Um ano antes os coríntios haviam também prometido que contribuiriam para atender a essas necessidades. Quando chegou a Paulo a notícia de que os coríntios havia muito tempo tinham desistido desse projeto, e falharam em seus esforços de levantar fundos, segundo a promessa feita, o apóstolo decidiu escrever-lhes a fim de lembrá-los do compromisso assumido.

> "Ora, quanto à assistência a favor dos santos, não necessito escrever-vos. Pois bem sei a vossa prontidão, pela qual me glorio de vós para com os mace-

> dônios, dizendo-lhes que a Acaia está pronta desde o ano passado, e o vosso zelo tem estimulado a muitos. Mas enviei estes irmãos para que a nossa glória a vosso respeito não seja vã nessa parte, mas para que (como já disse) possais estar prontos" (2 Coríntios 9:1-3).

Em outras palavras, Paulo está dizendo que se ele precisasse levar alguns crentes macedônios consigo a Corinto, para que apanhassem a oferta desprezível que os coríntios levantaram para Jerusalém, o apóstolo teria ficado ruborizado. Por quê? Por que havia sido o exemplo coríntio (Paulo o havia mencionado na Macedônia) que motivou os macedônios a contribuir acima de sua capacidade. É por isso que Paulo escreve: para espicaçá-los. Utilizando uma velha analogia agrícola, Paulo inicia assim:

> "E digo isto: Que o que semeia pouco, pouco também ceifará, e o que semeia com fartura, com fartura também ceifará" (2 Coríntios 9:6).

Com efeito, Paulo está a dizer-lhes: "Há um princípio básico que ensinei quando estava com vocês em Corinto. Se plantarem só um pouquinho de semente, vão colher um resultado magro. Todavia, se plantarem muita semente, terão colheita farta. Que sementeira é preferível?" E prossegue: "Cada um contribua segundo propôs no seu coração, não com tristeza ou por necessidade, pois Deus ama ao que dá com alegria" (2 Coríntios 9:7). A palavra original para "com tristeza" significa "relutantemente." Contém a idéia de apegar-se a algo, porque a pessoa não deseja abrir mão dela.

Se você tem filhos pequeninos, ou tem estado ao redor de criancinhas, já viu a mesma cena repetir-se muitas vezes. A criança arranjou um brinquedo. É a mais velha de dois irmãos. Digamos que essa criança ganhou este carrinho com que gosta de brincar. Ela brinca tanto com ele que já raspou toda a tinta do carrinho. Um dia ele o deixa na caixa de brinquedos. Ninguém está mexendo ali. Agora, lá vem a irmãzinha engatinhando; ela chega à caixa e estica a mãozinha para pegar o carrinho. Mas o brinquedo é arrebatado depressa pelo jovem King Kong, que berra:

— Esse carrinho é *meu*!

Ele não deseja partilhar algo que considera importante. Quando mamãe exige que o menino deixe a irmãzinha brincar com o carrinho, ele atende "com tristeza," ou "relutantemente." A relutância em dar algo se explica pelo fato de esse algo representar muita coisa. Quando somos obrigados a fazer alguma coisa, fazemo-lo relutantemente, contrafeitos.

Vamos voltar à minha história sobre o carrinho. Quando mamãe olha para baixo e diz:

— Deixe sua irmãzinha brincar com o carrinho — é bastante duvidoso que o menino diga:

— Ora, naturalmente! Aqui está, irmãzinha; sinto muito se fui egoísta!

Você ri. As crianças mais velhas *nunca* dizem isso! Em vez disso, o que você ouve é:

— É meu! Esse brinquedo é meu!

E você precisa fazer força para que ele solte o brinquedo, que agarra nas mãos. O menino não quer dá-lo. É estranho, mas o ímpeto de nossa parte faz a criança apertar o brinquedo mais ainda.

São estas as palavras pictóricas subentendidas aqui, na questão de contribuir. Acho engraçado que o procedimento padrão usado hoje para levantar fundos, está fazendo que as pessoas se sintam compelidas a dar, forçadas a contribuir. Se Deus quis dizer exatamente o que ele disse (e ele sempre fala com franqueza, não?), há de existir outro jeito de contribuir. Para grande choque à maioria das pessoas, o outro jeito é ALEGRIA! A generosidade motivada pela alegria.

Comentei o clímax do versículo 7, cujo final diz: "porque Deus ama ao que dá com alegria."

Nos antigos tempos, quando o texto grego foi redigido, coisas interessantes aconteciam à formação de palavras numa frase, ou sentença. Quando as palavras eram colocadas fora de ordem no começo da sentença, o propósito era dar-lhes ênfase. Adivinhe que palavra aparece em primeiro lugar nesta última cláusula: alegria, antes de *ao que dá*. "Ao que tem alegria ao contribuir, Deus ama." Permita-me voltar ao meu primeiro exemplo: "É o contribuinte alegre que recebe a medalha de prata; é o que dá com alegria que recebe o segundo prêmio."

Vamos ficar mais um pouco com esta palavra, *com alegria*. Em grego, trata-se do termo *hilaros*, da qual obtivemos nossa palavra *hilário*, e outras: hilaridade, hilariante, etc. Trata-se de uma palavra tão incomum que não aparece em lugar nenhum, no Novo Testamento, além deste versículo. Várias vezes ela surge na versão grega do Antigo Testamento (Septuaginta), porém, jamais em outra passagem do Novo Testamento. Literalmente, a sentença diz o seguinte: "Ao hilário doador Deus ama." Você sabe por que Deus ama ao hilário doador? Porque o hilário doador dá generosamente. Ele não possui qualquer bem especial, dom, perícia ou quantia de dinheiro, a que se apegue relutantemente. Não. Quando o coração está cheio de alegria, é espantoso como ele faz os bolsos virarem ao avesso. Diferentemente da maioria medíocre, os que levantam vôo sublime estão sempre cheios de uma alegria que se expressa em generosidade própria de um coração grande.

Peço, todavia, que você me espere um pouco: desejo declarar depressa que não estou limitando estes pensamentos a dinheiro apenas. Estou falando de sermos generosos e alegres no que se refere a nosso tempo e talentos também. Tenho em mente, ainda, a compaixão, as posses materiais e as habilidades. Essa generosidade plena de alegria está belamente ilustrada em outras passagens das Escrituras.

EXEMPLOS DIGNOS DE SEREM LEMBRADOS NO ANTIGO TESTAMENTO

Bem lá atrás, no livro de Êxodo, encontramos um exemplo clássico de generosidade cheia de alegria. O povo de Deus está liberto do Egito, agora, e caminha no deserto, na direção de Canaã. É uma pequena mancha no meio da terra de ninguém. Então Deus lhe dá um plano arquitetônico para um altar portátil. Ei-lo:

> "Então disse o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel que me tragam oferta. De todo homem cujo coração se mover voluntariamente, dele tomareis a minha oferta. Esta é a oferta que recebereis deles: ouro, prata, bronze, estofo azul, púrpura, carmesim, linho fino, pêlos de cabras, peles de carneiros tintas

> de vermelho, peles de animais marinhos, madeira de acácia, azeite para a luz, especiarias para o óleo da unção e para o incenso aromático, pedras ônix, e pedras de engaste para a estola sacerdotal e para o peitoral" (Êxodo 25:1-7).

Por que tudo isso? Continue a leitura:

"E me farão um santuário. . ." (v. 8). Você está pronto? Tratava-se de um apelo para levantamento de fundos exarado na própria Bíblia! Alguns leitores, tenho certeza, estão dispostos a atirar longe este livro. Vocês já leram demais! Mas prossigam comigo um pouco mais. O enredo torna-se interessante e a reação torna-se tão cheia de alegria que o cenário é contagiante. Essas pessoas recebem a ordem de edificar um santuário portátil, de primeira qualidade, um tabernáculo que deveriam carregar consigo pelo deserto. Deveria ser uma estrutura para adoração onde Deus mesmo habitaria. O SHEKINAH de Deus (luz brilhante, cegante) habitaria o centro mais sagrado, o "santo dos santos". Na verdade, Deus jamais habitara um lugar na terra, antes. Assim, podemos ter certeza de que esta estrutura seria edificada exatamente conforme Deus a especificou.

> "Conforme tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis" (v. 9).

Começando pelo versículo 10 de Êxodo, capítulo 25, até o capítulo 35, Deus apresenta as especificações, os desenhos inspirados do tabernáculo, para Moisés. Nesses planos, Deus diz aos israelitas tudo quanto devem fazer, e como. Era um plano engenhoso, inteligentemente delineado em todas as suas minúcias, um projeto lindo.

Talvez você consiga imaginar o que aconteceu a seguir. De início Moisés estava sozinho. Depois, ele incentiva o povo a aderir, pois é o povo que contribuirá. Nos capítulos 35 e 36, Moisés reúne toda a congregação e lhes dá as notícias:

> "Disse mais Moisés a toda a congregação dos filhos de Israel: Esta é a palavra que o Senhor ordenou: Tomai, do que tendes, uma oferta para o Senhor. Cada um, cujo coração é voluntariamente disposto, a trará

> por oferta ao Senhor: ouro, prata, e bronze, como também estofo azul, púrpura, carmesim, linho fino, pêlos de cabras, peles de carneiros tintas de vermelho, peles de animais marinhos, madeira de acácia, azeite para a iluminação, especiarias para o óleo da unção e para o incenso aromático, pedras de ônix e pedras de engaste para a estola sacerdotal e para o peitoral" (Êxodo 35:4-9).

Volte um pouco e sublinhe com um traço uma frase que talvez lhe tenha passado despercebida: "cada um, de coração disposto." Em essência, Moisés está dizendo: "Não queremos que alguém contribua relutantemente, ou por obrigação de participar; só queremos *corações dispostos.*" (Parece-lhe familiar?) E em seguida, o quê? ". . . voluntariamente disposto, a trará por oferta ao Senhor."

Moisés vai além:

> "Venham todos os homens hábeis entre vós, e façam tudo o que o Senhor ordenou: O tabernáculo, a sua tenda e a sua coberta, os seus colchetes e as suas tábuas, os seus travessões, as suas colunas e as suas bases; a arca e os seus varais, o propiciatório, e o véu do reposteiro; a mesa e os seus varais, todos os seus utensílios, e os pães da proposição; o candelabro da iluminação, os seus utensílios, as suas lâmpadas, e o azeite para a iluminação; o altar do incenso, e os seus varais, e o óleo da unção e o incenso aromático, e o reposteiro da porta para a entrada do tabernáculo; o altar do holocausto e o seu crivo de bronze, os seus varais e todos os seus utensílios, a pia e a sua base; as cortinas do átrio, as suas colunas e as suas bases, o reposteiro para a porta do átrio; as estacas do tabernáculo, as estacas do átrio, e as suas cordas; as vestes do ministério para ministrar no santuário, as vestes sagradas do sacerdote Arão, e as vestes de seus filhos, para administrarem o sacerdócio" (Êxodo 35:10-19).

Creio que, por essa altura, a boca das pessoas se abriu, e o povo ficou de queixo caído; o coração começou a bater-lhes

forte. "Ah! vamos ter um lindo lugar de culto! Deus vai habitar conosco. Esta é a minha oportunidade para utilizar minha perícia, meus talentos, meus tesouros, minha especialidade; vou ajudar a prover um lugar onde o povo de Deus se encontrará para o culto. Que privilégio. . . que oportunidade!"

Agora, leia cuidadosamente, prestando toda atenção aos comentários sobre o "coração" e o "espírito" do povo:

> "Então toda a congregação dos filhos de Israel saiu da presença de Moisés, e veio todo homem cujo coração o moveu, todo aquele cujo espírito o estimulou, e trouxe a oferta ao Senhor para a obra da tenda da congregação, e para todo o seu serviço, e para as vestes sagradas" (vv. 20-21).

Que é que esses nômades conseguiriam dar? Estavam num deserto. Moravam em tendas. Todavia, possuíam valores que haviam trazido consigo ao deixar o Egito. E nenhum deles ficou preso às suas posses.

> "Vieram homens e mulheres, todos dispostos de coração, trouxeram fivelas, pendentes, anéis, braceletes, todos objetos de ouro. Todo homem fazia oferta de ouro ao Senhor. Todo homem que possuía estofo azul, púrpura, carmesim, linho fino, pêlos de cabras, peles de carneiro tintas de vermelho, e peles de animais marinhos, os trazia. Todo aquele que fazia oferta alçada de prata ou de metal, por oferta ao Senhor a trazia, e todo aquele que possuía madeira de acácia, a trazia para toda a obra de serviço. Todas as mulheres hábeis fiavam com as mãos, traziam o que tinham fiado, estofo azul, púrpura, carmesim e linho fino. E todas as mulheres, cujo coração as moveu em habilidade, fiavam os pelos das cabras. Os príncipes traziam pedras de ônix e pedras de engaste para a estola sacerdotal e para o peitoral. Traziam também as especiarias e o azeite para a iluminação, e para o óleo da unção, e para o incenso aromático. Os filhos de Israel, tanto os homens quanto as mulheres, cujo coração voluntariamente se moveu a trazer alguma coisa para toda a obra que o Senhor ordenara se fi-

> zesse pela mão de Moisés, trouxeram oferta voluntária ao Senhor" (vv. 22-29).

Como eu gosto dessa cena! Centenas, milhares, dezenas de milhares de pessoas vinham chegando com suas ofertas, trazendo-as diante do Senhor, no deserto. Homens habilidosos apresentaram-se com serras, martelos e cinzéis. Mulheres habilidosas apresentaram-se com suas agulhas, fios e tecidos, para executar os bordados finos, os trabalhos de agulha que seriam parte do véu (cortina que dividia o lugar santo do santíssimo) e as demais tapeçarias e cortinas lindas. O tabernáculo era uma obra de arte magnífica, bem feita, obra prima de engenharia. Havia os que trabalhavam com ouro, com prata, com finas gemas, para dar o acabamento fino aos preciosos metais e obras de joalheria, conforme instruções de Deus e a perícia que lhes dera. Deus realmente "quebrou um vaso de alabastro" quando projetou este tabernáculo! Devia ser uma obra de esplendor, digna de ser contemplada.

É exatamente aqui que a história fica excitante. Você vai encontrar-se com dois homens dos quais talvez nunca tenha ouvido falar antes. É o que acontece, com freqüência, com relação a artífices competentes; neste caso, eram superintendentes da construção.

> "Então Moisés chamou a Bezalel e a Aoliabe, e a todo o homem hábil a quem o Senhor dera habilidade e inteligência para saberem fazer toda obra para o serviço do santuário, conforme a tudo o que o Senhor tinha ordenado" (Êxodo 36:2).

Não existe culpa. Não há compulsão externa, nenhuma manipulação de qualquer tipo. Em vez disso, com o coração tocado e motivado, os homens vêm trabalhar com excelente disposição, neste projeto.

> "Estes receberam de Moisés toda a oferta alçada, que os filhos de Israel tinham trazido para a obra do serviço do santuário, para fazê-la. E ainda lhe traziam cada manhã ofertas voluntárias" (v. 3).

Manhã após manhã, Deus continuava a tocar os corações das pessoas. Como resultado, traziam braceletes e broches, jóias e

brincos, bem como peças de ouro, bronze e prata. Uma verdadeira alegria tinha invadido o acampamento. Todos sorriam. O próprio Senhor deveria ter sorrido para o povo, por tão alegre generosidade.

> "Então vieram todos os sábios, que faziam toda a obra do santuário, cada um da obra que fazia, e disseram a Moisés: O povo traz muito mais do que é necessário para o serviço da obra que o Senhor ordenou se fizesse. Então Moisés deu uma ordem, e proclamou-se por todo o arraial: Nenhum homem, nem mulher faça mais obra alguma para a oferta alçada do santuário. Assim o povo foi proibido de trazer mais, porque o material que tinham era suficiente para toda a obra que se devia fazer, e ainda sobrava" (vv. 4-7).

É isso mesmo. Não estou brincando. Moisés precisou transmitir uma ordem: "Chega de ofertas. Por favor, não dêem mais nada!" Como seria num culto de domingo em sua igreja? "Pessoal, não vamos levantar uma oferta, hoje, porque vocês contribuíram tão generosamente, nos últimos dois domingos, de tal maneira que não vamos precisar de ofertas hoje! Não dêem mais!" Não alimentem esperanças demais! Mas a verdade é essa: Quando existe um espírito de hilaridade, quando a verdadeira alegria transborda, é preciso fazer as pessoas *pararem* de dar! Visto que nossa capacidade é superior às necessidades, não conseguimos controlar todos os recursos que chegam à tesouraria da igreja. Que maravilhosa mudança de cenário: "Houve ordem para que as pessoas parassem de contribuir."

Você é capaz de imaginar a alegria? Nunca o arraial de Israel estivera tão feliz. Seria possível você ouvir cânticos entre os carpinteiros que trabalhavam com a madeira, cânticos entre os joalheiros, cânticos entre as mulheres que trabalhavam com seus tecidos, tapeçarias e outras peças de arte. Que lugar gostoso e convidativo! Que ímã absolutamente irresistível em pleno deserto! Contudo, a "Operação Tabernáculo" é apenas uma cena. A tenda de adoração foi construída e Deus encontrou-se com seu povo. O povo louvou o nome de Deus e encontrou perdão e purificação naquele tabernáculo durante anos; na verdade, durante séculos.

Agora, eis uma nova cena. Tragicamente, os hebreus mais tarde se esqueceram de Deus e foram varridos para o cativeiro na Babilônia. Finalmente, deixaram a Babilônia e, trôpegos, capengaram de volta a Jerusalém, a fim de reconstruir a cidade, que havia sido destruída pelos pagãos. Regressaram à sua amada Sião. Neemias liderou um dos grupos que regressaram; tão cedo chegou, descobriu que os muros ao redor da cidade precisavam ser reedificados, ou o povo seria ameaçado pelos inimigos. Finalmente, após efetuar uma pesquisa das necessidades, Neemias veio diante do povo e apresentou-lhe um desafio, na esperança de poder receber o apoio e a cooperação de todos:

> "Então eu lhes disse: Bem vede vós a aflição em que estamos: Jerusalém está em ruínas, e as suas portas queimadas a fogo. Vinde, reedifiquemos os muros de Jerusalém para que não estejamos mais em opróbrio" (Neemias 2:17).

A propósito, não precisamos apressar-nos quanto à motivação intrínseca que Neemias utilizou em seu discurso. Ele apelou aos corações, ao dizer: "Vocês podem imaginar o que as pessoas em toda esta região estão dizendo a respeito de nosso Deus? Estão dizendo: 'Vocês dizem que o seu Deus é grande? Vejam o lugar horroroso em que vocês moram. Esse lugar é um buraco pavoroso!'" À medida que as pessoas começaram a imaginar coisas assim, sentiram motivação interna para reagir. Ao considerar as necessidades, o orgulho patriótico levou o povo a agir. Winston Churchill, mestre da motivação intrínseca, constantemente reanimava o povo da Inglaterra lembrando-o da importância de resguardar a herança britânica. Ele fazia uma ligação entre o orgulho da fortuna inglesa e o povo inglês.

Muito bem, essa foi a estratégia de Neemias: "Que bom seria que tivéssemos um muro bem alto e forte, ao redor da cidade, homens e mulheres, um muro que representasse o poderoso nome de nosso Deus, de tal forma que quando o inimigo olhasse em nossa direção, e nos visse morando em paz em Sião, dissesse: 'Puxa! O Deus deles é um Deus que se deve reverenciar!'"

Quem sabe? Talvez Sir Winston Churchill tenha aprendido seus métodos com Neemias. Você se lembra das palavras desse Primeiro Ministro?

"Eu não me tornei o Primeiro Ministro do Rei a fim de presidir a liqüidação do Império Britânico" (Discurso durante o almoço no dia do prefeito, em Londres, em 10 de novembro de 1942).

"Nada tenho a oferecer-vos senão sangue, suor e lágrimas" (Primeira declaração como Primeiro Ministro, na Câmara dos Comuns, em 13 de maio de 1940).

"Jamais desista, jamais desista, jamais, jamais, jamais, jamais — em nada, seja grande ou pequeno — jamais desista, exceto por convicções de honra e bom senso" (Discurso na Escola Harrow, em 29 de outubro de 1941).

Hitler riu da Grã Bretanha. Contudo, Churchill e os ingleses foram os últimos a rir. Permita-me repetir: Churchill apelou para a motivação intrínseca ao povo da Grã Bretanha. É o que Neemias está fazendo aqui.

> "Também lhes declarei como a mão do meu Deus me fora favorável, e bem assim as palavras que o rei tinha dito. Responderam eles: Levantemo-nos, e edifiquemos. De maneira que deram início a esta boa obra" (Neemias 2:18).

Que é que você vê nesta declaração? Vejo grande alegria. Vejo motivação. Não ouço reclamações. Não encontro ninguém que se sinta sob pressão. Todas as pessoas dizem: "Vamos trabalhar. É o caminho certo. Vamos em frente! Guia-nos, Neemias, para que façamos a obra." E foi isso exatamente que aconteceu. Puseram mãos à obra.

> "Assim reedificamos o muro, e todo o muro se completou até a metade de sua altura, pois o coração do povo se inclinava para trabalhar" (Neemias 4:6).

A palavra traduzida por ânimo" significa literalmente "coração". Se as águias voam, é porque têm coração. Para permanecermos firmes na perseguição de um padrão de excelência, quando rodeados de mediocridade, precisamos ter coração.

Aqueles hebreus certamente tinham coração! Permaneceram

firmes, lutando contra circunstâncias incrivelmente duras, até a finalização da tarefa.

> "Assim, acabou-se o muro aos vinte e cinco dias do mês de elul, em cinqüenta e dois dias. Quando todos os nossos inimigos ouviram isso, todos os gentios que havia em redor de nós temeram, e abateram-se muito em seu próprio conceito, porque reconheceram que tínhamos feito essa obra com a ajuda de nosso Deus" (Neemias 6:15-16).

Não é maravilhoso? As pessoas lá de fora não podiam negar a façanha inacreditável realizada pelos hebreus. Quando caminhavam pelas redondezas do muro terminado, olhavam-no com uma perspectiva totalmente diferente, imaginando: *Que tipo de Deus eles têm?*

Você precisa lembrar-se de que durante muito tempo esses inimigos haviam estado importunando o povo de Israel — insultando, tentando e escarnecendo — fazendo o máximo possível para frustrar o "Projeto Reconstrução". Na verdade, o plano do inimigo era roubar a alegria de Israel — tirar-lhe o combustível que alimenta o ânimo. Entretanto, o muro continuou sendo edificado, contra todas as expectativas e más circunstâncias, até que, finalmente, o inimigo enfiou as mãos nos bolsos e lamentou-se: "Não posso acreditar. Construíram o tal muro." O sucesso dos judeus na reedificação do muro me faz lembrar do versículo: "O que semeia com fartura, com fartura também ceifará" (2 Coríntios 9:6).

No Novo Testamento

Ao chegarmos ao Novo Testamento, uma das primeiras coisas que encontramos é um grupo de dádivas trazidas por alguns homens sábios, ao Rei. Ainda não acabamos de ler os dois primeiros capítulos do primeiro livro do Novo Testamento, e já encontramos alguns homens, chamados magos, que vêm visitar o menino Jesus:

> "Vendo eles a estrela, alegraram-se imensamente. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. Então, abrindo os seus tesouros, lhe apresentaram suas dádivas: ouro, in-

censo e mirra" (Mateus 2:10-11).

Que é que caracterizou a atitude desses visitantes? A alegria. Alegria imensa, extraordinária. E qual foi o resultado? Grande generosidade. Deram ouro, incenso e mirra ao menino Jesus. Ah! sim, conheço todas as coisas simbólicas que têm sido ditas, porém, se você me permitir a simplicidade do literalismo, eles trouxeram o que tinham. E prodigalizaram sobre o bebê pura extravagância — adoraram e deram presentes caríssimos. Por quê? Porque tinham corações cheios de alegria.

Eu poderia ir adiante. Homens obscuros como Epafrodito e Onesíforo deram-se a si mesmos a Paulo, assim como o Dr. Lucas. A igreja de Filipos, motivada por grande alegria, mais de uma vez contribuiu para o apóstolo Paulo, acima das necessidades, de maneira que o apóstolo pudesse dizer, à face do exemplo filipense: ". . . tenho experiência. . . de abundância." Que modelo de alegria foi Paulo! Por falar nisso, você tem pensado ultimamente no lar final que nos aguarda no céu? Dê uma olhada, agora:

> "Então vi um novo céu e uma nova terra, pois já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, ataviada como uma noiva para o seu noivo. E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Agora o tabernáculo de Deus está com os homens. Deus habitará com eles, e eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles, e será o seu Deus. Deus enxugará de seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, pois já as primeiras coisas são passadas" (Apocalipse 21:1-4).

Qual será o som eterno do céu? Não haverá lágrimas, nem dor nem tristezas. A mim me parecem sons de risos e de alegria! Creia-me — o céu será o primeiro lugar onde a alegria estará em maioria.

A GENEROSIDADE ALEGRE PODE SER NOSSA HOJE

Gastamos tempo suficiente vendo exemplos bíblicos. Vamos, agora, pensar em maneiras de trazer de volta a alegria de

que tanto necessitamos em nossa vida, hoje. Tenho em mente quatro sugestões:

1. Reflita nas dádivas de Deus a você. Caso precise de ajuda, leia o salmo 103:

> "Bendize, ó minha alma, ao Senhor; tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum dos seus benefícios. É ele quem perdoa todas as tuas iniqüidades, e sara todas as tuas enfermidades, quem redime a tua vida da perdição, e te coroa de amor e de compaixão; quem enche a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia. O Senhor faz retidão e justiça a todos os oprimidos. Fez notórios os seus caminhos a Moisés, e os seus feitos aos filhos de Israel" (Salmo 103:1-7).

O salmista relaciona vários benefícios, a fim de ativar nosso pensamento. Quando refletimos nas dádivas de Deus entregues a nós, é bom sermos específicos.

Você tem olhos sadios? Essa é uma dádiva. Você tem mente sadia? Outra dádiva. Tem destreza nos dedos? Tem habilidades especiais que lhe permitem trabalhar em seu ofício? Possui dotes de liderança que atrai as pessoas, e elas o seguem? Você recebeu boa educação? Sabe vender? Tudo isso representa dádivas. Deus lhe deu uma família? Deu-lhe roupas suficientes? Você desfruta uma cama quentinha, limpa, macia, à noite, e uma casa confortável para morar no calor do verão? Tudo isto são bênçãos, dádivas da mão de Deus. Pense nas numerosas dádivas de Deus a você. Sua alegria aumentará. Logo um sorriso substituirá essa carranca.

2. Lembre-se das promessas de Deus com respeito à generosidade. Deus prometeu que se você semear com abundância, colherá com abundância. Se você der com abundância, erigir-se-á um tabernáculo. Se trabalhar duramente — em colaboração com outros — edificar-se-à o muro. Portanto, contribua! Contribua abundantemente! Até mesmo a contribuição extravagante é honrada por Deus. Nunca conheci alguém que se viu mal por ter sido generoso *demais*. Lembre-se das promessas divinas a respeito da generosidade e comece a auto liberar-se.

Não tenha medo de dar mais do que Deus. É absolutamente impossível que isso aconteça. Deus cumprirá todas as suas promessas concernentes à generosidade na contribuição. Experimente.

3. *Examine seu coração.* (Eis aqui uma tarefa bem difícil). Não quero que você examine seus registros de pagamentos de impostos do ano passado. Isso falará apenas à sua mente. Quero que você fale ao seu coração. Não quero que você examine o seu vizinho, nem qualquer outra pessoa, porque você é melhor do que seu vizinho, e do que qualquer outra pessoa que você mesmo escolher. Tampouco compare você mesmo e suas contribuições, hoje, com quem você era e como contribuía antigamente, porque é possível que você tenha melhorado bastante. Eu o desafio a *examinar o coração.*

Eis aqui algumas perguntas que você deve fazer a si próprio:

- Acredito realmente que existe uma necessidade.
- Estou reagindo porque estou sendo pressionado, ou porque realmente tenho interesse?
- Minha oferta é expressão adequada de meus rendimentos, ou mero ato de última hora, uma oferta não planejada, feita para que eu me livre dessa coisa?
- Orei— ou minha oferta é impulsiva?
- É a alegria que me está motivando? Estou genuinamente maravilhado com o que Deus está fazendo em minha vida, e com o que ele faz através de minhas contribuições?
- Minha vida se caracteriza pela generosidade?

4. *Glorifique a Deus sendo extremamente generoso.* Penso que existe um meio singular de enxergar isto, que é meter um pouco de medo em você mesmo. Lembra-se de quando você não tinha muito, e apesar disso contribuía com mais do que devia, pelo menos por amor à lógica? Você ficou um pouco amedrontado, não? Não foi engraçado? Não foi realmente emocionante? E a notícia boa é que você venceu. Não morreu de fome. É muito provável que ainda esteja bem alimentado. E bem vestido. Mas, você é alegre? Seja honesto, agora: esse inimigo chamado Vida Sem Alegria tomou conta de você? Se

isso aconteceu, posso garantir que você se tornou menos generoso. Que tal começar a cultivar a generosidade extrema? Estou falando de você tornar-se uma espécie rara de águia!

Acho interessante que a maioria das pessoas retrata o Pai celeste de sobrecenho franzido, retorcendo as mãos, ou quem sabe cofiando a barbicha, quando seu Filho deixou o céu, vindo para a terra. Eu não penso que foi assim. Será que não houve sorrisos no céu? Até mesmo quando o Senhor enfrentou a cruz e considerou a morte em agonia, o que o motivou a prosseguir foi "a alegria colocada diante dele". Você é capaz de imaginar o brado de alegria no céu quando o Senhor ressuscitou? "Ele ressuscitou dentre os mortos! É ele, o meu Filho!" E quando o Pai o recepcionou de volta ao trono? Imagino que houve a maior alegria possível nessa reunião.

Você quer conhecer a fonte infindável de alegria? É Jesus Cristo. Só e exclusivamente mediante Cristo é que recebemos salvação — um ato de amor feito com alegria, que resulta em paz. Graças a Deus pela sua dádiva indescritível. Tudo que ele é e tudo quanto ele me dá é suficiente para que eu solte uma boa gargalhada!

Gastamos um bocado de tempo em zona de combate. Nesse campo de batalha, enfrentamos quatro dos mais temíveis inimigos de vôo sublime: a cobiça, o tradicionalismo, a indiferença e a falta de alegria. Estes adversários da excelência, como já aprendemos, não se entregarão facilmente. Ao contrário, encontram-se tão bem entrincheirados que há necessidade de bombardeio forte e contínuo. Entretanto, a notícia boa é que esses inimigos *podem ser vencidos!*

É preciso que alguém saliente que, desde tempos remotos, o declínio da coragem tem sido considerado o primeiro sintoma do fim?

Alexander I. Soljenitsin - 1978



Parte 4

O Combate à Mediocridade Inclui a Resistência Corajosa



13

Firme Quando em Inferioridade Numérica

A maioria das pessoas faria qualquer coisa para não ser diferente. Preferiríamos, antes, misturar-nos à plebe. Um de nossos maiores temores é o do ostracismo, ser rejeitado pelo "grupo". A dor do ridículo é grande demais para a maioria das pessoas — não a queremos suportar.

Há outros temores — o temor de parecer tolo, o temor de salientar-se no meio da multidão, o temor de ser mal-interpretado e vilipendiado. O resultado é previsível e ao mesmo tempo trágico: perde-se a coragem.

Visto que tal assertiva expressa a verdade, decidi reunir os quatro capítulos finais de meu livro sob um título principal: Coragem. Viver acima da mediocridade inclui a resistência corajosa. Na análise final, quem quer que se decida a voar alto ver-se-á forçado a enfrentar e vencer a tentação enorme de conformar-se. Tal fato é óbvio porque os que não querem voar alto ridicularizarão os que querem. As águias estarão sempre em inferioridade numérica. Ficar só quando em inferioridade numérica, e enfrentando oposição, pode ser uma experiência desconfortante e ameaçadora.

Pressões assim não são incomuns em numerosas esferas da vida. O estudante aplicado, que obtém excelentes notas, em geral é olhado com suspeita, nunca com respeito. Em vez de os colegas de classe procurarem acertar o passo e produzir mais, preferem diminuir o estudante bom e transformá-lo, fazendo-o parecer tolo. O mesmo pode ser verdade numa equipe

,de vendas, ou numa vizinhança. As pessoas não querem que ninguém voe alto, especialmente se gostam de "rastejar"! É muito provável que você sofra as mesmas pressões que estou ilustrando. Se não, considere-se um felizardo. São poucos os lugares, hoje, em que as pessoas semelhantes a águias, que perseguem a excelência, são admiradas e encorajadas a atingir as alturas mais sublimes. Visto que tal fato é tão comum, sinto que precisamos considerar seriamente tudo quanto é exigido de quem resiste corajosamente.

UMA BREVE ANÁLISE DA CONFORMIDADE

Anteriormente, mencionei a importância de algumas linhas do capítulo 12 da carta aos Romanos. Gostaria de voltar àquele pensamento e passar alguns minutos mais, discutindo o contexto geral em que se encontram aquelas palavras.

> "Portanto, rogo-vos, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Romanos 12:1-2).

Permita-me apresentar seis observações destes dois versículos:

1. *Esta verdade é principalmente para o cristão.* "Rogo-vos, *irmãos*. . ." Se a questão não ficou bem esclarecida anteriormente, preciso deixá-la bem clara, agora. Sem que haja uma fé pessoal e vital em Jesus Cristo, é impossível empreender uma guerra vencedora contra o sistema denominado "mundo". Tentar voar alto pelo seu próprio esforço, vencendo o poderoso ímã da maioria, sem a ajuda de cima, será esforço frustrante e contraproducente. Só Deus pode conceder-nos tal poder transformador, mediante a fé em seu Filho.

2. *Há urgência nesta mensagem — urgência intensa, na verdade.* Paulo não diz: "Oh, a propósito, talvez fosse interessante. . ." Não. Ele diz assim: "*Rogo-vos*". O autor da epístola pressiona sua pena; sente paixão ao tratar do assunto. E nós

também deveríamos senti-la. Ninguém que se entregou ao conformismo precisa afrouxar esforços.

3. *Esta urgência relaciona-se com um sacrifício.* A questão é que o processo de comprometimento leal representa um "sacrifício santo". Nunca sacrificamos alguma coisa com facilidade. A idéia total de sacrifício é a entrega de algo importante para nós — desprendimento, abandono, liberação, renúncia. A urgência implica em sacrifício. Observe que o sacrifício não só é "santo" mas também é "vivo". Um dos maiores problemas de um sacrifício vivo é que ele está sempre a arrastar-se para fora do altar!

4. *Este sacrifício abrange dois reinos: a pessoa interior e a pessoa exterior.* A *pessoa interior* é atingida pela palavra *apresenteis* — "Rogo-vos. . . que apresenteis os vossos corpos." Esta é uma decisão que tomamos nas profundezas de nosso ser. Em seguida, há a *pessoa exterior,* "vossos corpos" — a parte de você que toca o sistema ao seu redor. "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus", diz Paulo, "que vós, que sois cristãos, tomeis uma decisão que venha do profundo de vossos corações: apresentai os vossos corpos."

Esta questão de apresentar nossos corpos é muito prática. Eu precisei tratar dessa questão de forma consciente quando fui para o estrangeiro com o corpo de fuzileiros navais durante muitos e longos meses. Eu já sabia, muito antes de pôr os pés no quartel, que com toda probabilidade a maioria dos outros quarenta e sete fuzileiros seria muito semelhante entre si, especialmente no que concerne à moral. Os fuzileiros nunca foram muito conhecidos pelas suas virtudes morais (você está sorrindo). Eu sabia que meus colegas se portariam de modo infiel. Sabia que praticariam o tráfego de coisas sensuais. Sabia, bem dentro de meu coração, que transigiriam com o sistema mundano. Enquanto eu navegava naquele navio carregado de tropas, cortando o Pacífico, lembro-me tão claramente como se fora ontem, que eu pensei seriamente sobre a questão da conformidade. Tive bom senso suficiente para dizer: "Senhor Deus, eu me entrego a ti durante esses meses à minha frente. Não quero parecer um monge atacado de auto-retidão, que fica sozinho, separado; contudo, quero palmilhar um caminho que honre o teu nome. Portanto, Senhor, preciso da tua força para

permanecer só. Eu te apresento o meu corpo. . . a ti. . . para a tua glória."

Não estou falando baseado em teoria. Sei por experiência própria que este tipo de compromisso de lealdade funciona. Durante aqueles meses em que estive rodeado de companheiros fuzileiros navais, que mantinham padrões de moral totalmente diferentes dos meus, jamais me entreguei sob a pressão do coleguismo. Não me conformei. Permaneci fiel à minha esposa. Pela graça de Deus, e pelo seu poder, conservei minha caminhada com Jesus Cristo. Não pretendo parecer um bonachão ingênuo. Desejo comprovar que esse princípio *funciona*. Portanto, posso dizer aos adolescentes que se levantam segunda-feira de manhã e sabem que ao se dirigirem à escola, estarão rodeados pelo sistema mundano: *vocês podem controlar a situação!* Vocês são fracos demais, e o mundanismo atraente e apelativo demais. Entretanto, ao apresentar-se diante do Senhor todos os dias, quase até tornar-se um hábito, vocês vencerão. Para que isso seja possível, deve haver harmonia — um acordo — em seu eu interno e em seu eu externo.

5. *O sacrifício é essencialmente de ordem espiritual*. No que concerne a Deus, uma vida piedosa e coerente é agradável e aceitável diante dele.

No que concerne a você, é um ato de culto. É um culto que você presta.

Preciso ser muito franco aqui. Se você é "crente dominical" não resiste quando inferiorizado numericamente. Qualquer pessoa pode voar alto — qualquer pessoa pode palmilhar a trilha da vitória enquanto está na igreja, sentadinho. Todavia, o tipo de culto de que Romanos 12:1 está falando influi nas suas segundas, quintas, sábados, influi em sua vida toda, todos os dias da semana, na verdade, todas as 52 semanas do ano, todos os anos. Assim, no nível mais profundo há a entrega do eu a Deus em todos os momentos — à hora do almoço, antes de um encontro, durante o encontro; antes de uma viagem, durante as férias. Em qualquer cena em que você se encontra, você se entrega a Deus. "Senhor, neste meu corpo há certos apetites, e muitos desejos. Em meus olhos, há interesses que não provieram de ti. Estes meu ouvidos, estas minhas mãos, e várias partes do meu corpo percebo que são atraídas, como

que puxadas por um ímã para o sistema mundano. Portanto, deliberadamente, de propósito, entrego-te meus olhos, meus ouvidos, meus sentidos, meus processos de raciocínio, como um ato de culto. Eu sou teu, Senhor. Por favor, controla cada uma dessas áreas."

Tudo isso me leva a uma observação final:

6. *Este sacrifício conduz a uma decisão prática e radical.* Veja de novo o segundo versículo: "Não vos conformeis com este século, (isto é, a decisão prática), mas transformai-vos pela renovação da vossa mente (a saber, a decisão radical). Muitas pessoas lêem esse versículo e pensam que se trata apenas de estilos de penteados ou de roupas, o que seria apenas uma aplicação superficial. Todavia, a mim me parece que Paulo tinha em mente o fato de o sistema mundano estar em guerra contra Deus.

Somos como pequeninas ilhas de verdade rodeadas por um mar de paganismo, porém lançamos nosso navio todos os dias. Não conseguiremos viver neste mundo, nem negociar, sem manter relações com tais pessoas, motivadas por desejos mundanos. São poucos os que Deus chama para serem monges num mosteiro ou convento. Por isso precisamos tomar uma decisão *prática* — a de não nos conformar com o mundo enquanto estamos no sistema mundano; e ao mesmo tempo, precisamos tomar a decisão *radical* de dar a Deus luz verde, a saber, nossa concordância para que ele transforme nossa mente.

Deixe-me esclarecer estes pensamentos. Em primeiro lugar, que significa estar *conformado*? Essa palavra significa: "assumir uma expressão externa não proveniente de dentro." Quando eu me conformo com alguma coisa, ponho máscara; revisto-me de uma máscara que esconde meu verdadeiro eu interior. Bem lá dentro, em minhas profundezas, está a pessoa de Jesus Cristo. Quando meu eu exterior se dedica a ações não parecidas com as de Cristo, estou conformando-me. Mas, quando o Cristo vivo que habita em mim expressa-se na minha vida exterior, não estou conformando-me. Estou sendo autêntico. Quando Cristo vive a vida dele em mim, mostro uma expressão genuína, não estou mascarado.

Em segundo lugar, que quer dizer *transformar-se*? Esta palavra é diferente de *conformar-se*. *O termo bíblico significa*

"exprimir no exterior o que está no interior". Não só essa palavra é diferente: é uma antítese de conformar-se. A palavra grega traduzida aqui pelo verbo *transformai-vos é metamorphoo,* de que se derivaram as palavras portuguesas *metamorfose, metamorfismo* e outras. "Transformar-se" significa "metamorfosear-se."

Quando uma larva se transforma numa borboleta, houve uma metamorfose, uma transformação radical. Quando um girino se transforma numa rã, houve uma metamorfose. Quando o Cristo real se expressa através de nossa vida, há evidência de uma mudança dramática. O que acontece é nada menos do que uma transformação espantosa, radical. Como é que ela ocorre? Assim diz Paulo: "pela renovação da vossa mente". Em minha opinião, é aqui que começa a técnica. É que para concretizar-se uma transformação vitoriosa, em vez de conformação derrotista, há de haver renovação nos pensamentos.

Para que você e eu nos livremos da conformação, precisamos renovar nossa mente. O campo de batalha principal, conforme escrevi no início deste livro, é a mente — aquela parte interior de nosso ser onde decidimos o que somos e o que fazemos. É como escreveu alguém: "Não somos o que somos. Tampouco somos o que os outros pensam que somos. Somos o que pensamos que os outros pensam que somos." No nível mais profundo, ainda que a maioria das pessoas não querem admiti-lo, a maior parte delas se compõe de conformistas. Eis a razão porque aquela decisão é chamada de radical. Só uma estrutura mental radicalmente diferente pode equipar-nos para permanecer sozinhos quando inferiorizados numericamente. A conformidade estará sempre por ali convidando-nos para entrar, apelando para as nossa insegurança, pintando um quadro cheio de confortos, cor-de-rosa, que diz: "Ah! venha juntar-se a nós. Por que ser diferente?"

QUATRO OBJETIVOS DO SISTEMA MUNDANO

O sistema mundano está comprometido e determinado a atingir pelo menos quatro grandes objetivos que posso resumir em quatro palavras: posses, prestígio, poder e prazer. *Em primeiro lugar, o mais importante: posses, dinheiro.* O sistema mundano é acionado pelo dinheiro. Alimenta-se do materia-

lismo. Eu já falei muitas coisas a esse respeito, mas as águias não voam alto enquanto não percebem a realidade desta pressão constante. *Em segundo lugar: prestígio.* Esta é uma palavra que significa fama, popularidade. Você luta contra essa tendência, seus filhos lutam e seus netos lutarão. Prestígio é o anseio de ser bem conhecido, de ser alguém aos olhos de alguém. Não me refiro a ser o herói de alguém, mas o deus desse alguém. Estou falando da mentalidade fixa na celebridade. *Em terceiro lugar: Poder.* Significa manter influência, exercer o controle sobre indivíduos ou grupos, companhias ou instituições. É o desejo de manipular e manobrar os outros a fim de que façam algo em benefício do poderoso. *Em quarto lugar: Prazer.* Em seu nível mais profundo, o prazer relaciona-se à gratificação dos desejos sensuais. É o mesmo padrão de pensamento que se oculta atrás do lema: "Se for bom, faça-o." O mundo é impiedoso e inexorável, trabalhando incansavelmente a fim de comunicar esta síndrome de posses, prestígio, poder e prazer.

Entregue seu filho a um sistema semelhante a esse, sem informações, sem ajuda ou técnica sobre como tratar dessas questões, e posso quase garantir-lhe que em questão de alguns meses o jovem estará pensando, parecendo, falando e, pior de tudo, *agindo* de acordo com o sistema. Se o seu filho tem amigos íntimos que se dedicam à linguagem irreverente, ou à imoralidade, as probabilidades são grandes de que o seu filho se conformará com eles. Se estiverem usando álcool ou drogas, você pode esperar a mesma desgraça em sua casa.

Há vários anos tropecei num versículo nas Escrituras que parecia querer saltar das páginas. Bem no meio de 1 Coríntios 15, que é um capítulo que trata da doutrina da ressurreição, encontramos este pensamento prático: "Não vos enganeis. As más companhias corrompem os bons costumes" (v. 33). Quando despendemos tempo suficiente com determinado grupo, nossas ações em geral tornam-se semelhantes às desse grupo. Nós fomos feitos assim, é só isso. Tal fato é especialmente verdadeiro se a pessoa do lado da minoria é insegura e sem firmeza. Se você duvida disso, está apenas enganando-se a si mesmo. Acorde, águia! Perceba a força extraordinariamente grande da pressão que os companheiros exercem sobre

você, bem como sobre os seus filhos. Algumas pessoas dão a isso o nome de "instinto de rebanho". As demais influências sendo iguais, se você andar em más companhias se corromperá. O bem não vai grudar-se nessas más companhias. O mal delas se grudará em você. É a mesma coisa que calçar um par de luvas imaculadamente brancas, em dia chuvoso, cheio de lama na rua, e você pegar essa lama esfregando-a entre os dedos. É interessante que a lama jamais ficará "branca" mas as luvas ficarão enlameadas. Nunca vi lama "imaculadamente branca" em toda a minha vida!

UMA CENA ANTIGA COM UMA MENSAGEM MODERNA

À luz do que 1 Coríntios 15:33 diz a respeito dos perigos das más companhias, vamos dar uma olhada em Deuteronômio 6:10-15. O povo mencionado nesta passagem escriturística é a nova geração de hebreus que já vimos antes — as pessoas que viveram o suficiente para ver a Terra Prometida, após peregrinarem pelo deserto durante quarenta anos, até terem enterrado todos os que haviam duvidado da liderança de Moisés. Com exceção de Josué e Calebe, só os jovens israelitas sobreviveram. Agora, ei-los prestes a invadir Canaã. Um pouco antes de entrarem, Moisés os leva para o lado e lhes dá algumas advertências. Com termos claríssimos, Moisés lhes fala dos perigos que os espreitam nas sombras, após haverem assentado residência naquele novo território. Embora o próprio Moisés não estivesse entrando com o povo, ele o amava demais: não seria capaz de pôr-se de lado e apenas esperar que tudo corresse bem. Creio que poderíamos dizer que as palavras de Moisés eram "bons conselhos paternais". De qualquer maneira, o conselho de Moisés mais tarde haveria de voltar e perseguir os hebreus. Leia cuidadosamente suas palavras de aconselhamento:

> "Quando o Senhor teu Deus te introduzir na terra que, sob juramento, prometeu a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó, que te daria, grandes e boas cidades que não edificaste, casas cheias de bens que não encheste, poços abertos que não cavaste, vinhas e olivais que não plantaste; e quando comeres e te fartares,

> guarda-te, que não te esqueças do Senhor, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. O Senhor teu Deus temerás, e pelo seu nome jurarás. Não seguirás outros deuses, os deuses dos povos que estão ao teu redor" (Deuteronômio 6:10-14).

Hoje, nós diríamos o seguinte: "Vocês serão tentados a acompanhar a multidão, por isso, cuidado! Vocês devem continuar a invocar o nome único — o nome do Deus vivo — embora vocês se vejam rodeados por povos que não o invocam!"

> ". . .pois o Senhor teu Deus é um Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do Senhor teu Deus não se acenda contra ti, e te destrua de sobre a face da terra" (Deuteronômio 6:15).

Não pense nem por um instante sequer que Deus não se interessa pela conduta dos seus escolhidos. Ele tem zelo pelo nosso amor e nossa lealdade. Leia de novo as palavras de Moisés. Observe os reiterados lembretes que ele faz sobre o que Deus havia realizado em prol do povo: cidades que não tinham edificado, casas cheias de coisas que não tinham enchido, poços que não tinham perfurado, árvores que não tinham plantado. Como seria fácil o povo sentir-se mimado! Quanto perigo nessa posição! À luz de todas as coisas que o povo estaria recebendo, em breve, a troco de nada, Moisés o advertiu contra a última armadilha, a final: esquecer-se do Senhor seu Deus. Nas entrelinhas, penso que Moisés estava incentivando o povo a permanecer a sós: "Não cedam à pressão exercida pelos outros! Mantenham os pontos de distinção! Sejam corajosos! Lembrem-se: vocês são exclusivos, singulares!" Não ressoa bastante parecido com os conselhos que os pais dão ao filho adolescente quando este sai de casa para ir estudar, não?

Quatro Princípios Práticos para Hoje

Quando penso nas advertências de Moisés, surgem quatro princípios — cada um conduzindo ao próximo.

1. *Obter alguma coisa a troco de nada pode levar à irresponsabilidade.* Quando uma porção de coisas são atiradas, de repente, em nosso colo, é fácil adquirir uma atitude tipo

"Quem é que precisa de Deus?" É uma espécie de síndrome da criança mimada. Brinquedos demais, luxo demais, tudo adquirido com grande facilidade — induzindo à irresponsabilidade. Você e eu temos visto tal coisa acontecer.

2. *A irresponsabilidade cria uma atitude descuidada.* Quando recebemos abundância de coisas grátis — não pagamos nada — surge uma atitude descuidada: a incapacidade de discernir a escala de valores correta. "Que importa?" ou "Quem realmente se importa com o que eu faço?" Essa a razão para a advertência: "Guarda-te, que não te esqueças do Senhor".

3. *A atitude descuidada conduz à perda dos padrões.* Aqueles hebreus em breve estariam rodeados por uma maioria populacional que adorava outros deuses. Se os hebreus se tornassem descuidados quanto aos seus padrões espirituais, a reação mais natural em seguida seria abraçar os mesmos deuses dos povos que os rodeavam. E de fato, foi isso mesmo que fizeram! A falta de cuidado gera a perda dos padrões espirituais, morais e éticos. Razão por que Moisés dissera: "O Senhor teu Deus temerás, e a ele servirás".

4. *A perda dos padrões gera a insegurança pessoal.* Pense neste tópico de modo especial. É este exatamente o problema dos crentes de segunda e terceira geração. Pais: vocês e eu criamos nossa teologia. Muitos de nós fomos salvos da rua. Subitamente, sem explicações, ficamos face a face com os apelos de Cristo e entregamo-nos a ele. Aí as coisas mudaram, especialmente para nossos filhos. Demos origem a uma geração que não precisou lutar por alguma coisa. Nossos filhos receberam tudo, virtualmente numa bandeja de prata. Eles não têm a mínima idéia do que seja estar na rua, espiritualmente. Ouviram o nome de Jesus durante a vida toda. Em muitos casos, jamais tiveram de lutar a fim de criar uma teologia própria e, por isso, pouco se interessam. Cuidado! Poderá não passar muito tempo e eles se tornarão mimados, mal acostumados e descuidados a respeito das coisas espirituais. É quando os verdadeiros problemas se iniciam.

Aqui está o seu filho, criado numa família que tem cuidado, numa boa igreja, rodeado por pessoas bondosas que amam ao Senhor Jesus. Cresceu com todas as vantagens! Então, como

se explica que ele se tenha voltado para as drogas? Que é que fê-lo desligar-se espiritualmente? Por que não é ele uma águia, como o pai e a mãe? Veja novamente os quatro princípios que acabamos de mencionar. A síndrome sugou o garoto! Tornou-se parte daquela irresponsabilidade que gera o descuido, que por sua vez induz à perda dos padrões e, por fim, resulta na insegurança.

De que maneira poderemos fazer parar essa síndrome de queda espiralada? Permita-me sugerir quatro pensamentos renovadores da mente que muito me ajudaram, de verdade. São declarações breves, porém, poderosas, que podemos afirmar a nós mesmos e em seguida passá-las a nossos filhos.

Primeira: "*Eu sou responsável.*" Eu disse isso a mim mesmo muitas vezes quando no Corpo de Fuzileiros Navais, e cheguei a ficar doente de tanto ouvir minha própria voz! "Swindoll, você é responsável!" Não havia ninguém por perto: meus pais não estavam lá, nem minha esposa, ninguém que me conhecesse. Eu não tinha uma reputação de que zelar, nenhum medo de ser "descoberto". E assim, comecei a renovar minha vida mental com essas palavras: "Eu sou responsável." Ainda hoje repito estas três palavras, mentalmente. Falando à família, o princípio funciona assim: "Filho, filha, você é responsável."

Segunda: "*Não devo esquecer.*" Lembra-se do conselho de Moisés? Um conselho antiqüíssimo, de séculos, mas ainda relevante:

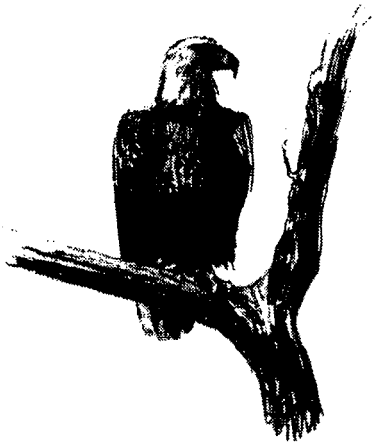
> ". . .guarda-te, que não te esqueças do Senhor, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão" (Deuteronômio 6:12).

Então, considere: Se você não foi tirado do Egito, se você não precisou lutar para sobreviver, é fácil esquecer-se de Deus. Seus filhos e os meus nada sabem a respeito do Egito. Nós sabemos, eles não. Não devemos esquecer-nos do Senhor nosso Deus. Tampouco podemos dar-nos o luxo de permitir que eles se esqueçam.

Terceira: "*Deverei prestar contas.*" Devo prestar contas a Deus quer esteja eu em Fullerton, quer na Ásia, quer na ponta da América do Sul, quer no polo norte. Devo prestar contas a meu Senhor.

Quarta: "*Recebo meus padrões e minha segurança de Deus.*" Não de meus amigos, não do meu empreendimento comercial, não de meus vizinhos — nem de mim mesmo. Cristo é a minha segurança. Não se deixa enganar pela multidão. Lembro-me de um velho ditado que dizia: "Há segurança nos números." Não, nem sempre. Às vezes há perigo nos números. Só porque "todo o mundo está fazendo isso" não significa que o ato é seguro ou correto.

É preciso coragem para pensar sozinho, resistir sozinho, e permanecer firme sozinho — especialmente quando a multidão parece oferecer segurança e retidão. Mas, lembre-se de Deus. Águia, continue a voar alto — bem alto, longe da cobiça que engana a multidão. Lá em cima não apenas parece haver segurança e retidão — lá há de fato segurança e retidão.



14

Firme Quando Sob Prova

Há alguns anos a psicóloga Ruth W. Berenda e seus colaboradores efetuaram uma experiência interessante com adolescentes, cujo objetivo era demonstrar como as pessoas agem sob pressão grupal. O plano era simples. Trouxeram grupos de dez adolescentes a uma sala para um teste. Subseqüentemente cada grupo de dez recebeu instruções para erguer as mãos quando a professora apontasse a linha mais comprida em três cartazes separados. Apenas uma pessoa do grupo de dez não sabia que os outros nove, ali presentes, haviam recebido instruções, previamente, para erguer as mãos quando a *segunda* linha mais comprida fosse apontada.

A despeito das instruções que ouviam agora, estando os dez juntos na sala, aqueles nove não deveriam assinalar a primeira linha mais comprida, mas escolher a linha mais comprida *depois* da primeira. Aqui estão os cartazes conforme apareceram diante de cada grupo, quando seus votos foram assinalados.

Cartaz 1

A _____

B _____

C ____

Cartaz 2

A _____

B _____

C ____

Cartaz 3

A _____

B ____

C _____

O desejo dos psicólogos era determinar de que maneira uma pessoa reagia quando completamente rodeada de uma grande multidão que de modo óbvio desconsiderava o que é verdadeiro.

> A experiência começou: nove adolescentes votaram na linha errada. O que fazia o papel de tolo tipicamente olhou ao redor, franziu a testa, todo confuso, e ergueu a mão com o grupo. Repetiram-se as instruções e outro cartaz foi mostrado. Vez após vez, o que fazia o papel de tolo conscientemente ficava sentado ali, afirmando que uma linha curta era a mais comprida de todas, simplesmente porque lhe faltava a coragem de desafiar o grupo. Esta conformidade notável ocorreu em cerca de setenta e cinco dos casos, sendo notória também entre crianças pequenas e estudantes universitários. Berenda concluiu que "algumas pessoas preferem ser presidentes a ser corretas", o que certamente é uma conclusão exata.

O teste básico não continha sentimentos nem emoções. Tratava-se simplesmente de um exame lógico para demonstrar como é que uma pessoa reage à pressão grupal. Qual é o meu ponto de enfoque? Uma coisa é você determinar a pressão grupal exercida sobre alguém, numa sala de aula. As coisas estão sob segurança, há uma psicóloga profissional observando tudo. É outra coisa inteiramente diferente quando o seu filho, ou o meu (ou você, ou eu) estamos rodeados por uma grande maioria que diz: "a segunda linha mais comprida é, na verdade, a linha mais comprida." As implicações morais e éticas que acompanham tal experiência são amedrontadoras.

Desejo registrar aqui uma declaração forte, em que acredito de todo o meu coração. *Se o seu filho não foi ensinado a permanecer firme, sozinho, quando rodeado das pessoas que o testam, ele não saberá ficar firme.* Seu filho penetrará na região das dúvidas, depois entrará nas incertezas e, finalmente, cederá à conformidade total. Se não dermos a nossos filhos bastante ajuda prática sobre como controlar a pressão grupal, são grandes as probabilidades de que falharão quando submetidos aos testes.

Deixe-me ilustrar. Digamos que o seu filho foi criado num lar cristão, freqüentou escolas cristãs, andou com amigos cristãos e passou todos os seus anos formativos nesse ambiente relativamente protegido. Para tornar as coisas mais complicadas, você lhe disse muito pouco a respeito do "mundo real" e nada fez para dar-lhe um equipamento para enfrentar o que o aguarda. Ele vai à universidade e vê-se num ambiente que não é cristão. Fica rodeado de adultos jovens que, na maior parte, não são cristãos. Quase que da noite para o dia ele se vê enfiado num ambiente que praticamente desconhecia. É aqui que a teoria funciona ou desaparece pelo cano de descarga — é aqui que a pessoa permanece firme, e se torna modelo de coragem segura, ainda que inferiorizada numericamente, ou começa a hesitar. O teste está em andamento! Eis uma das mais duras missões atribuíveis ao pai e à mãe — preparar os filhos para os testes da vida sem danificar-lhes a auto-estima, nesse processo. De algum modo a aguiazinha precisa aprender a voar por si mesma, sozinha; contudo, nenhuma águia responsável abandona seu ninho pensando assim: "Espero que... ah! é certo que esse camaradinha vai ser bem-sucedido!"

UM POUCO MAIS DE HISTÓRIA, POR FAVOR

No capítulo 13 gastamos algum tempo estudando as advertências de Deuteronômio. Agora, vamos para a realidade. Encontramo-la no livro de Juízes. Quero mostrar-lhe o que aconteceu àqueles israelitas que ouviram as grandes palavras de Moisés, que as pronunciou quando o povo estava prestes a entrar na Terra Prometida. Ocultos atrás de uma esquina, os cananeus aguardavam. Por quê?

> "Estes ficaram a fim de por eles provar a Israel, para saber se dariam ouvidos aos mandamentos do Senhor, que tinha ordenado a seus pais, por intermédio de Moisés" (Juízes 3:4).

Deus havia advertido os israelitas de que os cananeus estariam todos ao redor deles: "Eles estarão lá, vocês vão vê-los. Deixei-os lá por uma razão: um teste! Quando vocês chegarem, terão de expulsá-los. Se não os expulsarem, eles tomarão conta

do poder. Esses povos de mentalidade rija aplicam-se a isso: às conquistas. Têm muitos deuses, mas nenhum cananeu conduzirá vocês ao verdadeiro Deus dos céus. Ao contrário, tentarão arrastar vocês todos para o estilo de vida que desfrutam. O Deus de Israel, Iavé, conduzirá vocês nessa hora de provação, mas vocês deverão permanecer firmes, como eu ordenei. *Obedeçam!*" E eles assim o fizeram — pelo menos no começo. Entretanto, pouco a pouco começaram a inclinar-se à deslealdade.

Voltemos para o primeiro capítulo do livro de Juízes, e vamos dar uma olhada na situação quando os israelitas encontraram-se com os cananeus. Três fatos caracterizavam a vida dos hebreus quando estes saíram da teoria e entraram na prática.

1. *Estavam sozinhos e sem certezas*. Os israelitas sentiram-se como você se sente em seu primeiro dia no novo emprego, ou quando você vai à faculdade pela primeira vez, tendo de enfrentar o primeiro dia no "campus" ou quando você passa o primeiro dia num acampamento militar, como recruta. Os israelitas estavam sozinhos e inseguros.

> "Então disse Judá a Simeão, seu irmão: Sobe comigo à herança que me coube por sorte, e pelejemos contra os cananeus, e também eu subirei contigo à tua herança que te coube por sorte. E Simeão partiu com ele" (Juízes 1:3).

Embora Deus estivesse presente, os líderes haviam morrido e o povo realmente sentia-se a sós. Não sabia que direção tomar. Não havia uma diretriz a seguir. Por isso os judeus decidiram trabalhar firme, repartidos em equipes. O Senhor lhes dissera simplesmente: "Quando chegarem à terra, expulsem-nos." Chegaram à terra mas começaram a pensar: *Josué morreu, Moisés morreu. Para onde vamos agora?*

A propósito: com freqüência é assim que seus filhos se sentem. Não vão admiti-lo facilmente nestas palavras, mas é assim mesmo que se sentem. Você não está lá (e eles não querem você lá!), entretanto, em seus corações, eles ficam imaginando: *A quem devo dirigir-me agora?* Sentem-se inseguros e cheios de dúvidas. Para tornar as coisas mais complicadas ainda, o

mundo se *nutre* da incerteza e da solidão. O monstro chamado "Maioria" espreita os distraídos, que nem sequer suspeitam. Quando há dúvida, a conformidade está sempre pronta para ser convocada à ação! Os inseguros farão qualquer coisa a fim de fazerem parte do grupo, para quebrar aquela sensação de solidão e isolamento.

2. *Aqueles israelitas eram inexperientes e vulneráveis.* Não haviam presenciado de primeira mão as obras miraculosas de Deus, no Egito e no deserto. A geração atendida por Moisés e Josué havia morrido, já não existia mais.

> "Foi também congregada toda aquela geração a seus pais, e outra geração após deles se levantou, que não conhecia ao Senhor, nem tampouco a obra que ele fizera a Israel" (Juízes 2:10).

Que tal? A geração de tropas de combate que se sentava aos pés de Moisés, e lutava ao lado de Josué, aqueles veteranos conquistadores das vitórias que os introduziram na terra de Canaã, agora não existiam mais — haviam saído do cenário. No lugar dessa gente apresentava-se a nova geração. Duas coisas eram verdadeiras a respeito dessa gente: não conheciam ao Senhor, e não sabiam o que ele havia feito nos anos anteriores. Faltava-lhes o conhecimento do que é que os trouxera ali; não tinham consciência de quanto custara a liberdade de que desfrutavam!

Algo de grande valor se perde quando uma nação perde sua herança histórica e espiritual. Se não houvesse outros propósitos, bastaria esse, que se tornaria razão suficiente para tornarmo-nos bons estudantes de história. Saber o preço que outros pagaram pelo que desfrutamos e estar cientes de que as coisas que Deus realizou em prol de nossos pais e avós são fatos que dão raízes profundas ao nosso caráter.

Jamais deveremos esquecer-nos da importância que uma herança histórica e espiritual produz no treinamento de nossos filhos. Como se processa tal treinamento? É simples. Conte-lhes o que Deus fez em sua vida. Reproduza diante deles as batalhas significativas do passado. Não hesite em contar-lhes tudo quanto Deus fez. Se você deixar de fazer isso, como é que seus filhos ficarão sabendo dessas coisas?

Eu mesmo não soube das condições espirituais de meu pai, durante muito tempo. Falo com honestidade — eu morei com meu pai durante anos. De fato, depois que minha mãe faleceu, ele se mudou conosco para cá, na Califórnia, e ficou conosco durante vários anos. E eu ainda não sabia qual era a posição dele, espiritualmente. Certa noite, bem tarde, há anos, não consegui esperar mais, eu queria descobrir o segredo.

Enfiei-me no quarto dele e disse-lhe:

— Papai, desejo falar com você sobre algo muito importante. Desejo falar-lhe sobre seu relacionamento com o Senhor. Nunca o ouvi você falar de como veio a conhecer a Cristo.

Em seguida, disparei o gatilho:

— Você conhece o Senhor?

Foi quando ele pela primeira vez descreveu para mim o que Deus havia realizado na vida dele. Começando pela infância, caminhei com ele ao longo de sua peregrinação espiritual, enquanto ele revivia suas experiências em várias etapas da vida. Eis, pois, o quadro: ali estava eu, um homem de mais de quarenta anos de idade, ouvindo meu pai, e reprimindo lágrimas de alegria à medida que ele me relatava sua história. Que momentos maravilhosos aqueles que passamos juntos, naquela noite. Recebi certeza absoluta de salvação de meu pai. Que alívio! Acima de tudo, obtive nova coragem para voar mais alto ainda.

É isso que pode acontecer nas vidas de seus filhos quando se tornam conscientes das vitórias que você experimentou. Eles querem saber como foi que você conheceu o Senhor. E precisam saber o que é que o Senhor fez na sua vida. Isso lhes traz um regozijo especial e lhes proporciona mais coragem. A propósito: *não esconda seus fracassos*. Eles sabem que houve fracassos! Diga-lhes: "Quando cheguei nesse ponto, em minha vida, pisei na bola! Mas, deixe-me dizer-lhe o que foi que Deus fez, a despeito disso." Nossos filhos também conseguem aprender através de nossos erros.

O que venho ilustrando, aqui, são as coisas que formam a herança espiritual da pessoa. Foi exatamente isso que os antigos hebreus desprezaram, não oferecendo um relato espiritual à geração que surgia. Não fizeram a "lição de casa". Deute-

ronômio 6 diz, de fato: "Contem a seus filhos." Contudo, os pais morreram, e os filhos nem sequer conheceram o Senhor. Talvez se ocupassem demais nas guerras. Isso poderia ter acontecido, não? Não é de admirar que a nova geração fosse tão vulnerável! Jamais haviam ido à batalha. Não sabiam viver numa trincheira. Não estavam calejados, endurecidos pelo esforço de suportar os rigores da guerra. O principal, é que nunca haviam enfrentado uma oposição tenaz. E assim lá estavam, desconhecendo o Senhor, desconhecendo sua história, e absolutamente inexperientes quanto à militância bélica.

Mimar e poupar demais nossos filhos é um erro tolo, que revela insensibilidade. Em vez disso, precisamos prover-lhes técnicas marciais, prepará-los para a luta. Vamos dar uma olhada em Provérbios 29.

> "A vara da correção dá sabedoria, mas a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe" (v. 15).

É interessante que o texto hebraico usa apenas a palavra *entregue:* "Mas a criança *entregue* vem a envergonhar a sua mãe." Que quer dizer *entregue?* Entregue no colégio? Em casa? Não. Sugere antes: "entregue às mesmas condições em que nasceu". Uma criança entregue a si mesma, sem educação, envergonhará sua mãe.

Pode ser que você esteja engajado em atividades espirituais dia após dia, ensinando na escola dominical, dando aulas de Bíblia regularmente. Talvez seja um pregador ou evangelista fiel, um obreiro cristão de valor, um negociante cristão fervoroso, mas pode, apesar disso, deixar de treinar os filhos. E você sabe de uma coisa? Há grandes probabilidades de que seus filhos cresçam sem ter aquelas coisas que engrandeceram o pai deles. Eles *precisam* da sua ajuda.

Visto que aqueles antigos israelitas não puderam contar com a ajuda de seus pais, não sabiam engajar-se no combate corpo a corpo — não apenas fisicamente mas, de modo especial, nas lutas espirituais e emocionais. Em termos modernos, diríamos que eram como patinhos indefesos na mira do atirador.

Até agora vimos considerando duas coisas que caracterizavam a vida dos israelitas ao encontrar-se com os cananeus. Estavam a sós, e inseguros. Eram inexperientes e vulneráveis.

Mas há uma terceira característica que não devemos esquecer.

3. *Estavam rodeados, cercados e inferiorizados em número.*

> "Cinco príncipes dos filisteus, todos os cananeus, os sidônios, e os heveus que habitavam as montanhas do Líbano, desde o monte Baal-Hermom até a entrada de Hamate. Estes ficaram a fim de por eles provar a Israel, para saber se dariam ouvidos aos mandamentos do Senhor, que tinha ordenado a seus pais, por intermédio de Moisés. Assim, habitaram os filhos de Israel no meio dos cananeus, dos heteus, e amorreus, e ferezeus, e heveus, e jebuseus" (Juízes 3:3-5).

É provável que agora você esteja imaginando: "*Quem são afinal esses "eus" todos?* Eram os cananeus, as várias nações em pé de guerra — pagãos duros, não dispostos a abandonar suas terras sem luta.

Se você deseja obter uma experiência valiosa, faça um pequeno estudo dos cananeus. Descobrirá, espantado, que a pornografia se originou entre eles. Descobrirá, também, que a idolatria atingiu seu nível mais degradante entre os cananeus. Descobrirá, ainda, que não era incomum as doenças chamadas sociais devastarem aquelas comunidades antigas. Um arqueólogo escreve o seguinte:

> "Novos panoramas de conhecimento dos cultos cananeus e seu caráter degradado, bem como seu efeito debilitante se descortinaram pela descoberta da literatura épico-religiosa de Ras Shamra. . . Tais cultos eram totalmente imorais, degenerados, corruptos, perigosamente contagiosos. . ."

Estas palavras descrevem a vizinhança para a qual os israelitas se mudaram! Dia após dia, mês após mês, o tempo todo, era aqui que as crianças israelitas brincavam. Moravam ali, movimentavam-se por ali, e ali estava seu círculo de amigos. Não é de admirar que Deus houvesse dito: "Sejam diferentes! Permaneçam firmes, quando testados pelos cananeus! Se vocês fracassarem, eles arruinarão vocês."

E assim, como foi que os israelitas reagiram? Houve três reações:

Em primeiro lugar, houve falta de obediência total. Em Deuteronômio 7.1-2 lemos um texto em que o Senhor diz, em essência, o seguinte: "Não deixem ninguém vivo. Aniquilem-nos!" Muito bem, os israelitas fizeram isso no início, e saíram-se bem na batalha. Lutavam sob o comando de Judá e outras tribos. Mas depois, quando a guerra se tornou feroz e as batalhas pareciam sem fim, os hebreus retiraram-se e deixaram o inimigo vivo.

> "Esteve o Senhor com Judá. Este despovoou a região montanhosa, mas não expulsou os moradores do vale, porque tinham carros de ferro" (Juízes 1:19).

Muito interessante. Não posso deixar de ficar imaginando: Eles não *puderam* ou não *quiseram* expulsar os moradores? Veja você: eles se lançaram contra um grupo aguerrido de cananeus. Os pensamentos dos israelitas seriam mais ou menos os seguintes, então: "*Ah! eles estão lá longe, no vale. Que mal poderão fazer? Não vão molestar ninguém lá embaixo.*" Que atalho sutil, que coragem limitada! Alguém certa vez escreveu o seguinte: "Semeie um pensamento, e colherá um ato. Semeie um ato e colherá um hábito. Semeie um hábito e colherá um caráter. Semeie seu caráter, e colherá seu destino." Naquele vale das terras cananéias Israel semeou um pensamento: "*Ah! Não vamos virar fanáticos a respeito desta guerra. Uns poucos cananeus não nos farão mal. Deus está ao nosso lado.*" E assim, deixaram a porta aberta. Observe como as demais tribos imitaram esta atitude errada. Eis um exemplo incrível de erosão. Uma deslealdade levou a outra, até que o que havia começado como um orifício pequenino no dique tornou-se uma ruptura mortal.

> "Porém os filhos de Benjamim não expulsaram os jebuseus que habitavam em Jerusalém; antes os jebuseus habitam com os filhos de Benjamim em Jerusalém, até o dia de hoje" (Juízes 1:21).

E mais:

> "Manassés não expulsou os habitantes de Bete-Seã e suas vilas, nem os de Taanaque e suas vilas, nem

> os de Dor e suas vilas, nem os de Ibleã e suas vilas, nem os de Megido e suas vilas, pois os cananeus estavam decididos a habitar naquela terra" (Juízes 1:27).

Vezes e vezes sem conta (vv. 28-32), por todo o texto escriturístico, verificamos que o povo de Deus falhou em não destruir os habitantes da terra. Finalmente:

> "Tampouco expulsou Naftali os moradores de Bete-Semes, nem os de Bete-Anate; mas continuou no meio dos cananeus que habitavam na terra, e os de Bete-Semes e Bete-Anate foram sujeitos a trabalhos forçados" (v. 33).

Você percebeu a manobra? O inimigo já não está mais lá em baixo, no vale. Israelitas e cananeus agora *moram* juntos. Os israelitas começaram a pensar: "*Por que vamos nos cansar tanto? Vamos botar essas pessoas a trabalhar para nós. Que mal há nisso? Não faz sentido jogar fora toda essa mão-de-obra.*" Entretanto, os costumes perversos e imorais dos cananeus conquistados no fim acabaram conquistando seus captores.

Você entendeu o que aconteceu? Está vendo a analogia, meu amigo águia? Permanecer firme sob a provação exige coragem — constante, incansável e pertinaz coragem! Você pode ter certeza de que a velha carnalidade lutará a fim de obter proeminência e gratificação. Ela só precisa de um pouquinho de racionalização — só um pouquinho. Finja que não a está vendo. Despreze-a com um dar de ombros. Não a aniquile. E não demorará muito para você ter uma cascavel enfiada na sua cama.

Após alguns anos rápidos, aquela pequena tolerância à face da rebelião em sua casa induziu um filho a um comportamento que você já não consegue controlar. Quando chega à adolescência, ele manda em casa. Se você transigir, acabará tendo de assumir toda a responsabilidade. O caminho do transgressor na verdade é duro!

Que é que aconteceu, exatamente? Três coisas, a bem da verdade:

Primeiro, lembre-se: faltou-lhes obediência total. Racionalizaram a coisa; mentalmente imaginaram que estavam obedecendo, mas agiram com transigência.

Segunda: sofreram a perda de uma diferenciação espiritual. Visto não optarem pela obediência total, decidiram deixar os cananeus no vale. Em vez de destruí-los, os israelitas utilizaram os cananeus como mão-de-obra grátis, forçada, mas no fim os israelitas curvaram-se perante os deuses cananitas.

> "Foi também congregada toda aquela geração a seus pais, e outra geração após deles se levantou, que não conhecia ao Senhor, nem tampouco a obra que ele fizera a Israel. Então fizeram os filhos de Israel o que era mau aos olhos do Senhor, e serviram aos baalins. Deixaram o Senhor Deus de seus pais, que os tirara da terra do Egito. Foram-se após outros deuses, dentre os deuses das gentes que havia ao redor deles, e os adoraram, e provocaram o Senhor à ira." (Juízes 2:10-12).

Você consegue crer nisso? O povo abandonou ao Senhor Deus para servir a Baal e Astarote. Falo com franqueza: depois de eu estudar Astarote, descobri que não havia muita coisa que eu pudesse discutir livremente neste livro sobre essa deusa. Havia coisas terrivelmente obcenas, as mais degradantes que você possa imaginar. Na verdade, certo autor, aparentemente não crente, escreveu o seguinte: "O autor pede licença para deixar de mencionar mais detalhes." Raramente você topa um escritor que procede assim. Esse preferiu não acrescentar mais detalhes descritivos, explanatórios, concernente ao culto de Astarote. Entretanto, aqueles israelitas curvaram-se perante esse ídolo e o serviram. Como é que puderam fazer isso? A resposta pode ser dada numa única palavra: *deslealdade.* Foram desleais a Deus e, por isso, perderam a diferenciação espiritual que os distinguia.

A terceira reação israelita foi um relaxamento dos vínculos conjugais.

"Tomaram de suas filhas para si por mulheres, e deram aos filhos deles as suas filhas, e serviram a seus deuses" (Juízes 3:6).

Esse princípio nunca falha, não é mesmo? Se uma nação

subverter-se moralmente, não demorará muito para que os novos valores, ou falta de valores, invadam o lar. Os israelitas escolheram amigos imorais e, não demorou muito, os laços matrimoniais se enfraqueceram entre o povo.

> "Os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos do Senhor; esqueceram-se do Senhor seu Deus, e serviram aos baalins e ao poste-ídolo" (v. 7).

Se você semear ventos, é certo que colherá tempestades. As águias são pássaros fortes, mas quando o vento é forte demais, é-lhes preciso muita força para sobreviver. Só as mais fortes — ultrapoderosas — conseguem vencer o furacão.

Três Princípios

Antes de eu encerrar este capítulo, permita-me apresentar três sugestoẽs para você permanecer firme.

Primeiro: Permanecer firme começa com a maneira como pensamos. Tem algo que ver com a *mente*. Como eu já disse tantas vezes, ser pessoa de grande força interior é, realmente, uma questão mental: a excelência começa na mente. Relaciona-se com a maneira por que pensamos em Deus, nos outros e em nós próprios. O processo avança, e inclui a maneira de pensar quanto a negócios, relacionamento com pessoas do outro sexo, e nosso modo de pensar sobre o sistema mundano, que foi designado para destruir nossa fé e rebaixar-nos, impondo-nos um padrão de vida inferior.

Segundo: Permanecer firme exige disciplina enérgica. Este ponto relaciona-se com a *vontade*. Submeter os olhos, os ouvidos, as mãos e os pés à disciplina. Estabelecer um padrão moral que seguiremos à risca, recusando-nos a degradá-lo. As pessoas fortes sabem como transmutar o pensamento correto em ação — ainda quando sentimentos insistentes discordam.

Terceiro: Permanecer firme limita suas escolhas de amigos pessoais. Este ponto trata dos relacionamentos. O que parece inofensivo pode ser perigoso. Talvez este ponto seja tão importante quanto os outros dois somados. Cultive amizades erradas e você está perdido. Esta é a razão por que somos advertidos quanto ao perigo dos relacionamentos errados. Sem percebê-lo estaremos brincando com fogo. Foi exatamente as-

sim que os antigos hebreus sofreram quedas terríveis. Permanecer firmes durante a provação (e ensinar nossos filhos a permanecerem firmes) reflete nosso modo de pensar a respeito de Deus, de nós mesmos e das pessoas. Não é fácil. Manter padrões pessoais elevados e evitar amizades indesejáveis exige disciplina enérgica. Mas, acima de tudo, exige coragem. Sem coragem, podemos esquecer essa história de voar alto, acima da mediocridade.



15

Firme Quando Desanimado

Até as águias humanas têm seu maus dias; dias cinzentos, escuros, dias de desânimo.

Você consegue lembrar-se de um momento de desencorajamento recente? É claro que se lembra. Eu me lembro. Seu sonho transformou-se em pesadelo. As grandes esperanças deram no pé. As boas intenções se perderam numa comédia de erros; pena que ninguém riu. Você não voou alto: você se esborrachou no chão.

O desânimo é simplesmente horrível.

TRANSPLANTE DE ESPERANÇA

Eis um dos grandes benefícios a serem colhidos na Bíblia: uma nova perspectiva. Quando desanimados, perdemos temporariamente a perspectiva da vida. Coisas pequeninas tornam-se casos gigantescos. Uma pequena irritação, como uma pedrinha no sapato, parece coisa enorme. A motivação desce pelo ralo e, pior do que tudo, a esperança vai embora.

A Palavra de Deus tem recomendações detalhadas justo para os dias cinzentos. Ela envia um facho de luz através do nevoeiro. Fala-nos de segurança quando tememos não ser capazes de ir em frente. Uma perspectiva assim grandiosa provê para nós um transplante de esperança; dentro de um breve período de tempo teremos escapado da frustração e do tédio e eis-nos voando alto de novo.

Há um magnífico pensamento incrustado no capítulo 15 de Romanos que promete tudo isso que escrevi. Para surpresa de

muita gente, trata-se de uma promessa ligada à principal razão por que Deus preservou o Antigo Testamento:

> "Pois tudo o que outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança" (Romanos 15:4).

Volte e releia esse versículo — desta vez bem devagar. Demore-se em cada palavra; em seguida, vamos analisar seu conteúdo.

Quando o autor se referiu àquilo que "outrora foi escrito" tinha em mente a nós também. Todas essas coisas foram escritas para nossa instrução, ou "para o nosso ensino". Seja qual for a passagem que você escolher do Antigo Testamento — de Gênesis a Malaquias — esse texto foi preservado a fim de ensinar-nos alguma coisa, hoje, agora mesmo! Deus tinha um objetivo último em mente: que "tenhamos esperança." E que é que nos induz a tal objetivo? Duas coisas: "perseverança" e "encorajamento" da parte das Escrituras. Digamo-lo de novo: o objetivo é a esperança. Deus não planejou uma vida cheia de desânimo para nós. Ele quer que seu povo tenha esperança. E diz ele que essa esperança advém do ensino do Antigo Testamento. Mediante perseverança e encorajamento provenientes das Escrituras, podemos obter esperança.

Sentado aí nessa poltrona, você diz: "Não tenho grande perseverança. Além disso, sinto-me terrivelmente desanimado." Leia o versículo seguinte. Foi escrito para todas as pessoas que se sentem como você:

> "Ora, o Deus de paciência e consolação vos conceda o mesmo sentimento uns para com os outros, segundo Cristo Jesus" (Romanos 15:5).

Deus deseja dar-nos tanto perseverança quanto encorajamento. Diz ele, com efeito: "Se você se submeter ao ensino da verdade contida no Antigo Testamento, eu lhe darei perseverança (a palavra significa literalmente "paciência" — a habilidade de agüentar impassivelmente) e "encorajamento" — o levantamento do ânimo. Ele eliminará o desânimo, substituindo-o por nova esperança. E, no final, que acontecerá?

"para que, concordes e a uma voz, glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (Romanos 15:6).

Que gema preciosa, sem preço, feita de verdade, encontramos nestes três versículos! Encontro aqui a base escriturística do encorajamento. Deus oferece instrução e, em seguida, é nossa vez de agir. Precisamos *aceitar* as instruções de Deus e *aplicá-las* em nossa vida. Depois disso, e só depois disso, é que podemos ter esperança de usufruir os benefícios de sua instrução. Veja você então: a aplicação é o elo essencial entre a instrução e a mudança.

Imagine, por favor, que você trabalha numa empresa cujo presidente julga necessário que ele viaje, saindo do país, ficando algum tempo no estrangeiro. Por isso, diz a você e a outros empregados de confiança:

— Ouçam, vou partir em viagem. Enquanto estiver fora, prestem toda atenção aos negócios. Cuidem de tudo durante a minha ausência. Vou escrever-lhes com regularidade. Ao escrever, passarei instruções sobre o que devem fazer desde agora até o meu regresso desta viagem.

Todos concordam. Ele parte e permanece no exterior durante alguns anos. Durante esse tempo escreve com freqüência, comunicando seus desejos, interesses e preocupações. Finalmente, regressa. Ele se posta diante da porta da empresa e imediatamente descobre que tudo virou um verdadeiro caos — ervas daninhas tomam conta dos canteiros onde deveriam vicejar flores, há vidraças quebradas no frontispício do prédio, a recepcionista cochila à mesa, ouve música ensurdecedora estrugindo em vários escritórios, vários empregados empenham-se em brincadeira selvagem numa das salas dos fundos. Em vez de mostrar algum lucro, a empresa sofreu grande perda. Sem hesitação, o patrão reúne a todos e de sobrecenho franzido pergunta:

— Que aconteceu? Vocês não receberam minhas cartas?

Você responde:

— Ah! sim, recebemo-las todas. Até as encadernamos num livro. Alguns de nós decoramos algumas passagens dessas cartas. Na verdade, todos os domingos promovemos "estudo epistolar". Saiba o senhor que suas cartas são magníficas!

Imagino que o presidente perguntaria, então:

— Mas, o que é que vocês fizeram com as minhas instruções?

Sem dúvida alguma os empregados retrucariam:

— O que fizemos? Bem. . . Nada! Mas lemos todas elas!

Da mesma maneira, Deus enviou-nos suas instruções. Ele as preservou — cada palavra delas — num Livro, a Bíblia. Está tudo ali, exatamente o que ele nos quis dizer. Quando o Senhor voltar para os seus, não perguntará quanto de suas cartas nós decoramos, e com que freqüência nós nos reuníamos para estudá-las. Não. Tudo quanto ele vai querer saber é:

— Que é que vocês *fizeram* com as instruções que lhes dei?

Ele nos promete esperança — alívio contra o desânimo. Sim, essa bênção está à nossa disposição. E podemos, na verdade, permanecer firmes através das épocas de desânimo se tão somente aplicarmos as instruções do Senhor.

Embora lhe possa parecer incrível, será possível você caminhar com firmeza nesses dias "cinzentos" — e com confiança. Aquele que lhe dá perseverança e encorajamento o acompanhará ao longo dos dias de desânimo; ele jamais o abandonará nas dificuldades. O desânimo pode ser horroroso, mas não é o fim de tudo. Você voará alto de novo.

UM PRINCÍPIO PARA CONTROLAR O DESÂNIMO

Partindo desta gema preciosa da verdade contida em Romanos 15, vamos voltar ao livro de Juízes, do Antigo Testamento, para darmos uma olhada na vida de um homem do qual você talvez nunca tenha ouvido falar. Era uma pessoa tipo águia, chamada Gideão. Antes de termos um encontro com ele, entretanto, será útil lermos primeiro o versículo-chave desse livro, Juízes. Trata-se do último versículo — e última declaração — que revela de modo sucinto porque Juízes é um relato de derrota e fracasso.

> "Naqueles dias não havia rei em Israel; cada um fazia o que lhe parecia bem" (Juízes 21:25).

A primeira metade do versículo explica a outra metade. Não havia um rei no poder, ninguém que desse orientação ou estabelecesse normas, ninguém que servisse de modelo da verdade ou que instruísse o povo na justiça. O resultado era pre-

visível: "Cada um fazia o que lhe parecia bem." "Faça o que bem entende" não é um lema moderno. Teve origem nos dias dos juízes. O povo estava boiando à deriva num mar de sentimentos trocados e impulsos carnais. Cada um fazia o que achava bom. Por isso, à luz desta diretiva, não deveríamos surpreender-nos de ler estas palavras logo no início do livro: "Porém os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos do Senhor" (Juízes 6:1). Quando as pessoas estão livres para escolher o caminho de menor resistência, a prática do mal torna-se comum — essa é a direção que a maioria escolhe.

Situação Histórica

Vamos despender alguns momentos reconstruindo o cenário histórico. Aprendemos no capítulo anterior que quando os israelitas entraram na terra de Canaã, tiveram a oportunidade de desarraigar todos os inimigos, como Deus lhes comandara; mas eles demonstraram deslealdade. Em última análise, falharam, desobedeceram ao Senhor. Permitiram que alguns cananeus prosseguissem no vale, e esse número começou a crescer. Quando outra tribo veio a saber da deslealdade de seus irmãos israelitas, imitou-os e também permitiu que um bolsão de idólatras permanecesse noutra parte da terra prometida. Não demorou muito e algumas dessas tribos pagãs excediam os israelitas numericamente. Por fim, a cauda é que agitava o cão. Os israelitas começaram a servir aos deuses cananeus. Por causa da mistura dos modos de vida e dos casamentos interraciais, logo chegou-se a um ponto em que era bem difícil distinguir um israelita de um cananeu. Ao fracassar, não permanecendo firme, corajosamente, o povo escolhido de Deus perdeu sua singularidade e identidade.

Entretanto, a parte trágica desta história é que as conseqüências da desobediência não decrescem, mas intensificam-se. Veja você mesmo:

> "Prevalecendo o poder dos midianitas contra Israel, fizeram os filhos de Israel para si, por causa dos midianitas, as covas que estão nos montes, e as cavernas e as fortalezas" (Juízes 6:2).

Em outras palavras, os israelitas foram forçados a viver como

animais. *Não* tinham casas. Os dias "cinzentos" de tristeza sobrevieram como nuvem sombria. Imagine o desânimo do povo!

> "Sempre que Israel semeava, subiam contra ele os midianitas, os amalequitas e também os filhos do oriente. Contra ele se acampavam, e destruíam os produtos da terra até chegarem a Gaza, e não deixavam mantimento em Israel, nem ovelhas, nem bois, nem jumentos" (Juízes 6:3-4).

Que coisa desmoralizante! Não só os israelitas eram despojados de suas casas, como nem *paz* tinham. Quando plantavam cereais a fim de alimentar suas famílias, os midianitas ao lado dos amalequitas invadiam a terra. Destruíam perversamente as colheitas, após terem roubado o que lhes bastasse. Foi assim que os israelitas começaram a passar fome. Coroando todas as aflições que lhes sobrevieram, agora *não* tinham sustento.

> "Subiam com os seus rebanhos e tendas, como um enxame de gafanhotos. Eram tão numerosos que não se podiam contar, nem a eles nem aos seus camelos; entravam na terra para a destruir" (v. 5).

Tente imaginar a cena. Se você nunca plantou algo, para em seguida perder o que plantou, não sabe como tal fato pode desencorajar a pessoa. Eu, pessoalmente, tenho o dom de matar tudo que é verde! Tudo quanto tento plantar acaba morrendo — e morre bem depressa! Quer você me acredite, quer não, tentei não menos de nove vezes plantar grama em nosso jardim. Nove vezes! Eu ficava acordado de noite, imaginando que demônios estariam lá fora roubando as folhinhas tenras da grama que havíamos plantado. Comecei a sentir-me como um israelita sofrendo invasão da parte de midianitas e amalequitas. Contudo, perseveramos até o fim. Traduza-se esta sentença assim: contratamos um jardineiro. Quando a terra ficou livre das minhas mãos, viva! Tivemos um verde instantâneo. O jardineiro com muito tato pediu-me para olhar sem tocar.

Muito bem, no caso dos hebreus a razão porque suas colheitas fracassavam era clara: o inimigo devastava a terra! Um

tremendo desânimo tomou conta de todos: "Assim, Israel ficou muito debilitado." É verdade! Não tinham casa para morar. Não tinham comida. Não tinham posses, nada que pudessem considerar seus pertences. Estavam imersos num desânimo "cinzento". É possível que algumas pessoas comentassem aqueles dias em que as águias corajosas voavam; agora, entretanto, nenhuma águia podia ser vista no céu.

Basta. Falamos o suficiente sobre o cenário histórico.

Analogia Espiritual

Imagine um instante a aridez e a tristeza que advêm à nossa vida por causa da deslealdade. Tais males não surgem imediatamente. De início é bem divertido acompanhar a multidão imersa em pecado. Mas é inevitável que o investimento carnal comece a cobrar dividendos carnais. Quando isso acontece, você começa a sofrer como nunca. No início, poderá ter parecido um tanto estimulante para os hebreus a adoração dos deuses demoníacos dos amalequitas e midianitas. Por fim, entretanto, esses ídolos vomitaram conseqüências trágicas em cima de Israel. Foi tão severo esse sofrimento que Israel viu-se obrigado a morar em cavernas à semelhança de animais selvagens, desencorajado e empobrecido. Estas tristes palavras descrevem a miséria de Israel: "Assim Israel se enfraqueceu tanto com a presença dos midianitas. . ." (Juízes 6:6).

É possível que as palavras "muito debilitado" pintem um quadro de tristeza que retrata a vida que você está vivendo neste momento. Você desprezou as advertências de Deus e pôs de lado suas próprias convicções, ao associar-se com pessoas erradas. Agora, a corda chegou ao fim. Você está desanimado. Fracassou miseravelmente. Mas, acima de tudo, você está revendo sua vida, enquanto lê a respeito da aridez e da tristeza daquela antiga nação. Você está pensando: *Que maneira terrível de viver!*

Todos nós já gastamos muito tempo naquele acampamento miserável chamado "Colhendo o Que Foi Semeado". De início, o prazer é suficientemente grande para dar a impressão de que o divertimento vai longe, porém, praticado e registrado o pecado, o horror toma conta do pecador. Não existe desânimo parecido com o que atormenta a pessoa que gerou sua própria

perversidade. Enquanto sofre as conseqüências de sua própria irresponsabilidade, a pessoa cria sentimentos de tristeza e desânimo capazes de desafiar nossa capacidade de descrição.

Correção Prática

Vamos parar de falar em problemas. O de que realmente precisamos são de sugestões que nos ajudem a voltar aos trilhos certos. Encontro não menos de cinco diretivas, entremeadas na narrativa bíblica, concernentes aos israelitas e midianitas:

1. *Reconheça abertamente o que causou uma situação tão má.*

> *"Assim Israel se enfraqueceu tanto com a presença dos midianitas que o filhos de Israel clamaram ao Senhor. Clamando eles por causa dos midianitas, enviou-lhe o Senhor um profeta que lhes disse: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Do Egito eu vos fiz subir, e vos tirei da casa da servidão. Eu vos livrei das mãos dos egípcios, e das mãos de todos quantos vos oprimiam. Eu os expulsei de diante de vós e vos dei a sua terra. Eu vos disse: Eu sou o Senhor vosso Deus; não temais aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Mas não destes ouvidos à minha voz" (Juízes 6:6-10).*

É isso que eu chamo de conselho direto. Mas você notará que esse conselho chega nos calcanhares do clamor dos israelitas, que pedem socorro. Deus nunca se retrai quando nós abertamente reconhecemos toda a verdade de nossa condição. Reconhecer nosso erro, por sinal, é marca de excelência. Não retenha coisa alguma! Ainda que seja doloroso, é importante que haja total honestidade. Se você está desanimado por causa de sua deslealdade, o reconhecimento honesto de sua condição é o lugar por onde você deve começar.

Admita abertamente que você fracassou, não permaneceu firme quando sozinho, como verdadeiro filho de Deus, mas começou a viver como um midianita pagão. O problema é que você não foi criado para viver dessa maneira. Como já vimos ao longo das páginas deste livro, você foi criado para voar alto, não para arrastar-se pela vida, e tropeçar por aí. Você permitiu

que outra pessoa lhe determinasse o viver. Não está marchando na mesma cadência do seu instrutor divino. Assim diz o Senhor, de modo direto: "Você não me obedeceu."

O que fica bem saliente em minha mente, no entanto, é a maneira rápida e aberta com que Deus trata de nosso pecado. Nosso problema é que usualmente demoramos muito tempo — tempo demais — para reconhecer nossas necessidades e clamar por socorro.

Gosto muito da história que descreve Pedro saindo do barco para caminhar sobre as águas do mar. Ao caminhar na direção do Senhor, sobre o mar tempestuoso (que experiência incrível!) ele de repente olhou ao redor e foi tomado de pavor. Dizem as Escrituras: ". . . começando a submergir, gritou. . ." Você percebeu? "Começando a submergir, gritou". Aqui está um lembrete perfeito do que é que devemos fazer quando nos virmos afundando. Não espere para gritar. Comece a berrar depressa: "Salva-me, Senhor!"

Você já está pronto para algumas notícias superencorajadoras? Quando reconhecemos abertamente nossa condição diante de nosso Deus, ele não nos rejeita. Tampouco nos coloca em liberdade condicional e fica nos vigiando. Ao contrário, verificaremos que o Senhor se interessa explicitamente por nós, tem compaixão de nós, e está pronto a perdoar-nos. Para mim, isso é maravilhosamente convidativo.

Agora, voltemos à nossa história. Estamos prestes a encontrar-nos com Gideão:

> "Quando o anjo do Senhor apareceu a Gideão, lhe disse: O Senhor é contigo, homem valente. Gideão lhe respondeu: Ai, senhor meu, se o Senhor é conosco, por que tudo isto nos sobreveio? e que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o Senhor subir do Egito? Porém agora o Senhor nos desamparou, e nos entregou nas mãos dos midianitas" (vv. 12-13).

Gideão sente-se confuso ao avaliar a situação. É por isso que ele pergunta: "Onde está o Senhor em tudo isso?" Diferentemente das pessoas ao seu redor, Gideão tem andado em fidelidade diante do Senhor. No entanto, esse jovem tem sofrido,

porque a grande maioria das pessoas ao seu redor tem vivido de maneira que desagradava ao Senhor. Agora Gideão luta contra suas dúvidas. *Até que ponto o Senhor está de fato conosco?* É o que ele fica imaginando. *Será que Deus nos abandonou?*

Veja a resposta do Senhor:

> "O Senhor olhou para ele, e disse: Vai nessa tua força e livra a Israel da mão dos midianitas. Não te enviei eu? Respondeu-lhe Gideão: Ai, Senhor meu, com que livrarei a Israel? A minha família é a mais pobre em Manassés, e eu o menor na casa de meu pai. Tornou-lhe o Senhor: Eu hei de ser contigo, e tu ferirás aos midianitas como a um só homem" (vv. 14-16).

Que palavras essas, capazes de insuflar coragem! Deus estava dizendo, na verdade: "Fique firme, Gideão, como se você fosse um único homem." (Jamais duvide da força de um indivíduo dotado de poder.) Quando Gideão se convenceu de que o que havia ouvido viera da parte do Senhor, edificou um altar.

> "Então Gideão edificou ali um altar ao Senhor, e lhe chamou, o Senhor é paz. Até o dia de hoje está o altar em Ofra dos abiezritas" (v. 24).

Este fato nos provê a segunda diretiva:

2. *Focalize diretamente no Senhor, não nas circunstâncias que lhe são adversas.* Estando sentado aqui, redigindo este texto a respeito de permanecer firme ainda que desanimado, percebo que alguns leitores estarão pensando assim: "*Ah! você não faz a mínima idéia das más circunstâncias que me oprimem, Chuck. No meu trabalho... na minha escola... no campo em que exerço minha profissão está cheio de céticos e cínicos — o que eu quero dizer é que meu ambiente é péssimo!* Eu estou ouvindo suas palavras, mas digo com toda franqueza: minha resposta é a mesma. Tudo depende de onde está o seu ponto focal. Você precisa disciplinar-se a fim de focalizar diretamente no Senhor, e não nas circunstâncias!

De início, Gideão só enxergava os pontos negativos. Finalmente, ele ouviu a voz do Senhor: "Porventura não te enviei eu?" Então Gideão replica: "Eu sou o menor". Ele se sentiu

incapaz. Sentiu-se como se não fora o homem certo para executar a tarefa. Então disse-lhe o Senhor: "Eu estou contigo. Ainda que você seja um só homem, executará a obra." E Deus lhe prometeu: "Paz seja contigo! Não temas! Não morrerás!" Que palavras confortadoras!

Aprenda esta lição e jamais a esqueça: Você não conseguirá impor-se quando inferiorizado em número, nem resistirá imbatível quando provado, nem permanecerá firme quando desanimado, se mantiver os olhos nas más circunstâncias. Seus olhos precisam fixar-se em Deus.

Será útil nos lembrarmos que nossos olhos só conseguem focalizar um dentre quatro pontos, em quaisquer ocasiões: nas *circunstâncias*, nas *pessoas*, em *nós* mesmos ou no *Senhor*. Se nossos olhos se fixarem em qualquer dos três primeiros elementos, e não no Senhor, boiaremos à deriva e acabaremos fracassando. É apenas uma questão de tempo. Foi preciso algum tempo mas, finalmente, Gideão fixou os olhos no Senhor.

Na semana passada, falando com uma das maiores autoridades em águias, aprendi um fato simplesmente fascinante. Os olhos das águias são espantosamente aguçados. Elas têm a capacidade incrível de focalizar objetos específicos a distâncias imensas. Lembre-se de que eu mencionei no capítulo 5 que não é incomum esses pássaros fenomenais distinguirem um peixinho num lago a vários quilômetros de distância.

Minha tese é óbvia: Se esperamos desenvolver qualidades aquilinas, em nosso compromisso com a excelência, devemos cultivar o foco aguçado na pessoa do Senhor, e não em nossas circunstâncias.

Nesta outra ocasião em que vamos encontrar nosso amigo Gideão, ele está sozinho, inferiorizado numericamente; sofre oposição — mas definitivamente *não* está desanimado.

> "E todos os midianitas e amalequitas, e os filhos do oriente se ajuntaram, e passaram, e se acamparam no vale de Jezreel. Então o Espírito do Senhor revestiu a Gideão, o qual tocou a trombeta, e os abiezritas se ajuntaram após dele. Enviou mensageiros por toda a tribo de Manassés, chamando-os à batalha, e enviou ainda mensageiros a Aser, e a Zebulom, e a Naftali, que lhe saíram ao encontro" (vv. 33-35).

Que é que está acontecendo? Gideão reúne um grupo. Está sozinho. Com efeito, o Senhor lhe dissera: "Fique sozinho, eu cuidarei das circunstâncias." Foi exatamente o que Gideão fez. Ao usar uma trombeta, deixou bem claro de que lado estava.

3. *Declare sua lealdade publicamente*. De alguma forma aquela trombeta altissonante anunciou algo importante ao povo, naqueles dias. Não entendo de modo completo como o povo interpretaria aquele toque. Contudo, interpretaram-no como querendo dizer: "Esse é o homem a quem devemos seguir." Deus usou o sonido daquela trombeta para convocar um grupo de pessoas que deveriam seguir a Gideão. Quando Gideão declarou sua coragem publicamente, Deus honrou sua coragem publicamente. E as pessoas tomaram seus lugares atrás do líder.

Você deixou bem claro às pessoas ao seu redor onde você se situa espiritualmente? Não estou sugerindo que use uma trombeta: aconselho-o a usar um clarim, para comunicar sua lealdade a Cristo, como Senhor.

Talvez você seja solteiro, e interessa-se por descobrir a vontade de Deus quanto ao cônjuge que ele preparou para você. Praticou deslealdade moral, ou deixou bem claro qual é a sua posição? Se você se comprometeu moralmente com o erro, isso explica porque está lutando contra esses sentimentos de desânimo. Talvez nenhuma das pessoas com quem você costuma sair sabe qual é a sua posição espiritual. Se isso for verdade, não é de admirar que esteja enfrentando tão árduas batalhas em sua vida íntima! Você não declarou a quem é leal. Enquanto não o fizer, não conseguirá manter-se firme, estável e seguro. Não tenha medo de soprar a trombeta do seu testemunho. É espantoso o que acontece depois que agimos assim.

Um estudante no "campus" de uma universidade, ou um soldado num quartel que declara sua fé em Jesus Cristo, é bastante usado por Deus a fim de tornar-se líder, ao redor do qual as pessoas se agrupam. Tenho observado também que as pessoas que deixam de assumir uma posição permanecem intimidadas até o momento em que se definem. Tão logo, porém, elas declaram sua posição, como é maravilhosa a maneira como o inimigo se desarma!

Lembro-me de uma das mais grandiosas promessas contidas

no livro de Provérbios: "Sendo os caminhos do homem agradáveis ao Senhor, até a seus inimigos faz que tenham paz com ele" (Provérbios 16:7).

Já vi isso acontecer em barracas de fuzileiros navais. Já vi isso acontecer no "campus" de universidades. Já vi isso acontecer em escritórios comerciais. Já vi isso acontecer numa associação médica. Já vi isso acontecer numa vizinhança. Quando você declara sua lealdade ao Senhor, Deus opera maravilhas na vida das pessoas que a rodeiam.

A história de Gideão prossegue; o enredo é intrigante. Leia a história com cuidado: você não pode perder o método usado por Deus para reduzir drasticamente o número de pessoas que lutarão ao lado de Gideão. É simplesmente espantoso!

> "Disse o Senhor a Gideão: É demais o povo que está contigo, para eu dar os midianitas em suas mãos. A fim de que Israel se não glorie contra mim, dizendo: O meu próprio poder me livrou, agora apregoa aos ouvidos do povo: Quem for medroso e tímido, volte, e retire-se da região montanhosa de Gileade. Então voltaram do povo vinte e dois mil, e dez mil ficaram" (Juízes 7:2-3).

Esta história lhe conta como a maior parte dos israelitas estava eletrizada diante da idéia de lutar. Tão logo o povo teve uma oportunidade, repartiu-se — 22.000 foram embora! Também lhe conta quantas pessoas começaram a seguir a Gideão, pelo menos 32.000. Originalmente, Gideão contava com 32.000 soldados que o seguiam de perto; mas agora são apenas 10.000. Porém, Deus ainda não encerrou a seleção. Ele sempre cria uma forma nova pela qual nós mantemos nossa fé nele, não é mesmo?

> "Disse o Senhor a Gideão: Ainda há povo demais. Faze-os descer às águas, e ali os provarei. Aquele de que eu te disser: Este irá contigo, esse contigo irá; porém todo aquele de que eu te disser: Este não irá contigo, esse não irá. Fez Gideão descer o povo às águas. Então o Senhor disse a Gideão: Qualquer que lamber as águas com a sua língua, como as lambe o cão, esse porás à parte; como também a todo aquele

> que se abaixar de joelhos a beber. Foi o número dos que lamberam, levando a mão à boca, trezentos homens; e todo o restante do povo se abaixou de joelhos a beber as águas. Então disse o Senhor a Gideão: Com estes trezentos homens que lamberam as águas eu vos livrarei, e entregarei os midianitas nas tuas mãos. Que a outra gente se vá cada um para o seu lugar. Assim enviou Gideão o restante dos homens de Israel cada um para a sua tenda, mas reteve os trezentos, os quais tomaram as provisões e as trombetas dos outros. Ora, estava o arraial dos midianitas abaixo dele no vale. Naquela mesma noite o Senhor lhe disse: Levanta-te, e desce ao arraial, porque eu o entregarei nas tuas mãos. Mas se ainda temes atacar, vai com o teu moço Purá ao arraial e ouvirás o que dizem, e então se fortalecerão as tuas mãos para desceres contra o arraial" (vv. 4-11).

4. *Lembre-se de que Deus prefere trabalhar com um remanescente*. Parece que Deus opera da melhor maneira quando aqueles que o servem são um número muito mais reduzido do que os que estão contra ele. Os doze discípulos que serviam a Cristo, por exemplo, formaram um remanescente. Deus prefere operar nessas circunstâncias incomuns, e foi isso exatamente o que aconteceu no caso de Gideão.

Aquelas poucas águias lutadoras tornaram-se corajosas, devotaram-se a Deus, absolutamente invencíveis. Foi apenas uma questão de tempo — os midianitas deveriam cair em suas mãos.

> "Os midianitas, os amalequitas e todos os filhos do oriente jaziam no vale, como gafanhotos em multidão. Eram inumeráveis os camelos, como a areia que há na praia do mar. Chegando Gideão, ouviu um homem contando um sonho ao seu companheiro. Dizia: Eu tive um sonho. Um pão de cevada torrada rodava contra o arraial dos midianitas, e deu de encontro à tenda do comandante, de maneira que esta caiu, e se virou de cima para baixo, e ficou assim estendida. Respondeu o seu companheiro: Isso não é outra coisa senão a espada de Gideão, filho de Joás,

> homem israelita. Deus entregou nas mãos dele os midianitas, e a todo este arraial" (vv. 12-14).

Gideão estava apenas ouvindo um soldado contar seu sonho a um companheiro, mas veja o que aconteceu:

> "Ouvindo Gideão a narração deste sonho, e a sua explicação, adorou. . ." (v. 15).

De repente Gideão reconheceu: "Deus *está* operando!" E nesse momento, fez uma pausa para adorar. Comungou com Deus. "Praticou a presença de Deus", como diriam os antigos puritanos.

Como resultado desta estranha estratégia, o Senhor usou Gideão a fim de reverter a correnteza. Ele ganhou a batalha. Conduziu o povo de Deus à vitória. Agora, pela primeira vez desde muito tempo, o povo passou a ter casas, colheitas, camelos e cavalos. Finalmente, os israelitas começaram a trilhar os caminhos da prosperidade. As coisas agora eram diferentes de antes, quando ainda não tinham lutado pela vitória: agora os israelitas mostravam-se humildes e agradecidos. Na verdade, convidaram a Gideão para ser o líder:

> "Então os homens de Israel disseram a Gideão: Domina sobre nós, assim tu, como teu filho e o filho de teu filho, porque nos livraste das mãos dos midianitas. Porém Gideão lhes disse: Não dominarei sobre vós, nem tampouco meu filho dominará sobre vós; o Senhor vos dominará" (Juízes 8:22-23).

5. *Não aceite a glória após Deus ter usado sua vida*. Nosso momento mais vulnerável, como talvez você já terá ouvido antes, é imediatamente depois de uma grande vitória. Exibindo extraordinário autodomínio, Gideão restringe-se a si próprio, e dá exemplo de humildade piedosa e rara.

Fico emocionado só ao imaginar como é que alguns leitores deste capítulo vão pôr em prática estas diretivas. Você descobrirá que pode declarar sua lealdade e começa a permanecer firme, sozinho. Você experimentará a verdade destas diretivas. Deus mudará o coração daqueles que antes eram seus inimigos. Ele poderá até conceder-lhe um séquito enorme. Ele poderá usar você para influir nas vidas de pessoas no escritório, ou

no "campus", ou na vizinhança, de formas jamais vistas.

Os que apreciam seu sucesso dirão: "Puxa! você é grande, amigo!" *Espere* um momento. *Vigie* a si mesmo continuamente como sendo apenas um espelho que reflete a luz de Jesus Cristo, dirigida às pessoas, ou pense que você é servo que honra ao seu Senhor. Não permita que a multidão coloque os olhos em você e o transforme num ídolo. Dê glória a Deus sem parar.

Não é interessante que quando Deus usa nossa vida e nós verdadeiramente começamos a voar alto, como uma águia, fica fácil gravitar para um dos dois extremos errados? Apegamo-nos a uma falsa humildade, deixando de reconhecer e exercitar nossos dons da maneira mais completa possível; ou caímos nas garras do orgulho e da arrogância de modo tão completo que Deus já não consegue usar-nos poderosamente.

Gideão resguarda-se contra esta última atitude dizendo: "Atenção, não vou governar vocês." De fato, se você estudar a última parte da vida dele verificará que ele continuou a morar em sua casa e finalmente morreu tranqüilo, com muita serenidade. Fico impressionado de verdade com a força do caráter desse homem, e com a humildade de que se revestiu. Gideão foi usado por Deus a fim de libertar o povo dos grilhões do desânimo, mas evitou o emproar-se de vaidade, à semelhança de um pavão, quando todas as pessoas lhe entoavam louvores. Deus continua a procurar pessoas assim!

A INFLUÊNCIA EXERCIDA POR UMA ÚNICA PESSOA

De tempos em tempos retorno a um versículo singular das Escrituras, da pena do profeta Ezequiel, porque suas palavras me desafiam:

> "Busquei entre eles um homem que levantasse o muro, e se pusesse na brecha perante mim por esta terra, para que eu não a destruísse, mas a ninguém achei" (Ezequiel 22:30).

É o mesmo Deus e a mesma necessidade — embora a época seja diferente. Aqui está Deus admitindo que está à procura de uma pessoa que se coloque na brecha. Ele não está procurando um bando de águias: basta-lhe uma só. Ainda hoje

Deus está procurando Gideões. Contudo, o grande problema é que eles são escassos.

Você pode muito bem ser a pessoa que Deus deseja usar em sua esfera de influência. Se é o desânimo que o está impedindo de tornar-se completamente disponível nas mãos de Deus, dê sumiço a seja o que for que redundou nesse desânimo. Livre-se dessa emoção para que Deus possa lançá-lo e usá-lo maravilhosamente.

Lembro-me de uma noite, há vários anos, quando minha família e eu fizemos algo que nunca havíamos feito até então. Era cerca de oito horas, e estávamos terminando a ceia, após um dia muito cansativo. Eu estava exausto e entediado. Parecia que todos estávamos inteiramente sem forças. Então, eu disse:

— Muito bem, vamos ouvir duas coisas de cada um aqui nesta mesa, agora mesmo: qual foi seu *momento mais baixo* no dia, e qual foi seu *momento mais alto*.

Foi um bocado difícil fazer esse jogo iniciar-se, mas, uma vez iniciado, todos participaram. Do menor ao maior, o papai, eu mesmo — todos ao redor da mesa. Você sabe o que foi que descobri? Descobri mágoas que eu de modo nenhum sabia estarem ali, naquele dia singular. Ouvimos. Nós nos interessamos. Choramos. Confortamos. Encorajamos. E descobri alturas que eu não sabia existirem ali, porque até então não havíamos dado a ninguém a oportunidade de compartilhar. Nós nos alegramos. Nós nos regozijamos. Chegamos a aplaudir! Desconfio, com razões fortes, que chegamos a chocar alguns ovos de águia. Minha grande esperança é que todos nós voemos um pouco mais alto, um vôo mais sublime. Talvez você queira tentar algo semelhante hoje à noite.

Sim, as águias humanas podem ter seus dias de depressão. Às vezes, as emoções sombrias, cinzentas, tornam-se densas. De fato, algumas águias tornam-se tão sobrecarregadas de desânimo que não conseguem novamente alçar vôo. Por quê? Porque não há alguém com quem partilhar o peso. Talvez seja esse o lugar por onde você deva começar. Cultive a amizade de alguém com quem você consegue partilhar seu desânimo. Esse exercício poderia libertá-lo, e fazê-lo de novo ganhar os ares, como "águia tipo Gideão" de nossos dias. Só Deus sabe como poderíamos utilizar mais alguns Gideões! Não apenas

Deus o sabe — ele está em perene busca de um Gideão que tenha coragem suficiente para colocar-se "na brecha".

Você quer apresentar-se a Deus?



16

Firme Quando Sob Tentação

Tenho discutido, nestes capítulos, as coisas que conduzem à excelência. Também tratei de expor as coisas que nos impedem de atingir a excelência. Do princípio ao fim, meu quadro verbal predileto tem sido a águia — a ave que voa alto e livre, a milhares de metros de altitude, acima das distrações da terra, virtualmente a salvo da turbulência e das temperaturas de seu "habitat". Escolhi a águia porque nenhuma outra criatura exemplifica melhor meu tema: como viver acima da mediocridade. As águias representam a independência, a responsabilidade, a força, a liberdade, a agudez de visão, a raridade, e uma dúzia de outras características admiráveis que desejaríamos adquirir.

Entretanto, a despeito de terem coração forte e asas poderosas, as águias não são super pássaros imunes à possibilidade de captura, a acidentes e doenças. À semelhança de todas as demais criaturas, as águias têm suas fraquezas. Cometem erros, calculam mal as distâncias e enfiam-se em mergulhos não bem avaliados. Ao tornar-se vítimas de tais perigos, as águias aparecem com ossos partidos, e podem acabar presas à terra, sem capacidade de defesa, sujeitas a serem devoradas por bestas predatórias muito mais vagarosas, muito menos elegantes e, no entanto, muito mais poderosas.

Raramente pensamos que as águias possam estar em condições tão vulneráveis. Será que você consegue lembrar-se da última vez em que viu uma fotografia ou um desenho de uma águia desamparada? Nunca vi. A águia é sempre pintada em vôo gracioso, ou em mergulho mortífero na captura da presa,

jamais nas garras ou na boca de um inimigo. Por essa razão, é fácil a pessoa tornar-se convencida da grandeza da águia, de sua solidão e grande força, de tal maneira que não conseguimos imaginá-la presa de outra criatura mais poderosa. Lembre-se, porém, de que estou usando a águia apenas como símbolo. Pensar na águia (na verdade, em nós mesmos) como sendo invencível, é imortalizar a analogia e levá-la ao ponto da fantasia. As páginas da história estão juncadas de "esqueletos de águias", lembretes mudos de como os poderosos caíram.

QUATRO TERRÍVEIS PERIGOS

Permita-me trazer-lhe à memória quatro dos mais terríveis perigos que podem derrubar as mais poderosas das águias. São as posses, o prestígio, o poder e o prazer. Cada um destes perigos trabalha com afinco para cativar-nos, para obter uma vantagem, para enlear-nos. Com persistência incansável, cada mensagem bombardeia o ninho da águia com apelos semelhantes a mísseis que objetivam nossa aceitação. Quer sejam subliminares, sutis, quer sejam fortes e supremas, estas mensagens procuram fendas em nossa armadura, visto apelarem para nossos apetites naturais. "Fiquei rico!" (posses). "Torne-se bem conhecido!" (prestígio). "Controle tudo!" (poder). "Fique satisfeito!" (prazer).

Cada uma destas atraentes armadilhas convida a nossa atenção, coloca à nossa frente uma isca deliciosa, faz promessas lindas; entretanto, são todas inimigas nossas, sempre à espreita, sempre prontas a atacar. Sendo mestras na arte de enganar, estas mensagens empregam o método predileto, durante toda a nossa vida — a *tentação*. E por que não usariam a tentação? É método que vem funcionando há séculos. Para funcionar, basta que as tentações recebam nossa anuência — nem precisam ser visíveis — e pronto! A águia que antes era forte e voava alto, está reduzida à mediocridade, à semelhança da maioria. Minha preocupação é que permaneçamos ligados à realidade. Todos quantos voam alto, prestem atenção: cuidem-se, para evitar o mergulho fatal!

ERA UMA ÁGUIA PODEROSA, MAS BEIJOU O PÓ

Em vez de deixar tudo no reino das teorias, vamos colocar diante de nós um exemplo de carne e osso. Acho bem mais

fácil provar um princípio mediante uma pessoa real, do que mediante uma teoria que ressoa bem, que parece boa no papel, mas não deixa espaço para identificação. A pessoa que tenho em mente é um personagem bíblico de que você com certeza ouviu falar, mas talvez não tenha estudado com afinco. Basta a menção de seu nome para que você já fique sabendo por que é que eu o escolhi como exemplo: Sansão. Trata-se de alguém de quem penso com freqüência como sendo um fracote feminil disfarçado de machão viril. Poucas águias humanas receberam o potencial de voar mais alto (ou de esborrachar-se com maior estrondo) do que Sansão.

Circunstâncias favoráveis

Contrariamente à opinião popular, esse homem recebeu herança piedosa, tendo nascido num lar sólido, de tremenda segurança.

> "Os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau perante o Senhor, e o Senhor os entregou nas mãos dos filisteus por quarenta anos. Havia um homem de Zorá, da tribo de Dã, cujo nome era Manoá, cuja mulher era estéril, e não tinha filhos" (Juízes 13:1-2).

Não aparece nas Escrituras o nome da mãe de Sansão: ela aparece simplesmente como a mulher de Manoá. Este casal esperava no Senhor que Deus lhes respondesse as orações, e lhes mandasse um filho. E foi isso exatamente o que aconteceu. O pedido cuja resposta era aguardada havia tanto tempo, finalmente foi atendido:

> "O anjo do Senhor apareceu a esta mulher, e lhe disse: És estéril, e nunca deste à luz, mas conceberás, e terás um filho" (v. 3).

Para as antigas mulheres israelitas, não havia estigma mais doloroso do que o da esterilidade. A mulher de Manoá não era exceção. Ela deveria ter ficado radiante depois que Deus a visitou e lhe dirigiu palavras que soaram como música maviosa aos seus ouvidos. O filho que lhe haveria de nascer estaria em ótima companhia. A imensa maioria dos nascimentos não são precedidos de visitas angelicais. Porém, à semelhança de João

Batista e de Jesus de Nazaré, o nascimento de Sansão foi anunciado por Deus.

Além de anunciar o nascimento de Sansão, o anjo revelou também, claramente, o propósito da vida desse homem de Deus. ". . .e começará a livrar a Israel das mãos dos filisteus" (v. 5).

Seus pais não ficaram extasiados apenas ao ouvir que ganhariam um filho, mas também ao receber a informação sobre o rumo que tomaria a vida desse filho. Não seria ótimo se pudéssemos receber informações assim sobre nossos filhos, ei? vocês aí, papais e mamães? Não precisaríamos desgastar-nos à procura de possíveis carreiras para eles. Já desde o berço poderíamos ajudar as crianças a tomar as decisões acertadas na vida, que os prepariam para as vocações especiais determinadas por Deus.

Vamos ver mais de perto o que foi que Manoá e sua esposa ouviram. Foi-lhes dito que seu filho "*começará* a livrar a Israel das mãos dos filisteus." Ele não haveria de ser o único libertador; deveria *começar* a martelar a cunha inicial, localmente, entre os danitas, e depois viria outro que terminaria a tarefa em âmbito nacional.

Sansão teve a grande felicidade de nascer de pais profundamente espirituais. Dê uma olhada nas palavras do versículo 8: "Então Manoá orou ao Senhor. . ." Manoá era um israelita piedoso rodeado por israelitas ímpios, da tribo de Dã, a maioria dos quais haviam começado a viver como os filisteus. Não, porém, este homem, Manoá! Ele persistia em buscar o Senhor, ainda esperava no Senhor, em oração. E assim diz este futuro pai, um homem piedoso:

> "Ah! Senhor meu, rogo-te que o homem de Deus que enviaste, venha ter conosco outra vez e nos ensine o que devemos fazer ao menino que há de nascer" (v. 8).

Noutras palavras: "Senhor, desejamos ouvir o máximo que pudermos da parte do anjo, porque queremos saber exatamente como orientar a vida de nosso filho." Que pai não terá sentido este anseio, em certas ocasiões? "Senhor, revela-me como devo educar meu filho. Ajuda-me a reconhecer as providências corretas que devo tomar." Manoá percebeu a indiferença espiri-

tual das pessoas ao seu redor, e assim pediu ajuda para conhecer a clara orientação de Deus. Manoá entendia também que influência severa o ambiente poderia exercer sobre Sansão. Esse pai queria fazer tudo que estivesse ao seu alcance para educar seu filho de modo correto.

> "Deus ouviu a voz de Manoá, e o Anjo de Deus veio outra vez à mulher, estando ela no campo; porém não estava com ela seu marido Manoá. Apressou-se a mulher e correu para dar a notícia a seu marido, e lhe disse: Ele está aqui! O homem que me apareceu outro dia. Então Manoá levantou-se e seguiu a sua mulher, e veio àquele homem, e lhe disse: És tu o homem que falou a esta mulher? Ele respondeu: Sou eu. Então disse Manoá: Quando as tuas palavras se cumprirem, qual será o modo de viver do menino, e o seu serviço?" (vv. 9-12).

É pai mesmo, não? É assim que os pais se preocupam: "E agora, qual será a vocação dele? Eu sei que ele vai livrar a Israel, mas qual será sua profissão? Como vai ganhar a vida? Em que vai trabalhar? Que tipo de vida será a dele?" E assim é que encontramos Manoá e sua mulher genuinamente interessados em receber a orientação divina para a educação de seu filho.

Este é o momento ideal para eu inserir uma nota sobre pais piedosos. Você foi criado por pais tipo águia, isto é, profundamente espirituais? Talvez você tenha de dizer: "Bem, um deles era." Ou, "mais tarde, em minha vida, eles foram." Seja esta ou aquela a resposta, você parou para agradecer-lhes? Parou um instante para dar-lhes razões específicas por que você sente tanta gratidão? Permita-me encorajá-lo a fazer isso imediatamente. Não espere mais. Se está interessado em voar alto e sublime, como uma águia, provavelmente é por que seus pais o induziram a isso. Embora de modo imperfeito, eles desejaram o melhor para você. Pouquíssimas bênçãos são maiores do que a de receber uma boa influência da parte de pais bondosos.

Entretanto, há outro fator que devo mencionar: o fato de você e o seu cônjuge serem pais piedosos não representa garantia absoluta de que vocês terão filhos piedosos. Executar

um serviço perfeito na arte de educar crianças e adolescentes não constitui certeza total de que essa garotada se tornará gente correta. Pode ser que você e seu cônjuge estejam caminhando bem perto de Deus, hoje. Pode ser que você tenha começado a andar com Deus logo após seu filho ter nascido. Você poderá ter acalentado as mais elevadas aspirações e esperanças, no que concerne ao seu filho e, no entanto, não estar experimentando o que faria a delícia do seu coração. Pelo menos não, por enquanto.

Nada nos eletriza tanto como saber que nossos filhos estão caminhando na verdade, e nada nos magoa tanto como saber que estão desviados. Há uma dor no coração de um pai, ou de uma mãe, que não pode ser descrita: a dor produzida por um filho que deliberadamente se afasta da educação que recebeu. Menciono isto porque foi exatamente o que aconteceu na vida de Sansão. Todas aquelas circunstância favoráveis foram insuficientes para garantir a espiritualidade de Sansão. Tinha todas as características de uma poderosa águia, exibia um modelo de excelência elevada, sublime, realmente impressionante; mas a recusa de Sansão em atender aos conselhos de seus pais, e permanecer firme quando sob tentações, levou-o a uma queda trágica, tão trágica quanto as piores do registro bíblico.

Características Desfavoráveis

Sansão vai crescendo e sua história não melhora: apenas piora. Pouco a pouco delapida-se o caráter do jovem. A erosão instalou-se, silenciosa mas inexoravelmente. A propósito, eu devo salientar, antes de nos aprofundarmos mais na vida de Sansão, que esse moço havia sido separado para ser um nazireu. De acordo com lei de Deus, quem quer que assumisse votos de nazireu, deveria ater-se estritamente a três princípios disciplinares. Primeiro: deveria vigiar a dieta com máximo cuidado. Não podia beber álcool, nem comer certos alimentos. Segundo: jamais deveria se aproximar de um animal ou de um ser humano morto. Terceiro, nunca deveria cortar os cabelos. Visto que Deus anunciara aos pais de Sansão que este filho seria um nazireu desde o ventre materno, estes três princípios deveriam aplicar-se ao moço. É certo que durante os primeiros

anos de Sansão, seus pais teriam enfiado essa disciplina na mente do filho.

Na próxima vez em que lemos a respeito de Sansão, encontramo-lo já adulto. Não sabemos como foi sua infância. Contudo, sabemos que ambos seus pais estiveram com ele durante aqueles anos formativos e o acompanharam com muito interesse, até ele atingir a maioridade. Eis que Sansão nos aparece na próxima cena: pode ter crescido fisicamente, mas emocional e espiritualmente é imaturo. Quando o jovem faz sua aparição no cenário escriturístico, imediatamente lhe detetamos uma falha de caráter. É homem de vontade apaixonada, cheio de luxúria, coisa que ele nem tenta restringir — nem agora nem nunca.

> "Desceu Sansão a Timna e viu ali uma das filhas dos filisteus. Quando voltou, disse a seu pai e a sua mãe: Vi uma mulher. . ." (Juízes 14:1-2).

Penso que é altamente significativo o fato de as primeiras três palavras saídas dos lábios de Sansão, e registradas nas Escrituras, terem sido: "Vi uma mulher". Eis a história de sua vida. *Ele focalizou o objetivo errado.*

> ". . . Vi uma mulher em Timna, das filhas dos filisteus; agora tomai-a para mim por mulher. Porém seu pai e sua mãe responderam: Não há mulher entre as filhas de teus irmãos, nem entre todo o nosso povo, para que tu vás tomar mulher dos filisteus, daqueles incircuncisos? Mas Sansão disse a seu pai: Toma-me esta, porque ela muito me agrada. . . Desceu, e falou àquela mulher, e ela lhe agradou muito" (vv. 2-3,7).

Percebemos de estalo que a luxúria se torna a característica mais desfavorável de Sansão, algo que o perseguiria todos os dias de sua vida.

O fato de Sansão focalizar objetivos errados levou-o à queda. Primeiramente, ele focalizou a aparência física e quase nada mais. Em segundo lugar, focalizou o agradar-se a si mesmo e a ninguém mais. Lemos duas vezes neste relato que a mulher filistéia era do seu "agrado"; dela "se agradou" o jovem israelita.

Vou tornar-me dolorosamente específico. Quando Sansão viu a filha de Timna, gostou de seus atrativos físicos. Hoje, ele diria abertamente que a moça tinha "sex appeal". Ele gostou do corpo dela. Falemos com franqueza: aquele corpo o seduziu. Não existe uma única palavra neste relato concernente ao caráter da moça. Por quê? Bem, em primeiro lugar, Sansão não se interessou pelo caráter da moça. Em segundo lugar, visto ser filistéia, não havia nela caráter espiritual capaz de apelar a um israelita. Entretanto, Sansão não ligava a mínima. "Ela me agrada. . ." e isso lhe bastava.

Para Sansão, só uma coisa lhe interessava: a satisfação de sua lascívia. Esse homem era arrastado por uma das forças mais poderosas, uma força natural, inata no macho humano. Acho interessante que a jovem filistéia nunca é chamada pelo nome. Por quê? Repitamo-lo: Sansão só via um corpo, e ele desejava aquele corpo para obter satisfação sexual. Queria prazer. Ele se fixou na parte física, e nada mais.

Imagino um homem lendo este capítulo e pensando assim: "*Será que isto significa que sou lascivo só porque olho e admiro a beleza física? Estou cometendo erro ao olhar a beleza feminina e sentir-me atraído por ela?* Claro que não! Minha tese aqui é que Sansão fixou o foco de sua atenção *só* na beleza física. Esta palavrinha de duas letras, *só,* tem grande importância no entendimento das razões porque Sansão cedeu aos encantos enganadores da tentação.

Pois bem, há uma segunda característica de Sansão que lhe foi desfavorável também. *Ele era descuidado no uso de seu tempo de lazer*. Você se lembra do que o anjo dissera a respeito dos propósitos de sua vida? Ele devia "começar a livrar Israel".Parece-me que Sansão está-se desviando. Até agora gastou pouquíssimo tempo na tarefa de livrar Israel. O homem dedica-se a agradar a si mesmo.

Você precisa saber que quando Sansão fez uma de suas viagens em visita a essa moça, matou um leão. Depois, numa visita posterior, observou os restos mortais da fera e algo saltou-lhe aos olhos: no esqueleto do leão havia uma colmeia embutida. Sansão fez uma longa pausa a fim de poder depois observar esta mulher comendo um pouco de mel dessa colmeia. A propósito, esse desvio induziu à quebra do seu voto de nazireu,

porque ele teve de tocar no esqueleto do leão a fim de colher mel. Como Sansão era descuidado! Mas, isso foi só o começo.

Segundo o costume daquela gente, quando Sansão finalmente chegou com seu pai, a fim de casar-se com a filistéia, um grupo de amigos dela foi convidado para a grande festa:

> "Descendo seu pai àquela mulher, fez Sansão ali um banquete, porque assim costumavam fazer os moços. Quando os moradores do lugar o viram, trouxeram trinta companheiros para estarem com ele. Disse-lhes Sansão: Eu vos proporei um enigma. Se nos sete dias das bodas me derdes a resposta, dar-vos-ei trinta túnicas e trinta mantos. Mas se não puderdes decifrá-lo, vós me dareis as trinta túnicas de linho e os trinta mantos. Disseram eles: Dá-nos o teu enigma, para que o ouçamos. Respondeu eles: Do comedor saiu comida; do forte saiu doçura. E em três dias não puderam decifrar o enigma" (Juízes 14:10-14).

Um momento! Eis aí um cidadão que deveria estar voando alto, começando a livrar Israel, como Deus lhe havia ordenado. Mas o que é que ele está fazendo? Brincando de decifrar enigmas com os delinqüentes da Filístia!

Eles coçaram a cabeça e cofiaram a barba durante três dias, e não puderam atinar com a resposta. É claro que não poderiam. Quem poderia acertar a questão? Que importava esse enigma, afinal? Que faz uma águia vinda de Deus, sentada no meio do populacho ignaro, medíocre, cometendo má poesia? Por que fica ele plainando ociosamente no território dos filisteus, cultivando amizades? Sansão estava tão longe de seus objetivos que se torna quase humorístico.

Muito bem, os filisteus não conseguiram decifrar o enigma, o que os deixou furiosos. Embaraçados e perturbados, avançaram contra a noiva e a ameaçaram:

> "Persuade a teu marido a que nos decifre o enigma, para que não queimemos a fogo a ti e à casa de teu pai. Convidastes-nos aqui para vos apossardes do que é nosso, não é assim?" (v. 15).

Demoremo-nos um pouco naquela palavra: "persuade". O

termo hebraico original usado aqui significa, literalmente: "ficar totalmente aberto". Também significa "seduzir, persuadir". Devem ter percebido que Sansão é mente aberta, Sansão é ingênuo. Não é difícil detectar um olho lúbrico. Determinado a não ser tão "bitolado" como seu pai e sua mãe, Sansão empurrou o pêndulo para o extremo oposto.

É quando os homens disseram à moça, com efeito: "Olhe aqui, belezinha, seduza esse camarada ou botaremos fogo na sua casa, está bem?" Gente muito boa, meninos finos, para estarem presentes em sua festa de casamento, não?

E foi assim que a noiva de Sansão sacou a arma mais poderosa que as mulheres usam: LÁGRIMAS. E como ela chorou!

> "A mulher de Sansão chorou diante dele, e disse: Tu me odeias! Não me amas de verdade. Deste aos filhos de meu povo um enigma a decifrar, e ainda não me declaraste a resposta. Respondeu ele: Nem a meu pai nem a minha mãe o declarei, por que devia declará-lo a ti? Ela chorou diante dele os sete dias em que celebravam as bodas. Assim, ao sétimo dia lhe declarou a resposta, porque ela o importunava. Então ela declarou o enigma aos filhos do seu povo." (vv. 16-17).

Tente imaginar a cena. Sete dias de "Você não me ama... Você me odeia..." mais os suspiros e as lágrimas. Sete dias! É tempo longo demais para tortura. Nenhum homem agüenta sete dias assim, dia e noite, dia após dia, sem apetite, sem beijos, só choooooooro! Ela o importunou tanto, e tanto, e chorou tanto na frente dele, que Sansão finalmente lhe teria dito qualquer coisa para livrar-se de tanto choro. Ela o pressionou tão duramente que Sansão acabou dando-lhe a chave do enigma.

> "Ela chorou diante dele os sete dias em que celebravam as bodas. Assim, ao sétimo dia ele lhe declarou a resposta, porque ela o importunava. Então ela declarou o enigma aos filhos do seu povo" (v. 17).

Confesso que já estou ficando impaciente, e muito. Que é que essa águia israelita está fazendo, escavando o chão em

território inimigo, num galinheiro cheio de perus filisteus, inventando enigmas e despendendo seu tempo com uma "perua" daquela categoria? Que desperdício! Exibição de mediocridade. Não é de admirar que a tentação ganhe o primeiro "round". O homem não sabe usar seus momentos de lazer.

Corramos um pouco — talvez as coisas mudem, certo? Detesto desapontá-lo. As coisas só mudarão para *pior*. Coloquemos juntos dois versículos, para enfatizar um contraste:

> ". . . julgou a Israel vinte anos nos dias dos filisteus. Sansão foi a Gaza, e viu ali uma prostituta. . ." (15:20 — 16:1).

Depois de vinte anos julgando Israel (se foi julgamento honrado, ou maculado, não ficamos sabendo) a águia dotada de potencial ilimitado está de volta à antiga podridão. Sansão passa seu tempo de lazer "paquerando" uma prostituta anônima de Gaza. Não sendo isso suficiente, dá um giro e encontra outra mulher lá em baixo, no vale de Soreque.

> "Depois disto ele se afeiçoou a uma mulher do vale de Soreque, cujo nome era Dalila" (16:4).

Volto a lembrá-lo: Sansão não está interessado em livrar Israel — dedica-se à caça de mulher. Para Sansão, lazer era sinônimo de lascívia. Foi muito ruim que Sansão ficasse atiçando as chamas de sua luxúria; e além disso, continuava a freqüentar a roda dos escarnecedores. Já aprendemos, por esta altura, que esta combinação de fraquezas inevitavelmente conduz ao desastre.

Chegamos, agora, à terceira característica desfavorável de Sansão: *Ele celebrou uma aliança íntima com as pessoas erradas*. A corrupção total rondava às ocultas, na esquina, graças às más companhias de Sansão. Todo aquele tempo gasto com os filisteus serviu como catalisador — a influência maior — que o transformou em vítima dos ataques de Dalila.

> "Depois disto ele se afeiçoou a uma mulher do vale de Soreque, cujo nome era Dalila. Os príncipes dos filisteus subiram a ela, e lhe disseram: Persuade-o, e vê em que consiste a sua grande força, e com que poderíamos dominá-lo e amarrá-lo, para assim o sub-

> jugarmos. Cada um de nós te dará mil e cem moedas de prata" (16:4-5).

Você percebeu alguma coisa soando familiarmente? "Esse cara é manso. *Seduza-o*, Dalila! Descubra onde estão as forças dele; ele é um mistério para nós. Ele consegue derrubar mil dos nossos soldados sem sequer suar. Descubra como é que ele consegue lutar assim." Aparentemente, Sansão não parecia um Arnold Schwartzenegger, mas teria a aparência de um israelita comum, de seus dias. "Descubra como é que ele é tão forte e, no entanto, se parece com todo mundo. Vá em frente, Dalila! Cumpra o seu dever. *Persuada-o*."

Por estar sempre em más companhias, Sansão destina-se à tragédia. O homem está dançando de acordo com a melodia viciada da tentação e, por isso, cai direto nas mãos de Dalila. Cada vez que leio essa história, fico perguntando-me como é que Sansão pôde ser tão estúpido.

> "Disse Dalila a Sansão: Declara-me, peço-te, em que consiste a tua grande força, e com que poderias ser amarrado para te poderem subjugar" (v. 6).

Falo honestamente: só um camarada muito "tapado" poderia deixar de perceber a trama do inimigo. Eis o que Dalila está dizendo: "Sansão, meu queridinho, diga-me por que é tão forte. Como você sabe, estamos planejando uma armadilha para você. Se nos disser, simplesmente, qual é o seu segredo, já daremos um jeito em você!" O "play-boy" Sansão deve ter pensado: "Oba! Vai ser um bocado divertido! Vou brincar com eles." E assim, dá a ela algumas indicações viáveis. Ele principia dizendo-lhe:

> ". . . Se me amarrassem com sete cordas de nervos frescos, ainda não secos, então me enfraqueceria, e seria como qualquer outro homem" (v. 7).

E ela agiu — arranjou tendões frescos e enrolou-os ao redor de Sansão, gritando, em seguida: "Os filisteus estão em cima de você, Sansão." Ploc! Ele arrebenta todas as cordas e se livra. Os filisteus reclamam, desgostosos: "Irra! Fomos enganados!" O segredo da força de Sansão ainda não foi descoberto. Não

pense que eles vão desistir. Pode ser que Sansão esteja brincando, mas os filisteus, não.

Dalila volta a atacar.

> "Então disse Dalila a Sansão: Zombaste de mim, e me disseste mentiras. Ora, declara-me com que poderias ser amarrado. Ele disse: Se me amarrassem fortemente com cordas novas, com que não se houvesse feito obra nenhuma, então me enfraqueceria, e seria como qualquer outro homem" (vv. 10-11).

Ai! Ali está a águia israelita que deveria livrar Israel das mãos dos filisteus: ainda está metido com a plebe medíocre. Ridículo! Prossegue a canção, na terceira estrofe:

> "Disse Dalila a Sansão: Até agora zombaste de mim, e me disseste mentiras. Declara-me com que poderias ser amarrado. Ele respondeu: Se teceres as sete tranças da minha cabeça com a urdidura da teia, e firmá-las com pino de tear, então me enfraqueceria, e seria como qualquer outro homem. De modo que enquanto ele dormia, Dalila tomou as sete tranças da cabeça dele, teceu-as com a urdidura da teia, firmou-as com o pino de tear, e disse: Os filisteus vêm sobre ti, Sansão! Ele despertou do seu sono, arrancou o pino e a urdidura da teia" (vv. 14-15).

Você está percebendo o que acontece? Em meio às folganças e brincadeiras divertidas desse momento, a águia vai ficando cada vez mais perto do perigo, ao mergulhar na direção das rochas escarpadas. Ela já está começando a brincar com seu cabelo, o segredo santo de sua vida. Ora, você e eu sabemos muito bem que a força de Sansão não estava em seus cabelos; o cabelo dele era apenas um *sinal* de sua força. Era apenas um *lembrete* do voto que havia feito. No entanto, enquanto estava engajado naquelas brincadeiras, disparou: "Bem, por que você não tece meu cabelo junto com esta teia?" E Dalila fez isso mesmo.

Sansão está começando a cometer sacrilégio com coisas sagradas. Essa é a quarta grande falha de Sansão: *Ele não resguardou seus votos com toda seriedade.* Vamos fazer uma

troca: a palavra *voto* pela palavra *Deus*. Sansão não respeitou seu Deus com máxima seriedade. Fico imaginando se Sansão se lembrava de quando seus pais o colocaram à parte, quando criança, para fazer o voto de nazireu. É possível que ele se lembrasse por algum tempo, e depois pensasse assim: "*Ora, deixa comigo! Sou maior do que esse voto, agora.*" Por isso, impulsivamente ele diz: "Por que você não faz uma travessura com o meu cabelo?" Ela fez. Ainda desta vez a força de Sansão não diminuiu.

> "Como podes dizer que me amas, não estando comigo o teu coração? Já três vezes zombaste de mim, e ainda não me declaraste em que consiste a tua força" (v. 15).

Você consegue visualizar o quadro? "Sansãozinho, meu queridinho. . . como é que você pode fazer isso comigo?"

Finalmente, Sansão entregou-se; contou *tudo* a Dalila.

> "Assim ele descobriu-lhe todo o seu coração, e disse: Nunca passou navalha à minha cabeça, porque sou nazireu de Deus desde o ventre de minha mãe. Se viesse a ser rapado, ir-se-ia de mim a minha força, e me enfraqueceria, e seria como qualquer outro homem" (v. 17).

De repente, Sansão voou tão baixo que não conseguiu voltar. A velha águia calculou mal seu mergulho final. Vôo fatal! Desta vez ele se arrebentou nas pedras! Como pôde fazer isso? Por que não foi capaz de perceber o perigo da situação? Que é que foi arrastando-o para o precipício, mais, e mais, e mais, cada vez mais?

Qual foi o segredo da derrota de Sansão? Simplesmente isto: Ele devia ter dito NÃO à tentação.

Heróis, ouçam! Guias espirituais, prestem atenção! Águias colegas nossas, cuidado! "Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência" (Tiago 1:14). A palavra grega traduzida por "engodado" significa "enganar mediante uma isca". A isca é colocada dentro da água e o peixe, vendo-a, é enganado, atraído de seu esconderijo seguro. De forma semelhante, somos atraídos e achegamo-nos

cada vez mais perto para morder a isca do prazer e, ao proceder assim, Deus torna-se irreal. De fato, ele é momentaneamente *esquecido*. A isca é real; Deus não. Durante um breve momento ficamos pensando numa única coisa — que prazer nós sentiremos ao morder aquela isca.

Permita-me mencionar outro fato muito prático a respeito da tentação. Descobri que se a pessoa pode interromper o processo bem cedo, ela está salva. Contudo, se eu abandonar meu lugar de refúgio e aventurar-me na direção da isca, há um ponto sem retorno. Um ponto além do qual não consigo voltar. Estou perdido.

É assim que funciona conosco; foi assim que funcionou com Sansão. Ele malversou seu lazer, andou em más companhias e brincou tanto com a isca de modo que não conseguiu retornar. A essa altura, Deus se lhe tornou totalmente irreal. Havendo Deus sido expulso, "descobriu-lhe todo o seu coração". Não é de admirar que Sansão não soubesse que o Espírito de Deus se havia retirado dele. Penso como teria sido maravilhoso se Sansão parasse, de repente, fugisse daquele lugar depressa, para a rua, e exclamasse, de mãos erguidas aos céus: "Oh! Deus! Sou tão fraco — tão perto de arrebentar-me nas rochas. Dá-me a força de que necessito agora mesmo. Ajuda-me a voar alto de novo!" Ah, se o homem apenas houvesse clamado por socorro! Apenas clamado.

Conseqüências Inevitáveis

Em questão de segundos "os filisteus pegaram nele". A primeira ação deles contra Sansão foi vazar-lhe os olhos — ambos os olhos. Ora, é lógico — os OLHOS, os portões da lascívia! Aqueles filisteus o conheciam melhor do que ele mesmo. Não queriam mais problemas na Filístia, partindo desta frágil casca de homem, incapaz de resistir à tentação. Por isso, cegaram a águia; nunca mais voou; jamais alçou vôo altaneiro e sublime outra vez.

Duas conseqüências inevitáveis acompanham o rastro dos que fazem o papel de tolos e cedem à tentação da isca sedutora. Ambas expõem as mentiras do sistema mundano.

Em primeiro lugar: *Ficamos enfraquecidos, não fortalecidos.* Diz o mundo que um estilo de vida de "play-boy" tornará você

mais forte. Você já ouviu palavras assim? "Ao ser exposto às tentações, você aprende a manejá-las bem." Não. O caso de Sansão demonstra-nos que uma vida assim na verdade nos enfraquece. Se não repudiarmos o pecado, dentro de pouco tempo nossas fraquezas se terão tornado vício, o fim do qual é trágico.

Em segundo lugar: *Tornamo-nos escravos; não somos libertados.* Assim diz o sistema mundano: "O amor livre o liberta." Muito bem, isso é mentira. O amor livre escraviza, na verdade. Sansão tornou-se vítima daqueles a quem fora chamado para derrotar.

Quando estive aquartelado no oriente com os fuzileiros navais, morei com quarenta e sete outros soldados. A unidade toda se caracterizava por uma vida ilícita. Grande percentagem deles havia tido antes, ou tinha nessa época, algum tipo de moléstia venérea. Aqueles camaradas conseguiam resistir a qualquer coisa, menos a uma tentação!

Um jovem — vamos chamá-lo de Bobby (não é esse seu nome real) — vivia em pecado aberto. Vinha de um lar severo e nunca soubera o que era viver livre da orientação paterna. Mas, uma vez entregue a si mesmo, o camarada ficou uma fera. Num fim de semana ele foi ao vilarejo e dormiu com uma prostituta. Ao voltar à base, tarde da noite, no sábado, sentia um medo terrível de haver apanhado uma doença. Perambulou trôpego, meio bêbado, até à tarimba onde eu descansava. Ele falava com outro soldado; então se virou para mim, agarrou minha mão e disse:

— Ei, Swindoll, quero que você fale comigo. Estou morrendo de medo.

Demos um pequeno passeio naquela noite, por um pátio imundo e, em seguida, até o único lugar iluminado a noite toda — a capela. Quanto mais caminhávamos e falávamos, mais ele se tornava sóbrio. Naquela mesma noite, Bobby caiu de joelhos e confessou abertamente sua escravidão à luxúria. Jamais me esquecerei de suas palavras simples:

— Peço ao Senhor Jesus que entre em minha vida. Como preciso dele!

Lembro-me também de ele haver dito:

— Senhor, tenho um hábito que te peço venhas quebrar.

Nunca me esquecerei da oração do moço. Durante os sete

meses seguintes trabalhamos juntos. A batalha foi dura e longa. Mas, finalmente, ele começou a voar alto, acima e bem longe de sua escravidão. Mais uma águia cortava os ares, por meio de um poder que não era seu mesmo — o poder de Cristo.

UMA ESTRATÉGIA SEMELHANTE À DA ÁGUIA PARA VOAR

Este capítulo já está suficientemente longo. Não há necessidade de encompridá-lo ainda mais com um dilúvio de palavras. Por isso, permita-me encerrá-lo com uma estratégia direta e sucinta para um vôo elevado e sublime.

Em primeiro lugar: *Nossas tendências naturais precisam ser dominadas*. A tendência natural de algumas pessoas é a homossexualidade, uma tentação sutil, corrosiva. A tendência natural de outros é o caso ilícito extramatrimonial. O mau hábito de outros é algum tipo de sensualidade oculta, mais vergonhosa.

É preciso contra-atacar essas tendências naturais. Confesse abertamente sua fraqueza. Não esconda coisa alguma. Uma das formas mais eficazes de você voltar a voar alto, como fazia antes, é mediante a memorização constante e sistemática das Escrituras. Tratei disto minuciosamente no primeiro capítulo deste livro. A memorização e o apelo escriturístico substituem os pensamentos sensuais por pensamentos espirituais.

Outra técnica essencial é o aprendizado do controle do portão ocular. "Fiz aliança com meus olhos", diz Jó, "como, pois, os fixaria eu numa donzela?" Caro amigo, você e eu precisamos fazer esse tipo de aliança, porque do contrário ficaremos olhando as moças. Uma olhada casual não constitui problema: é a primeira olhada. Nossos problemas ocorrem a partir da segunda olhada, que conduz à olhada demorada. Olhar por acaso é ninharia. Mas, o de que precisamos é uma aliança, um voto diante de Deus, e uma prestação de contas regular, periódica, diante dos outros. Desenvolva uma técnica disciplinada para neutralizar sua tendência natural.

Em segundo lugar: *Nosso tempo de lazer precisa ser vigiado*. Estudante: pare de tolerar sua própria atitude petulante, tipo "e daí?" quando chega o verão. Homem ou mulher de negócios: quando você viaja, seu tempo de lazer pode ser sua tragédia.

Cultive um plano, talvez um programa de exercícios, um programa intensivo de leitura, um "hobby", uma série de projetos práticos que ocupem o seu tempo. Muito cuidado com aqueles filmes de "video-cassettes" projetados em sua sala de estar! Se necessário, desligue a televisão. Fique longe das bancas de revistas eróticas. Não se pode confiar na luxúria, como não se confia numa serpente. Não se meta em encrencas!

Em terceiro lugar: *nossas companhias precisam ser bem selecionadas*. Examine bem seu círculo de amigos. Faça uma avaliação honesta das pessoas com quem você pessoalmente passa algum tempo. Posso oferecer-lhe um princípio no qual pode confiar: Enquanto não limpar suas companhias, não poderá limpar sua vida. Pode ser que você deseje limpar-se. Poderá nutrir desejos sinceros e ambições elevadas, mas, se você pretende alçar vôo elevado, sublime, escolha cuidadosamente as suas companhias. Lembre-se de que as águias só voam com umas poucas companheiras — nunca em bandos.

Em quarto lugar: *Nosso voto feito perante Deus precisa ser mantido*. Da mesma maneira meticulosa como deveríamos guardar nossos votos matrimoniais, precisamos guardar nossas promessas feitas perante Deus, e nosso compromisso para com a pureza. Permita-me trazer-lhe à memória seu voto primordial:

> "Portanto, rogo-vos, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Romanos 12:1-2).

Quando personalizamos estas palavras, entendemos que elas contêm uma advertência: "Não permita que o mundo ao seu redor enfie você dentro de seus moldes." Você precisa de algo por onde começar? Comece com estas palavras. Leia-as diante do Senhor e diga algo assim: "Pai, desejo começar por aqui. Antes de enfrentar qualquer tipo de tentação, hoje, desejo declarar minha lealdade a ti. Dá-me forças para permanecer firme, sozinho, permanecer forte, segundo teu poder. Renova minha

mente. Este é o meu voto, que eu assumo com seriedade, diante de ti."

Já não chegou a hora de considerar seriamente a perspectiva de voar alto? Você sabe que chegou! Não importa se tentou antes, centenas de vezes, e falhou. Não permita que alguém lhe diga que é inútil tentar de novo. Nunca é tarde demais para começar a fazer o que é correto.

Excelência — seja de que tipo for: excelência moral, ética ou pessoal — vale a pena obter, seja qual for o custo. Pague o preço. Comece hoje! Você foi criado para um grande propósito — voar alto! Nada além do vôo elevado e sublime satisfará você e glorificará a Deus.

Conclusão

Quem Está Avaliando a Excelência Que Há em Você

O mal você pode obter facilmente, e em quantidade: a estrada é suave e está sempre perto. Contudo, à frente da excelência os deuses imortais colocaram suor; o caminho para a excelência é longo, íngreme e áspero, de início. Quando, porém, você chega ao topo, torna-se fácil, embora duro.

—Hesíodo, 700 a.C.

Quando embarquei nesta jornada literária, muitas luas atrás, tive uma grave preocupação: "Conseguirei comunicar a importância da excelência sem dar a impressão de que ela é sinônimo de sucesso?" Quero dizer sucesso como o mundo usa a palavra. Em minha opinião, já temos um número suficiente de livros sobre este assunto — sucesso. Textos sobre motivação, técnicas de vendas e auto-ajuda orientada para o sucesso estão em profusão ao nosso redor. Alguns são úteis, outros pouco mais que palha. Entretanto, muito pouco se tem escrito sobre o compromisso com a excelência — a verdadeira excelência, o tipo de excelência que transmite qualidade superior, atenção a minúcias significativas, cuidado com aquilo que realmente interessa.

A excelência é um conceito difícil de comunicar porque pode ser facilmente mal interpretado como perfeccionismo neurótico, ou sofisticação esnobe. Excelência não é nada disso. Ao contrário, é o material de que se faz a grandeza. É a diferença entre viver apenas, e voar alto e sublime — o que faz a diferença

entre o significativo e o superficial, o duradouro e o temporário. Os que a buscam, fazem-no em razão daquilo que pulsa lá dentro deles, não em razão do que os outros pensam, falam ou fazem. A excelência autêntica não é desempenho. Ela está aí, quer alguém a note e tente descobri-la, quer passe sem ser notada.

Quando a estátua da liberdade recebeu uma limpeza geral, de que estava grandemente necessitada, nos anos 85-86, foi examinada em todas as minúcias. Os artesãos e artistas que realizaram os reparos tiveram ampla oportunidade de estudar o trabalho artístico original. Ficaram impressionados — talvez a palavra mais adequada seja *espantados* — com o projeto do escultor, o notável cidadão francês Frederic Bartholdi, e sua equipe, que utilizaram suas habilidades artísticas há mais de um século. Não se esqueceram de nada. Um exemplo é a magnífica obra realizada na coroa e na cabeça da estátua da liberdade. A atenção extrema devotada a pequeninas minúcias foi de tal ordem, que as pessoas poderiam pensar que essa parte do trabalho haveria de ser examinada por todas as pessoas. Mas o fato é que ninguém jamais a veria de cima. Desde que foi erguida e fixada em seu lugar, medindo mais de 50 metros de altura, só algumas gaivotas poderiam admirar-lhe o penteado. Dificilmente aqueles artistas franceses conseguiriam sequer imaginar que um dia alguns helicópteros voariam por cima da estátua, dando tempo ao olho humano para observar e usufruir uma beleza de tal magnitude. Veja você, o projeto da cabeça da estátua da liberdade caracterizou-se pela excelência; nunca importou se alguém haveria de parar para examiná-la e admirá-la, ou não.

A mediocridade vai-se tornando depressa a palavra-chave de nossa época. Usam-se agora todas as desculpas imagináveis a fim de torná-la aceitável, com grande esperança de que seja preferida. Cortes em orçamentos, prazos finais, a opinião da maioria e o pragmatismo teimoso estão falando mais alto, e superam a excelência. Estas forças parecem estar vencendo a corrida. Médias que representam incompetência ou o "statu quo" são colocadas diante de nós como sendo o máximo que podemos esperar agora; e a tragédia é que um número crescente de pessoas virtualmente concorda com a situação. Por que

preocupar-se com coisinhas insignificantes? Por que preocupar-se com vôos elevados, sublimes, se tão poucas pessoas conseguem planar ao menos? Por que preocupar-se com o genuíno, hoje, se o artificial parece tão real? Se o público está comprando, por que preocupar-se tanto?

Para deixar as coisas bem claras: por que pensar com profundidade, se a maioria das pessoas deseja alguém que pense em seu lugar? Por que viver de modo diferente numa sociedade em que é muito mais fácil parecer igual a todo mundo, e nadar a favor da correnteza? Por que lutar com tanto denodo quando tão poucas pessoas parecem interessadas nessa guerra? Por que erguer-se corajosamente se isso poderá significar correr o risco do ridículo, da má interpretação, ou ser considerado sonhador por alguns, e tolo por outros?

Então, por quê? Citemos o jovem Davi, um pouco antes de ele enfrentar o gigante filisteu, no vale de Elá: "Que fiz eu agora?" (1 Samuel 17:29) Devemos esperar que alguém estabeleça nossos padrões, ou o ritmo de nossos passos? Nunca! Há muito da águia em alguns de nós, para que nos sintamos confortáveis recebendo diretivas da maioria. Minha firme convicção é que as pessoas que influenciam e remodelam poderosamente o mundo são as que se comprometeram a viver acima da mediocridade. Ainda há muitas oportunidades para a prática da excelência, muita exigência de distinção, para que se fique satisfeito com apenas ir vivendo. É como escreveu certa vez Isaac D'Israeli: ". . . que gosto pavoroso satisfazer-se com a mediocridade quando a excelência está diante de nós."

Embora eu não o tenha conhecido, o falecido missionário e médico Albert Schweitzer pareceu-me ser modelo de notável excelência. Norman Cousins, que passou muito tempo ao lado do Dr. Schweitzer, em seu pequeno hospital em Lambarene, na África Equatorial Francesa, escreveu a respeito daqueles dias, muito tempo depois de sepultados no tempo. Suas memórias merecem ser relembradas:

> "A maior impressão que tive, ao deixar Lambarene, foi a do alcance enorme de um único ser humano. Entretanto, nem mesmo uma vida assim foi poupada da punição da fadiga. Albert Schweitzer era tido como um homem severo nas suas exigências às pes-

soas que trabalhavam com ele. No entanto, as exigências que ele impunha aos outros eram nada, comparadas com as que impunha sobre si próprio. Ele não se preocupava com a viabilidade da perfeição; preocupava-se, contudo, com a busca da perfeição. Achava que o desejo de buscar o melhor, e trabalhar em prol do melhor, fazia parte — e parte vital — da natureza do ser humano. Quando se sentava para tocar piano ou órgão, estando sozinho, poderia ali permanecer horas a fio. Poderia treinar uma simples pauta musical durante duas horas ou mais. A diferença entre essa pauta, ao ser tocada pela primeira vez, e quando ele mesmo estivesse satisfeito com seu desempenho, poderia ser imperceptível até para alguém cujo ouvido possuísse grande sensibilidade musical. Contudo, ele tinha um elevado conceito de sua própria capacidade de interpretar Bach, por exemplo, e achava que devia dar o máximo de si, quanto fosse necessário para atingir o melhor. Não se tratava de mera obsessão. Ele perseguia seus limites máximos como parte natural de uma vida cheia de propósito... A história está disposta a esquecer quase tudo — erros, paradoxos, fraquezas pessoais ou faltas — basta que a pessoa dê o suficiente de si mesma aos outros..... Se de nós se exige sacrifício, teremos de sacrificar-nos. Se nos cabe liderar, o que dizemos e o que fazemos tornam-se mais importantes, em nossa mente, do que aquilo que vendemos ou usamos..."

Como vim enfatizando ao longo deste livro, o compromisso com a excelência não é popular e tampouco fácil. É essencial. Excelência na integridade e moralidade, tanto quanto na ética e na erudição. Excelência na forma física e no fervor espiritual, e excelência igualmente nos relacionamentos e no trabalho de nossas mãos. O compromisso com a excelência tanto atinge a parte externa: a aparência, a comunicação e o produto, quanto a parte interna: a atitude, a visão, o gosto, o humor, a compaixão, a determinação e o prazer de viver. Significa ser diferente por amor a Deus, e não por amor à diferença. Afinal,

Deus é a Pessoa em cujo livro lemos o seguinte: "... se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisto pensai" (Filipenses 4:8).

Tudo quanto eu disse cabe em meia dúzia de palavras: ocupar nosso pensamento com aquelas coisas mencionadas pelo apóstolo — ainda que ninguém no mundo nos dê a mínima importância.

Não interessa, repito, o que outros possam pensar, dizer ou fazer. Nós precisamos buscar nossos "limites máximos" — não apenas boiar à deriva, ao sabor da correnteza, ou de má vontade apanhar uma onda e deixar-nos levar à praia. Não. *Devemos voar alto.* Visto que é o Senhor quem, em última análise, avalia a nossa excelência, é a Ele que devemos agradar e servir, a Ele é que devemos honrar e adorar. Para os olhos de Deus — e só para os olhos de Deus — é que nos comprometemos a viver acima da mediocridade. Ele merece o que há de melhor em nós; nada mais; nada menos.

Excelência é isso.

Notas

Capítulo 1. Tudo Começa em Sua Mente

1. Earl D. Radmacher,"You & Your Thoughts" (Você e Seus Pensamentos) Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, 1977, 51-52.
2. Roger von Oech, "A Whack on the Side of the Head" (Uma Pancada Bem na Cabeça) Nova York: Warner Books, Inc., 1983, 9.

Capítulo 2. Inclui Outro Reino

1. De "Who Switched the Price Tags?" (Quem Trocou as Etiquetas de Preço?) (pp. 25-26) de Anthony Campolo, copyright 1986; usado com permissão de Word Books, Editor, Waco, TX.

Capítulo 3. Custa o Seu Compromisso

1. Hal Lindsey, "Combat Faith" (Fé Para Combate) Nova York: Bantam Books, 1986, 1-2.

Capítulo 4. Exige Amor Incomensurável, Extravagante

1. De "Rabboni" (pp. 222-223) de W. Phillip Keller. Copyright 1977 de Phillip Keller. Publicado por Fleming H. Revell Co. Usado com permissão.

Capítulo 5. Visão: Como Enxergar Além da Maioria

1. Alexandre I. Soljenitsin.* Tradução para língua inglesa copyright 1979 Harper & Row, Publishers, 1980), 45.
   *"A World Split Apart" (Um Mundo Despedaçado) —

discurso de formatura proferido na Universidade de Harvard em 8 de junho de 1978.
2. De "Life is Tremendous" (A vida é Formidável) pp. 62-64 — de Charles E. Jones. Publicado por Tyndale House Publishers, Inc., 1968. Usado com permissão.

Capítulo 6. Determinação: A Decisão de Jamais Esmorecer

1. "It's What You Do, Not When You Do It" (Importa o que você faz, não quando o faz) Hartford, CT: United Technologies, 1979. Usado com permissão.

Capítulo 7. Prioridades: Determinação do Que Vem em Primeiro Lugar

1. De "I Wish I'd Been There" (Gostaria de Ter Presenciado) "A Sense of History" (Sentido da História) Nova York: American Heritage Press, 1985 — 1-37.
2. William Barclay, "The Gospel of Luke, The Daily Study Bible" (O Evangelho de Lucas, Bíblia para Estudo Diário) p. 203. Reproduzido com permissão bondosa de The Saint Andrew Press, Edinburgh, Escócia.

Capítulo 8. Prestação de Contas: Como Responder às Perguntas Difíceis

1. De "There's a Lot More to Health Than Not Being Sick" (Há muito mais coisas relacionadas com a Saúde do que não estar doente) p. 61 — 1981, 1984; usado com permissão de Word Books, Publisher, Waco, TX.

Capítulo 10. Como Matar o Dragão do Tradicionalismo

1. Robert M. Brown, "Quote Unquote" (Citação sem Citação) ed. Lloyd Cory (Wheaton, IL.) Victor Books, divisão de SP Publications, 1977, 341.
2. Jaroslav Pelikan, "The Vindication of Tradition" (Vindicações da Tradição) New Haven, CT: Yale University Press, 1984, pág. 65.
3. De "The Problem of Wine Skins" (O Problema dos Odres de Vinho) Howard A. Snydere. Copyright 1975. Usado

com permissão da InterVarsity Press, Downers Grove, IL.

Capítulo 11. Como Remover a Monotonia de Sua Vida

1. C. S. Lewis, "The Screwtape Letters" (Cartas do Inferno) pp. 65, 143. Londres: Geoffrey Bles, 1942.

Capítulo 12. Como Tornar-se Modelo de Generosidade Jubilosa

1. Sir Winston Churchill, conf. citado em "Familiar Quotations" (Citações Familiares) Nova York: Little, Brown and Co., 1955, pp. 746,743,745.

Capítulo 14. Firme Quando Sob Prova

1. De "Hide or Seek" (Brincando de Esconde-Esconde) pp. 126-127, edição revista) de James Dobson, copyright 1974, 1979, de Fleming R. Revell Co., Old Tappan, NJ. Usado com permissão
2. Merrill F. Unger, Unger's Bible Dictionary (Dicionário Bíblico de Unger) Chicago: Moody Press, 1966 — p. 172.

Conclusão: Quem Está Avaliando Seus Pontos Fortes, a Excelência de Sua Vida?

1. Isaac D'Israeli, "Curiosities of Literature" (Curiosidades da Literatura) 1834 — "A Respeito de Citações" (On Quotation) cf. citado em "Familiar Quotations" (Citações Familiares) ed. John Bartlett, Boston: Little, Brown and Co., 1980, 417.
2. Norman Cousins, "Albert Schweitzer's Mission" (A Missão de Albert Schweitzer) Nova York: W.W. Norton & Co., 1985, 135, 138, 140. Usado com permissão.